PAPELARIA
UNIVERSO
RUA
RIACHUELO
28-A
FONE
2-6246
C. POSTAL
3385
S. PAULO

LIVRARIA
EDITÔRA

SELECTA NACIONAL

CURSO PRATICO DE LITTERATURA PORTUGUEZA

GONÇALVES-PARATODO
S. PAULO (BRA

POR

F. Julio Caldas Aulete

PROFESSOR DO LYCEU NACIONAL DE LISBOA, DEPUTADO ÁS CÔRTES EM DIFFERENTES LEGISLATURAS, ETC.

TERCEIRA PARTE

POESIA

6.ª EDIÇÃO, CORRECTA E AUGMENTADA PELO DR. THOMAZ DE CARVALHO

b. 405

1912
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta — 44 a 54
LISBOA

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS
Data 19170 | 8|6|9|8|1
Tombo 6405 | A|9|2|4|d

869
A924r
v. L. P.
2719

1912

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
DA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar
LISBOA

QUADRO

DE

TODAS AS POESIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

Versificação portugueza, 1.

Narrações

Garrett *(Visconde d'Almeida)*.—As minhas azas braneas, 15.
Castilho *(Visconde de)*.—Quando eu era pequenino, 16.—Quem poupa as arvores encontra thesouros, 33.—As aves e os rapazes, 34.
Curvo Semedo.—A parabola das varas, 19.
Bocage *(Manuel Maria Barbosa du)*.—Passarinho preso, 21.
Soares de Passos.—Infancia e morte, 24.—O mendigo, 36.
Gomes Coelho—*(Julio Diniz)*. A esmola do pobre, 26.—Elos de amor, 66.— A despedida da ama, 72.
Mendes Leal *(José da Silva)*.—O prazer da esmola, 28.
Novaes *(Faustino Xavier de)*.—Recordações da infancia, 38.
Vaz de Carvalho *(Maria Amalia)*.—Confidencias, 40.
João de Lemos.—A lua de Londres, 44.
Montelro *(José de Sousa)*.—A boceta de D. João II, 47
Guerra Junqueiro.—Tragedia infantil, 50.
Casimiro d'Abreu.—Meus oito annos, 68.
Gonçalves Crespo.—O minuete, 69.
Pereira da Cunha.—O voto d'el-rei, 73.

Fabulas e apologos

Pimentel Maldonado *(João Vicente)*.—O gallo e a raposa, 87.—O rouxinol e os seus espectadores, 89.—O pardal no viveiro dos canarios, 94.—O eysne e os gansos, 95.
Francisco Palha.—O lobo e o cão, 90.
Bocage.—A cigarra e a formiga, 93.—O leão velho, 96.—A raposa e as uvas, 97.—O leão e o pintor, 101.
Visconde de Santa Monica.—A apparição, 97.—O rato do campo e a formiga, 100.—O leão e a lebre, 101.—Jupiter e o cavallo, 104.—O macaco e a raposa, 107.

Curvo Semedo.—O leão e o rato, 99.—Os rafeiros e o goso, 102.
Malhão *(F. M. G. da S.)*.—A vacca, a cabra, a ovelha e o leão, 106.

Poesias populares

Bernardim Ribeiro.—Avalor, 109.
Garrett *(Visconde d'Almeida)*,—Bella infanta, 111.—Nau Catharineta, 114.—Claralinda, 117.
Gil Vicente.—Romance á morte de el-rei D. Manuel, 119.
Castilho *(Visconde de)*.—Joven Lilia abandonada, 121.

Poesias pastoris

Quita *(Domingos dos Reis)*.— Sentidas queixas pela ausencia de um amigo, 123.—Quadro de uma scena d'aldeia, 125.
Camões *(Luiz de)*.—Trechos da egloga piscatoria Melsco, 126.—A vida do campo, 127,—Um quadro sentimental, 134.—Canção pastoril, 135.
Gonzaga *(Thomaz Antonio)*.—Marilia, 129.—Saudosas recordações de Marilia, 131.
Costa *(Claudio Manuel da)*.—Ternos queixumes, 133.
Lobo *(Francisco Rodrigues)*.—A primavera, 138.

Descripções

Gonzaga *(Thomaz (Antonio)*.—Retrato de Marilia, 141.—Retrato de Gonzaga, 152.
Garrett *(Visconde d'Almeida)*.—Retrato de Adozinda, 142.
Poema Itapariçana.—Descripção da praia da ilha Itapariçana, 147.
Camões *(Luiz de)*.—Posição geographica do reino de Portugal, 143. —O escorbuto, 146 —Batalha de Aljubarrota, 157.—Lance de heroica lealdade de Egas Moniz, 165.—A tromba do mar, 171—Descripção de uma tempestade, 188.—O gigante Adamastor, 195.—Torneio dos doze de Inglaterra, 204.—Recordação saudosa, 206.—Terna despedida, 201.
Macedo *(José Agostinho de)*.—Um templo indiano, 144.
Macedo *(Antonio de Sousa)*.—Um logar nos arrabaldes de Lisboa, 194.
Alvarenga *(Manuel Ignacio da Silva)*.—A partida, 145.
Luiz Guimarães.—Fóra da Barra, 148.—Roma, 155.—Madrugada na roça, 165.—Soneto romantico, 151.—Saudades das montanhas, 162.
Andrade *(José Bonifacio de)*.—A creação do mundo, 149.
Barreto *(Francisco Pereira)*.—A creação do primeiro homem, 150.

Tolentino *(Nicolau)*.—Os primeiros annos de vida do auctor, —153. Uma partida de gamão, 155.—Retrato de um peralta e de um ginja, 156.—Presente de um perú, 162.—Differentes typos frequentadores de bilhares, 168.—Definição de chanfana, 170.—Mez de Janeiro, 191.
Castro *(Gabriel Pereira de)*.—Uma tempestade, 167.—Um monstro de fealdade, 192.
Durão *(Fr. José de Santa Rita)*.—Combate entre dois athletas americanos, 172.
Bocage *M. M. Barbosa du)*.—A morte de Leandro e Hero, 173.—Um condemnado á morte, 192.—Retrato do proprio auctor, 193.
V. L. *(A. J.)*—Tradueção da tempestade (de Homero), 179.
Barreto *(João Franco*.—Tradueção da tempestade (de Virgilio, 180.
Barreto Feio *(José Victorino)*.—Idem, 183.
Lima Leitão *(Antonio José de)*.—Idem, 185.
Odorico Mendes *(Manuel)*.—Idem, 187.
Fr. Faucisco de S. Carlos.—O gigante de pedra, 196.
Antonio G. Dias.—Outra descripção do mesmo gigante, 198.
Casimiro d'Abreu.—Deus! 203.

Lyrica

Alexandre Herculano.—A cruz mutilada, 209.—O mendigo, 211.
Garrett *(Visconde d'Almeida)*.—Cintra, 213.—Ignoto Deo, 240.—Ave Maria, 241.—Saudades, 284.—Adeus, mãe! 286.—Rosa e lyrio, 292.—Canto patriotico. 310.
Anthero do Quental.—Soneto, 214.—Do poeta hungaro Sandor Petofi, 231.—Entre sombras, 277.—Na mão de Deus, 377.
Caldas *(Padre Antonio Pereira dos Santos)*.—Cantico de David, 215.—Psalmo de David, 221.—Psalmo de David, 226.—Ode saera, 228.—A existencia de Deus, 229.
Guerra *(Gregorio de Mattos)*.—Salve rainha glosada, 217.
Thomaz Ribeiro.—Anthologia grega, 223.—A cigarra, 224.—O tear da rainha, 334.
João de Lemos.—Ao crepusculo, 224.
Soares de Passos.—O firmamento, 232.
Queiroz Ribeiro.—Nuvens, 236.
Gonçalves Dias *(Antonio)*.—Idéa de Deus, 237.—Seus olhos, 257.—Canção do exilio, 276.—O canto do piaga, 323.
Gil Vicente.—Vilaneete, 242.
Antonio Feijó.—Mater admirabilis, 243.
Castilho *(Antonio Feliciano de)*.—Cantico da manhã, 244.—Hymno do trabalho, 248.—Cantico da noite, 250.—Canção do rei de Thule, 256.—O natal do pobresinho, 271.—A' morte da Princeza D. Amelia de Bragança, 304.—Carta á Imperatriz do Brazil, 367.

Malhão (*Padre F. Raphael da Silveira*).—A cruz do deserto, 245.
Nunes (*Lviz Callado*).—Horaciana, 252.
Garção (*Pedro Antonio Correia*).—Cantata de Dido, 253.
Bocage (*M. M. Barbosa du*).—Hymno a Nossa Senhora da Conceição, 253.—Canção á morte de D. Ignez de Castro, 289.
Cantigas populares. 259.
Camões (*Luiz de*).—Soneto (*Alma minha gentil*), 262.—Soneto (*Sete annos de pastor*), 262.
Antonio Molarinho.—Una fra tante, 263.—?, 264.—Meteoro, 270.—A V., 271.
Luiz de Magalhães.—Visão eterna, 264.—A um rico que passava, 210
Castello Branco (*A. de Azevedo*).—Voz do mar, 258.—Outra poesia, 268.
Oliveira Macedo.—A uma creança quando morren, 269.—A' beira do caixão, 269.
Bulhão Pato (*Raymundo Antonio de*).—A mãe e o filho morto, 325.—O rei e o sapateiro, 327.—A avó e a neta, 332.—A Helena, 334—.Trabalho e caridade, 337
Conde de Monsaraz.—No Calvario, 316.—Deante d'um retrato, 322.—A tentação, 324.—Manhã d'Abril, 326.
Guilherme d'Azevedo.—As machinas, 334.—O coveiro, 336.—O outomno, 348.—Astro da rua, 348.
João de Deus.—Feliz de quem sempre espera, 330.—Olhar, 347.—O seu nome, 354.—Padre nosso, 358.—Mãe do céu, 362.—
Casimiro d'Abreu.—Na estrada, 291.—Saudades, 292.—Folha negra, 294.
Christovão Ayres.—Entre dois infinitos, 252.—Pinteus, 359.
Guilherme Braga.—O destino, 356.—Deante de um crucifixo, 364.—Ha dez annos, 366.
Alvares d'Azevedo *Manuel Antonio*).—Anjinho, 278.
Coelho (*J. Ramos*).—Traducção do hymno secular dos ramanos (de Horacio). 280.
Fagundes Varella.—Soneto, 285.—Infancia e velhice, 290.—O vagalume, 306.—Tristeza, 308.
V. L.—Hymno republicano dos gregos, 293.
Junqueira Freire.—O incenso do altar, 296.—O misantropo, 301.
Gonçalves de Magalhães.—Hymno dos bravos, 300.—Napolcão em Waterloo, 318.
Mendes Leal (*José da Silva*).—Ave Cezar, 312.
Machado de Assis.—Lua nova, 350.—Morte de Gonçalves Dias, 373.
Gonçalves Crespo.—Mater dolorosa, 363.—Morte de D. Quixote, 375.—Adeus, 376.

Theatro

Mendonça (*Henrique Lopes de*).—O duque de Vizeu, 379.

Mendes Leal (*José da Silva*).—A herança do chanceller, 386.
Antonio Ferreira.—D. Ignez de Castro, 398.
Fernando Caldeira.—A mantilha de renda, 424.
Almeida Garrett.—Catão, 404.
Alexandre Herculano.—Os infantes em Ceuta, 410.
Castilho.—Medico á força, de Molière, 415.

Satyras

Tolentino (*Nicolau*).—A funcção, 431.

Poesias epicas

Camões (*Luiz de*).—Os Lusiadas, 443
José Bazilio da Gama.—Poema heroico «Uruguay», 444.—Morte de Cleopatra Guarany, 445.
Castro (*Gabriel Pereira de*).—Poema heroico Ulysséa ou Lisboa edificada, 447.
Durão (*Fr. José de Santa Rita*).—Caramurú, abertura, 448.—A existencia de Deus, 450.
Viale (*Antonio José*).—Morte de Ignez de Castro, 451.
Garrett (*Visconde d'almeida*).—Morte de Camões, 453.
Quevedo (*Vasco Mousinho de*).—Supplica de Zara a favor dos christãos, 456.

Pensamentos philosophicos

Bocage.—Resignação na morte, 459.—Doçura da vida campestre, 460.—Resignação do sabio, 461.
Pinto da França (*Luiz Paulino da Silveira*).—Affonso Henriques, 460.
Adagios agricolas, 462.

Poesias didacticas

Castilho (*Antonio Feliciano de*).—As abelhas, 465.
Santos (*Antonio Ribeiro dos*).—Louvores da lingua portugueza, 466.

Poesias chinezas

O imperador, 469.—Palacio no coração, 470.—O cão do vencedor, 471.—A flôr vermelha, 472.—Tristezas do lavrador, 473.—O adeus, 473.—As mulheres do mandarim, 474.—A uma mulher formosa, 475.—Coração triste, fallando ao Sol, 475.—Esposa honesta, 476.

Amenidades

Couto Monteiro.—Cabula, 477.
***—Retrato d'um teimoso, 480.

Mendonça (*Manuel Mathias Fialho de*).—Soneto altisonante, 481.
Abbade de Jazente.—Decima satyrica, 481.
Bocage.—Decima burlesca, 482.
Jeronymo Bahia.—Soneto, 482.
***—Acrostico, 483.
Enygmas, logogriphos, charadas, etc., 484 e 485.

Epitaphios

Antonio Ferreira. A D. Angela de Noronha, 487.—A D. Diniz, 487.
Andrade Caminha.—A Antonio Ferreira, 488.
Castilho(*A. F. de*).—Gravado no tumulo de um rico beneficio, 488.
***—No tumulo de uma menina de sete annos, 488.
***—Do marquez de Maricá, 488.

Epigrammas

Castilho (*Antonio Feliciano de*).—Epitaphio epigrammatico, 489.—A um avarento, 489.—Escrivão honrado, 492.
Francisco Manuel.—A um avarento, 491.
Belmiro.—A um poeta, 490.
Filinto Elysio.—Ha pouco que fiar em medicos, 490.—Como, 491.
Caminha *Pedro d'Andrade*).—A um mau poeta, 491.
Bocage e **José Bersane.**—A um cannapé velho, versos em desafio, 492.
***—Aos medicos, 493.
Gregorio de Mattos.—A um encadernador, 493.
Bocage.—A Nicolau Tolentino, 496.
Nicolau Tolentino.—Resposta ao dito, 496.

Estylo conceitista e cultista

Anonyma.—Soneto ao conde da Torre, 497.
Fenix Renascida.—Sentimentos de D. Ignez de Castro, 498.
D. Thomaz de Noronha.—Composição de trocadilhos, 498.
Leitão Ferreira (*Padre Francisco*).—Descripção dos cahos, 500.—Descripção poetica dos olhos, 500.

Poesias do primeiro periodo da lingua

Cancioneiro do collegio dos nobres, 501.
El-Rei D. Diniz.—Cancioneirinho, 506.

INTRODUCÇAO

VERSIFICAÇÃO PORTUGUEZA

A poesia é o mais antigo genero de litteratura, é a flor explendida do talento e a mais duradoura gloria do espirito hnmano. A poesia allumia os povos pelo sentimento, emquanto que a philosophia, sua filha primogenita, os allumia pelo raciocinio.

A poesia é a fórma primitiva e espontanea da religião e do amor. E' a musica da alma,

Não é poeta quem o quer ser. Só Deus, e raras vezes, concede esse dom. O poeta é uma organisação privilegiada. Artista por excellencia, as suas pinturas falam, a sua musica pensa.

Ha tambem poetas passivos. São os que não teem a faculdade de representar a idealidade do seu intimo sentir. Entes infelizes entre os mais infelizes, o fogo do seu estro consome-os lenta mas inefficazmente, e nem sequer teem o lenitivo de communicar a sua dôr ao mundo externo, porque o mundo externo só póde avaliar do sentir dos outros pelas fórmas expansivas da linguagem, e elles,

esses poetas do coração, não possuem linguagem para se ingerirem na universal communhão das idéas, das magoas e das alegrias, das lagrimas e dos risos.

No estudo da poesia ha a considerar a idéa e a fórma.

Para a idéa não ha leis nem regras. A lei do poeta é a liberdade, a inspiração e a originalidade. Como estabelecer regras á liberdade, á inspiração, á originalidade?

As fórmas materiaes, ao contrario, teem regras fixas.

A poesia póde ser formulada em prosa ou em verso.

Agora só nos occuparemos da poesia formulada em verso.

O estudo d'estas fórmas chama-se **versificação**.

Versificação é a arte de fazer versos.

Verso consiste n'uma ou mais palavras comprehendendo determinado numero de syllabas, com uma ou mais pausas obrigadas de que resulta cadencia aprazivel.

Os versos portuguezes para merecerem propriamente esta denominação hão de ser enlaçados por meio de rimas.

As composições poeticas não rimadas, que vulgarmente se denominam versos soltos, são composições intermedias da prosa poetica e o verso.

Dividimos estas breves noções sobre a versificação portugueza em cinco partes: 1.ª Classificação da poesia. 2.ª Syllabas. 3.ª Pausa. 4.ª Rimas. 5.ª Conclusão.

Classificação da poesia

A litteratura moderna tem admittido como mais philosophica a seguinte classificação: poesia **subjectiva** e poesia **objectiva**.

Subjectiva é aquella em que o poeta canta os proprios sentimentos; **objectiva** aquella em que canta os

alheios ou descreve os quadros da natureza, ou as scenas da vida social.

Na litteratura classica a poesia é dividida por tantos modos quantos os auctores que tratam do assumpto. A classificação hoje ainda mais seguida é a seguinte: **Epica, lyrica, dramatica** e **didatica**, e composições **secundarias**, que todas se filiam em algum d'estes quatro ramos.

A **epica** narra. — A **dramatica** representa. — A **lyrica** canta. — A **didatica** ensina.

As composições poeticas muito extensas subdividem-se em partes, que, segundo o ramo a que pertencem, teem differentes nomes.

A epica em **cantos**, e os cantos em **estrophes** ou **estancias**.

A dramatica em **actos**, e os actos em **scenas**, e as scenas em **estrophes**.

A lyrica em **cantos** e estes em **estrophes**. As divisões das canções chamam-se **coplas**.

A didatica em **cantos** ou **livros**, e estes em **estrophes**.

Estrophe é a parte menor em que os poemas se dividem. Podem ser **regulares** ou **irregulares**. Regulares, quando são identicas; irregulares, quando são construidas por modos differentes.

As estrophes podem ser **regulares** em relação ao numero de versos, ao metro e á disposição das rimas.

Na maneira de formar as estrophes ha grande liberdade na escola poetica hodierna. Aquellas fórmas monotonas e constantemente symetricas da escola classica foram abandonadas pelos poetas contemporaneos. Hoje é raro vêr um poema escripto todo em quintilhas, ou sextinas, ou oitavas, etc.

O melhor modo de estudar a fórma moderna das estrophes é ler os poemas contemporaneos, e observar a sua disposição. Algumas d'estas estrophes formam por si composições completas cujas rimas estão sujeitas a re-

gras especiaes. Os nomes que ha para as designar são os seguintes:

De	1	verso	*monostico.*
»	2	»	*distico.*
»	3	»	*terceto* ou *tristico.*
»	4	»	*quarteto, quadra* ou *tetrastico.*
»	5	»	*quintilha, pentastico.*
»	6	»	*sextina, hectastico.*
»	7	»	*heptastico.*
»	8	»	*outava, octastico.*
»	9	»	*enneastico.*
»	10	»	*decima, decastico.*
»	11	»	*endecastico.*
»	12	»	*dodecastico.*
»	14	»	*soneto.*

Syllabas

Syllaba em versificação chama-se a uma ou mais vogaes que se podem pronunciar n'um só tempo. Muitas vezes a syllaba grammatical não corresponde á syllaba poetica. Ex.:

Syllabas grammaticaes

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13
Estavas linda Ignez posta em socego

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Que alvor?! que amor?! que musica.

Syllabas poeticas

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 0
Estavas linda Ignez posta em socego

1 2 3 4 5 6 0 0
Que alvor?! que amor?! que musica.

Os algarismos collocados sobre as palavras designam as syllabas. Os arcos pela parte inferior assignalam a reducção de duas syllabas n'uma, em resultado da elisão da primeira. A cifra collocada sobre a ultima syllaba designa que é nulla para a contagem das syllabas poeticas.

A contagem das syllabas faz-se até á ultima syllaba predominante ou tonica; exemplos:

1 2 3 4 5 6 7 0
Cinto côr de violeta

1 2 3 4 5 6 7
Que a sombra desabrochou;

1 2 3 4 5 6 7 0
Cintura mais delicada

1 2 3 4 5 6 7
Nunca outro cinto apertou..

GARRETT.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 0
Amo-te, oh cruz, no vertice firmada

1 2 3 4 5 6 0
De esplendidas igrejas;

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 0
Amo-te quando á noite, sobre a campa,

1 2 3 4 5 6 0
Junto ao cypreste alvejas.

A. HERCULANO.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 0 0
D'entre tanta pobresa a respirar delicias,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 0 0
Tepido ninho á sombra !, alegre de caricias !

A. F. DE CASTILHO.

As differentes qualidades de versos que existem na litteratura portugueza denominam-se pelo numero das syllabas que entram na sua formação:

Versos	de	1	syllaba	*monosyllabos.*
»	»	2	»	*dissyllabos.*
»	»	3	»	*trisyllabos.*
»	»	4	»	*tetrasyllabos.*
»	»	5	»	*pentasyllabos.*
»	»	6	»	*hectasyllabos.*
»	»	7	»	*heptasyllabos.*
»	»	8	»	*octasyllabos.*
»	»	9	»	*enneasyllabos.*
»	»	10	»	*decasyllabos.*
»	»	11	»	*endecasyllabos.*
»	»	12	»	*dodecasyllabos.*

Os versos em relação á natureza das suas syllabas finaes tomam differentes nomes: **agudo,** se acaba em syllaba longa; **grave,** se termina em syllaba breve; **exdruxulo,** se finalisa por duas syllabas breves; exemplos:

Vede essa limpida ambula;
Vede o que dentro se encerra:
Como se fosse da terra
A joia mais singular...

Pois é de um santo a reliquia:
De um martyr que não recua
Ante a morte; e a vida sua
Dá para a alheia poupar.

PEREIRA DA CUNHA.

D'estes oitos versos — o 4.º e o 8.º são agudos; o 2.º e 3.º, 6.º e 7.º são graves ou inteiros: o 1.º e o 5.º são exdruxulos.

Os versos podem-se tambem dividir em duas classes: **versos pequenos** e **versos grandes.**

Versos pequenos são os formados de 2 até 7 syllabas, e versos grandes os formados de 8 a 12 syllabas.

Nos antigos tratados de versificação contavam-se tambem as syllabas breves finaes; assim um verso considerado hoje de 7 syllabas denominava-se de 8, se era grave ou inteiro; e de 9 se era datylico. (1)

Pausa

Pausa é o repouso, a demora que se faz na pronunciação de certas syllabas para tornar o verso cadente.

A pausa costuma-se tambem chamar **accento** porque sempre é feita n'uma syllaba predominante.

O córte que a pausa produz no verso denomina-se **cesura.** A cesura quando é feita no meio do verso tem o nome particular de **hemistichio**; um hemistichio, portanto, é sempre uma cesura, mas uma cesura nem sempre é um hemistichio.

Tambem se chama **hemistichio** as suas metades em que o verso fica dividido pela pausa; exemplo:

Era um velho senhora! = obscuro, pobre, honrado.

1.º hemistichio — *Era um velho senhora!*
2.º hemistichio — *Obscuro, pobre, honrado.*

(1) Para intelligencia dos antigos tractados damos aqui os nomes que mais frequentemente eram empregados nos differentes compendios de versificação: *Quebrados de redondilha maior,* verso de 3 syllabas. — *Cola,* versos de 4 syllabas. — *Redondilha menor,* de 4 ou 5 syllabas. — *Heroico quebrado,* de 6 e 7 syllabas. — *Redondilha maior,* de 8 syllabas. — *Heroicos,* de 10 syllabas. — *Arte maior,* de 11 syllabas. — *Alexandrinos,* de 12 syllabas. Outros denominavam-n'os com a terminação *ario; quinquenario,* verso de 5 syllabas, *septenario,* de 7 syllabas, *octanario,* de 8 syllabas, etc.

Os versos pequenos, isto é, de 2 a 7 syllabas, são unicamente obrigados a ter o accento na syllaba que determina a sua grandeza. As cesuras no corpo do verso são determinadas pelo gosto do versificador; exemplos:

1 2 3 4 5 6 7 0
Ao triste cantor da terra

1 2 3 4 5 6 7
Responde o cantor do céu,

1 2 3 4 5 6 7
Todos lhe bradam «morreu»

1 2 3 4 5 6 7 0
E a todos o ouvido cerra.

V. d'Almeida Garrett.

1 2 3 4 5 6 0 0
Fonte do ser! Espirito!

1 2 3 4 5 6
Mysterio! creador!

1 2 3 4 5 6 7 0
Eis-me sáe d'um tumulo,

1 2 3 4 5 6
Como da terra a flor.

A. F. de Castilho.

Antonio Feliciano de Castilho pretendeu estabelecer logares fixos para as pausas de versos pequenos. Taes regras tornariam os versos monotonos. Elle proprio nas sûas composições não observou os preceitos que aconselha.

Os versos grandes, isto é, de 8 a 12 syllabas, ao contrario dos pequenos, estão sujeitos a regras fixas de

pausas no corpo do verso; estas regras são as seguintes:

Versos	de	8	syllabas	4.ª 8.ª
»	»	9	»	3.ª 6.ª
»	»	10	»	6.ª 10.ª ou 4.ª, 8.ª, 10.ª
»	»	11	»	5.ª 11.ª
»	»	12	»	6.ª 12.ª

Exemplos:

Versos de 8 syllabas

1 2 3 4 5 6 7 8 0
Acompanhae = meu vão lamento,

1 2 3 4 5 6 7 8
Auras ligei = ras que passaes!

1 2 3 4 5 6 7 8 0
Tu, earo amor = doce instrumento,

1 2 3 4 5 6 7 8
Casa c'os meus, = teus frouxos ais.

Versos de 9 syllabas

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0
Trabalhar = meus irmãos; = que o trabalho

1 2 3 4 5 6 7 8 9
E' rique = za, é virtu = de, é vigor.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0
D'entre a orches = tra, da ser = ra e do malho

1 2 3 4 5 6 7 8 9
Brotam vi = da, cida = des, amor.

CASTILHO.

Versos de 10 syllabas

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 0
Correi sobre estas flo=res desbotadas

1 2 3 4 5 5 6 7 8 10 0
Lagrimas tristes mi=nhas, orvalhae-as,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 0
Que a aridez do sepul=chro as tem queimado.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 0
Rosa d'amor,=rosa purpu=rea e bella,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 0
Quem entre os goi=vos te esfolhou=da eampa?

GARRETT.

Versos de 11 syllabas

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 0
Seus olhos tão ne=gros, tão bellos, tão puros,

1 2 3 4 5
De vivo luzir,

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 0
Estrellas ineer=tas, que as aguas dormentes

1 2 3 4 5
Do mar vão ferir.

A. GONÇALVES DIAS

Versos de 12 syllabas

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12
A hora bate! os ceus=de par em par se abriram!
Entre igneos cherubins=alma esplendente vae!
A' terra ao firmamen=to, os seus olhares giram!
Sáe d'um seio de mãe,=vôa aos braços d'um pae.

A. F. DE CASTILHO.

Rima

Rima é a identidade de som na terminação de duas palavras. Quando a identidade é na voz e na articulação que precede a voz, denomina-se **rima opulenta**, quando é só na voz **sufficiente**.

Exemplos:

Fôra adorada... amou... vira-se erguida,
Por hymineu excelso, á mór altura:
Dita fallaz, em breve convertida
Em lastimosa, extrema desventura!
Mas se n'um throno não se assenta em vida,
Abriu-se, á voz de Pedro, a sepultura,
Que seus restos mortaes cerrados tinha,
E «depois de ser morta foi rainha.»

A. J. Viale.

A rima póde ser **emparelhada** quando ha identidade consecutiva na terminação de dois ou mais versos E' **interpollada** quando as terminações identicas no som não são consecutivas. (1).

Exemplos:

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flôres,
N'aquellas tardes formosas,
Debaixo dos laranjaes!

Casimiro J. M. de Abreu.

(1) Deixámos de falar de *toantes* por não serem empregados na versificação portugueza. *Toantes* são a correspondencia de vocabulos que terminam com as mesmas vogaes, mas com differentes consoantes; v. g. *disfarce, contraste, desejo, affecto.*
Rimas *encadeadas* são as que se fazem no corpo do verso, e são pouco usadas.

Os poetas contemporaneos são mais exigentes que os antigos sobre a natureza das rimas. Ouçamos sobre este ponto a voz mais auctorisada que possue a litteratura portugueza:

«Nem todos os consoantes se podem ter por de egual valor.

1.º Os sons mais triviaes são o *ão*, *ar*, *or*, *ado*, *oso*, *issimo*, etc., merecem menos apreço do que outros mais raros, como *arte*, *uria*, *èrno*, etc.

2.º As rimas exquisitissimas, que são o extremo opposto das triviaes, devem ser empregadas com parcimonia, porque ás vezes roçam pelo escolho do ridiculo.

3.º As palavras de identica indole grammatical, são rimas geralmente mais pobres, que as palavras de indole grammatical diversa.

Isto é, rimará melhor quem rimar um verbo com um substantivo, um adjectivo com um adverbio, do que quem rimar um adjectivo com outros adjectivos, um adverbio com outros adverbios, etc.

D'entre as palavras de identica indole grammatical, as que dão rimas menos mesquinhas, são os substantivos; depois os adjectivos; depois os verbos.»

A. F. de Castilho.

Finalmente a regra fundamental para adquirir a harmonia poetica é tomar trechos poeticos e procurar fazer-lhes variantes, como querendo entrar em competencia com o auctor d'elles. Este certamen na apparencia immodesto não merecerá censura, pois que não é feito com o fim de exceder, nem egualar essas composições, mas unicamente com o intuito de habituar o ouvido ás fórmas poeticas. E que grande gloria não resultará para o alumno se alguma vez vencer aquelle a que se proponha imitar!

Conclusão

Para fazer versos não basta dispôr linhas com determinado numero de syllabas e com pausas e rimas convencionadas, quando n'essas linhas não se encontra nenhum vislumbre de poesia. Taes composições não são versos, são apparencias de versos.

Compôr versos não é coisa necessaria.

Quem não possue a faculdade da imaginação desenvolvida n'um grau muito superior ao da maioria dos homens, e uma sensibilidade especial, que n'isto consiste o dom de ser poeta, não tem o direito de incommodar com a leitura dos seus versos as outras pessoas. Esta doutrina deve ser incorporada como preceito de boa educação nos manuaes de bom tom.

Um homem conheci eu com tão invencivel aversão a versos sem poesia, que deixou de frequentar uma familia, de que era intimo, para escapar ao supplicio de ouvir as composições metricas de um parente da casa.

Mas então para que se ensinam nas escolas as regras da versificação?

Formulamos esta pergunta por ser natural fazerem-n'a os nossos leitores depois do que acabamos de escrever.

Resposta: As regras de versificação ensinam-se nas escolas:

1.º Para serem applicadas pelos que nasceram poetas; não obstante haver quem allegue que os que são por natureza poetas não necessitam de taes regras, porque as adivinham. Suppondo verdadeira esta allegação, não vemos que haja inconveniente em se lhes poupar o trabalho de as adivinharem.

2.º Para os que não são poetas poderem analysar e apreciar as poesias dos outros em relação á parte metrica.

3.º Para não lêrem erradamente os versos dos outros, o que succede aos que não conhecem a arte de versifica-

ção, porque ignorando-a não podem determinar as syllabas em que as cesuras se devem fazer, as elisões e mais figuras de dição, que com tanta frequencia se empregam nas composições poeticas.

Sirva todavia de desculpa aos rapazes, que nas horas vagas se entreteem a versejar, a que apresenta Miguel de Couto Guerreiro, no seu tratado de versificação portugueza, em defeza dos que se divertiam no seu tempo a compôr anagrammas:

Oh! ia-me esquecendo o Anagramma
Tambem composição de grande fama:
Não importa, deixemol-a a rapazes,
Que são de outras materias incapazes;
Em quanto andam com isto na lembrança,
Escusam de inquietar a visinhança.

NARRAÇÕES

As minhas azas brancas

Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Que, em me eu cançando da terra,
Batia-as, voava ao céu.
Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu,
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao céu.

Veiu a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.
— Veiu a ambição, co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me poder e gloria;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cançando da terra,
Batia-as, voava ao céu.

cm 1 2 3 4 5 unesp 7 8 9 10 11

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrellas,
E já suspenso da terra
Ia voar para ellas,
—Deixei descair os olhos
Do céu alto e das estrellas...
Vi, entre a nevoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam ao ceu.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna me cairam...
Nunca mais voei ao céu.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT

Quando eu era pequenino

Quando eu era pequenino
(Tinha um côvado d'altura!
Em me isto lembrando, chóro,
E no chôro acho doçura.)

Era o brinquinho de todos;
Era da casa o regalo;
A mãe me trazia ao collo!
O pae no hombro a cavallo.

Tristezas, penas, cuidados,
Eram tanto para mim
Como o riso das mulheres,
Como o dinheiro e o latim.

Fazia idéa do mundo
Ser mais pequeno do que é:
Mas suppunha-o mais alegre
E cheio de boa fé.

Nuvem da aurora ou poente
Sempre cuidei ser papoulas;
O iris pedras mui finas;
As estrellas lentejoulas.

Custava-me em tantas joias
Não poder pôr as mãosinhas;
¡Que inveja vos tive ás azas,
O' mosquitos e andorinhas!

¡Se um monte apanhava a lua,
Quem me lá déra, dizia,
A vêr se é bem redondinha,
E de que é feita, e se é fria!

¡Pois o sol! como eu scismava
De o vêr cada tarde ao certo
Ir todo alegre apagar-se
No mar doirado e deserto!

¡E logo a manhã seguinte,
Das nuvens rasgando o véu.
Trazel-o de novo acceso
Já d'outra parte do céu!

¡Mil coisas então pensava,
No meu juizinho estreito,
Ácêrca do pae celeste
Que ao sol e a mim tinha feito!

¡Com devoção de creança
Punha as mãos e ajoelhava,
E as orações repetia
Que a boa mãe me ensinava!

«Pae do céu, fazei que eu siga
As santas leis que me dais:
Que eu seja amigo de todos,
Que vos agrade e a meus paes.»

Depois resava por elles,
Por minha irmã, pela gente
Que morava em cada choça
De nossa aldeia innocente;

Pelo rei, que eu nunca vira,
E velhos pobres, que eu via
Pagar-nos com suas resas
A esmola de cada dia.

Tempos de paz e de goso!
De vós que resta?... A saudade.
Esta, ao menos, Deus piedoso,
Me conserva em toda a edade.

A. F. de Castilho. (1)

(1) Antonio Feliciano de Castilho (1.º visconde de Castilho), bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, nasceu em Lisboa a 26 de janeiro de 1800, e falleceu a 18 de junho de 1875. Escreveu em todos os ramos da litteratura. As suas principaes obras são: *Cartas de Echo a Narciso*, *A Primavera*, *Amor e melancolia*, *A noite do castello*, *Ciumes do bardo*, e *Escavações poeticas*. Traduziu grande parte das obras de Ovidio, *As Georgicas*, de Virgilio, *O Fausto*, de Goethe; parte do theatro de Molière, etc. Em prosa: *Quadros histo-*

A parabola das varas

Um velho sabio e prudente,
Vendo-se visinho á morte,
Chama tres filhos que tem
E falla-lhes d'esta sorte:

— «Eia, vêde, amados filhos,
Se quebrais, por força ou geito,
Este emblema» — e tira um mólho
De varas de vime feito.

Ao filho mais velho o dá,
Que se propõè a partil-o;
Mas por mais força que emprega
Nunca póde conseguil-o.

Pega-lhe o filho segundo,
Destro e valente rapaz,
Que partil-o não consegue,
Por mais esforços que faz.

Entregam-no ao mais pequeno,
Que blasona de mui forte,
Torce-o, dobra-o, córa e sua,
E deixa-o da mesma sorte.

— «Fracos moços! — diz o pae —
Vossa fraqueza celebro!
Vêde como d'esta edade
Essas varas todas quebro.»

ricos, Felicidade pela agricultura, Chave do enigma, Tratado de versificação, Methodo portuguez para aprender a ler. Collaborou em muitos jornaes. Nunca a lingua portugueza se elevou tanto na harmonia. Bocage tinha sido o poeta que mais adeantou o idioma nacional, sob o aspecto da sua melodia e rythmo; Castilho, porém, excedeu-o muito. As suas obras são abundantes mananciaes de riqueza de linguagem, e os seus versos os mais harmoniosos que se teem escripto na lingua portugueza.

Depois, desatando o mólho,
Prompto as varas dividindo,
Com toda a facilidade
Uma a uma as vai partindo.

E diz: — «Vêde n'este exemplo,
Filhos do meu coração,
Os desastres da discordia
E as vantagens da união.

«Partir não podeis, ó moços,
As varas estando unidas:
Mas depois de separadas,
São por fracas mãos partidas.

«Se unidos vos conservardes,
Assim, ó filhos, sereis,
E aos baldões impios da sorte
Sem custo resistireis.

«Mas se algum dia a desgraça
Vos chegar a desunir,
Qualquer de vós aos seus golpes
Não poderá resistir.»

Assim o velho proclama
Esta brilhante doutrina,
E no fim de pouco tempo
Sua carreira termina.

Os filhos choram-lhe a morte,
Com lamentos deploraveis,
Porém lembram-se mui pouco
De seus conselhos saudaveis.

Porque damnoso interesse
Em partilhas os envolve,
Um crédor, outro crédor
Os bens paternos dissolve.

Depois, vomitando injurias,
Uns contra os outros litigam.
E os ministros com prisões
E com multas os castigam.

Pobres por fim, noite e dia,
Com pranto e queixas amaras,
Recordam, mas sem remedio,
O sabio exemplo das varas.

CURVO SEMEDO. (1)

Passarinho preso

Na gaiola empoleirado,
Um mimoso passarinho
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho:

«Nasci para ser escravo,
(Carpia o cantor plumoso)
Não ha ninguem n'este mundo
Que seja tão desditoso.

(1) BELCHIOR MANUEL CURVO SEMEDO *(Belmiro Transtagano)* nasceu na villa de Montemór-o-Novo a 14 de maio de 1766, e morreu em Lisboa a 28 de dezembro de 1838. Era fidalgo da casa real e capitão reformado do corpo de engenheiros. As suas principaes obras poeticas acham-se colleccionadas em quatro volumes. As mais notaveis são: *Apologos* e *Dithyrambos*. Seguiu a mesma escola de Bocage, e foi o seu mais illustre rival. Tambem traduziu com felicidade muitas fabulas de Lafontaine.

«Que é do tempo que eu passava,
Ora descantando amôres,
Ora brincando nos ares,
Ora pousado entre flôres?

«Mal haja a minha imprudencia,
Mal haja o visco traidor;
Um raio, um raio te abraze,
Fraudulento caçador.

«Em que pequei? Por ventura
Fiz-te á seara algum mal?
Encetei, mordi teus fructos,
Como o damninho pardal?

«Agrestes, incultas plantas
Produziam meu sustento,
Inutil aos que se prezam
Do alto dom do entendimento...

«Do entendimento! Ah! malignos
Vós, possuindo a razão,
Tendes de vicios sem conto
Recheado o coração.

«Ah! se a vossa liberdade
Zelosamente guardais,
Como sois usurpadores
Da liberdade dos mais?

«O que em vós é um thesouro,
Nos outros perde o valor?
Destroe se o jus do opprimido
Pela força do oppressor!

«Não tem por base a justiça.
Funda-se em nossa fraqueza
A lei que a vós nos submette,
Tyrannos da natureza.

«Em offensa das deidades,
Em nosso damno abusaes
Da primazia que tendes
Entre os outros animaes.

«Mas ah! triste! Ah! malfadado!
Para que me queixo em vão?
Que espero, se contra a força
De nada serve a razão?»

Aqui parou de cançado
O volatil carpidor,
Eis que vê chegar da caça
O seu barbaro senhor.

Trazia encostado ao hombro
O arcabuz fatal e horrendo,
E alguns passaros no cinto,
Uns mortos, outros morrendo.

Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruento verdugo
As curtas vestes manchava.

O preso, vendo a tragedia,
Coitadinho, estremeceu,
E de susto e de piedade
Quasi os sentidos perdeu.

Mas apenas do soçobro
Repentino a si tornou,
C'os olhos nos seus finados,
Estas palavras soltou:

«Entendi que dos viventes
Eu era o mais infeliz:
Que outros tem peor destino
Aquelle exemplo me diz.

«Da minha sorte j'agora
Queixas não torno a fazer:
Antes gaiola que um tiro:
Antes penar que morrer.»

M. M. B. du Bocage. (1)

Infancia e morte

— «Oh! mãe, o que fazes? Em cama tão fria
Não durmas a noite... Saiamos d'aqui.
Acorda! Não ouves a pobre Maria,
Pequena, sósinha, chorando por ti?

«Porque é que fugiste da nossa morada,
Que alveja saudosa no monte d'além?
Depois que tu dormes na terra gelada
Que só ficou tudo, mal sabes, oh! mãe!

(1) Manuel Maria Barbosa du Bocage *(Elmano Sadino)* nasceu em Setubal a 15 de setembro de 1765, e falleceu a 21 de dezembro de 1805. Cultivou quasi todos os generos de poesia. As suas obras foram colligidas e annotadas por I. F.ª da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta por L. A. Rebello da Silva. Bocage é o poeta mais harmonioso da lingua portugueza até ao seu tempo. N'esta parte muito deve a litteratura nacional a este seu cultor.

«A nossa janella não mais foi aberta,
O fogo apagou-se na cinza do lar.
As pombas são tristes, a casa deserta,
E as flôres da Virgem se vão a murchar.

«Oh! vamos! não tardes... mas tu não respondes?
Em vão todo o dia meu pranto correu:
No fundo da cova teu rosto m'escondes,
Não ouves, não fallas... que mal te fiz eu?

«Escuta! Na torre de frestas sombrias
O sino da ermida começa a tocar...
Acorda! que o toque das Ave-Marias
Á imagem da Virgem nos manda resar.

«A lampada oxhausta de Nossa Senhora
Ficou apagada, precisa de luz:
Oh! vem accendel-a, e á Mãe que se adora
Ali resaremos; e ao Filho na cruz.

«Depois á costura, sentada ao meu lado,
Tu has de contar-me, bem junto de mim,
Aquellas historias d'um rei encantado,
De mouras e fadas, d'algum cherubim.

«A d'hontem foi triste, pois triste fallavas
De vida e de morte, d'um mundo melhor.
E o rosto cobrias, e muda choravas,
Lançando teus braços de mim ao redor.

«Depois em silencio teus olhos fechaste,
Tão pallida e fria, qual nunca te vi.
Chamei-te, era dia, mas não acordaste...
Emquanto dormias trouxeram-te aqui!

«Oh! vamos, não tardes, que as noites sombrias
Sem ti a meu lado me causam pavor;
Acorda! que o toque das Ave-Marias
Nos diz que resemos á Mãe do Senhor.»

Taes eram as queixas da pobre Maria...
O sino da ermida cessou de tocar...
E a mãe entretanto dormia, dormia;
Do somno da morte não pôde acordar.

Tres dias, tres noites, a filha sósinha
No adro da egreja por ella chamou;
Ao fim do terceiro, já força não tinha,
Da mãe sobre a campa, gemendo expirou.

A. A. Soares de Passos.

A esmola do pobre

Nos tôscos degraus da porta
Da egreja rustica e antiga,
Velha, trémula mendiga,
Implorava compaixão.
Quasi um seculo contado
De attribulada existencia,
Eil-a, enferma e na indigencia,
Que á piedade estende a mão.

Duas creanças brincavam
A distancia, na alameda:
Uma trajava de seda,
D'outra humilde era o trajar.
Uma era rica, outra pobre;
Ambas loiras e formosas;
Nas faces a côr das rosas,
Nos olhos o azul do ar.

A rica, ao deixar os jogos
Vencida pelo cansaço,
Viu a mendiga, e ao regaço
Uma esmola lhe lançou:
Ella recebo-a, e a creança,
Que a soccorre compassiva,
Em prece fervente e viva
Aos anjos encommendou.

De um ligeiro sentimento
De vaidade possuida,
A creança mal vestida
Disse a do rico trajar:
— «O prazer de dar esmolas
A ti e aos teus não é dado;
Pobre como és, coitado!
Aos pobres o que has de dar?» —

Então a creança pobre.
Sem mais sombras de desgosto,
Tendo o sorriso no rosto,
Da egreja s'approximou;
E, apoz, serena, em silencio,
Ao chegar junto da velha,
Descobrindo-se, ajoelha,
E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga alvoroçada,
Ao collo os braços lhe lança,
E beija a pobre creança,
Chorando de commoção.
É assim que a caridade,
Do pobre ao pobre consola.
Nem só da mão sae a esmola,
Sae tambem do coração.

GOMES COELHO *(Julio Diniz)*.

O prazer da esmola

Quando os meus quinze contei,
Um tio velho que eu tinha,
Que inda choro e chorarei,
Toda inteira a vida minha!
Disse-me um dia: — «Olhe cá;
Está quasi um homem já:
Para que por tal o tomem,
Quero fazer-lhe um presente,
Com que um homem . . .
Com que um homem se apresente.»

Julguei, n'esta oração toda,
Que o tal *quasi* sobejava,
E sondei o beiço em roda
A vêr se o buço apontava.
Estranhára o tractamento!
E o programma, que um portento
No tom me estava a indicar,
Fez-me, logo á introducção,
Palpitar . . .
Palpitar o coração!

Fiquei-me desvanecido,
E, aprumando-me vaidoso,
Ouvi, meio distrahido,
Entre ufano e curioso,
O longo fim do sermão.
O bom do meu tio então,
Acções juntando a promessas,
Deu-me, para meu thesouro,
Duas peças . . .
Duas peças novas de ouro.

Esquecendo a gravidade
E o valor que este incidente
Outorgára á minha edade,
Dei dois pulos de contente.
As peças mirei de perto:
E não trocava de certo,
Desdenhando regias sinas,
O meu erario infantil
Pelas minas...
Pelas minas do Brazil!

A scismar no que faria
De tão grosso cabedal
Passei o resto do dia,
E de noite dormi mal.
No meu somno, a cada instante,
Via um grupo fulgurante
D'effigies taes, que não sei
Quem as tivera inventado;
E sonhei...
E sonhei que era morgado;

Apenas rompeu a aurora,
Posto a pé antes do sol,
Quiz tomar por ali fóra,
Os meus desejos a rol.
Ai! que diversos e quantos!
Eram tantos, tantos, tantos,
Que lhes não achava o fim.
O mundo tinha um defeito
Para mim:
Para mim era inda estreito.

Meditava seriamente
Se faria a aequisição
D'um relogio com corrente
Ou d'um cavallo rabão.

Como escolhesse o cavallo,
Entrei logo a ajaezal-o.
Mas... mas o relogio!... Aqui,
Pensando com mais estudo,
Resolvi...
Resolvi-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol posto,
Já fresca, outoniça aragem
De um dia depois d'agosto,
Ciciava entre a folhagem.
Fui ao moinho do oiteiro,
Onde o Domingos moleiro,
Porque ás vezes me deixára
Trotar do seu macho em cima,
Conquistára...
Conquistára a minha estima.

De o deslumbrar d'apparatos,
A pia tenção levava;
Mas fui achal-o nos tratos
D'uma terçan que o prostrava.
Cessára o motim festivo:
Solitario e semi-vivo
Jazia o triste no chão,
Com as faces amarellas
N'um montão...
N'um montão de rotas velas!

Chamei-o: nem respondia!
Busquei: tudo lhe faltava!
Quando eu afflicto saía,
A pobre moleira entrava.
Vinha de lidar chorando,
Negro pão de dois penando!...

Em tal desarrimo e dôr,
Tirando a poça primoira,
Fui-lh'a pôr...
Fui-lh'a pôr á cabecoira.

Que nunca ninguem so esqueça
Da alheia tribulação!
Tinha saudades da peça,
Mas tinha orgulho da acção!
Ficára aos sonhos metade
Entre os braços da piedade.
Pago, e ufano como um rei,
Bem que no caso a scismar,
Caminhei...
Caminhei para o Logar.

Um pardieiro, entro rosas,
Havia do Povo á entrada,
Juncto ás ruinas musgosas
D'uma ermida derrocada.
Vivia n'esta casinha
A tia Anna, — uma velhinha
Que sabia muita historia
E m'as contava ao serão,
Co'a memoria...
Co'a memoria da affeição.

Em versos um tanto baldos,
Modulava-me ella ainda
As trovas de *D. Reinaldos*,
E o romance da *Florinda*.
Fugia a noite apressada
Ao sabor d'essa toada,
Em tão suspenso escutar,
Que o meu sentido primeiro
Foi chegar...
Foi chegar a cavalloiro.

Uma vaquinha leiteira,
D'alvas malhas, pello nédio,
Era a sua companheira
E tambem o seu remedio.
Conhecia-lhe a canção
E vinha comer-lhe á mão
Quando não pascia á porta.
Chego, e a falla me abandona!...
Vejo-a morta...
Vejo-a morta aos pés da dona!

Déra-lhe o mal de repente;
Para morrer ali fôra!
Meigo o olhar intelligente,
Inda carinhos implora!...
A pobre velha, — coitada! —
Sem voz, trémula e parada,
Olhava, olhava tambem,
Como quem na dôr que encerra,
Mais não tem...
Mais não tem que vêr na terra.

Nada disse. Que diria?
Ha desgraças tão completas,
Que da propria sympathia
São as vozes indiscretas.
A velha não se moveu...
E chorava! E chorei eu!
Que havia determinar
Em miseria tão expressa,
Senão dar...
Senão dar-lhe a outra peça?...

Puz-lh'a, mudo, no regaço,
E volvi a passos lentos,
Apagando n'um só traço
Desejos com sentimentos!

Senti o fausto perdido:
Mas não foi de arrependido!...
Dissipada já deixava
A phantastica opulencia;
Mas levava...
Mas levava a consciencia!

MENDES LEAL.

Quem poupa as arvores encontra thesouros

O visinho Milão, que hoje é tão rico,
Não tinha mais que uma arvore, e de terra
Só quanto aquella sombra lhe cobria.
— «Corta-a, Milão — diziam-lhe os pastores. —
Alegras teu campinho, e terás lenha
Para aquecer a choça um meio inverno.»
— «Eu? — respondia o triste — eu pôr machado
Na boa da minha arvore? primeiro
Me falte lume alhoio o inverno todo,
Que ou mate a que a meu pae já dava séstas;
A que de mou avô me foi mandada,
Que a não pôz para si; e a que nos braços
Me embalou tanta vez sendo menino.
Os deuses a existencia lhe dilatem,
Que assim lhe quero eu muito, e o meu campinho
Produza o que puder, que eu sou contente.»
Sorriam-se os pastores; o carvalho
Cada vez mais as sombras estendia,
E Milão de anno em anno ia a mais pobre.
Lembrou-lhe um dia em bem, que uma videira
Plantada a par com o tronco, ó enfeitaria,
E os cachos pendurados pela copa
Lhe dariam tambem sua vindima:
E eis que ao abrir a cova, acha um thesouro!

Desde então ficou rico, e diz-me sempre,
Que os deuses immortaes lh'o hão dado em premio,
Por amar suas arvores. É elle
Quem m'as ensina a amar, são d'elle os versos,
Com que ao bosque de Pan cantei louvores.

A. F. DE CASTILHO.

As aves e os rapazes

Deuses, tocac o peito de Mírtilo
Porque não sáia máu quando fôr grande.
Hoje, entrando na matta, o vi lá dentro
Andar armando aos passaros. Que pena,
Disse em mim, não ser passaro um momento!
Não poder ir correndo o bosque aos pios,
E dizendo em cada arvore: — «Cautella,
Meus irmãosinhos do ar; vejo inimigo;
Não saiáis; o inimigo anda no bosque!»
Paciencia, assim mesmo hei de acudir-lhes.
Vou-me por entre as moutas rastejando
Até ao ouco e immenso castanheiro,
Que abre em seu tronco uma portada de heras,
E se nomeia casa de Silvano.
Trepo, e dentro me escondo: os meus visinhos
Lá por cima da cópa papiavam,
Cuido que adivinhando o qao eu faria.
Encosto a bôca á fresta carcomida,
Que está fronteira ao portico da entrada,
E clamo em rouca voz: — «Mírtilo, pára.»
Parou, ergueu-se, e poz-se a olhar em roda:
Vendo tudo em socego ás rêdes torna.
Com voz mais estrondosa e mais horrenda,
Torno-lhe eu a bradar: — «Mírtilo, pára.»
Não esperou terceira: arroja tudo,

Salta, vôa; oh! que riso! uns echos fêos
Lhe iam gritando apoz: — «Mírtilo, pára.»
Sumiu-se: á terra pulo, espreito o matto,
Acho as rêdes, os presos solto, os mortos
Levo-os onde ôlho de ave os não descubra:
Encho-as de pedras, na torrente as lanço,
E corro a procural-o. — «Oh! tu não sabes,
Lhe digo, de que morte escapo agora!
Não te engano, era um Deus, vi-o eu, rangia
Os dentes, bracejava uma alta fouce,
Vinha a sair das sombras do arvoredo;
Viu-me e gritou-me: — «Pára»; eu páro o chóro.»
—«E's tu que andas armando ás minhas aves?
Pois eu vou dar-te o ensino; as tuas rêdes
Já te lá vão por esse rio abaixo,
E agora has de ir tu morto á caça d'ellas.»
E então vem para mim, co'a fouce aos lanços
Cortando pelo ar. — «Bom Deus, perdôa,
Lhe grito a soluçar co'as mãos erguidas,
Eu sou Titiro, o filho de Menalca,
As tuas aves amo, e temo os deuses:
Eu rêdes, eu caçar!» — «Estou perdido!
Disseste que eu...» Mírtilo mo interrompe...
— «Não, Mírtilo, socega, eu não lh'o disse,
Nem sabia que tu... fallemos baixo
Que nos não ouça o Deus. Olha, este p'rigo
Passou, mas outra vez não te aventures,
Que eu bem sei como o vi, não te perdôa,
Deixa ás pobres das aves innocentes
Divertir-se e cantar; nada mais querem;
Não tens razão, não tens de as perseguires.
Quanto ás rêdes, eu quero consolar-te:
Ouve, Mírtilo, acceita este cestinho
De cana entretecida om juncos verdes,
E este meu cajadinho em boa altura
Lizo, airoso e sem nós». — Assim dizendo,
Enfiei-lhe no braço o meu cestinho

De cana entretecida em verdes juncos,
E entreguei-lhe o cajado. Então Mírtilo
Me abraçou, e saltando de contente,
Jurou-me nunca mais armar ás aves.

A. F. de Castilho.

O mendigo

Nas torres soberbas da grande cidade
O sol desmaiado não tarda a morrer;
Recrescem as sombras: que importa? a vaidade
No manto das sombras envolve o prazer.

E o velho entretanto lá sobe a montanha,
Caminha, caminha, no cimo parou:
Em frigidas gotas o rosto lhe banha
Suor copioso, que á terra baixou.

Quiz, antes da morte, nas serras distantes
Fitar ainda os olhos cançados da luz;
A aldeia da infancia saudar por instantes,
Depois satisfeito depôr sua cruz.

Olhou, e um suspiro de vaga saudade
Juntou a seus prantos em funda mudez;
Depois, ao volver-se, topando a cidade,
Que em ebrio tumulto folgava a seus pés:

—«Mal hajas, cidade, que ao pobre faminto
O pão da desgraça negaste cruel!
Mal hajas, mal hajas, que a terra do extincto
Talvez lhe negáras, á tumba infiel!»

E exhausto, e sem forças cahiu do joelhos:
E a fronte cançada firmou no bordão:
Passados instantes, os olhos vermelhos
Ao ceu levantava, dizendo: — «Perdão!»

Caiam-lhe soltas no collo vergado
As longas madeixas em brancos anneis:
Que nobre semblanto de rugas sulcado,
Sulcado dos annos e máguas crueis!

— «Perdão para as vozes quo solta a desgraça!
Perdão para o triste, perdão, ó meu Deus!
Bem hajas, que aos labios lhe roubas a taça
De fel o amargaras, abrindo-lhe os ceus.

«Já filhos não tenho, levou-m'os a guerra:
Esposa não tenho, finou-se de dôr;
Amigos não vejo na face da terra:
Que faço ou no mundo? bem hajas, Senhor!

«Ás portas do rico bati sem alento,
Eu rico n'outr'ora, mendigo por fim:
O rico, sem alma, negou-me o sustento,
Aquelles que amava fugiram de mim.

«Vaguei pelo mundo, nas faces mirradas
Colhendo os insultos que ao pobre se dão;
Sem pão, sem abrigo, por noites geladas
Poisei minha fronte nas lageas do chão.

«Que vezes a morte chamei sem alento,
Cançado dos annos, e fomes, e dôr!
A morto não veiu: soffri meu tormento...
Só hoje me ouviste: bem hajas, Senhor!

«Os homens e o mundo negaram-me os braços,
Mas tu me recolhes, tu me abres os teus...
Minha alma te busca, desprende-a dos laços...
Perdão para todos, perdão, ó meu Deus!»

E um ai derradeiro soltou de anciedade,
Caindo por terra nas urzes do chão:
Ao longe, no seio da grande cidade,
Brilhava das festas nocturno clarão.

A. Soares de Passos.

Recordação da infancia

Saudades!... Tenho saudades
D'esses tempos que lá vão!
Quando á porta do quinteiro
Eu jogava o meu pião;
Quando no campo eu corria
C'um papagaio na mão!

Oh! que então eram, na terra,
Tudo venturas, p'ra mim!
Meu pae me dava biscoitos,
Minha mãe beijos sem fim;
Minha avó me defumava,
De manhã, com alecrim!

Por entre os prados amenos
Como, contente, eu saltei,
Com meu chapeu de dois bicos
Que d'um papel arranjei,
E em grosso pau a cavallo,
Mais orgulhoso que um rei

De ser christão, n'essa edade,
Tendo já nobre altivez,
De papelão com a mitra
Que o mano Antonio me fez,
Ao pé da minha egrejinha
Bispo fui por muita vez!

Nos innocentes folguedos
Eu via o tempo voar;
Se um dia vinha um sopápo,
Que me obrigava a chorar,
Depois, de mimos coberto,
Eis-me a rir, eis-me a brincar!

Meu pião idolatrado,
Que será feito de ti?...
Papagaio da minha alma,
Ha que tempo te não vi!
Doces biscoitos d'outr'ora,
Quem m'os dera agora aqui!...

Meigos beijos, innocentes,
Como ainda me lembraes!
Cheirosos defumadores,
Que saudade me inspiraes!
Meu lindo chapeu de bicos,
Não me enfeitarás jámais!

Grosso pau em que eu montava,
Em cinzas, talvez, será!
A mitra com que fui bispo
Esfarrapada foi já!
E a minha bella egrejinha,
Em que mãos hoje estará!

Da infancia a negra saudade,
Que á desgraça me reduz,
A minha alma espivitando,
Tem quasi apagada a luz:
Só vivo até que meu peito,
A's escuras diga: — *truz!*

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Confidencias

A choupana do monte é de colmeiro:
tem uma vide á porta,
tem ao lado uma sebe d'espinheiro
e um pequenino chão tractado de horta.

Vieram-me chamar um dia d'estes
para uma pobre mãe,
que ia morrer ali, sem lhe valer ninguem.
Fui. Havia no campo uma doçura immensa.
Era a hora suave em que esmorece o dia
e em nossa alma desperta essa ineffavel crença
que nos traduz n'um canto ao longe a Ave-Maria.

Cá fóra a natureza toda em festa
desatando-se em graças e carinho
as emanações acres da floresta,
A madresilva, o trevo, o rosmaninho,
formando junto delicioso incenso
que ia perder-se além, no espaço immenso!
os rouxinoes beijando-se em delirio
emboscados na florida azinhaga,
e de mil sons incognitos composta
uma doce harmonia extranha e vaga.

Ali dentro na estancia do martyrio
uma scena funerea.
Um cherubim risonho como um lyrio,
brincando junto ao leito da miseria,
em que uma pobre mãe se debatia.

A meia luz que entrava pela fresta
allumiava o quadro de agonia,
e ninguem mais! A natureza em festa,
e ao longe os hymnos do expirar do dia.

Ai! pobre mãe! na sua face pallida
que de tormentos meu olhar não leu!
No fundo a morte descarnada, esqualida!
e a mãe chorava sem pensar no céu.

Oh! não, não ha palavras que descrevam
o que eu senti no peito!
Teu filho será meu! bradei chorando
cahida aos pés do solitario leito.

Respondeu-me um sorriso meigo e brando,
e com gesto ineffavel
a mãe pousou nos meus seus olhos baços.
....
Quando eu sahi da choça miseravel
levava um orphãosinho nos meus braços.

*

* *

Oh! que amargor profundo em certas horas!
Senhor, quaes são teus fins?
tu, que fizeste as placidas auroras,
tu, que fizeste os floridos jardins

e déste á natureza tantos brilhos
e harmonias e luz,
porque nos hombros de teus proprios filhos
foste pregar a despiedosa cruz?

Porque ás vezes, n'um fragil peito de homem
a tua mão derrama
agonias que a vida lhe consomem
Como consome os bosques ignea chama?!

*

* *

Hontem contou-me o cura a negra historia
d'aquella pobre mãe que eu vi morrer.
Martyr, descança em paz na eterna gloria!
Deus perdoou-te, que ha no padecer
medonha expiação dos nossos crimes!
Ai! nos prantos d'uma alma arrependida
que de orações sublimes!

Eras fragil mulher e succumbiste!
d'este mundo enganaram-te as miragens.
Se não tinhas ninguem! flôr meiga e triste
açoitada por gelidas aragens.

Levaste aos labios frescos o veneno
em taça de crystal!
perdeu-te o canto voluptuoso e ameno
que as sereias cantavam por teu mal!

E o mundo, esse juiz que só condemna,
pregou-te os frageis membros n'uma cruz.
Assim foi teu destino, ó Magdalena,
Mas redemiu-te um justo. Era Jesus.

E tu, mulher perdida e despresada,
com teus prantos ungiste o Salvador,
e foste sobre a terra perdoada,
porque aos que choram santifica o amor.

*

* *

Eu tenho dó de vós, ó peccadoras,
que eu não sei que anjo mau vos enamora,
e em vós desfolha a flôr da mocidade,
e faz pender as vossas frontes louras
da paixão na sacrilega ebriedade!

O' anjos despenhados d'esse empyrio
que se chama innocencia,
deve ser bem cruel vosso martyrio
quando em vós acordar a consciencia,
inflexivel e austera,
resuscitando os mal extinctos sonhos
da vossa mallograda primavera!

O' fugazes, ó doidas borboletas,
buscaes a chamma, a chamma que devora,
e deixaes as campinas de violetas
aljofradas das lagrimas da aurora!

.....

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

A lua de Londres

E' noite: o astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo Céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, humido véu;
Traz perdida a côr de prata,
Nas aguas não se retrata,
Não beija no campo a flôr:
Não traz cortejo de estrellas,
Não falla de amor ás bellas,
Não falla aos homens de amor.

Meiga luz, os teus segredos
Onde os deixastes ficar?
Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d'além-mar?
Foi na terra tua amada,
N'essa terra tão banhada
Por teu limpido clarão?
Foi na terra dos verdores,
Na patria dos meus amores,
Patria do meu coração?

Oh! que foi! Deixaste o brilho
Nos montes de Portugal,
Lá onde nasce o tomilho,
Onde ha fontes de crystal,
Lá onde viceja a rosa,
Onde a leve mariposa
Se espaneja á luz do sol,
Lá onde Deus concedera
Que em noites de primavera,
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas
Talvez ha pouco o paiz,
Onde do bosque as madeixas
Já tem um flóreo matiz;
Amaste do ar a doçura,
Do azul Céu a formosura,
Das aguas o suspirar;
Como has de agora entre gêlos
Dardejar teus raios bellos,
Fumo e nevoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,
Do Mondego os salgueiraes,
Quem andou por Tejo acima
Por cima dos seus crystaes,
Quem foi ao meu patrio Douro
Sobre fina areia de ouro
Raios de prata exparzir,
Não póde amar outra terra,
Nem sob o céu d'Inglaterra
Dôces sorrisos sorrir.

Das cidades a Princeza
Tens aqui; meu Deus igual
Não quiz dar-lhes essa lindeza
Do teu e meu Portugal;
Aqui, a industria e as artes,
Além, de todas as partes,
A natureza sem véu;
Aqui, ouro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias,
Além, a terra e o Céu!

Vastas serrás de tijolo,
Estatuas, praças sem fim,
Retalham, cobrem o sólo,
Mas não me encantam a mim

Na minha patria uma aldeia
Por noites de lua cheia
E' tão bella e tão feliz!...
Amo as casinhas da serra
Co'a lua da minha terra,
Nas terras do meu paiz.

Eu e tu, casta deidade,
Padecemos egual dôr,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor:
Em Portugal, o teu rosto
De riso e luz é composto,
Aqui, triste e sem clarão;
Eu lá, sinto-me contente,
Aqui, lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Eia, pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros Céus,
Leva-me, ó lua, comtigo
Preso n'um raio dos teus;
Voltemos ambos, voltemos,
Que nem eu nem tu podemos
Aqui ser quaes Deus nos fez;
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre, e tu despida
Das nuvens do Céu inglez.

JOÃO DE LEMOS.

A boceta de D. João II

(A João de Andrade Corvo)

No ataude rovolto em negro terciopello,
de custoso domasco á sombra da alva cruz,
jaz morto el-rei. De luto armou vendido zelo
da lageada quadra os vastos muros nus.

No altar fronteiro ao esquife as velas da banqueta
banham-lhe a atra mudez em seus clarões trementes.
No tudo; apenas surge, á beira. uma boceta,
sobre buffete enorme, entre brandões ardentes.

E de ebano esculpido; em partes frusto e gasto;
os fechos de ouro fino; espheras de crystal
sustêm-lhe o corpo negro e mysterioso o casto.
Não luz no regio erario outra bocota igual.

Casos da historia antiga e passos da Escriptura
unem-se em livre amplexo a Jupiter e a Dido.
Na muda solidão, durante a noite escura,
ululam-lhe no seio os echos d'um gemido...

Por toda a parte e sempre a cobiçada chave,
sem se atinar porque, jazera a par d'el-rei.
Se a inquire attento olhar, a arqueta austera e grave
parece retrahir-se e murmurar: Não sei.

Narravam por serões donzeis e cuvilheiras,
em voz submissa e cauta, as mais lendarias scenas.
Teimava mesmo alguem que a haviam feiticeiras
fadado ao rouco som de horrendas cantilenas;

que a mais funesta essencia, os philtros mais violentos,
que a amor dão novo alento e vida a extinctos dão,
são brincos infantis, são vãos encantamentos,
a par de tal boceta, ao pé de tal condão.

Os pagens mais gentis, as damas mais cortezes,
o fero campeador, o luctador braceiro,
se tinham de passar por junto d'ella, ás vezes,
entrados de terror, benziam-se primeiro.

Politico sagaz, que em reflectir descança,
das lendas desdenhoso e do vulgar pavor,
pensando na prisão do duque de Bragança,
no inutil refugir do bravo Montemor,

nas vãs conjurações, nas enredadas tramas,
que sempre aventa a el-rei a mente experta e fria,
sabendo do terror dos pagens e das damas,
sem penetrar-lhe o arcano, astutamente ria.

Prelados de conselho e de capellos varios,
sabidos *in utroque* e no fingir subtis,
ao ver que, em rude embate, os grandes donatarios
baqueiam da mão regia ás forças e aos ardis,

recontam gravemente a lastimosa historia
d'uma relapsa hebrea, impenitente e bruxa,
que loucamente amava o infante e, por memoria,
lhe dera, ao vir da morte, a lacrimavel ucha.

Quanta vez, alta noite, á chamma pardacenta
da lampada real, se pousa ausente el-rei,
á flux a asperge hyssope immerso em agua benta,
ao soluçado som do: *Miserere mei!*

E assim gentis donzeis, as donas mais cortezes,
o monteiro audaz, o impavido guerreiro,
fugiam de passar por ella, quantas vezes,
e havendo de a fitar, benziam-se primeiro.

. . . . . .

Na fatal noite, dois dos seus leaes vassallos,
o Dom Prior do Crato e o santo Bispo Ortiz,
de vela ao morto rei, tentando prescrutal-os,
contemplam da impia arqueta os amagos subtis.

Igual tenção, mui santa, aos dois fieis invade:
talvez que em tal negror se esconda a atroz peçonha,
que, d'uma vez, roubou á vida, á mocidade,
Goterres e Garcia. A essa ultima vergonha.

furte-se a extincta Alteza. Ha ahi dever mais santo?
seja á boceta lousa o revoltoso mar.
Cesse, que é morto el-rei, o luctuoso encanto...
Em tremulos clarões oscilla o esquife e o altar.

Com alvoroço estranho e alvoroçado peito,
orando sem cessar pelo grão rei finado,
o respirar suspenso e cauteloso o geito,
abrem tremulamente o argenteo cadeado.

Acode-lhes á mente, em sanguinosos traços,
a morte que um Bragança out'rora padeceu,
rispida mão prostrando, om realengos paços,
a golpes de punhal, o duque de Vizeu...

Eis o feitiço atroz, as mostras do flagicio...
Não! acham meramento os pobres servidores
lido confessionario, asperrimo cilicio,
de usada disciplina os nós castigadores.

Fitam-se longamente attonitos, confusos!
E o hyssope? e a agua benta? e o *Miserere mei?*
E as lendas á lareira ao volutear dos fusos?...
Em plumbeo somno pousa entorpecido el-rei.

Contemplam-no om silencio: o gesto é mudo e escuro;
o peito, inerte e frio; a fronte, lisa e larga.
Mas, no livor sinistro, o labio estreito e duro,
crispava tristemente uma ironia amarga...

José de Sousa Monteiro.

Tragedia infantil

I

ELLA

Dois irmãos: a pequenita
Tem quatro annos sómente;
É d'uma graça infinita,
D'um mimo surprehendente.

O seu corpo, que faria
O desespero de Phidias,
É leve como a alegria,
É doce como as orchidias.

Produzir um corpo tal,
Uma tão divina flôr,
Só o ventre maternal,
O estatuario do amor.

N'aquella bocca graciosa
Não poisa de certo a abelha,
Por saber que não ha rosa
Tão fresca, nem tão vermelha.

Seus grandes olhos rasgados
Com limpidez infantil
Parecem mesmo talhados
No azul das manhãs de Abril.

Ha tempos, oh! maravilha!
Que precocidade aquella!
Nasco a Bébé uma filha
Já quasi da altura d'ella.

Quando a foram baptisar
Houve alegria estrondosa;
Serviu um banco de altar,
Serviu de hyssope uma rosa.

Bébé levava o anjinho
Com maternal commoção;
O pequeno foi padrinho,
Foi cura e foi sacristão.

Mimi — eis como se chama
Essa creança innocente:
Uma pequenina dama
Que não tem cara de gento.

Não pareco uma pessoa;
É uma boneca aleijada:
Pois se Bébé fabricou-a
D'uns farrapitos, coitada!

Não tem pernas, não tem braços.
É uma creança infeliz;
No rosto deram-lhe uns traços
Com pretenções a nariz.

Não tem cabellos dourados,
Nem bocca para comer;
Seus olhos, sempre fechados,
São de tinta de escrever.

No entanto a Bébé, que a adora,
Parece-lhe um cherubim;
Acha-a linda como a aurora...
É mãe: as mães são assim.

Santa illusão! para ella,
Que a anda a crear ao peito,
Não ha uma rosa tão bella,
Não ha nada tão perfeito.

Que formosura!... que cinta!
A bocca vale um thesoiro;
Os olhos — borrões de tinta —
São duas estrellas d'oiro!

É em toda a natureza
Aquillo que ella mais ama;
Jantam sempre á mesma mesa
E dormem na mesma cama.

Quando a filha está doentinha,
Vela a mãe á cabeceira;
Nunca teve uma rainha
Tão delicada enfermeira.

E que finura, que enredos,
Que geito particular,
Se os remedios são azedos
E custam muito a tomar!

Bébé, provando a tisana,
Dá com a lingua um estalo,
Murmurando, a vêr se a engana:
— Ai que docinho!... é um regalo! —

Ás vezes é impertinente,
Tem rabujes, faz maldades,
Não quer dormir, não consente
Que a vão deitar ás Trindades;

Bébé, com mil subtilezas,
Diz lhe então contos de fadas,
Onde ha reis, onde ha princezas,
Onde ha moiras encantadas.

E ao cabo d'alguns instantes,
Bébé e a filha chorosa
Sonham com anjos, diamantes
E rebuçados de rosa!

II

ELLE

Elle, o rapaz, tem tres annos;
Não ha nada mais gracioso
Do que os seus gestos ufanos
E o seu andar orgulhoso.

Quando vae com a irmãsinha,
Como quem leva uma flôr;
Ella — a timida andorinha;
Elle — o forte, o protector.

Ella encosta-se ao irmão
Com languidez e candura;
Ao vêl-os, julgo que são
Dois noivos em miniatura.

A intrepidez do seu busto
Tem as frescuras do linho;
Alegre, loiro, robusto,
Como um pequeno leãosinho.

Não deixa parar em casa
Nada quieto em torno a si;
O seu riso é como a aza
Ardente d'um colibri.

É o *vir*, o trabalhador,
Que ora destroe, ora cria,
Feito de força e de amor,
De crueldade e harmonia.

Persegue as lesmas viscosas
Que dormem dentro das cellas;
Despega a folhas das das rosas
E faz navios com ellas.

Detesta officios tranquillo;
Ama o clangor das trombetas;
É o Attila dos grillos,
O Nemrod das borboletas.

Se acaso no tanque observa
A boiar, oh maravilha!
Um pau, um trapo, uma herva,
Emfim — um mundo, uma ilha,

Vae logo, bravo almirante,
Á conquista do inimigo
Com uma frota brilhante,
Feita d'um jornal antigo.

Guarda em dois cofres estreitos
Um magnifico rebanho
E um grande exercito, feitos
De meio arratel de estanho.

Ás vezes fórma em batalha
O seu exercito inteiro:
Rompe o clarim e a metralha
D'um krup de sabugueiro.

As fortalezas modernas
Cáem ali aos pedaços;
Ficam ginetes sem pernas
E granadeiros sem braços.

E á luz da batalha ardente
Elle, o heroe imperturbavel,
Galopa soberbamente
N'uma vassoira indomavel!

Depois, já farto da guerra,
Despe a farda de soldado,
E rasga os seios da terra
Dentro d'um palmo quadrado.

III

OS DOIS

Uma vez todo offegante
Andava pelo jardim
Ruidoso como um gigante,
E alegre como um clarim,

A erguer co'as mãos pequeninas
A obra do mundo inteiro,
Roma das sete collinas
Debaixo d'um jasmineiro.

Com lodo d'um charco immundo
E agulhas dos pinheiraes
Eleva ao azul profundo
As torres das cathedraes.

Acolá, d'um modo vago,
Marca o logar d'um kioske;
D'uma concha faz um lago,
E com tres hervas um bosque.

Arroja a locomotiva
Por essas campinas fóra.
Cae-lhe o suor da fronte altiva,
Como o orvalho cae da aurora.

Ergue palacios, bazares,
Pontes, muralhas, viaductos.
As florestas seculares
Arranja-as em dois minutos.

Ora inventa, ora destroe,
É um architecto e um guerreiro;
Brilhante como um heroe
E sujo como um pedreiro.

Faz nas formigas destrôço,
Como os inglezes nos chins:
A Rhodes tira o colosso
E á Babylonia os jardins.

Lança o Pellion sobre o Ossa;
Pôe-lhe em cima um catavento;
Qualquer noz é uma carroça
E qualquer mosca um jumento.

Nenhum obstaculo o affronta;
Não vacilla, não desmaia;
Com um lapis já sem ponta
Abre um tunnel no Himalaia.

Alinha, méde, gradua
Vallados para as sementes:
Os alviões e a charrua
São tres palitos dos dentes.

N'aquelle olhar que governa
Brilha o fulgor das espadas;
Dêem-lhe a hydra de Lerna,
Que a vae matar... ás dentadas

Com todas as qualidades
Da *menagére* exemplar,
Em quanto o irmão faz cidades,
Bébé prepara o jantar.

Dorme a boneca ao pé d'ella
No berço. De quando em quando
Bébé escuta a panella,
Que está fervendo e cantando.

Mexe o guisado e a fritura,
Vê se tem o sal bastante,
E sentando-se á costura
Com um ar meigo, radiante,

Emquanto a creança loira
Dorme o bom somno florido,
Co'a illusão d'uma tesoira
Talha a illusão d'um vestido.

Mas são horas; o irmãosito
Já deve de andar cansado
Das construcções de granito
E da rabiça do arado.

Mimi em poucos instantes
Acordará com certeza;
É necessario quanto antes
Ir pondo o jantar na mesa.

Vêde: que riqueza aquella!
Que Trimalcião infantil!
Ha na marca da baixella
A assignatura d'Abril.

Nunca loiça tão preciosa
Viu mesas de embaixadores:
Os pratos — folhas de rosa,
E os copos — urnas de flôres.

Tem a opulencia excessiva
D'uma saturnal pagã:
Só para cada conviva
Quatro bagos de romã!

IV

O CRIME

No entanto o pequeno andava
Rubro como o sol dos tropicos.
No craneo ardia-lhe a lava
De mil projectos cyclopicos.

Sobre um rochedo improvisa
Uma torre entrincheirada,
Mais baixa do que a de Pisa,
Mas muito mais inclinada.

Mas faltam-lhe inda nos mastros
As victoriosas bandeiras,
Desfraldadas pelos astros
Ao som das marchas guerreiras.

Procura com frenesi
Bandeiras por toda a parte.
«E o vestido da Mimi?!
«Que explendoroso estandarte

«Mas que demonio! Bébé
«Desata logo a chorar!...
«É o mesmo!...» E pé ante pé,
Como um ladrão, de vagar,

Chega-se ao leito o selvagem.
Como ella dorme tranquilla!...
Sente remorsos... Coragem!
Tremem-lhe as pernas, vacilla.

Bem sabe o grande malvado
Que vae tornar-se um ladrão;
Mas se o vestido é encarnado!
E é novo... Que tentação!

Não resiste á maravilha;
Lança-lhe as mãos... N'esse instante
Acóde Bébé e pilha
O irmão em roubo flagrante.

Vendo as bandeiras perdidas,
Fica levado da bréca,
E a pontapés homicidas
Racha a cabeça á boneca.

Bébe, vendo a filha morta,
Soltou um grito estridente,
Como uma flecha que corta
O azul instantaneamente.

A familia corre afflicta,
Suppondo qualquer desgraça.
Ergue a mãe a pequenita;
Quasi o chôro a despedaça.

«Filha, que tens?... que agonia!...
«Tu cahiste?... Doe te?.. Aondé?
«Valha-me a Virgem Maria!
«Que tens?!...» Bébé não responde:

Grita, rebenta, espolinha
Já quasi que estrangulada;
A avó, a santa velhinha,
Promette-lhe marmelada.

Jura o pae que ha de *ensinal-a*,
Se não disser o que tem.
Mas é escusado; não falla,
Não obedece a ninguem.

Quer o pae dar-lhe um açoite.
Cobre-a o perdão com a aza.
Descem as sombras da noite...
Vão todos entrando em casa.

V

O REMORSO

E o pequeno, embezerrado,
Mudo, ficou no jardim,
Inerte como um forçado,
Sombrio como Caim.

Negros phantasmas chimericos
Davam hostis gargalhadas...
Via os lyrios cadavericos
E as rosas ensanguentadas!

Contemplavam-no os rochedos
Com sinistra indignação;
As folhas dos arvoredos
Gemiam baixo: ladrão!

Olha, vê o que fizeste!
Disse o luar crystallino.
Um môcho sobre um cypreste
Piava ao longe: Assassino!

Com o olhar em furia acceso,
Ao verem crime tamanho,
Fitavam-n'o com despreso
Os seus soldados de estanho.

E a seus pés, visão maldita!
Jazia a pobre insensivel,
Com os miolos de chita
Fóra do craneo... Era horrivel!

Ergueu a medo os destroços
Do sanguinolento drama.
Vinham junctas com os ossos
Tripas de algodão em rama!

Guardou dentro do chapéo
A hedionda carnificina,
E como caminha um réo
Que vae para a guilhotina,

Entrou em casa, assombrado,
Livido, exangue, impotente.
Um gato sobre um telhado
Miava agoireiramente.

E no azul esplendoroso
Via-se a lua suspensa,
Como o disco monstruoso
D'uma palmatoria immensa.

VI

A DOENÇA DE BÉBÉ

Despem-n'a em cima da cama,
não a encontram magoada!
O pae quer bater-lhe, exclama:
—É uma rabuge... mais nada.

Chora, n'um doido estertor.
Que terá ella?... mysterio!
Chamam á pressa um doutor;
Entra um doutor grave e serio.

Toma-lhe o pulso, medita,
E com ar auctorisado:
«Pequena indigestãosita...
«Não é coisa de cuidado.»

E, receitando a tisana,
Foi-se embora a medicina.
Ás vezes a dôr humana
É herculea garra leonina

..

Que se nos crava no peito.
Esmaga, rasga, esphacella...
E o corpo emfim cae desfeito,
Prostrado, debaixo d'ella.

Assim a pobre creança,
Anniquilada e vencida,
No somno final descança,
Mais morta que adormecida.

VII

O SONHO DE BÉBÉ

Bébé sonhava que a filha
Soltara o ultimo arranco,
Entre flocos de escumilha,
De rendas, de setim branco.

Dormia ao clarão dos cirios,
No seu caixãosinho estreito,
Com as mãos brancas, de lyrios,
Postas em cruz sobre o peito.

Tinha a bocca salpicada
De nodoas roxas e pretas...
Bocca de côr da alvorada,
Tornada côr das violetas.

Tinha o corpo macillento
Mais frio que a luz da lua...
Lá fóra gemia o vento
E os cães uivavam na rua!

Bébé, a um canto da sala,
Jazia lívida, exangue;
Seus labios não tinham falla,
Seus olhos choravam sangue.

Via a filha adormecida.
No caixão, etherea e calma...
Morta!... a vida da sua vida!
Morta!... a alma da sua alma!

N'esses doirados cabellos
Não mais poria uma flôr!
Não mais tornaria a vêl-os
Os seus cabellos... Senhor!

Os grandes olhos tranquillos,
Dois firmamentos, jámais,
Jámais tornaria a abril-os!...
Noite insondavel!... Jámais!

E se isto fosse mentira?!
Sim, foi!... foi tudo illusão ..
Já move os labios . respira...
Oh! não está morta, não!

Mas, ai! os sinos dobrando!
Quem é que irão a enterrar?!
É ella!! Já vêm entrando
Os padres que a vão levar!

Choram as velhas creadas
Beijando a filhinha morta;
Ha cirios pelas escadas,
E os pobres juntam-se á porta.

Deitaram-lhe a agua benta,
Vão já fechar-lhe o caixão ..
A dôr lateja e rebenta
N'uma tremenda explosão!

Bébé, pallida, caminha
Com uma heroica firmeza,
Tombando sobre a filhinha,
Como um leão sobre a presa.

Seus tristes olhos sombrios
Choram, choram sem cessar:
Que importa que sejam rios,
Se tem dentro d'ella... o mar!

Supplica, blasphema, implora,
Quer morrer, quer ir com ella!...
Dá um grito e acorda; a aurora
Batia sobre a janella.

Olha, e vê junto de si,
Oh, surpresa verdadeira!
A ex-defunta Mimi,
Já com a cabeça inteira.

Exclama cheia d'ospanto:
—«Como é que isto succedeu?!»
Salta o pequeno d'um canto
E diz-lhe, rindo: — «Fui eu!»

GUERRA JUNQUEIRO.

Êlos de amor

Longe, longe d'aqui, nas costas da Bretanha,
Poetico paiz, que um mar sinistro banha,
Vivia ha muito tempo um pobre pescador,
Que se chamava Amel, com a mulher Pennor;
Tinham elles um filho, uma creança loura,
Um anjo que o porvir dos paes inflora e doura.
Ao voltarem a casa, alegres, todos tres,
Na praia os surprehendo a noite d'uma vez.
Subia o mar veloz, medonho, ingente, forte!
N'esse tempo as marés eram vivas. A morte
Sobre as vagas boiava, indomita, cruel!
Olhando para a esposa, assim lhe diz Amel:

— «Pennor, vamos morrer! A vaga se approxima!
Viverás mais do que eu! Animo! Sobe acima
Dos hombros meus, mulher. Pousa-te bem. Assim.
E ao veres-me sumir... ai, lembra-te de mim!»
Pennor obedeceu. Firmando-se na areia,
Desapparece Amel na onda que o rodeia.
—«Amel,—brandava a esposa — ai, pobre amigo meu!
Qual de nós soffre mais? — tu, que morres, ou eu,
Que te vejo morrer?» — E a vaga, que crescia,
O corpo da infeliz no vortice envolvia.
Olhando para o filho, assim lhe diz a mãe;
—«Filho, vamos morrer! Olha a maré que vem!
Viverás mais do que eu! vá, filho, vá, coragem!
Sobe aos meus hombros, sobe; e ao tragar-me a voragem,
Ai, lembra-te de mim o de teu pobre pae!»

E o mar a submergiu. Chora a creança, e vae
Pouco a pouco afundir-se. Á flôr d'agua revolta,
Apenas já fluctua a trança loura e solta...
Uma fada passou sobre o affrontado mar,
Viu aquelle cabello assim a fluctuar,
Estende a mão piedosa, e segurando a trança,
Com ella attrahe a si a pallida creança,
E sorrindo, dizia: — «Ai, que pesada que és!...»
Mas viu cedo a razão: inda segura aos pés
Do filho estremecido, a pobre mãe começa
A erguer da onda tambem a humida cabeça.
Sorriu a boa fada ao vêr assim os dois!
E repetiu ainda: — «Ai, que pesados sois!»
É que, após a mulher, seguia-se o marido
Estreitamente aos pés da terna esposa unido:
Ao vêl-o, inda outra vez a meiga fada riu,
E leve para a praia o vôo dirigiu
Com este cacho vivo, esta humana cadeia,
Cujos élos o amor piedosamente enleia.

J. G. Gomes Coelho *(Julio Diniz)*.

Meus oito annos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flôres,
N'aquellas tardes fagueiras
A sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
— Respira a alma innocencia
Como perfumes a flôr;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hymno de amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia!
N'aquella dôce alegria,
N'aquelle ingenuo folgar!
O céo bordado de estrellas,
A terra d'aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!
Oh! meu céu de primavera!
Que dôce vida não era
N'essa risonha manhã!
Em vez das mágoas d'agora,
Eu tinha n'essas delicias
De minha mãe as caricias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
— Pés descalços, braços nús —
Correndo pelas campinas
Á roda das cachoeiras,
Atraz das azas ligeiras
Das borboletas azues!

N'aquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar;
Resava as Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
— Que amor, que sonhos, que flôres,
N'aquellas tardes faguciras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

CASIMIRO D'ABREU.

O minuête

(Ao dr. Thomaz de Carvalho)

Espaçoso é o salão: jarras a cada canto;
Admira-se o lavôr do tecto de páu santo,

Cadeiras de espaldar com fulvas pregarias:
Um enorme sophá: largas tapeçarias.

O purpureo tapete aos olhos nos revela
Entre as garras de um tigre anciosa uma gazella.

Retratos em redor: olhemos o primeiro:
No Tóro as mãos de Affonso o armaram cavalleiro.

Era arcebispo aquelle: esta foi açafata...
Que frescura sensual nos labios do escarlata!

Olhos revendo o azul que sobre a Italia assoma:
Em finos caracóes, a loura e ondada côma:

Collo robusto e nú: cabeça triumphante:
Consta que certo rei... passemos adeante!

Este, que vês, morreu d'um africano areal
Por vingança cruel do aspero Pombal.

D'esse olhar na expressão infinda e inenarravel
Desabrocha uma dôr profunda e inconsolavel.

Defronte, uma donzella, o rosto meigo e afflicto,
N'um extasis adora o pallido proscripto.

O teu sonho nupcial, franzina morgadinha,
Tam cedo se desfez, ó misera e mesquinha.

No burel escondeste o viço e a formosura,
E desmaiaste, flôr, no chão d'uma clausura!...

Repara nos desdens do fôfo conselheiro,
Que sorridente aspira a flôr do um jasmineiro!

Em canones doutor: no Paço foi bemquisto:
Orna-lhe o peito a cruz de um habito de Christo.

Esse outro combatendo ás portas de Bayona,
Como um bravo, alcançou a rútila dragona.

Vibra flammas do olhar; cabeça erecta e audaz;
Illumina-lhe o rosto a gloria de um gilvaz.

Assistimos, ao vêl-o, ás pugnas carniceiras,
E ouvimos o clangôr das musicas guerreiras...

No antiquissimo espelho, á sombra das cortinas,
Reflecte-se o primor de argenteas serpentinas.

Sob o espelho se anima um cravo marchetado,
Mimo outr'ora da casa, e prenda de um noivado.

Ao lado um cofre encerra, em amoravel ninho,
Antiga partitura em velho pergaminho.

Uma noite extendi a musica na estante,
E o cravo suspirou... n'aquelle mesmo instante.

Da eburnea pallidez doentia do teclado
Manso e manso evolou-se o aroma do passado.

E vi descer do quadro a languida açafata
Que, ao discreto pallôr das lampadas de prata,

A fimbria alevantando azul do seu vestido
O rosto acerejado, o gesto commovido,

A sorrir, deslisou graciosa no tapete,
Dançando airosamente o airoso minuête...

GONÇALVES CRESPO.

A despedida da ama

Adeus, filho do meu peito,
Que do meu peito nutri...
Parto. Vou deixar-te, filho,
Ai, que farei eu sem ti?!

Adeus! Já quando acordares
Chorando, não me verás;
Ás noites a acalentar-te
Outra voz escutarás.

Que amor te ganhei, meu filho!
Que triste amor este meu!
Se assim tinha de deixar-te,
P'ra que tanto te quiz eu?

Os teus primeiros gemidos
Tua mãe não quiz ouvir;
E a mim que os calei com beijos,
Mandam-me agora partir!

Puz á volta do teu berço
Todo o amor que um seio tem,
E arrancam-te de meus braços,
Porque eu não sou tua mãe!

Os teus vagidos de infante,
Fui eu que os soceguei;
Carinhos quo semeava,
Para outra os semeei!

Parto. Dentro em pouco, filho,
Nem tu me has de conhecer;
É assim que de pequenino
Te ensinam já a esquecer.

Adeus! N'esta despedida
A alma toda se me vae;
E, sem querer, o meu pranto
Sobre a tua fronte cae.

Que d'esse somno innocente
Te não vá elle acordar;
Que as forças me faltariam
Então, para te deixar.

Vamos, pobre mulher, vamos,
Está finda a criação,
Déste a vida a este menino,
Não lhes dês o coração.

O coração? Quem t'o pede?
Pedem-te o leite, não mais.
Vamos, pobre mulher, vamos,
Que o acordas com teus ais!

Adeus, filho da minha alma,
Teus carinhos não são meus.
O chôro corta-me a falla,
Mal posso dizer-te... adeus.

J. G. Gomes Coelho *(Julio Diniz)*.

O voto d'el-rei

I

Em que pensas? que tens? que fixa ideia,
Emquanto um mundo annexas, te sopêa?
Onde, inquieto assim vaes?
Seres quem és, e ver que mais te agrade.
Que o aspecto do fausto, o dos sarçaes,
E o silencio de um êrmo, que a cidade!

Deixas tudo o que, em torno, te sorri,
Tudo o que do esplendor, que espalhas, vive,
E sóbes, só, do pincaro o declive,
E lá, triste e esquecido até de ti,
Ficas horas!... O que ha que tal motive?

Dize, porque antepões,
Aos coxins de brocado, a rocha brava,
Em que do raio o gume, em chammas, grava
O Nome, que ahi, no ambito, os trovões
Proclamam com voz cava?

Porque á c'rôa, que, em brilho, egual não tem,
E que, ennastrada em louros, já domina
Do Estreito áquem e álem,
Preferes os aljofres da neblina,
Que a fronte, em febre, rociar-te vem?

Que fazes, onde só, bem vês, que habita,
Entre as urzes e o ar,
Seu ninho, a aguia, e a cella, o cenobita!
Em que é que, inteira, essa attenção se fita?
O que buscas, ó rei, a olhar... a olhar?...

II

E da amarga anciedade no cumulo,
Que os sentidos e a mente lhe abarca,
Mudo, immovel e absorto, o monarcha
Mais parece uma estatua de tumulo?

Visto á luz d'esta aurora alvacenta,
Sob o manto das nevoas elastico...
Nem é homem, é um ente phantastico.
De que o povo mysterios inventa.

Dizem uns: será espectro, que, panico,
Do castello se, á noite, exhumara,
E á odalisca, traidora, e ainda cara,
Chama e insulta, em ciume satanico?

Outros dizem: é incanto, em que influa
Mago effluvio de moura poetica,
A quem visse, por arte magnetica,
A contar um thesouro, ante a lua?

Lendas vãs! E elle, em pé, no pinaculo,
Quasi, de alto, co'os astros topeta!
E ao redor, que horisontes sem meta!
E, a seus pés, que opulento espectaculo!

III

Das fragas a escama
O monte recama.
Um jorro vivaz
D'alli se desata
E, em chuva de prata,
No chão se desfaz.

Depois, onde a penha
Nas silvas se embrenha,
São mattos a flux;
E a cauda arremeda
Da cobra, a vereda,
Que abaixo conduz.

Ao fundo, se apinha
Do valle a rainha,
Já eden, então.
Que alegre ella alveja!
As casas, a egreja
E os paços lá estão!

Mais longe, se olhares,
Descobres Collares,
Sultana d'emir,
Das relvas na alfombra,
Que o choupo lhe assombra,
Lasciva, a languir!

Mas logo desmaia
Nas orlas da praia
A varzea... Não vês?
E a pallida areia
O quadro rodêa
De triste aridez.

E o mar, que fluctua,
Na fimbria nua
Seu beijo a depôr,
Ao largo dormita...
Na zona infinita
De um céu, já sem côr!

IV

E é lá... não onde a vaga, em flôr, espuma
Nos eternos vae-vens,
Mas onde da agua o anil se esvae na bruma,
Que tu postos, ó rei, tens olhos tens!

Que te falta? o que esperas
De climas, que talvez são só chimeras?
Quem to ha de vir de lá?
Que planos concebeste? em que é que scismas?
Através de que prismas,
Teu espirito o futuro ahi vendo está?

Oh! agora que o sol d'aureas scentelhas
Já franja ao ar o véo, e em seus clarões
Banha o penhasco e os valles, te ajoelhas
No chão humido, e as mãos, orando, pões?

E que fervor! quo mystica doçura!
Ver em ti se afigura,
Em extasi, o propheta no Sinay!
Quo devoção é essa?
Em que a alma, inteira, aos labios se arremessa,
E toda n'um pedido se contráe?

V

«O Virgem do Restello
(Dizia humilde o rei),
Se eu chego a merecel o,
Ouvi o meu appello,
E os olhos nos volvei,
A mim, e á minha grei.

«D'alto mysterio um sello
Toda esta empreza tem.
Toda! e poder rompel-o,
O Virgem do Restello,
Só vós, e mais ninguem.

«Parece-me ainda vêl-o!
Sáe, dobra o cabedêlo,
Ao largo mar se fez;
E passa o dia, o mez,
Dois annos... e, a escondel-o,
Sempre esta nevoa... vês,
O Virgem do Restello?

«Ha tanto tempo já!
Onde é que elle estará,
O Virgem do Restello?
Quem poderá detel-o?
O que o detem por lá?
A guerra? os sóes? o gelo
Ai! quando é que virá!

«E, ó Virgem do Restello,
Cá dentro podeis lel-o...
Se o plano herança é
De um rei, de reis modelo,
Moveu-me a commettel-o,
Não a ambição, a fé.

«Só este ardente zelo
De cultos dar á cruz...
Vós bem deveis sabel-o,
Ó Virgem do Restello,
Ao feito audaz me induz.

«Não heis de protegel-o?
Não me direis que sim,
Ó Virgem do Restello?
Pedir-vol-o, hoje, vim;
Viria, se fazel-o
Preciso fosse assim,
De rastos e em cabello

«Que q'reis?. que vos convem,
Que exprima o meu desvelo?
Com claustro um templo?... Bem.
Se a frota agora ahi vem...
D'aqui prometto erguel-o,
Do orago de Bethlem,
Qual vossa ermida o tem,
Ó Virgem do Restello.»

VI

E de repente... a serra sobre a base
Treme... como se o âmago lhe abraze
De uma cratéra a lava, em combustão
Rangendo as rochas pelo dorso estão.
Silva o vento. E, ao sul, a tenue gaze
Engrossa e tolda o ar de escuridão.

É nullo o voto, ou immérita a romagem?
Não. N'isto só se lê
Que as leis do orbe, a um tempo, assim reagem
A affirmar o prodigio da mercê.
E era-o!... D'entre o crepe, aerea imagem
Deslumbra o rei, e uma voz lhe brada: «Vê.»

VII

E elle viu! Contempla o Gama
Em todo o trajecto seu,
Desde que á India, que o chama
Das náos a prôa metteu.
Ao som da tépida briza,
Arfando, a armada desliza
Pelo mar, que um lago está.
Dentro em pouco, a altura ganha;
Ahi lhe fica, á esquerda, a Hispanha,
E na frente, a Africa já.

E Tanger, e Ceuta, e Arzilla,
Em que da stirpe de Aviz,
Perpétua, a fama scintilla,
E ao mundo o que fômos diz;
Como, logo abaixo, o attesta
A espessura da floresta,
Que aquella ilha contém,
Que a Zarco deu sombra dôce,
E onde, antes quo elle lá fosse,
Jámais dominou alguem.

De Massilia a costa feia,
Breve, á vista fugirá;
E o sertão, em que serpêa,
Negro, o rio Sanagá.
Oasis, na riba cinzenta,
Eis o Cabo-Verde se ostenta.
Isto as Hesperides são;
E aquillo, a Serra Leôa,
D'onde ao pego o espaço atrôa
Soturna detonação.

E pela planicie funda
A frota sempre a singrar!...
Do Zaire as boccas circumda
E de Benguella o palmar:
E, buscando o berço á aurora
As virgens ondas déflora,
Depois de, ufana, transpôr,
No cabo, a eterna tormenta,
Que é o throno em que se assenta
O humilhado Adamastor.

Vingou a heroica ousadia!
E o Gama, que a commettcu,
E ao mundo dizer podia:
«Desde que ha mundo, só eu!»
Mal tornêa a Boa- Esp'rança,
Sobre o novo mar descança;
E oh! de que auspicios lhe foi
Ver que, das náos na coberta,
Da praia a gente lhe offerta
Fructas, leite, o anho, e o boi!

E, outra vez, ávido, investe
Co'o intento, e os p'rigos, tambem,
Que os tufões e a fome e a peste,
Tudo, então, lhe sobrevem.
Té que, a final, vendo terra,
Um marco erige onde aferra,
Sem nem sonhar, quando o fez,
Que a escoria de Moçambique,
Porque o seu Bonga despique,
Venceria a um portuguez!

Vae d'ahi, que em tal se aposta,
Vendo que fructo haverá
E povoações, pela costa.
Qual será essa acolá?

-9799-

Approxima-se... É Mombaça.
Seis dias no porto passa;
E, sem medo aos temporaes,
Segue, e repousa em Melinde,
Cujo rei lhe exclama: — Vinde!
Eil-a, a India, que buscaes.»

Eil-a, sim! E ha quem dispute
Ao Gama a gloria de a achar?
Olha-o já em Calecut!...
Emquanto, através do ar,
Co'a vista d'alma descobre
A patria, agora mais nobre,
Que, a abençoal-o sorri,
Em pé, no Indostão, presente,
Franca, a porta do oriente,
Pelas mãos do Çamori.

VIII

E aberta, ao mesmo tempo, ahi fica a arena
Para a lucta tambem.
Pasma a historia. A fortuna nos acena.
Novos Titões ahi vem!

Succedem-se uns aos outros! Nem te espantes
Se, no homerico ardor,
D'Asia vires, captivos, os gigantes
O orgulho audaz, depôr.

Ante o nosso podêr, que, invicto, medra
E os seus rivaes destróe,
Prostram-se os bastiões! e é cada pedra
Um pedestal d'heróe!

E sempre, n'esta esplendida epopêa,
Que uma ficção não é,
Em reciproco auxilio, se encadêa
O patrio amor á fé!

Vorás, quando do indigena te acerques,
Como faz quanto quer
O gladio dos Almeidas e Albuquerques,
E a cruz d'um Xavier!

IX

E o povo, que o orbe espanta,
Como agora já suppões,
Corresponde á empreza santa;
Veneo, pune; mas levanta
Do vil opprobrio as nações.

E, quando, entre alguma, erava,
Domando-a, o lábaro seu,
Torna-a amiga, não escrava;
Sem humilhal-a, a desbrava
Das trevas, em que naseeu.

Se, n'um porto, a sua entrada,
Ao som das bombardas, faz,
E os que o repellem degrada,
Logo impera, em vez da espada,
Fertil, o ramo da paz.

E, assim, dos reinos a raia
Nossas leis transpondo vão,
E o seu dominio se espraia
Pela prostrada Cambaya,
Pelo attrahido Sião.

Logra o luso, á força crua,
A Mascato um fêudo impôr,
E com seu influxo actua,
Desde a submissa Jahua
Até o orgulhoso Onôr.

Deu melhor brazão a Gôa;
Em Malaca triumphou;
Ganha Ormuz; e de lá vôa
De Pekim a ver a c'rôa,
Já do centro do Tamou.

Por isso, da Asia vassalla,
Dentro em breve, aqui trarão:
Timor, sandalo, que exhala
O aroma; estofos, Bengala;
Canella e rubís, Ceilão.

Narsinga dará diamantes:
Dará pérolas Káickar;
E o ouro, com que levantes
Um padrão, não visto d'antes,
Ha de o Quilôa pagar!

X

Assombras-te? não crês? cuidas que sonhas?
Temes que sejam só visões risonhas,
Meteóro fallaz,
Que encanta e foge, brilha o se desfaz?
Não, ó rei, não é tal; não o supponhas.

Olha, affirma-te bem.
O horrivel passou já. Já tudo torna
Á harmonia. Sussurra a aragom morna:
Firme, na terra, a penha se sustem;

Rarefaz-se a amplidão; não ha neblina;
Ao largo, inteiro, o mar se descortina.
E... espera, espera... vês? não vês, além...
Ponto branco, uma vela pequenina?...
Virá para aqui?... Vem!

XI

E assim foi! Do horisonte na linha,
Claro, um barco desenha-se já.
E a crescer, e a crescer se avisinha...
Com tal briza aqui logo estará!

Nem duvides que o Tejo demande,
Que o seu rumo, de certo, esse é.
E que vista que faz! como é grande!
Que alva signa lhe ondêa na ré!

Dobra o leme, que a esteira descreve;
Entra a foz, e a carreira retem...
E eil-o, cysne, com azas de neve,
Junto á areia, a boiar, em Bethlem!

Já mudadas em hymnos as preces,
Corre o povo, restruge o arcabuz;
Sôa a festa... E só tu não conheces
Essa náo, que um imperio conduz?

Desce! Deus os designios te approva.
Vôa á praia, ó monarcha feliz!
Vae ouvir das conquistas a nova,
E o que o nuncio da India te diz.

XII

Veneeste! Já não basta que remates
Teus dominios no Tigre e no Euphrates.
D'esta orbita sáes,
E ao Indo, sempre turvo, e ao fundo Ganges
As correntes caudaes,
Astro immortal, com teu fulgor abranges!

Que mais buscaes? que teus desejos são?
Que este povo, que, ao sol da liberdade,
Se fez tão grande, as páreas arreeade
Até no proprio seio do Japão,
Até no mar da China?...
Isso tudo ante o solio se te inclina;
Mais uns dias... e as Quinas lá estarão.
Dás ao reino a missão, e o reino exeree-a,
E aeclamam-te o potente a Arabia e a Persia,
a Ethiopia, a Guiné!
E não só taes limites nos demareas,
Mas, arbitro de estados e monarchas,
O que decides, é.
Se humilhas o sultão, e por punil-o,
Te lembres de mudar o leito ao Nilo,
Recalcas sob o pé
O seeptro de Veneza, que, inimiga,
Com seus ardís os émulos te instiga.

Que importa, quando os diseolos reduz.
E, ao derrubar a sphinge,
Se essa mão de rigor a asp'reza attinge?
Logo, branda, diffunde, em nova luz,
De um novo ser a norma,
Entre as gentes, mais eultas, que transforma,
E a um emporio, ainda incognito, conduz.

Pondo o teu nome á era,
Que só de ter de o usar se engrandeceu,
E, pois, achaste raias circumscriptas
No recinto europeu,
Quizeste área maior!... Razão tivera
Teu regio antecessor, quando te deu
Já por emblema a esphera;
Era a imagem do mundo; e o mundo é teu.

PEREIRA DA CUNHA.

FABULAS E APOLOGOS

O gallo e a raposa

N'uma noite de janeiro
Bateu raposa esfaimada
Á porta de um gallinheiro;
O chefe da turma alada
Perguntou: — «Quem bate lá?»

— «Uma triste peccadora,
Que fallar-lhe necessita»
— Lhe torna a fera traidora. —
N'isto o gallo se arrebita
E lhe diz: — «Servida está.»

Então a velha matreira,
Seus regougos aguçando,
Começou d'esta maneira:
— «Meus peccados contemplando,
Quem de mim não fugirá?

«Entretanto, arrependida,
O remorso me lacera;
Se em crimes gastei a vida,
Esse resto, que me espera,
Não, assim, não findará.

«Qual foi o delicto, seja
Tambem o castigo meu,
Ás vossas ordens esteja;
Quem outr'ora mo temou,
Agora leis me dará.

«Ás garras do lobo irado
E da raposa ás malicias
Obstará o meu cuidado;
Meu só bem, minhas delicias
O defender-vos será.»

Lamuria tão venenosa
Os corações enternece,
Quasi triumpha a gulosa
De um tolinho, que a conhece,
E tal resposta lhe dá:

— «Quero portanto saber
Quaes os seus lucros serão,
Quo ha do a senhora comer?»
Ao ver tamanha illusão
A raposa quo dirá?

Aparando os artificios
Diz mui meiga, e soluçou:
— «Quem tão crueis maleficios
Contra innocentes tramou,
De graça vos servirá.

«O comer de nada importa.
O que importa é penitencia.
Abra, pois, depressa a porta;
N'uma tal abstinoncia
Meu prazer se fundará.»

— «Oh fatal hypocrisia!
Te enredaste, te perdeste!
Quem benevolo te ouvia
— Replicou em tom agreste —
Ah, vae-te embusteira, e já.

«Morrer de fome e servir!
Minha santa, não me illude.
Vá outros laços urdir,
Que imitar bem a virtude
Nunca o vicio poderá.»

J. V. Pimentel Maldonado. (1)

O rouxinol e os seus espectadores

Em claro dia de junho,
N'uma floresta sombria,
Aprazivel rouxinol
Pasmosas canções tecia:

Ora os suaves gorgeios
Por modos mil variando,
Ora os sons affectuosos
Com raro esmero trinando.

Ás vezes baixinho ensaia
Ternas cadencias mimosas,
Ás vezes despede afoito
Volatas prodigiosas.

(1) João Vicente Pimentel Maldonado, bacharel em leis pela Universidade de Coimbra, deputado ás côrtes constituintes de 1821, nasceu em Lisboa a 22 de janeiro de 1773, e morreu a 8 de fevereiro de 1838. Escreveu uma collecção de cem apologos, originaes, de subido merecimento, mais dignos de louvor que os de Lafontaine, por isso que os do fabulista francez são todos traducções. Tambem escreveu outras ligeiras composições poeticas sobre diversos assumptos.

Pintasilgo attento e docil
Com que transportes o admira!
Nem sequer um som lhe escapa,
A medo geme e respira.

Que dôce prazer se esparge
Na odorifera espessura!
Como so enche a natureza
De harmonia e de ternura!

Mas emquanto o meigo assombro
A todo o momento cresce,
Tôsco incensivel jumento
Empreguiça-se, adormece.

E monótona cigarra,
Tão neseia quanto orgulhosa,
Retinindo desentranha
Cantiga fastidiosa.

Que valo o merito insigne
Aos olhos do vulgo abjecto!
Só quem tem uma alma nobre
Aprecia um objecto.

J. V. Pimentel Maldonado.

O lobo e o cão

Não tinha um lobo mais que a pelle e o osso.
Signal é que de orelha arrebitada
bem vigilante andava a canzoada.
Encontra o lobo um dógue forte, grosso,
nutrido, luzidio, uma belleza!
que, distrahido, abandonára a estrada.
Sorri-lhe a nédia preza!

Saltar-lhe logo alli, fazel-a em postas
o seu desejo fôra. Dura empreza!
A lucta era infallivel. Voltar costas
não usam pêrros quando são valentes,
e, mais, os brutos! dão ás vezes cabo
do fero contendor! Diabo!... Diabo!
Então aquelle, com aquelles dentes!

*

Humilde o lobo, pois, encolhe a cauda,
chega-se ao cão; abaixa-lhe a cabeça:
puxa conversa; diz que folga em vel-o,
que deixe que elle admire, que elle applauda
topal-o assim.. e com tão bom cabello!...
e rijo! e gordo! Um frado! Uma abbadessa!

— «Esplendido senhor — o cão responde; —
«de vós depende o ter igual gordura.
«Fugi dos bosques, onde,
«por teima da desgraça,
«de fome e frio só achaes fartura,
«vós, senhor lobo, e a vossa pifia raça.
«Dias e dias sem comerem nada!
«o lá por festas, raras, esquecidas,
«um petisquinho conquistado á espada,
«tragado ás escondidas!
«Ahi é certa a morte!
«Furtae-vos a seus braços!
«Seguí... seguí meus passos;
«tereis outro destino e melhor sorte.»
— «Mas como? — volve o lobo —
«Fazer então que devo?»
— «Bagatella:
«nem morte d'homem nem de egreja roubo;
«simplesmente estas coisas: não dar tregua

«á *santa* gente rôta, mendicante,
«bordão n'uma das mãos, n'outra a tigéla,
«que vem inda a distancia d'uma legua
«e já tresanda a essencia de tratante.
«Lamber as mãos ao dono; ser submisso...
«*dar cóca*, é o termo proprio, ao dono e a todo
«quanto bicho careta houver em casa.
«Salario apanhareis que vos apraza:
«ossos das aves, rodas de chouriço,
«restos vindos da mesa, e tudo a rôdo!
«Até uns *tagatés* em cima d'isso!»

*

Tendo prestado ao cão attento ouvido
o lobo, coitadinho!
Com perspectiva tal enternecido
não tugiu nem mugiu, mas fez beicinho.

*

Iam caminho já do povoado
quando o lobo notou que no pescoço
o cão era pellado.
— «Que tens ahi?» — pergunta em alvoroço. —
— «Nada, que eu saiba.»
— «Nada?!»
— «Frioleira.»
— «Mas afinal o que é?» —
— «Ora!... A colleira
«com que á noite me prendem junto á porta...»
— «Prender-te! — o lobo exclama. — Não saes fóra?
«não corres livre pela terra inteira
«qnando te dá na gana, e a toda a hora?» —
— «Nem sempre. Isso que importa?!»

— «Tanto importa que toda a trincadeira
«com que me acenas, um thesouro embora,
«por tal preço não quero.»
O lobo finda:
põe-se logo na perna, e corre ainda.

(Trad. de Lafontaine).

FRANCISCO PALHA.

A cigarra e a formiga

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em penuria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarella
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto d'ella.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algum grão com que manter-se,
Té voltar o acceso estio.

— «Amiga — diz a cigarra —
Prometto á fé d'animal,
Pagar-vos antes de agosto
Os juros e o principal.»

A formiga nunca empresta
Nunca dá, por isso ajunta:
— «No verão, em que lidavas?»
— Á pedinte ella pergunta. —

Responde a outra: — «Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora.»
— «Oh! Bravo! — torna a formiga —
Cantavas? pois dança agora!»

M. M. B. du Bocage.

O pardal no viveiro de canarios

Um pardal, que entre os pardaes
Por grão musico passava,
Que em chaminé ferrugenta
Continuamente chiava;

Em louvores enfunado,
De mór fama cobiçoso,
N'um viveiro de canarios
Entrou ledo e presumpçoso.

Sacudindo as sujas pennas,
Trinou famosa chiada,
Que os canarios applaudiram
Com solemne pateada.

Ao som do funebre encomio
O altivo pardal gritou:
— «Qu'insolencia? a mim taes vivas!
A tal cantor como eu sou!»

— Seja embora — lhe respondem —
Quanto inculca, e muito mais;
Mas olhe, senhor pardal,
Que isso é lá entre os pardaes.»

J. V. Pimentel Maldonado.

O cysne e os gansos

N'um grande lago andando
Mui alvo cysne airoso,
As aguas retalhando,
Sereno e magestoso,
Se via divagar.

D'aquelle espaço ingente
Despotico senhor,
Na estiva quadra ardente,
Sem tédio, nem calor
Só ia alli passar.

Dois gansos apressados
Do lago á borda chegam,
E, tristes e encalmados,
Taes supplicas empregam,
Tentando n'elle entrar.

Assim um d'elles falla:
— «O' cysne! ó grão cantor,
A quem nenhum eguala,
Ao teu admirador
Permitte aqui nadar.»

Prosegue o socio então:
— «Bom cysne, eu sei te agrada
A paz, a solidão;
Um poucochinho, um nada
Me deixa refrescar.»

Escuta o cysne attento
Taes gabos, rogos taes,
E a voz soltando isento
Responde: — «E quem jámais
O cysne ouviu cantar?

«Mentiste, e vão e arteiro
O teu dever esqueces!
Ah! foge, oh lisongeiro!
E tu que me conheces,
Me vem acompanhar.»

Captiva o coração
Um candido louvor;
A torpe adulação
Ao sabio causa horror,
Em vez de lhe agradar.

J. V. Pimentel Maldonado.

O leão velho

Decrepito o leão, terror dos bosques
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrepidos tornou sua fraqueza.

Eis o lobo c'os dentes o maltrata,
O cavallo c'os pés, o boi co'as pontas.
E o mísero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas affrontas.

Não se quoixa dos fados; porém, vendo
Vir o burro, animal d'infima sorte,
— Ah! vil raça! — lhe diz — morrer não temo,
Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte!

M. M. B. du Bocage.

A raposa e as uvas

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendentes d'alta latada.

De bom grado os trincaria;
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: — «Estão verdes, não prestam,
Só cães as podem tragar.»

Eis cae uma parra quando
Proseguia o seu caminho;
E, crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

M. M. B. DU BOCAGE.

A apparição

No denso bosque mettido,
Onde costumo escutar,
Escondido,
Dois animaes o fallar,
Junto a uma fonte pura,
Que baixinho alli murmura,
Procurava
Dar a graça a um conto meu,
Que só Lafontaine deu
A tudo quanto contava.
Meditava,
Escolhia, rejeitava,
Tudo em vão;

Que branco sempre ficava
O papel na minha mão.
Ergui-me desanimado.
Eis que apparece a meu lado
Das fabulas a musa antiga,
Que me diz com voz amiga:
— «Porque te cansas, novato,
Á busca d'um vão ornato?
Verdade, que moraliza,
Ás vezes de mim precisa:
Mas a fabula não quer
De harmonias o primor:
Procuras salgar o mar.
Deve ser
Do poeta o inventar:
O expôr
Tem sempre de pertencer
Áo singelo narrador.
Tire o sabio da verdade
Toda a sã moralidade.»
Quando eu ia a responder,
Sumiu-se sem mais dizer.
— «Sumiu-se? — diz o leitor; —
Ora faze-me o favor
De bullas me não vender.
As ridiculas razões
Com que escondes a miseria
De tuas locubrações,
Com esperteza saloia,
Inventando essa tramoia
Pouco séria,
Na bocca da musa pões.
Assim é que o impostor
Enganar sempre costuma.»
— Acertaste, meu leitor,
Não houve musa nenhuma.
Eu quiz, confesso a verdade,

Uma fabula contar;
Tu soubeste-lhe tirar
A boa moralidade.
Mas eu não fui o primeiro,
Nem serei o derradeiro,
Que seus caprichos nos deu
Como oraculos do ceu.»

V. DE ST.A MONICA.

O leão e o rato

Saiu da toca aturdido
Damninho, pequeno rato,
E foi cair, insensato,
Entre as garras d'um leão.

Eis o monarcha das feras
Lhe concedeu liberdade,
Ou por ter d'elle piedade,
Ou por não ter fome então.

Mas esta beneficencia
Foi bem paga, e quem diria!
Que o rei das feras teria
D'um vil rato precisão!

Uma vez que elle ia entrando
Por uma selva frondosa,
Caiu em rede enganosa,
Sem conhecer a traição.

Rugidos, esforços, tudo
Balda sem poder fugir-lhe,
Mas vem o rato acudir-lhe,
Entra a roer-lhe a prisão.

Rompe com os finos dentes
Primeira e segunda malha;
E tanto depois trabalha,
Que as mais tambem rotas são.

O seu bemfeitor liberta
Uma divida pagando,
E assim á gente ensinando
De ser grato a obrigação.

Tambem mostra aos insoffridos,
Que o trabalho com paciencia
Faz mais que a força, a imprudencia
Dos que em furia sempre estão.

M. B. Curvo Semedo.

O rato do campo e a formiga

O rato campestre, um dia
Á formiga
Assim dizia:
— «Por bem pouco te afadigas;
Se tu visses, minha amiga,
O que temos em celleiro...
Não é cousa de formigas...»
— «Se o não comem
Por inteiro
— Disse a outra — é justa a guerra
Que lhes traz accesa o homem
A vocês por toda a terra.»

V. de St.ª Monica.

O leão e o pintor

Poz-se em venda uma pintura,
Onde estava figurado
Leão de enorme estatura
Por mãos humanas prostrado.

Mirava a gente com gloria
O painel; eis senão quando
Um leão que ia passando
Lhe diz: — «E' falsa a victoria.

«Deveis o triumpho vosso
Á ficção, blasonadores:
Com mais razão fôra nosso,
Se os leões fossem pintores.»

M. M. B. ou Bocage.

O leão e a lebre

Era uma lebre engraçada,
Estimada
Na côrte d'El-Rei Leão:
Todos os bobos o são
Sempre na côrte dos reis.
— «Meu senhor, não me direis,
Se é verdade ou se é mentira,
Que d'um gallo o triste canto
Póde tanto,
E tanto terror inspira,
Que até chegue a ser capaz
De fazer voltar atraz
Um leão?!» — «E' bem verdade,
— Diz El-Rei — fragilidade

b405

Essa é nossa; e outras taes
Vês nos grandes animaes.
Por exemplo, o elephante,
Grande, enorme,
Tão possante,
Já não dorme
Nem socega
Se junto d'olle se chega,
A grunhir, o porco immundo.
—« Agora percebo a fundo
— A lebre diz – o segredo
Porque os cães me mettem medo.»

V. de St.ª Monica.

Os rafeiros e o goso

Morreu um nedio cabrito,
E o guardador, dono d'elle,
Depois do tirar-lhe a pelle,
Aos cães no campo o deitou.

Logo d'um monte chegado,
Tomando os ventos e o cheiro,
Veiu um possante rafeiro,
Que da presa se apossou.

Depois um goso chegando
Quiz tambem ser camarada;
Mas levou tanta dentada,
Que na empreza desmaiou.

Ganindo e lambendo os beiços,
Poz-se de parte sentado,
Até que, desenganado,
Outro partido buscou.

Foi-se ao casal mais visinho,
E ao cão que guardava a porta,
De que havia uma rez morta
N'aquelle campo, avisou.

Sem que a nova agradecesse
O convidado rafeiro,
Atraz do goso matreiro
De corrida caminhou.

Eis que á pressa se approxima,
Ladrando e os ares mordendo;
Mas o que estava comendo
Adiante se atravessou,

Mostrando os mordazes dentes,
Um ao outro se avisinha;
Entre o que estava e o que vinha
Pendencia atroz se travou.

Eil-os nas pernas se empinam,
Salto agora, agora tombo,
Dentes ferrados no lombo,
Largou este, este filou.

Emtanto o ladino goso,
Esta aberta aproveitando,
Nos restos da rez saltando,
Nem migalha esperdiçou.

Depois de bem lacerados,
Os dois á presa voltaram;
Mas só o sitio lhe acharam,
Que nada o goso deixou.

Ah! quantos d'estes exemplos
Não vemos na redondeza
Depois que a torpe avareza
Seu veneno propagou.

M. B. Curvo Semedo.

Jupiter e o cavallo

— «Creador dos animaes,
Sensatos e irracionaes!
— A Jove disse o cavallo. —
Eu sei que tenho o regalo
De ser por todos notado,
E louvado
Entre a raras perfeições
Com que o mundo tens ornado;
E tambem sem ter receio
De illusões,
Assim creio.
Mas não podias, Senhor,
Tornar-me ainda melhor?»
— «Pois em que has de melhorar?
— Jove diz sem se zangar. —
Emenda; tem essa gloria:
Dou as mãos á palmatoria.»
— «Fôra mais leve em corridas,
Tendo as pernas mais compridas
— Diz o cavallo — e o pescoço
Menos grosso,
Mais alto tambem quizera:
Um peito mais dilatado
Forças maiores me déra:
E, pois que fui procreado
Para andar sempre montado
Pelo homem, teu valido,
Bem podera ter nascido
Já com sella natural.»
— «Nada mais?» — pergunta Jove. —
— «Nada» — disse o animal. —
O Creador então move
Aquelle olhar paternal

Com que gera a creatura;
E logo da terra dura
Surge o medonho camello.
Só de vêl-o
O cavallo estremeceu.
— «Ahi o desejo teu
— Lhe diz Jove — tens cumprido:
Ahi 'stão as longas pernas,
Ahi tens o collo erguido,
Ahi as vastas cavernas
D'um peito desenvolvido:
Ahi a tens, alta e bella,
Essa sella
Natural:
Se tu queres, tal e qual
Te farei n'este momento,
Segundo o teu pensamento.»
O cavallo estremecia,
De terror
Nada dizia.
— «Vae-te, — disse o Creador —
D'esta vez és perdoado:
Mas, para ficar lembrado
Teu orgulho sem egual,
Permaneça este animal,
Para exemplo conservado,
Como agora se creou.»
Assim disse, e sem rancor
Para o cavallo voltou
Um olhar conservador.
Desde esse dia o cavallo
Nem sequer póde enxergal-o
Sem que estremeça de horror.

V. de St.ª Monica.

A vacca, a cabra, a ovelha e o leão

Raras vezes é fiel
C'os grandes a sociedade;
Esta fabula de Esopo
Aclara bem a verdade:

Uma vacca e uma cabra
E uma ovelha paciente,
Se ajuntaram, companheiras,
Na caça, ao leão potente.

Tomando um grande veado
E feito em partes eguaes,
Ás presentes companheiras
Disse o rei dos animaes:

— «Eu, por chamar-me Leão,
Devo levar a primoira,
A segunda por ser forte,
E por valente a terceira.

«E se algum pegar na quarta
Prove o meu dente raivoso».
D'est'arte a presa de todos
Foi quinhão do poderoso.

F. M. G. da S. Malhão. (1)

(1) Francisco Gomes da Silveira Malhão, bacharel em leis pela Universidade de Coimbra, exerceu a profissão de advogado. Nasceu na villa de Obidos a 23 de setembro de 1759, e falleceu pelo anno de 1816. As suas obras foram publicadas em diversas épocas. Com difficuldade se póde obter d'ellas uma collecção completa. Malhão é poeta. Escreveu em differentes generos, principalmente no *satyrico* e *lyrico*.

O macaco e a raposa

— «Vê lá se pódes achar
Um animal tão sagaz
Que no que diz, no que faz,
Eu t'o não posso imitar.»
Disse um mono descarado
A uma velha raposa.
— «E tu, — responde a manhosa —
Animal tão aviltado,
Vê se pódes encontrar
Quem sequer tenha pensado
No peccado
Dos teus momos copiar.»
Genios com dote, tão ráro,
De imitar quanto é ruim,
Percebeis qual o meu fim,
Ou hei de fallar mais claro?

V. de St.ª Monica.

POESIAS POPULARES

Avalor

Pela ribeira de um rio
Que leva as aguas ao mar,
Vae o triste de Avalor,
Não sabe se ha de tornar.
As aguas levam seu bem,
Elle leva o seu pesar;
E só vae, sem companhia,
Que os seus fôra elle deixar;
Cá quem não leva descanço
Descança em só caminhar.

Descontra d'onde ia a barca,
Se ia o sol a baixar;
Indo-se abaixando o sol,
Escurecia-se o ar;
Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.
Da barca levantam remos,
E ao som do remar
Começaram os remeiros
Da barca este cantar:

unesp

— «Que frias eram as aguas!
Quem as haverá de passar?»
Dos outros barcos respondem:
— «Quem as haverá de passar?»
Frias são as aguas, frias,
Ninguem n'as póde passar
Senão quem poz a vontade
D'onde a não póde tirar.
Tra'la barca lhe vão olhos
Quanto o dia dá logar:
Não durou muito que o bem
Não póde muito durar.

Vendo o sol posto cont'relle,
Não teve mais que pensar;
Soltou redeas ao cavallo
A' beira do rio a andar.
A noite era callada
Para mais o magoar,
Que ao compasso dos remos
Era o seu suspirar.

Querer contar suas mágoas
Seria areias contar;
Quanto mais ia alongando,
Se ia alongando o soar.
Dos seus ouvidos aos olhos
Foi a tristeza egualar;
Assim como ia a cavallo
Foi pela agua dentro entrar.
E dando um longo suspiro
Ouvia longe fallar:
Onde mágoas levam olhos,
Vão tambem corpo levar.
Mas indo assim por acêrto
Foi n'um barco n'agua dar,

Que estava amarrado á terra,
E seu dono era a folgar.
Saltou assim como ia, dentro,
E foi a amarra cortar:
A corrente e a maré
Acertaram-n'o a ajudar.
Não sabem mais que foi d'elle,
Nem novas se podem achar:
Suspeitam que foi morto,
Mas não é para affirmar:
Que o embarcou a ventura,
Para só isso aguardar.
Mas mais são as mágoas do mar
Do que se podem curar.

BERNARDIM RIBEIRO. (1)

Bella infanta

Dona Clara, dona infante,
Estava no seu jardim
Penteando tranças de ouro
Com seu pente de marfim,
Sentada n'uma almofada
De velludo carmezim.
Botou os olhos ao mar
E avistou formosa armada:

(1) A pagina 154 (7.ª edição) da 1.ª parte da *Selecta Nacional* demos os traços geraes, biographicos e bibliographicos de Bernardim Ribeiro. Agora ajuntaremos a apreciação honrosa que d'este poeta faz o primeiro critico moderno francez, mr. Villemain, no seu *Curso de Litteratura*. Depois de transcrever um trecho do romance *Menina e Moça*, accrescenta: «ne reconnaissez-vous pas un tour d'élégance et d'imagination mélancolique qui semble prématuré au XV siècle, et qui appartient plutôt à l'école poètique de nos jours?»

cm 1 2 3 4 5 unesp 7 8 9 10 11

Capitão que a governava
Que bem a traz preparada!
Saltou em terra elle só
Com a viseira callada:
Vem saudar a dona infante,
Que assim triste lhe fallou:

— «Viste tu o meu marido,
Que ha tempo que me deixou?»

— «Teu marido não conheço,
Diz-me que signaes levou.»

— «Levou seu cavallo branco
Com sua sella dourada,
Na ponta da sua lança
Uma fita encarnada;
Um cordão do meu cabello,
Que lhe prendia a espada.
Se porém o tu não viste,
Cavalleiro da cruzada,
O' triste de mim viuva,
O' triste de mim coitada!
De tres filhas que eu tenho
E nenhuma ser casada.»

— «Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?»

— «Dera-lhe tanto dinheiro
Que não tem conto nem fim:
E as telhas do meu telhado,
Que são de ouro e marfim.»

— «Não quero ouro ou dinheiro,
Que me não pertence a mi:
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi.
Quanto deras mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?»

— «Dera-te as minhas joias
Que não têm peso e medida;
Dera-te o meu tear de ouro,
Roca de prata polida»
— «Não quero ouro nem prata:

Com ferro minha mão lida.
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?»

— «De tres filhas que eu tenho,
Eu t'as dera a escolher,
São formosas como a lua,
Como o sol ao amanhecer.»

— «Eu não quero tuas filhas,
Não me podem pertencer.
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?»

— «Não tenho mais que te dar
Nem tu mais que me pedir.»
— «Inda tens mais que me dar,
Não estejas a mentir;
Tens teu leito de ouro fino
Onde eu quizera dormir.»

— «Cavalleiro que tal diz
Merece ser arrastado
Em roda do meu jardim,
Aos pés de um cavallo atado.
Vinde cá, criados meus,
Castigae este soldado.»

— «Não chames os teus criados
Que criados são de mim.»

— «Se tu és o meu marido
Porque me fallas assim?»

— «Por vêr se me eras leal,
E' que disfarçado vim.
Lembras-te, ó dona infante,
Quanda eu d'aqui sahi,
O annel de sete pedras
Que comtigo reparti?
Se as tuas não perdeste,
As minhas eil-as aqui.»

— «Vinde cá, ó minhas filhas,
Vosso pae é já chegado;
Abri-vos, portão de jaspe,
Ha tanto tempo fechado!
Folgae, folgae, meus vassallos,
Que é dom infante a meu lado.»

A nau Cathrineta

Lá vem a nau Cathrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija.
Que a não poderam tragar.

Deitaram sortes á ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

— «Sóbe, sóbe, marujinho,
Áquelle mastro real,
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.»
— «Não vejo terras de Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.»

— «Acima, acima, gageiro,
Acima, ao tope real!
Olha se enxergas Hespanha,
Areias de Portugal.»
— «Alviçaras, capitão,
Meu capitão general!
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Mais inxergo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.»

— «Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a hei de casar.»
— «A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.»
— «Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.»
— «Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.»
— «Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro egual.»
— «Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a ensinar.»
— «Dar-te-hei a nau Cathrineta,
Para n'ella navegar.»
— «Não quero a nau Cathrineta,
Que a não sei navegar.»
— «Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te hei de dar?»
— «Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.»
— «Renego de ti, demonio!
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar.»

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'o deixou affogar.
Deu um estouro o demonio,
Acalmaram vento e mar;
E á noite a nau Cathrineta.
Estava em terra a varar.

Claralinda

Meia noite já é dada,
Os gallos querem cantar,
Conde Claros em seu leito
Não podia repousar.
Chamou pagens e escudeiros,
Que se quer já levantar;
Que lhe lhe tragam de vestir,
Que lhe tragam de calçar.
Deram-lhe uma alva camisa,
Que el-rei a não tinha egual;
Deram-lhe saio de seda,
Cintura de ouro e firmal.
Trazem-lhe esporas douradas
Para com ellas montar;
Cavalgou no seu cavallo,
Poz-se logo a caminhar.
— «Deus te salve, Claralinda,
Tão cedo estás a bordar?»
— «Salve-te Deus, conde Claros!
D'onde vaes a caminhar?»
— «Aos mouros mo vou, senhora,
Grandes guerras guerrear.»
— «Que bello corpo que tendes
Para com elles brigar!»
— «Melhor o tenho, senhora,
Para com damas folgar...»
Palavras não eram ditas
Um pagem que ia a passar:
— «As palavras que são ditas,
A el rei vou já contar.»
— «Palavras que ditas são,
A el-rei não vás levar:
Dar-te-hei de ouro e de prata
Quanto possas carregar.»

— «Não quero ouro nem prata
Se ouro e prata me heis de dar;
Quero guardar lealdade
A quem n'a devo guardar:
As palavras que são ditas,
A el-rei as vou contar.»

Foi d'alli o bom do pagem
Andando de bom andar
A casa da estudaria,
Onde el-rei estava a estudar:
— «Deus vos salve, senhor rei,
E a vossa c'rôa real!
Lá deixei o conde Claros
Com a princeza a folgar.»
— «Se á puridade o dissesses,
Tença te havia de dar;
Mas pois tão alto fallaste,
Alto has de ir a enforcar.

Castigar os chocalheiros
Boa justiça real:
Mas o pobre conde Claros
Tambem vae a degollar.
— «Vinde, vinde, Claralinda...
Como estaes a descançar!
Vinde vêr o conde Claros
Que el-rei o manda matar.»
— «Acudi, minhas donzellas,
Vinde-me acompanhar:
Que se el-rei lhe não perdôa,

Com elle quero acabar.»
— «Deus vos salve, senhor rei,
E a vossa c'rôa real!
Que vos fez o conde Claros
Para o mandardes matar?

— «Se eu tivera outra filha
Para em meu reino reinar,
Juro-te, ó Claralinda,
Que o ias acompanhar.
Mas toma-o tu por marido,
Por genro o quero eu tomar;
E ninguem mais n'esta côrte
Se atreva a mexericar.»

Romance á morte d'el-rei D. Manuel

Pranto fazem em Lisboa,
Em dia de Santa Luzia,
Por el-rei D. Manuel,
Que se finou n'esse dia.
Choram duques, mestres, condes,
Cada um quem mais podia;
Os fidalgos e donzellas
Muito tristes em porfia;
Os infantes davam gritos,
A infanta se carpia;
Seus cabellos, fios d'ouro,
Arrancava e destruia;
Seus olhos maravilhosos
Fontes d'agua parecia;
Bem merecem ser escriptas
As lástimas que dizia.
— «Paço tão desamparado
Derribado merecia,
Pois a sua fortaleza
Se tornou em terra fria.
Ó minha senhora madre
Rainha D. Maria,
Quem a vós levou primeiro
Mui grande bem vos queria,

Pois que vos livrou da pena
Que pasamos n'este dia.»

E outras mágoas que de tristes
Contar não n'as ousaria.
O principe dava suspiros
Que a alma se lhe saía;
Suas lagrimas prudentes,
Cpmo a grã senhor cumpria:
De dia sempre velava,
De noite nunca dormia.
A rainha estrangeira
Já chorar o não podia.

O bom rei no seu acordo
D'este mundo se partia:
Sua morte conhecendo,
Com muita sabedoria,
Ror palavras piedosas
Os sacramentos pedia;
Fallando sempre com todos,
Deu sua alma a quem devia.

Morto levam o grã rei
Senhores de grã valia,
Dizendo uns aos outros:
Oh! que triste romaria!
Que graude amigo perdemos
E que doce companhia!

Já passada a meia noite,
Tres horas antes do dia
Mettido em um ataúde
O qu'inda ha pouco regía,
O grã senhor do Oriente,
Dos seus paços se partia.

Seiscentas tochas accesas,
Escuras a quem as via;
Triste pranto até Belem
Nem passo não se esquecia.
Em terra fica enterrado,
Porque assim mandado havia,
Conhecendo que era terra
A mundana senhoria.

GIL VICENTE.

Joven Lilia abandonada

Joven Lilia abandonada
Por seu lindo ingrato amante,
Solitaria, delirante
Divagava em seu jardim.
E ás florinhas que a cercavam
A chorar dizia assim:
«Nosso fado e curta vida,
Quanto invejo, ó minhas flôres!
Se gosaes breves amores
Co'a existencia os acabaes:
Eu perdi ternos affagos,
E inda existo entre os mortaes.»
N'isto aos olhos por acaso
Se lhe offerece alvo Narciso:
Corre a Nympha, e d'improviso
Quer a flôr aos pés calcar,
Que o retrato de um perverso
Não se deve conservar.

Sobre o pé da tenra planta
Vingativa dextra alçára;
Porém treme, hesita e pára.

Não se atreve a ser cruel:
— «Vive, diz, ó linda imagem
Do meu barbaro infiel.

«Vive, ó flôr, e ás inexpersas,
Qual eu fui, traze á memoria
De Echo afflicta a escura historia,
Triste victima de amor.
Vive, e lembrem-se os ingratos,
Qual se pune atroz rigor.»

VISCONDE DE CASTILHO.

POESIAS PASTORIS

Sentidas queixas pela ausencia de um amigo

Ai! Mirtillo, que mal te fez a patria?
Porque deixas a nossa companhia?
Porque dos nossos valles te separas?
Torna, pastor, a estes campos, torna;
Todos te amam, todos te suspiram.
Que vais buscar ás praias do alto Douro?
Olha que n'esses campos a discordia
Tem o impio veneno semeado;
Vê quantos males tem reproduzido.

Que vais buscar ao Douro? Porventura
Canta-se lá melhor que cá no Tejo?
Será mais fresca a sombra d'esses vales?
Ou são as suas Nayades mais bellas?
Ah! não, não vás pisar estranhos montes:
Estes valles estão por ti chamando,
Os teus valles, os teus paternos campos.

Ah! Mirtillo, assim deixas os pastores,
Que comtigo nasceram, e que foram
Nos innocentes brincos de menino
Teus companheiros, que comtigo andaram
Montados nas pacificas ovelhas!

Ou já eorrendo atraz dos cordeirinhos,
E outras vezes eortando as leves eanas
Para eolher maçãs dos altos ramos,
Ou roubando do ninho as novas aves.
Para atar-lhes nos pés o longo fio!

Ah! Mirtillo, que puro amor não gera
O trato simples da primeira edadé!
Emquanto á fresea sombra d'estas faias
Toeavas a sonora, doce frauta,
Contentamento tudo respirava:
Mas hoje tudo eheio de tristeza
Mirtillo com saudade está chamando.

O dia, em que de nós te separaste,
Cantou na madrugada o triste moeho;
Os rafeiros fugindo dos rebanhos
Uivaram pelo eume das montanhas;
E eom tristes balidos se queixaram
As ovelhas pasmadas pela serra.
Tu não sabes que mágua, que desgosto
Sentem na tua ausencia estes pastores:
Juro-te que não vivo mais saudoso
Da formosa Tireéa separado.

Domingos dos Reis Quita. (1)

---

(1) Domingos dos Reis Quita *(Alcino Mycenio)*, de profissão cabelleireiro, nasceu em Lisboa a 6 de janeiro de 1728 e morreu a 13 de julho de 1770. As suas obras acham-se colleccionadas sob o titulo: *Obras poeticas de D. dos Reis Quita*; contém: *Eglogas, idylios, odes, sonetos, tragedias.* — O drama pastoril *Lycore* é a sua grande corôa poetica. O visconde d'Almeida Garrett classifica-o como o melhor poeta pastoril que versificou em portuguez.

Quadro de uma scena de aldeia

Pelas serras a nevo branquejava,
O ribeiro gelado não corria,
O sol, que já dos valles se apartava,
Uma nuvem o mostrava, outra o cobria:
Os cordeiros atraz das mães balando
Se andavam pelas matas abrigando;
Os ventos tão furiosos assopravam,
Que as rochas parecia que abalavam:
Remavam para a praia os pescadores,
Recolhiam-se ás choças os pastores,
Quando já na cabana de Dalmido
Uns visinhos pastores se ajuntavam,
Onde os serões do inverno desabrido,
Em saborosa practica passavam.
E' Dalmido d'edade em decadencia,
Mas d'animo robusto e reforçado,
Largamente ensinado da experiencia,
E a climas mui diversos costumado.
Tem despovoado o alto da cabeça,
A barba quasi branca, mas espessa,
E' venerando, alegre de semblante
E d'antigas historias abundante.
Sentados os pastores rodeavam
Uns seccos troncos vivamente ardendo,
Concavos tarros uns formando estavam,
E cestinhos de cana outros tecendo;
E o bom velho no seu usado assento
Todo entregue a seu sabio pensamento
Na mão, em que o cajado sustentava,
A respeitavel face reclinava.

Domingos dos Reis Quita.

Trecho da egloga piscatoria Meliso

Depois que á luz da lua e das estrellas,
Sobre dura fatexa o barco posto,
As redes recolheu, remos e vélas:

Que gosto, ó Lilia, (disse) ou que desgosto
Te move a me negar, vendo qual ando,
Teus olhos côr do ceu, teu alvo rosto?

Mas olha, ó branda Lilia, (antes esquiva)
Que não merece ser maltratada
Um'alma d'esses olhos tão captiva.

Vives dos meus cuidados descuidada:
Coitado de quem traz a duvidosa
Vida no mar e terra aventurada!

Bem podes com rasão ser piedosa
Com quem não quer mór bem, que bem querer-te,
Não sendo tão cruel, como és formosa.

Ora deixa já, ingrata, deixa vêr-te
A meus cansados olhos, que de tantas
Lagrimas são movidos, mover-te.

Se tu me vences, e se tu m'encantas
Com tua doce falla, doce riso,
Porque foges de mi? porque te espantas?

Lembre-te a formosura de Narciso.
E qual pago lhe deu seu desamor;
Olha que com amor d'isto te aviso.

Mas quando essa cruesa tanta fôr,
Que mereça do Céo novo castigo,
Qual herva será digna de tal flôr?...

Quanto mais ledo já te estive vendo
Aqui as mansas ondas esperando,
Que por chegar a ti vinham correndo.

E da molhada areia despegando
Com a candida mão roxas conchinhas
A fórma de teu pé n'ella deixando!

D'aquellas, de que tu mais gosto tinhas,
Muitas te trago aqui, posto que temo
Que menos o terás por serem minhas.

Um temor tal me chega a tal extremo,
Que, vencido d'um triste esquecimento,
No mar me cae da mão o duro remo.

E quando a branca véla solto ao vento,
Tão descuidado vou do fiel leme,
Que me leva a perder meu pouco tento.

LUIZ DE CAMÕES (1).

A vida do campo

Oh lavradores bemaventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!

(1) Vide a nota a pag. 134 d'este livro.

Dá-lhes a justa terra o mantimento,
Dá-lhes a fonte clara a agua pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.

Não vêm o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.

Vive um com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grão cobiça de ouro reluzente.

Se lhes falta o vestido perfumado,
E da formosa côr da Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado;

Se não tem as delicias de Corintho,
E se de Pario os marmores lhe faltam,
O pyropo, a esmeralda, e o jacintho;

Se suas casas de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flôres,
Onde os cabritos seus comendo saltam.

Alli lhe mostra o campo varias côres;
Veem-se os ramos pender co'o fructo ameno;
Alli se afina o canto dos pastores.

Alli cantará Tityro e Sileno;
Em fim, por estas partes caminhou
A sã justiça para o céo sereno.

Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou.

LUIZ DE CAMÕES.

Marilia

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato d'espressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sócs queimado.
Tenho proprio casal, e n'elle assisto;
Dá-me vinho, legume, fructa, azeite,
Das brancas ovelhinhas tiro o loite,
E mais as finas lãs, do que me visto.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste:
Ao som d'ella concérto a voz celesto;
Nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil pastora,
Depois quo o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte e prado;
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do sol em vão se atreve;
Papoula, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são côr de neve.
Os teus cabellos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vapóra.
Ah! não, não fez o céo, gentil pastora,
Para gloria de amor egual thesouro.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabo, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma vez, o nedio gado,
Já d'estes bens, Marilia, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço;
Alli descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve somno em teu regaço.
Em quanto a lucta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Depois que nos ferir a mão da morte,
Ou seja n'este monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.

Na campa, redonda de cyprestes,
Lerão estas palavras os pastores:
«Quem quizer ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos, que nos deram estes.»
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

THOMAZ ANTONIO GONZAGA. (1)

Saudosas recordações de Marilia

A estas horas
Eu procurava
Os meus amores:
Tinham-me inveja
Os mais pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flôr, nem fita
Nos seus cabellos.

Ah! que assim mesmo,
Sem compostura,
É mais formosa,
Que a estrella d'alva
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Um ar mais leve,
(Que doce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

(1) THOMAZ ANTONIO GONZAGA *(Dirceu)*, Desembargador da Relação da Bahia, nasceu na cidade do Porto, em agosto de 1744. Seus paes eram naturaes do Rio de Janeiro. Falleceu na Africa, para onde fôra desterrado, por suspeitos crimes politicos. Escreveu um delicado livro intitulado: *Marilia de Dirceu*. J. M. Pereira da Silva, um dos illustres ornamentos da litteratura brazileira, e delicado critico, fallando de Gonzaga, diz: «Merece Gonzaga o nome de poeta musical. O rhythmo, a cadencia, a magia do verso, ganharam-lhe popularidade estrondosa, e o fizeram um dos poetas mais queridos e lidos de Portugal e do Brazil.» N'outros logares d'esta *Selecta* teremos occasião de mais ainda admirar este grande poeta.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lho sompre
No rio, e fonte,
No prado, e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

No collo a punha;
Então brincando
A mim a unia;
Mil cousas tornas
Aqui dizia.

Marilia vendo,
Que eu só com olla
E que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

Ah! quantas vezes
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Frontciro canta
O passarinho:

Na quente sésta,
D'ella defronto,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Do sanfoninha.

Assim vivia!...
Hoje, em suspiros
O canto mudo!
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.

Dirceu to deixa, ó bella
De padecer cansado:
Frio suor já banha
Seu rosto doscórado;

O sangue já não gyra pela vêa;
Sous pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se bacêa:
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira, e morre.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

Ternos queixumes

Quando cheios de gosto e de alegria
Estes campos diviso florescentes,
Então me vem as lagrimas ardentes
Com mais ancia, mais dôr, mais agonia.

Aquelle mesmo objecto, que desvia
Do humano peito as máguas inclementes,
Esse mesmo em imagens differentes
Toda a minha tristeza desafia.

Se das flôres a bella contextura
Esmalta o campo na melhor fragrancia,
Para dar uma idéa de ventura,

Como, ó Ceus! para os vêr terei constancia,
Se cada flôr me lembra a formosura
Da bella causadora de minha ancia?

Claudio Manuel da Costa. (1)

(1) Claudio Manuel da Costa, doutor em Canones pela Universidade de Coimbra. Exerceu a profissão de advogado, e altos cargos no Brazil. Nasceu a 6 de junho de 1729, na provincia de Minas Geraes, onde foi preso em 1789 por motivos politicos Suicidou-se na prisão a 3 de junho d'esse anno. Escreveu no genero lyrico diversos *poemetos, odes, cantatas, sonetos*. O mimoso critico J. M. Pereira da Silva, fallando d'este seu compatriota, exprime-se da seguinte maneira: «Conseguiu Claudio Manuel da Costa aperfeiçoar o soneto portuguez, de modo a se não exceder.» O soneto que transcrevemos é um dos citados pelo illustre censor. Fallando das cantatas de Claudio, continúa: «N'estas composições agrada ainda mais, e mais electrisa o leitor; algumas d'ellas podem rivalisar com as mais melodiosas de Pedro Antonio Correia Garção; *Nise* é sempre a sombra, que, fagueira e bella, o inspira e enthusiasma.» No logar competente transcreveremos o trecho lyrico que elle cita para comprovar a sua judiciosa affirmação.

Um quadro sentimental

Em uma lapa, toda tenebrosa,
Aonde bate o mar com furia brava,
Sobre uma mão o rosto, vi que estava,
Uma Nympha gentil, mas cuidadosa.

Egualmente que linda, lastimosa;
Aljofar dos seus olhos destillava;
O mar os seus furores applacava
Com vêr cousa tão triste e tão formosa.

Alguma vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.

Com angelica voz assim dizia:
— «Ah! que falta mais vezes a ventura,
Onde sobeja mais a natureza.»

LUIZ DE CAMÕES.

(1) LUIZ DE CAMÕES, *poeta e militar*, nasceu na cidade de Lisboa em 1524 e falleceu a 10 de junho de 1580. Escreveu em todos os generos de poesia. Schleger, o celebre critico allemão, escrevendo do auctor dos *Lusiadas*, diz: «Camões resume em si uma litteratura inteira.» Castellar, o eminente orador hespanhol, fallando da poesia épica, exprime-se da seguinte maneira: «Os maiores poemas que na litteratura, antiga e moderna, existem, são dois: a *Illiada* e os *Lusiadas*; — o poema da *guerra*, e o poema da *paz* e da *civilisação*.» Se Camões não tem rival nas litteraturas modernas, como épico, vence-se a si mesmo como poeta lyrico. As poesias de Francisco Petrarca são pallidas em face da delicadeza de sentimentos do Orpheu portuguez perante a magnificencia e primor das suas imagens, e da sua locução sempre viva e surprehendente.

Canção pastoril

Por meio d'umas serras mui fragosas,
Cercadas de silvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes aguas deleitosas.
Com mil braneas eonchinhas a aurea areia

Bem se arreia;
Voam aves;
Mil suaves
Passarinhos
Nos raminhos.

Accordemente estão sempre eantando,
Com doce accento os ares abrandando.
O doce rouxinol n'um ramo eanta,
E d'outro o pintasilgo lhe responde;
A perdiz, d'entre a mata, em que se esconde,
O eaçador sentindo, se levanta:
Voando vae ligeira mais que o vento;

Outro assento
Vae buscando:
Porém quando
Vae fugindo,
Retinindo.

Traz ella mais veloz a setta corre,
De que ferida logo cae e morre.
Aqui Progne d'um ramo em outro ramo,
Com peito ensanguentado anda voando,
Cibato para o ninho anda buscando;
A léda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,

E pretende
Com engano
Fazer damno
Á coitada,
Qu'enganada

D'uns esparzidos grãos de louro trigo,
Nas mãos vae a cahir do seu inimigo.
Aqui sôa a calhandra na parreira;
A rola geme; paira o estorninho;
Sae a candida pomba do seu ninho;
O tordo pousa em cima da oliveira:
Vão as doces abelhas sussurrando,

E apanhando
O rocio
Fresco e frio
Pelo prado
D'erva ornado,

Com que o aureo licor fazem, que deu
A humana gente a industria d'Aristeu.
Aqui as uvas luzidias, penduradas
Das pampinosas vides, resplandecem;
As frondiferas arvores s'off'recem
Com differentes fructos carregadas:
Os peixes n'agua clara andam saltando.

Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jucundas

Ondas comsigo trazem, crepitando
Por a praia alva com ruido brando.

Aqui por entre as serras se levantam
Animaes calidoneos, e os veados
Na fugida inda mal assegurados
Porque do som dos proprios pés s'espantam.
Sae o coelho, a lebre sae manhosa

Da frondosa
Breve mata,
D'ondo a cata
Cão ligeiro;
Mas primeiro

Qu'ella ao contrario férvido s'entregue,
A's vezes deixa em branco a quem a segue.
Luzem as brancas e purpúreas flôres,
Com que o grande favonio a terra esmalta;
O formoso jacintho alli não falta,
Lembrado dos antigos seus amores.
Inda na flôr se mostram esculpidos

Os gemidos:
Aqui Flora
Sempre mora;
E com rosas
Mais formosas,

Com lirios e boninas mil fragrantes,
Alegra os seus amores circumstantes.
Aqui Narciso em liquido crystal
So namora da sua formosura:
N'elle as pendentes ramas da 'spessura
Debuxando-se estão ao natural.
Adonis, com que a linda Cytheréa

Se recreia,
Bem florido,

Convortido
Na bonina

Qu'Erycina
Por imagem deixou de qual seria
Aquelle por quem ella se perdia.

LUIZ DE CAMÕES.

A primavera

Já nasco o bello dia
Principio do verão, formoso e brando,
Que com nova alegria
Estão denunciando
As aves namoradas
Dos floridos raminhos penduradas.

Já abre a bella aurora
Com nova luz as portas do oriente,
E mostra a linda Flora
O prado mais contente,
Vestido de boninas,
Aljofradas de gotas crystallinas.

Já o sol mais formoso
Está ferindo as aguas prateadas,
E Zephiro queixoso
Ora as mostra encrespadas
Á vista dos penedos,
Ora sobre ellas move os arvoredos.

De reluzente areia
Se mostra mais formosa a rica praia,
Cuja riba se arrêa
Do alamo, e da faia,

Do freixo, e do salgueiro,
Do ulmo, da aveleira, e do loureiro.

Já com rumor profundo
Não sôa o Liz nos montes seus visinhos,
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os peixes que nas veias
Deixam, tremendo, a sombra nas areias.

Já sem nuvens medonhas
Se mostra o céo vestido de outras côres,
Já se ouvem as sanfonhas,
E frautas dos pastores,
Que vão guiando o gado
Pela fragosa serra e pelo prado.

Já nas largas campinas,
E nas verdes descidas dos outeiros,
Ao som das sanfoninas,
Cantam os ovelheiros,
Emquanto os gados pascem,
As mimosas hervinhas que renascem.

Sobre a tenra verdura
Agora os cabritinhos vão saltando,
E sobre a fonte pura
Passa a noite, cantando,
O rouxinol suave,
Com saudoso accento, agudo e grave.

Diana mais formosa,
Sem ventos, sobre as aguas apparece,
E faz que a noite irosa
Tão clara resplandece

Á vista das estrellas,
Que se envergonha o sol á vista d'ellas.

Tudo n'esta mudança,
Tambem de novo cobra novo estado;
Qual em sua esperança,
E qual em seu cuidado
Acha contentamento;
Qual melhora na vida o pensamento.

FRANCISCO RODRIGUES LOBO. (1)

(1) Vid. a nota biographica a pag. 168 da 1.ª parte d'esta *Selecta* (7.ª edição).

DESCRIPÇÕES

Retrato de Marilia

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lyrio e fez a neve.

A pintar as negras tranças,
Peço que mais te desveles.
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando;
Uns tecendo cordas d'elles,
Outros com elles brincando.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beiços graciosos,
Entre as flôres tens o cravo,
Entre as pedras a granada;
E para os olhos formosos,
A estrella da madrugada.

Os seus cumpridos cabellos,
Que sobre as costas ondeiam,
São que os de Apollo mais bellos

Mas de loûra côr não são.
Tem a côr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda, e lisa testa,
Arqueadas sobrancelhas;
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são uns sóes.
Aqui vence amor ao céo,
Que no dia luminoso
O céo tem um sol formoso,
E o travesso amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosas,
Brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os beiços são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

Retrato de Adozinda

Onde vás tão alva e linda,
Mas tão triste pensativa
Pura, celeste Adozinda,
Da côr da singela rosa
Que nasceu ao pé do rio?
Tão ingenua, tão formosa
Como a flôr, das flôres brio

Que em serena madrugada
Abre o seio descuidada
A doce manhã d'abril!
— Roupas de seda que leva
Alvas de neve que cega
Como os picos do Gerez
Quando em janeiro lho neva.
Cinto côr do violeta
Que á sombra desabrochou,
Cintura mais delicada
Nunca outro cinto apertou.
Anneis louros do cabello
Como o sol resplandecentes
Folgam soltos; dá-lh'o o vento,
Dá no véo ligeiro e bello,
Véo por suas mãos bordado,
De um santo ermitão fadado.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Posição geographica do reino de Portugal

Eis aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano:
Esto quiz o céo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando de si fóra; o lá na ardente
Africa estar quicto o não consente.

Esta é a ditosa patria minha amada,
A' qual se o céo me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli commigo.

Esta foi a Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baecho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E n'ella então os incolas primeiros.

LUIZ DE CAMÕES.

Um templo indiano

Seis columnas o portico sustentam,
Entre uma e outra em pedestaes erguidas,
Bronzeas estatuas vêm, que representam
Divindades pagãs, desconhecidas;
Que temor e esperanças alimentam
Nas gentes d'Asia, em sobras envolvidas;
Enleados os Lusos se suspendem,
Nem de assombro, e de susto se defendem.

Sobre leões de bronze alto s'erguiam
Funestas urnas d'inscripções coalhadas,
Em torno aureas alampadas, que ardiam,
Lhes espancam as sombras carregadas;
Com desusado assombro os nautas viam
Em duro jaspe effigies entalhadas
De reis, qu'inda no rosto immobil, quedo,
Ineulcam magestade, inspiram medo.

PADRE JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO. (1)

(1) PADRE JOSÉ ANTONIO MACEDO (Vidé *Selecta Nacional*, parte II, pag. 238, foi o homem mais trabalhador e de mais erudição litteraria do seu tempo. As suas principaes obras poeticas são os poemas: *O Oriente, O Gama, A Meditação, Newton, Viagem Extatica ao Templo da Sabedoria, A Natureza, O Novo Argonauta, Os burros ou o reinado da Sandice.* O catalogo das obras d'este escriptor occupa no *Diccionario* de Innocencio Francisco da Silva 131 paginas. Nas suas obras poeticas ha trechos que revelam incontestavel talento.

A partida

Adeus, Fermindo, adeus augustos lares
Da formosa Lisboa; o leve pinho
Já solta a branca vela aos frescos ares.

Amor, o puro amor do patrio ninho,
Ha muito que me acena, e roga ao fado
Que eu sulque o campo azul do deus marinho.

Eis a náo que já d'um, já d'outro lado
Se deita e se levanta; foge a terra,
E me foges tambem, Fermindo amado.

Da alegre Cintra a desejada terra
Mal appareee, e o valle, que ditoso
De Lilia e Jonia a voz e a lyra eneerra.

Ainda me pareee que saudoso
Te vejo estar na patria derradeira,
Cançando a vista pelo mar undoso.

Já não distingues a real bandeira
Despregada da pôpa, que voando
Deixa no mar inquieto larga esteira.

Sei que te hão de assustar de quando em quando
O vento, os varios climas e o perigo,
De quem tão longos mares vai eortando.

O lenho voador leva comsigo,
E te arranca dos braços n'um só dia
O suspirado irmão, e o caro amigo.

Rijo norte nas cordas assobia,
Quatro vezes do sol os raios puros
Voltaram, e só mar e céo so via.

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA. (1)

O escorbuto

. . . doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, o em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o vêr o crcia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gingivas na bocca, que crescia
A carne, e juntamente apodrccia.

Apodrecia c'um fetido e bruto
Cheiro que o ar visinho inficcionava;
Não tinhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava;
Mas qualquer n'este officio pouco instructo
Pela carne já podre assim cortava,
Como se fôra morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quom a tinha.

LUIZ DE CAMÕES.

(1) MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA *(Alcino Palmireno)*, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, exerceu a profissão de advogado no Rio de Janeiro e de professor de rhetorica e poetica. Nasceu entre os annos de 1735 e 1740 e falleceu no 1.º de novembro de 1814. Ha d'este escriptor diversas composições poeticas, muito estimadas pela naturalidade e correcta linguagem.

Praia da ilha Itaparicana

Outros tambem por modo differente,
Tendo as redes lançadas em um seio,
Nas corôas estão postos firmemente,
Sem que tenham do pelago receio:
Cada qual puxa as cordas diligente,
E os peixes vão fugindo para o meio,
Té que aos impulsos do robusto braço
Vem a colher os miseros no laço.

Nos baixos do mar outros tarrafando,
Álerta a vista, e os passos vagarosos,
Vão uns pequenos peixes apanhando,
Que para o gosto são deliciosos:
Em canoas tambem de quando em quando
Fisgam no anzol alguns, que por gulosos
Ficam perdendo aqui as proprias vidas
Sem o exemplo quererem ter de Midas.

Aqui se acha o marisco saboroso,
Em grande cópia, e de casta vária,
Que para saciar ao appetitoso,
Não se duvida é cousa necessaria:
Tambem se cria lagostim gostoso,
Junto com a ostra que por ordinaria
Não é muito estimada, porém antes
Em tudo cede aos polvos radiantes.

Os camarões não fiquem esquecidos,
Que tendo crús a côr pouco vistosa,
Logo vestem, depois que são cosidos,
A côr do nacar ou da tiria rosa:
Os c'rangueijos nos mangues escondidos
Se mariscam sem arte industriosa,

Busios tambem se vêm do musgo sujos,
Sernambis, moxilhões e caramujos.

(Extrahido do poema Itaparicana).

Fóra da barra

Já vamos longe... os morros bemfazejos
Mettem na bruma os cimos alterosos...
Ventos da tarde, ventos lacrimosos,
Vós sois da patria os derradeiros beijos!

As alvas plagas, os profundos brejos
Ficam além, além! Adeus gostosos
Tormentos do passado! Adeus, oh gosos!
Adeus, oh velhos e infantis desejos!

Na fugitiva luz do sol cadente
Foi-se apagando — ao longo — tristemente
Do Corcovado a magestosa serra:

O mar parece todo um só gemido...
E ou mal sustenho o coração partido;
Oh terras de meus paes! oh minha terra!

Luiz Guimarães. (1)

(1) Luiz Guimarães é o primeiro e mais notavel poeta da geração actual luso brazileira. Posto que a sua educação fosse toda completada na America, nem pelos sentimentos nem pela suavidade, limpidez e correcção da sua linguagem deixa de pertencer á grande pleiade dos poetas contemporaneos que em Portugal se propozeram renovar e restaurar a arte sublime da moderna rima. Entre os numerosos astros d'essa brilhante constellação, Luiz Guimarães fulge como a Syrius, de primeira e excepcional grandeza.

Depois de uma curta passagem pelo jornalismo brazileiro, durante a qual se fez conhecido por diversos volumes de prosa e de verso, o poeta seguiu a carreira diplomatica, e em 1872 achava-se no Chili, addido de embaixada. N'estes ultimos annos tem perma-

A creação do mundo

Lá sobre um alto do nascente mundo,
D'onde as aguas tremendo recuaram,
Quando ouviram a voz do Deus do raio,
Poderosa energia discorrendo
Por entre a denegrida, humida terra,
Que do abysmo a cabeça levantava,
Organisados, moveis entes cria,
Viçosas plantas, de que o globo pasma!
Pelos ventos aromas mil espalham
Os verdejantes ramos seus diffusos,
Que do ar expansivo a vida tiram:
Os zephiros brincões dependurados,
Alegres batem as lascivas azas.
Já d'entre o firme verde labyrintho
Voam, cortando o ar, canoras aves:
Entoando canções em seus gorgeios
Ledas saúdam a menina aurora.
Então amor de prole em laço estreito
As une todas. Laços, que natura
Forjou para os viventes, meigos laços,
Que em vão intenta ferreo fanatismo
Quebrar d'entre os humanos, Deus piedoso,
Eis pelo novo campo vem saltando
Animaes de cem fórmas, cem figuras!

necido em Portugal, na qualidade de secretario da legação do Imperio, tendo já exercido por vezes a interinidade de Ministro plenipotenciario. Na sociedade e nas lettras é estimado e admirado por todos os que conhecem e apreciam o seu altissimo engenho, e a sua formosa alma de poeta.

Publicou — *Historias para gente alegre*, 2 vol.—*Curvas e Zig zagues*, 1 vol.—*Filigranas*, 1 vol.— *Contos sem pretenção*, 1 vol.— *Nocturnos*, 1 vol.— *Biographia do pintor brazileiro Pedro Americo*, 2 vol — *Biographia do maestro brazileiro Carlos Gomes*, 2 vol.

Em via de publicação tem — *Lyra final*, 2 vol. de versos. — *André Vidal*, drama historico, em verso.— *A patria do ideal*, impressões de Roma, 2 vol.

Lá da noite do nada em que jaziam,
Deus lhes faz vêr a luz; a luz que tinha
Do esteril cahos fecundado o scio,
Ah! de prazeres mil gosam contentes.
Que natureza liberal derrama;
Nem austera rasão, injusta e fraca
Os atormenta com seus vãos remorsos.
Por que teu braço aqui não suspendeste,
Ó sábia, compassiva divindade?
A criadora mão parar devera.
Pobres humanos, ah! porque os geraste?
Leves momentos em prazer gastados,
Que os crimes avenenam, sepultados
Jazer deviam no vasio nada!
Nos campos geniaes de Eden formoso,
Gentil morada que nos destinaras,
Ligeiro somno apenas encantaram
Nossos primeiros paes, a quem o fado,
Invejoso! segou em flôr os gosos.

José Bonifacio d'Andrade. (1)

A creação do primeiro homem

Depois de mil mundos
De immensa grandeza,
Que falta? Inda resta
A maior empreza.

Silencio!... Silencio!
Céos! ouvidos dae!
Cahos! Eternidade!
Abysmos! pasmae!

(1) José Bonifacio d'Andrade, um dos fautores da revolução da independencia do Brazil, o primeiro ministro regente da minoridade de D. Pedro II e secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, nasceu na provincia de S. Paulo, no Brazil, a 13 de junho de 1763 e falleceu a 6 de abril de 1838. Escreveu sobre diversos assumptos scientificos. Ha tambem d'elle composições poeticas muito apreciadas. Homem muito respeitado e venerado pelos seus grandes dotes moraes e intellectuaes.

Deus em suas mãos
A argilla tomou:
Argilla! o que és tu?
«O homem já sou».

Homem! quem seria,
Que assim te formou?
«Aquelle que os astros
E a argilla creou.»

Meio-barro ainda,
Entrou a agitar-se:
Existe!... Mas como?
Não sabe explicar-se.

Um suor ligeiro
Então lhe apparece:
Tem vida, elle sente,
Respira, conhece.

Eis a nossa origem,
O que somos nós.
Plantas: escutae-o
Tem vida, tem voz.

Inda mal seguro,
A custo surgiu:
Um pé vacillante
Na terra imprimiu.

FRANCISCO PEREIRA BARRETO. (1)

Soneto romantico

Sôam ao longe as trompas vencedoras;
Vibra o *hallali* na matta rumorosa;
Latem os cães, e a cavalgada airosa
Das elegantes, fortes caçadoras.

Cabello ao ar, altivas, tentadoras,
Qual de Diana a escolta poderosa
Persegue a fera, e açula jubilosa
As matilhas crueis e vingadoras.

(1) FRANCISCO PEREIRA BARRETO, presbytero, cavalleiro da Ordem de Christo e do Cruzeiro, prégador da capella imperial. Nasceu no principio d'este seculo na cidade de Pernambuco. Escreveu sobre sciencias ecclesiasticas e ha d'elle poesias de um subido merecimento.

No emtanto, a castellã, triste e isolada
Á sombra dos frondosos arvoredos
Pallida, loira, casta e enamorada,

Passeia ouvindo os matinaes segredos,
E, como a Margarida da ballada,
Desfolha um malmequer entre os seus dedos.

LUIZ GUIMARÃES.

Retrato de Gonzaga

Já, já me vae, Marilia, branquejando
Louro cabello, que circula a testa:
Este mesmo, que alveja, vae caindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vae fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vae mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;
As forças dos meus membros já se gastam:
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés, o arrastam.

Se algum dia me vires d'esta sorte,
Vê que assim me não poz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

Os primeiros annos da vida do auctor

Entre faixas de pobreza
Meus tristes paes me envolveram;
Desde então, em crua empreza,
Contra mim as mãos se deram
A fortuna e a natureza.

Da tenra mãe abraçado,
Fui em silencio profundo
Com triste pranto banhado;
Já antevia que o mundo
Tinha mais um desgraçado.

Meu bom pae debalde quiz
Enxugar-lhe o pranto ardente,
Que ella, alçando-mo, me diz:
«Vem, ó victima innocente,
Do um amor casto, e infeliz.

«Toma os tristes cabedaes,
Em que teu fado te lança;
Toma pranto, e inuteis ais,
Entra na funesta herança
De teus desgraçados paes.»

Depois que plano caminho
Já meu pé trilhante vae,
Pobre alfayate visinho
De um capoto de meu pae
Me engenhou um capotinho.

Talhando a obra, maldiz
A empreza, que lhe incumbiram,
Fez nigromancias com giz,
Sete vezes lhe cairam
Os oculos do nariz.

Sua obra se consagre
No portal das Barraquinhas
Com grossas lettras de almagre:
Tapou geiras, passou linhas,
Fez um capote e um milagre.

Colxete no cabeção,
Sahi novo Adonis bello,
Figa no coz do calção,
Carrapito no cabello,
E um biscoitinho na mão.

Sobre sizudo gallego,
Que vasa barril fiado,
Já aos trabalhos me entrego:
E em triste pranto lavado,
A' porta de um mestre chego.

Debalde o bom mariola
Doirava rasões pequenas:
Minha dôr não se consola,
Presagio talvez de penas
De outro tempo e de outra escola.

NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA. (1)

---

(1) NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA, professor de rhetorica em Lisboa, official da secretaria d'estado dos negocios do reino, nasceu a 10 de novembro de 1741 em Lisboa, onde falleceu a 24 de junho de 1811. Cursou a Universidade de Coimbra. Descreveu os costumes da sua época em primorosos versos. São as suas obras muito estimadas pela graça e naturalidade com que estao escriptas. Homem de caracter servil e duro de coração, a sua veia satyrica nem poupou o seu proprio mestre. Sendo rico, affectava nos seus escriptos grande pobreza. Garrett, fallando d'elle, diz: «E' poeta eminentemente original no seu genero.» Boileau teve mais força, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de rhetorica.

Uma partida de gamão

Em escura botica encantoados,
Ao som da grossa chuva que caía,
Passavam de janeiro um triste dia
Dois ginjas no gamão encarniçados.

«Corra, visinho, corra-me esses dados,»
Gritava um d'elles, que nem boia via.
De sangue frio o outro lhe dizia,
Mil annexins n'aquelle jogo usados.

Dez vezes falha o misero antiquario;
E ardendo em furia o tremulo velhinho,
Atira c'uma tabola ao contrario.

O mal seguro golpe erra o caminho:
Quebra á melhor garrafa ao botieario,
Que foi só quem perdeu no tal joguinho.

NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA.

Roma

Nil patrium, nisi nomen, habet romanus alumnus

Eis o phantasma excelso e venerando
Da Cidade que a terra viu pasmada,
Como a barca de Christo ameaçada,
Ir nas ondas do seculo boiando.

Aqui outr'ora a liberdade armada
Das victorias do Golgotha baixando,
O sceptro imperial despedaçando
Deu a Roma o buril, a penna e a espada.

Tudo findou. A colossal Senhora
Dos monarchas da terra — dorme agora
Entre os seus capiteis abandonados...

É mudo o Fôro — a Gloria empallidece,
E a propria voz do bronze que estremece
Chora os mortos heroes, — dobra a finados.

LUIZ GUIMARÃES.

Retrato de um peralta e de um ginja

Uma Venus me pediu,
Por quem inda hoje eu peno,
Que lhe fizesse um soneto,
Inda que fosse pequeno.

Dinheiro, invicto dinheiro,
Só em ti é que eu me fundo;
Tens o direito da fôrça,
És o tyranno do mundo.

Amigo, escolhe um peralta,
Corpo esbelto, perna teza,
O chapéo tocando as nuvens,
As fivellas á malteza;

Ornem-lhe louros canudos,
Pendentes com egualdade,
Tenras faces, onde moram
A saude e a mocidade;

Chegue á bocca rubicunda
Cheiroso lenço anilado:
Dê bilhetinho discreto,
De uma novela furtado.

Põe da outra parte um ginja,
Fivella de ouro no pé,
Bom vestido de lemiste,
Boa meia grudifé;

Com oculos no nariz,
Mas com a penna na mão,
Assignando vinte lettras
Para Londres, e Amsterdão.

E dize-me, qual assentas,
Que será o mais querido?
Aposto, que as damas todas
Cuidam que o velho é Cupido?

NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA.

Batalha de Aljubarrota (1)

Deu signal a trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouviu-o o monte Artabro, e o Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouviu-o o Douro e a terra Trantagana,
Correu ao mar o Tejo duvidoso:
E as mães, que o som terrivel escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Quantos rostos alli se vêm sem côr;
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor
E' maior muitas vezes, que o perigo:
E se o não é, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,

(1) O sr. conselheiro Viale considera a narração da batalha de Aljubarrota como uma das mais poeticas e sublimes do immortal poema *Os Lusiadas*.

Faz não sentir. que é perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.

Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala,
Uns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhal-a:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala,
Derriba, e encontra, e a terra emfim semêa
Dos quo a tanto desejam, sendo alheia.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam:
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atrôam:
Recrescem-lhe os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Eis alli seus irmãos contra elle vão:
(Caso feio e cruel!) Mas não se espanta;
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o rei, e a patria se levanta:
D'estes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão que se adianta:
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio, e Magno.

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos,
Se lá no reino escuro de Sumano
Recebêrdes gravissimos castigos:

Dizei-lhe, que tambem dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão:
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão,
Perseguem-no co'as lanças; e elle iroso
Torvado um pouco está, mas não medroso.

Com tôrva vista os vê: mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recreeem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio; alli perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a virtudo contra tanta gente.

Sentiu Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão
Tudo corria, e via e a todos dava,
Com presença e palavras coração.
Qual parida leôa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho só estão,
Sentiu que, em quanto lhe buscara,
O pastor de Massylia lh'os furtara.

Corre raivoso, e freme, o com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atrôa, e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se eguala,

Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Vêdes-me aqui rei vosso, e companheiro
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejae, verdadeiros portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro,
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e d'este unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

Porque eis os seus accessos novamente
D'uma nobre vergonha, e honroso fogo.
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfim: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

A muitos mandam vêr o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
O mestre morre alli de Sant'Iago,
Que fortissimamente pelejava;
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Céo, e os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas, que passam d'este mundo:
E porque mais aqui se amanse, e dome
A soberba do imigo furibundo,

A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Luzitana.

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
A multidão de gente, que parece,
Tem as flôres da propria côr mudadas:
Já as costas dão, e as vidas: já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

O campo vae deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-n'o os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dôr
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágua, da deshonra, e triste nojo
De vêr outrem triumphar de seu despojo.

Alguns vão maldizendo, e blasphemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo:
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubiçoso, e sitibundo,
Que por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do Profundo;
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

LUIZ DE CAMÕES.

Saudade das montanhas

Aqui em frente d'estes descampados,
A rude voz dos velhos lavradores,
Porque minha alma pende com as flôres,
Ou como a velha planta dos vallados?

Descamba o sol, aquietam-se os rumores
Da charrua, da enchada, e dos arados;
Os bois enormes pastam socegados;
Despovôam-se os campos e os arredores...

Sinto gemer-me o coração ferido;
Que dôr é esta que meu peito encerra?
Que dôr formou-te, oh! intimo gemido?

É que n'estas planicies nuas erra
O phantasma solemne ennegrecido
Das montanhas azues da minha terra.

LUIZ GUIMARÃES.

Presente de um perú

Senhora, tambem um dia
Entrarei co'a fronte erguida;
Não serei na vossa mesa
Dependente toda a vida;

Nem sempre abatido pejo
Dirá n'esta cara feia
Quanto doe a um peito altivo
Matar fome em casa alheia;

Airoso, gordo perú,
E' meu soberbo presente:
Traz inda as pennas molhadas
Co'o pranto da minha gente;

No santo dia esperavam,
Quebrando antigo jejum,
Cravar inexpertos dentes
N'este primeiro perum;

A russa, magra Josepha, (1)
Ergueu queixume sentido;
Custou-lhe mais esta ausencia,
Que a do defunto marido.

O louro, alvar galleguinho
Chegou aos olhos seu trapo,
Tinha vistas sobre a carne,
E muitas mais sobre o papo.

Seu almoço requerendo
Em luzindo a madrugada,
Na esquerda, grossa fatia
D'ambas as partes barrada;

Na dextra, com branda cana
O seu pupilo guiava;
Em tenras, publicas malvas,
Para si o apascentava;

Quando lhe mandei trazer-vos
O bom companheiro seu,
Pedindo-me coxos mezes,
Me disse, que o trouxesse eu.

(1) Creada.

Eu o trago; a offerta é pura,
Mas a tenção a envenena;
Traz escondida uma usura,
Maior, que a da meia sena. (1)

Com um sorriso acceitae
O atraiçoado convite;
Vem a morrer uma vez,
Porque muitas resuscite.

Curae todos os domingos
A minha doença interna;
Sobre a mesa milagrosa
Seja esta ave, uma ave eterna;

De outra, que finge a poesia,
Trocae em verdade a peta:
E seja um negro perú
A phenix d'este poeta;

Na ondada, pia toalha,
Co'a benção da vossa mão
Seus frios, despidos ossos,
De carne se cubrirão;

Consenti, que este ôco peito
Ao prodigio se consagre;
E que dentro em si colloque
A mór parte do milagre;

Quanto ao padre prégador, (2)
Meu voto é não convidal-o;
Porque ha de comer o assumpto,
Muito melhor que prégal-o.

NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA.

(1) Partido do jogo.
(2) Capellão da casa.

Madrugada na roça

Dentro da sombra matinal os campos
Riem-se ao fresco pranto da Alvorada,
Sobre a planicie verde e perfumada
Vôa o bando dos tardos pyrilampos.

O arrieiro tonto de preguiça
Desperta apenas, — ao bulir das mattas:
Vem misturar-se o echo das cascatas,
E os lentos dobres da primeira missa.

Sob o veo orvalhado os olhos d'ella
Brilham fitando os meus: ao divisal-os
Cuido que Deus perdeu mais de uma estrella.

Rincham, pulando, os nossos dois cavallos;
E atravez da manhã cheirosa e bella,
Ouve-se o canto festivel dos gallos.

LUIZ GUIMARÃES.

Lance de heroica lealdade do Egas Moniz

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que d'esta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas, amo foi livrado:
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.

Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz: mas não consente o peito
Do moço illustre a outro ser sujeito.

Chegado tinha o praso promettido,
Em que o rei castelhano já aguardava,
Que o principe a seu mando submettido
Lhe désse a obediencia, que esperava:
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida:

E com seus filhos, e mulher se parte,
A alevantar com elles a fiança,
Descalços e despidos, de tal arte,
Que mais móve a piedade, que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o premettido.

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos, e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes,
N'ellas sós experimenta toda sorte
De tormentos, de mortes pelo estylo
Da Scinis, e do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido;

Tal diante do principe indignado
Egas estava a tudo offerecido;
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais poude em fim, que a ira, a piedade.

LUIZ DE CAMÕES.

Uma tempestade

Cortando o golpho Junio proseguia
Seu curso a grega armada, quando irado
Boreas as negras azas sacudia,
Sobre o mar todo em serras levantado.
Euro bramindo o centro revolvia,
Via-se o ar de nuvens coroado,
E o fogo, e confusão, que o inferno imita,
Mostra que o céo no mar se precipita.

Ao longe o mar bramia horrendamente,
Quebrando as ondas, que co'o vento crescem,
Vão-se os aros cerrando, e in-continonte
Da vista o mar, e o céo desapparecem.
Encanece Neptuno, que o valente
Austro as ondas levanta, e quando descem
Deixam-se vêr as grutas, e as montanhas,
Que esconde o mar nas humidas entranhas.

GABRIEL DE CASTRO.

Differentes typos frequentadores de bilhares

Por fugir da cruel melancolia,
Que a estragada cabeça me atropella,
Largando o pobre leito, em que jazia,
Fui sentar-me n'um canto da janella;
D'alli pela miuda gelosia.
Espreitando qual timida donzella,
De tudo quanto vi te darei parte,
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

Mora defronte roto guriteiro,
Com jogo de bilhar, e carambola;
Onde ao domingo o lepido caixeiro
Co'a loja do patrão vai dando á sola;
Gira no liso, verde taboleiro,
De indiano marfim lascada bola,
Erguendo aos ares perigosos saltos:
Chamam-lhe os mestres d'arte *Truques Altos.*

Alli se ajunta bando de casquilhos,
A que o vulgo mordaz chama rafados;
Alto topéte, prenhe dos polvilhos,
Que descalço gallego deu fiados;
De quebrados tafues, vádios filhos,
Pelas vastas tablilhas encostados,
Altercam mil questões; promptos contendem,
Promptos decidem no que nada entendem.

Um quer vêr, enfronhado em picaria,
Silvada testa no andaluz ginete;
Outro prova no chão a ponta fria
De luzidio, virginal florete;
Mais amante da paz, outro elogia
Do bom *Dupré*, o airoso minuete;

E posto em pé, para imitar-lhe os passos,
Altêa o peito, e vae torcendo os braços.

Mais ao longe, com pallida viseira,
Sujo poeta está vociferando;
Da nojosa, empeçada cabelleira,
Varias pontas de palha vem brotando;
Os papeis, que lhe pejam a algibeira,
Vão pelo forro larga porta achando;
Faz da véstia camisa; e é collarinho
Torcido, solitario pescocinho.

Fôra cem vezes em nocturno outeiro
Da sábia Padaria apadrinhado
E diz-se que glosava por dinheiro;
Mas creio que até aqui não tem cobrado:
Seguindo em moço o officio de barbeiro,
E das filhas de Jove namorado,
Abriu ao mundo asperrima batalha,
Tanto co'a penna, como co'a navalha.

Fallou, por affectar musa campestre,
Em surrão e cajado muitas vezes;
Era um flagello este tyranno mestre
Dos ouvidos e face dos freguezes;
Todos os versos leu da estatua equestre,
E todos os famosos entremezes,
Que no Arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'um barbante.

De cançada, rançosa poesia,
Grosso volume na algibeira andava;
Em vendo gente, logo lá corria,
E o fatal cartapacio lhe empurrava;

Acroticos sonetos repetia,
Que só elle entendia, e só louvava;
Punha em prosa tambem muita parola,
E acabava por fim pedindo esmola.

As taes poesias, que a entender não chego,
Podres palavras tom desenterrado:
Se levam nó, é tão occulto, e cego
Que quem quer desatal-o, vae lograd o;
Dizem que imitam n'isto um certo grego,
Gloria de Thebas, Pindaro chamado;
Se isto é assim, a sua lingua de ouro
Seria grega, mas fallava mouro.

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA.

Definição de chanfana

Comprada em asqueroso matadouro
Sanguinosa forçura, quente, o inteira,
E cortada por gorda tavernoira,
Cujo cachaço adorna um cordão d'ouro;

Cabeças de alho com vinagre e louro,
E alguns carvões, que saltam da fogueira,
Fervendo tudo om vasta frigideira,
Co'os indigestos figados de touro;

Suavissimo cheiro, o qual augura
Grato manjar, mas que por causa justa
Dá um sabor, que nem o demo o atura;

Isto é chanfana, e sei quanto ella custa;
Deu-me o berço, dar-me-ia a sepultura,
A não valer-me a vossa mão augusta.

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA.

A tromba do mar (1)

Eu o vi certamente (e não presumo,
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporsinho, e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado um cano ao polo summo
Se via tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

Ia-se pouco a pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes d'agua em si chupava:
Estava-se co'as ondas ondeando,
Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada.
Co'o cargo grande d'agua em si tomava:

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sede ardente:
Chupando, mais e mais se engrossa, e cria,
Alli se enche e se alarga grandemente:

(1) Esta descripção é citada por Humboldt como a mais perfeita que elle conhecia d'este phenomeno maritimo.

Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si, a nuvem negra, que sustenta.

Mas, depois que de tudo se fartou,
O pé, quo tem no mar, a si recolhe,
E pelo céo chovendo emfim vpou;
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas, que tomou;
Mas o sabor do sal lho tira, o tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.

LUIZ DE CAMÕES.

Combate entre dois athletas americanos

Avista-se um com outro: a massa ardente,
Deixam cair com barbaro alarido;
Corresponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda, do mugido:
Aparou Jacaré no escudo ingente
Um duro golpe, que o deixou partido,
E emquanto Juraráca so desvia,
Quebra a massa no chão, com que o batia,

Nem mais espera o Caeté furioso,
E qual onça no ar quando destaca,
Arroja-se ao contrario impetuoso,
E um sobr'outro com as mãos peleja, ataca:
Não póde discernir-se o mais forçoso;
E sem mover-se em torno a gente fraca,
Olham luctando os dois no fero abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

Porém emquanto a lucta persistia,
No sangue em terra lubrico escorrega
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem assim do adversario se despega:
Sobre o chão um com outro ás voltas ia;
E qual o dente, qual o punho emprega,
Até que Jararáca um golpe atira,
Com que rota a cabeça o triste expira.

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO. (1)

Morte de Leandro e Hero (1)

De horrenda cerração c'roada a noite,
Surgira ha muito da ciméria gruta,
Tapando o longo céo co'as azas longas
Reina em meio universo:
Occupam-lhe os degraus do negro throno
A tristeza, o silencio,
O medo, a solidão, o amor, e o crime;
Voam-lhe em roda lugubres phantasmas,
Aves sinistras pousam-lhe no gremio.
Eis manso e manso as nuvens se entumecem
Eis o liquido peso
Rompe os enormes, carregados bojos,
Em torrentes susurra, e cae na terra.
Rebentem furacões, flammejam raios,

(1) FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO, eremita augustiniano, doutor em theologia pela Universidade de Coimbra, natural de Minas-Geraes, provincia do Brazil, nasceu entre os annos de 1718 a 1720 e falleceu a 24 de janeiro de 1784. Escreveu o poema epico o *Caramuru*, que é a sua corôa de gloria. Garrett, fallando do estylo de Durão, diz: «O estylo é ainda por vezes affectado; lá surgem aqui e alli seus gongorismos, mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, ha oitavas belissimas e ainda sublimes.» Santa Rita Durão foi o primeiro poeta que descreveu a opulenta e maravilhosa natureza da America, e os costumes e o sentir dos seus povoadores.

O estrondoso trovão no céo rebrama:
O Hellesponto nas rochas ferve e ronca.
Tu, Abydeno, amante,
Tu vélas n'este horror, com a saudade.
Já corres insoffrido ás ermas praias,
D'onde é teu uso arremessar-te ao pégo,
E, dextro nadador, talhando as vagas,
Teus gosos demandar na opposta margem,
Ao longe em celsa torre, estancia cara
D'Hero, sol dos teus dias,
O brilhante signal, o amigo lume
(Que é no facho d'amor por ella acceso)
Vês entre as sombras scintillar a espaços,
E como que te acena, e te suspira.
Debalde o mar bramindo, o céo troando
Teu impeto ameaçam;
Ardem-te n'alma os sofregos desejos;
Fulgurante illusão, dourando as trevas,
N'um quadro tentador te off'rece aos olhos
Glorias a furto, vividos prazeres,
Doces mysterios, que da luz se temem.
A sagaz esperança
Te reforça, te incita,
Jura aplacar-te o ar, pôr freio ás ondas,
Dar-te aos suspiros da suave amada,
Attento á meiga voz que attrahe, que mente,
No montuoso pélago te arrojas:
A' queda repentina altêa um grito
O Corvo grasnador na dextra parte,
E os eccos despertando ao som medonho,
Gemem nas brutas, cavernosas fragas.
O triste agouro te arripia as carnes,
Teus cabellos erriça;

(1) Esta cantata é um dos mais bellos poemas lyricos que possue a litteratura nacional. Ha n'ella magnificos exemplos de onamatopeas. Pertence ao genero sublime, e é optimo modelo.

Mas prevalece amor, e expulso o medo,
Forças a equorea, tumida braveza.
Metade já do transito afanoso
Industria e robustez vencido haviam:
N'isto a procella horrisona recresce,
Tingem sombras do Inferno os veus da noite,
Que o subito relampago retalha:
Braveja o mar, aos astros se remontam
Serras e serras de fervente espuma;
Carrancudos tufões arrebatados
Dobrando a força, a raiva luctam, berram,
E revolvem do pélago as entranhas:
Rochedo immovel, afferrado á terra,
Rebate apenas o horroroso assalto...
Ah Leandro infeliz! Tu já fraquêas,
A destreza, o vigor, nas mãos, nas plantas
Misero nadador, já te fallecem.
Procuras o distante, o caro lume,
Astro benigno, que te influe e guia,
Olhas, vês que te falta,

Que desappareceu, que jaz extincto:
Suspiras, esmoreces,

Da tua doce luz desamparado.
Invocas o grão Deus, que rege os mares;
De teus rogos não cura immoto e surdo.
Invocas de Nerêo portanto as filhas;
Ellas ardem por ti; mas invejosas
Do objecto encantador, que lhe preferes,
Ás maritimas furias te abandonam.
Hero invocas, e amor, e os ceus e a sorte:
A sorte é implacavel,

Dos males, que dispõe, não se arrepende,
Teus dias signalou de um termo infausto.
Debalde te auxilia o deus mimoso,
O alado creador de teus suspiros,
Dos amorosos bens, que desfructaste;

O facho luminoso em vão menêa
Para encurtar-to as sombras,
E mais facil tornar a undosa estrada;
Em vão co'as azas brandas
Tenta arrasar os orgulhosos mares.
Sobre altos escarcéos o fado escudo
Folga, triumpha, e reina
Punge, ameaça, desespéra os ventos,
Enrola á morte nas horrendas vagas,
Ella, prompta a seu mando, ella accommette
O deploravel moço:
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,
O tardo movimento eis lhe sopêa,
Pelas aguas o embebe, e d'Hero o nome
Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.
Abaixo, acima, co'as cavadas ondas
Vai, vem mil vezos o infeliz mancebo...
Ai! Já sem vida aqui, e alli vaguêa
Á discrição do mar, e o mar com elle
De Sésto ás praias subito arremette:
Dá contra a torro d'Hero, alli rebenta,
E deixa o triste corpo á margem núa.
Tu entretanto, carinhosa amante,
Que fazias (oh Céos!) que imaginava?
Solitaria, anhelando,
Nas trevas espantosas,
Nos soltos ventos, alterosos mares,
Lias de feio azar presagios feios,
Em torno á viva luz, que vigiavas,
(Que em raro véo com arte onvolto havias,
Resguardando-a dos ares indignados)
Em torna á viva luz eis do improviso
Negro insecto voou, zuniu tres vezes,
E á terceira apagou a experta chamma:
(Foi no ponto funesto em que o mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco!)

De repentino assombro espavorida,
Attonita, convulsa,
O agourado clarão não renovaste.
Em ancias implorando os deuses todos,
E mais que todos o que om ti reinava,
A bem do affouto, desvelado amante,
Ao numen indulgente, á mãe piedosa
Mil incensos, mil victimas votaste.
Depois, covando a rovoltosa idéa
Em terriveis imagens,
Ora do moço audaz o usado arrojo
Reprovavas comtigo,
Ora a cega imprudencia maldizias,
Com que em tão desabrida, horrivel noite
A perigosa senha aventuraras...
Ah triste! Contra ti não te conjures;
Foi lei dos fados a imprudencia tua.
Hero desanimada
Mettida em profundissimo lethargo,
Jaz sem tino, e sem voz, até que aponta
A purpurea manhã no céo já ledo.
Farto o cruel destino,
Adelgaçara os ares,
Ao pégo a mansidão restituira,
Depois que a terna victima saudosa
Foi suffocada nas voragens feras.
Elle, o duro oppressor dos desditosos,
Elle do almo prazer, que os dois gosaram,
Está vingado em parte e da vingança
A desesperação commette o resto.
«Hero, ah Hero infeliz! Tu pelas aguas
Humida vista suspirando alongas.
Não vês o nadador por quem desmaias,
O teu bem não fluctua
Pelas ondas desertas:
Eis a consternação te inclina os olhos

Á pedregosa arêa
Onde o desventurado está sem alma.
Que vista!... Que terror!... As alvas carnes
Rotas nas rochas pelo embate undoso,
Inda gotejam sangue; aberta a bocca
Parece que inda quer, que inda procura
Chamar-te, oh Hero, murmurar teu nome!
No espectaculo horrendo
Misera, tu reparas;
Tu... (ceus, não lhe acudis!) tu reconheces
O querido semblante, o corpo amado
Entre as sombras da morte inda formoso:
Com pallidez, que a pinta,
Gritas, arquejas, desesperas, fremes,
Deitas as mãos de neve ás tranças de ouro,
E as tranças d'ouro delirando arrancas.
Levada emfim de um impeto raivoso
Te arremessas da torre, e dás, e entregas
O teu ai derradeiro ao mundo amante.
Lá jazem sobre a arêa luctuosa
As victimas do fado:
Nas angustias mortaes a linda moça
Inda, estendendo os amorosos braços,
Tenta, apertar o suspirado objecto.
Apiedados delphins das ondas surgem,
A altos sons (oh prodigio!) derramando,
Lamentam junto á praia o duro caso;
As mesmas nymphas invejosas d'Hero
Soluçam de pesar nos vitreos lares.
Um marmore padrão se erige em breve;
Compadecidas mãos a historia triste
Gravam na lisa pedra; a pedra existe:
Mas o monstro voraz, que roe penedos,
Comendo em parte a funebre escriptura,
Só deixa soletrar-lhe
O remate piedoso,
Em meus piedosos versos trasladado,

Carpido ao som da lyra:
Inda agora de ouvil-o Amor suspeita.

M. M. B. du Bocage.

Tempestade descripta por Homero (1)

Neptuno falla assim. Toma o tridente,
Nuvens ajunta, o pélago embravece;
E todos solta os ventos, e as procellas.
A um tempo terra e mar de nuvens cobre.
Tolda-se o ceo de subita caligem;
O Euro, o Noto, o Zephiro mais rijo,
E o frio Bóreas, juntamente, irosos,
Se lançam sobre o mar, volvem, revolvem
Tumidas ondas desde o fundo pego.
Ulysses sente já no duro transe
Fallecer-lhe o vigor, minguar-lhe o alento,
Afflicto se lastima, e diz comsigo:
«Ai de mim, infeliz! que desventura
Preparada me está! Quanto eu receio
Que se cumpram da Diva os vaticinios!
No mar, ella dizia, acerbas mágoas
Tens inda de curtir, antes que tornes
Ao patrio solo. Certamente agora
Se cumpre a predicção! De quantas nuvens

(1) Citam-se em litteratura como excellentes modelos de descripção de uma tempestade, a de Homero, no livro v da *Odyssea*, a de Virgilio, no livro i da *Eneida*, e a de Camões, do canto vi dos *Lusiadas*. Virgilio teve por modelo Homero e o excedeu; Camões a Virgilio, e logrou a fortuna de vencer ambos. Ajuntamos estes tres monumentos litterarios para que os leitores os possam facilmente comparar, e tirem d'este confronto lição. Damos do trecho Virgiliano quatro traducções, que são as mais estimadas das muitas que possue a litteratura portugueza do epico romano, para que tambem da sua confrontação adquiram o conhecimento dos differentes modos, por que uma traducção póde ser feita.

Jupiter cobre a abobada celeste!
Que tão revolto mar! quantas tormentas!
Quantos ventos om torno horridos, rugem
Aqui, aqui mo aguarda indubio exicio.
Ditosos gregos, vezes mil ditosos,
Os quo outr'ora valentes, pelejando
Dos atrides em prol, nos teucros campos
A morto arrebatou! N'aquolle dia
Oxalá que eu tivera succumbido
Do meu fado no rigor, quando os troianos
Tantas de ferrea ponta me arrojavam
Lanças em torno do grando Achilles
Inanimado corpo! O meu cadaver
Solemnes honras funebres houvera,
E eu ganhara alta gloria entre os Archivos.
Agora ingloria morte é o meu destino.»
Quando fallava assim, eis repentina
Horrenda, immonsa vaga o impelle do alto:
A jangada sossobra, o longo d'ella
Caiu Ulysses, que das mãos, invicto,
Largado tinha o leme. Uma rajada
De oppostos ventos, pelo meio, o mastro
Lhe quebrou com furor, e a grão distancia
No mar lançou, bramindo, antenna e vela.

(*Odyssea*, livro v, versos 291 a 318).

(*Traducção de A. J. V. L.*)

Tempestade descripta por Virgilio

Co'o couto do bastão, assim fallando,
A um lado fere a cavernosa serra,
E da prisão escura arrebatando
Soltos os ventos saem varrendo a terra:
Em esquadrão horrisono bramando
Se arrojam sobre o mar com dura guerra,

Unidos o Euro, o Noto, Africo horrendo,
Vastas ondas nas praias revolvendo.

Com gritos n'isto a gente o céo feria,
E os ventos pela enxarcia assoviavam.
Dos olhos dos troianos foge o dia,
E os polos de improviso se enluctavam:
Nos raios de Vulcano o fogo ardia,
E co'os feros trovões os ceus bramavam;
Em tanta confusão, e sombra escura,
Presente a morte a todos se affigura.

Vendo Enéas os mares procellosos,
De temor se foi logo congelando,
E erguendo as mãos aos astros luminosos
Taes cousas diz, seus fados lamentando:
«O' tres, e quatro vezes venturosos,
Os que morrer poderam pelejando,
Á vista de seus paes, junto dos altos
Muros de Troia em marciaes assaltos.

«O' Tydides dos dânaos o mais forte,
Que eu dos campos troianos escapasse,
E me impedisse a minha iniqua sorte,
Que tua dextra esta alma derramasse!
Onde Achilles ao forte Heitor deu morte,
E o grão Sarpédon jaz, onde egualasse,
Esforçados varões, que do Simoente
Entre as armas envolvê a grão corrente!»

Isto dizendo undisona procella,
Dos aquilonios sopros impellida,
Em pedaços lhe fez a inchada vella,
Que abaixo vem da antena dividida;
Levantam-se ondas mil a cada estrella,
Quebram-se os remos, pende a nau, rendida,

De agua um monte o costado então batendo
Pelo roto convez o vai bebendo.

Uns sobre as altas nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo,
Outros a vêr parece que desciam
As intimas entranhas do profundo:
Os mares com o estrepito ferviam
E movendo as areias do mais fundo,
Mostravam bem ter já os sonoros ventos
Abalados da terra os fundamentos.

Em umas rochas onde o mar rebenta
(Cobertas d'elle então) a que o piloto
Italo chama altares, atormenta
Tres naus horrivelmente o irado Noto:
Tres, lastimosa cousa, a turbuleuta
Furia do Euro, com grande terramoto,
Sobre as Syrtes arroja, onde as rodeia
Co'um grande marachão de undante areia.

Deixando o pio Eneas assombrado,
De seus olhos um grande mar defronte,
Pela pôpa a nau fere, em que embarcado
Ia co'os lycios o fiel Oronte:
Cae o piloto ao mar precipitado,
E na mesma paragem, de agua um monte,
Tres vezes a submerge, e furibundo
Um remoinho a mette no profundo.

Raros no vasto mar se veem nadando;
As viris armas, taboas, e a riqueza
Troiana entregue ás ondas, fluctuando
Traz dos medonhos ventos a braveza:
Já vence a tempestade sibilando
Da nau de Ilionéo a fortaleza,

Vence a do forte Achates, o arrogante
A do grandevo Alethes, a de Abante.

Todas tomando vão por cada lado
A agua inimiga, abortas as junturas;
Infinita descendo do enlutado
Pólo, e subindo immensa a essas alturas:
Sentiu Neptuno então o mar turbado,
Ouviu da tempestade as forças duras,
E acudindo indignado á furia horrivel,
Sobre o mar a cabeça ergue aprazivel.

(Traducção de João Franco Barreto).

Tempestade descripta por Virgilio

Como isto disse, o cavo monte a um lado
Com o conto da lança impelle, e os ventos
N'um grupo feitos, por onde acham porta,
Rompem, o remoinhando a terra assolam,
Deitam-se ao mar; e lá no fundo Icito
Todo ante si o trazom Euro e Noto,
E o Africo, em procellas crebro, e as praias
Arremessam rolando vastas ondas.
Eis se levanta a nautica colêuma
E o stridor das enxarcias; densas nuvens
O céo e o dia de repente occultam
Aos olhos dos troianos: atra noite
Se estende sobre o mar. Os polos troam,
Todo o ar com crebros raios resplandece:
Tudo a morto apresenta aos navegantes
N'isto Eneas, d'um frio horror tomado,
Geme, e ambas as mãos aos céos erguendo,
«Oh mil vezes, exclama, venturosos
Os que de Troia junto aos altos marcs
A' vista de seus paes morrer poderam!

Oh de todos os Dânaos o mais forte,
Tydides, que eu a sorte não tivesse
De, nos campos Iliacos, pugnando,
Succumbir do teu braço aos duros golpes,
E o espirito exhalar! onde prostrado
Jaz o valente Heitor do Achilleo ferro;
Onde o ingente Sarpédon, onde tantos
Escudos, capacetes, e robustos
Corpos d'heroes nas ondas volve o Simois.»
Não acabava, quando uma rajada
De violento aquilão, bramindo opposta,
Lhe rompe a vela, e as ondas ergue aos astros.
Espedaçam-se os remos; de repente
Vira-se a prôa, e dá o lado ás ondas.
Immenso d'agua um monte se ergue a prumo:
Estes no alto da vaga estão pendentes,
Aquelles, largo hiato o mar abrindo,
Mostra a terra entre as ondas: os marulhos
Co'as ferventes arêas se enfurecem.
Tres náos arrebatando, as leva, e impelle
Contra uns cegos penedos Noto irado,
Penedos que no meio estão das ondas,
(Os italos lhe dão o nome d'aras)
E teem á flôr do mar o dorso enorme.
Tres Euro do alto arroja ás baixas Syrtes,
E, encalhadas nos váos (piedosa vista!)
Com um montão d'arêa em torno as cinge,
A, que os Lycios trazia e o fido Oronte,
Ante os olhos de Eneas vaga ingente
De cima despenhando-se, lhe bate
Vertical sobre a pôpa: sacudido,
Cae de cabeça o mestre. E o mar, com ella
Alli mesmo tres circulos fazendo
Em redemoinho rapido, a devora,
Raros no vasto mar, nadando, assomam,
Armas, quadros, Iliacas riquezas
Sobre as ondas boiando. A náo possante

De Ilionêo, e as do forte Achates e Abas,
O temporal as destroçou; e, abertas
As juncturas dos lados, por mil rombos
As inimigas ondas vão bebendo.
Com grã murmurio em tanto o mar turbar-se
Sentiu Neptuno, e os furacões á solta,
E agitados os intimos remansos:
Tomado d'alta colera, levanta
Acima d'agua a placida cabeça
E, pelo pégo os olhos alongando,
Por todo o equóreo campo dispersada
A frota vê d'Eneas, e os troianos
Sossobrados das ondas, e da furia
Da tormenta, em que o céo se desfazia.

(*Traducção de Barreto Feio*).

Tempestade descripta por Virgilio

Eis em horrida pinha os ventos ruem,
E em turbilhão ruidoso as terras varrem.
Noto, Euro, Africo horrivel em tormentas,
Jogam-se ao mar, em serras o revolvem
Umas sobre outras atirando ás praias:
Grita pallida a gente, enxarcias zunem,
Subito morre o dia, os Céos se toldam,
Jaz sobre o mar o horror da noite escura,
Ribomba o polo, os raios fervem no ether;
Tudo mostra aos varões presente a morte.
Então Eneas frigido esmorece;
Geme, e, supplica, as mãos alçando aos astros,
Tal clamor arrancou do afflicto peito:
«Oh mil vezes feliz quem junto a Troia
Perdeu a vida defendendo a patria!

Oh Tydide, o mais forto d'entre os gregos,
Que nos campos de Ilion findar não pude,
Tuas valentes mãos dando-me a morte,
Ondo Heitor grande jaz, matando-o Achilles,
Onde o alto Sarpédon e cruento o Xanto
Broqueis, morriões, heroes na onda arrebata!»
Eis de Aquilo um tufão as velas rompe,
E as vagas joga horrisono ás estrollas;
Quebram-se os remos, pula o mar em montes;
Atravessa-se a nau, subito adorna.
Umas do alto das ondas se desbruçam;
Outras, aberto o mar, as penhas roçam;
Iroso o esto remoinha imas areias.
Euro tres abalrôa em rocha occulta,
Com tres atira Noto ás baixas Syrtes,
Quebra-as, na areia as crava (era dôr vêl-as:)
Lá vem grosso cachão, que em cheio encontra
A popa á Lycia náo de Oronto fido:
Cae o piloto de cabeça ao pego;
Tres vezes redopia o lenho infausto
Té que ante Eneas o sorveu um vortice,
Poucos nadar se vêem no amplo dos mares,
Restos da nau, riqueza, e armas de Troia,
Já cede a do Ilionêo, posto que altiva,
E a do grandevo Alethe á grã tormenta,
Cede a do forte Achate, a do alto Abante.
Relacham-se do bojo as conjuncturas,
E dão passage ás vagas inimigas.
Mugir Neptuno então ouvo as procellas,
Revolto o mar no fundo: enche-se de ira
E ergue das aguas magestosas a fronte.
Vê dispersas fluctuar as náos troianas,
Do pêgo, e dos tufões atroz ludilibrio;
Logo os dolos colheu, e iras de Juno.

(Traducção de Lima Leitão).

Tempestade descripta por Virgilio

Disse; e um revez do conto a cava serra
A um lado impelle: em turbilhão, cerrados
N'um grupo os ventos, dada a porta, ruem,
As terras varejando. Ao mar carregam,
E horrisonos revolvem-lhe as entranhas
Nôto mais Euro, e de borrascas fertil
Africo; ás praias vastas ondas rolam.
Homens gritam, zunindo a enxarcia ringe.
Some-se ao nauta o ceo, tolda-se o dia:
Pousa no pélago atra noite; os polos
Troam, o ether fuzila em crebros raios;
Tudo ameaça aos varões presente a morte.
Frigido, arripiado, Eneas gome,
E alça as palmas e exclama: «Afortunados
Oh! tres e quatro vezes, d'Ilio ás abas,
Os que aos olhos paternos feneceram!
Ó dos Dânaos fortissimo Tydides,
A alma em Troia vertendo-me essa dextra,
Não ficar eu nos campos, onde o bravo
Heitor d'Eacide ás lançadas, onde
Sarpédon jaz magnanimo, onde o Simois
Corpos e elmos de heroes e escudos tantos
Arrebatados na corrente volve!»
Bradava; e a sibilar ponteiro Bóreas
Rasga o panno, e a mareta aos astros joga.
Remos estalam; cruza a prôa, o a bórdo
Rende; escarpado fluido monte empina-se:
As náos já no escarcéo pendem, já descem
N'um sorvedouro á terra entre marouços;
Remoinha o ésto na revolta areia,
Tres rouba Nôto e avexa n'uns abrolhos,
Abrolhos sob o mar, que Italos aras
Nomêam, dorso horrendo ao lume d'agua;
Tres no parcel (que lastima!) Euro esbarra,

Encalha em váos, de marachões rodeia,
Uma, em que Oronte fido e os Lycios vinham,
Ante Enéas, d'avanto humido rolo,
Do maior pino desabando, em popa
Fere-a; do baque o prono mestre vôlto
Cae de cabeça. O vagalhão tres vezes
Torce a, revira, um vortice a devora.
Raros no vasto pégo a nadar surdem;
Taboas e armas viris e alfaias troicas,
Prêa das ondas. A tormenta escala
A nau robusta de Ilioneu, de Abante,
As de Alethes grandevo e Achates forte:
Todas, frouxadas as juncturas, sorvem
A inimiga torrente, e em fendas gretam.
Mugir seu reino e o temporal desfeito,
Cachões do imo a brotar, sentiu Neptuno,
Torvo, abalado, e acodo acima e exalta
A placida cabeça. A frota esparsa
Vê sossobrando, oppressos os Troianos
Da marejada e do ruido ethereo.
De Juno irosa o dolo o irmão percebe:
Euro e Zéphyro chama: «Herdastes, ventos,
Tal presumpção, que sem meu nume, ousados,
Terra e céo confundisse e equoreas brenhas?
Eu vos... Mas insta abonançar as vagas:
Caro m'o pagareis, guardo o castigo.

(Traducção de Manuel Odorico Mendes).

Uma tempestade

Mas n'este passo assim promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros d'uma e d'outra banda:

E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
«Alerta, disse, estai; que o vento crece
D'aquella nuvem negra, que apparece.»

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, o subita procella:
«Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.»
Não esperam os ventos indignados,
Que amainassem; mas, juntos dando n'ella,
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceu ser destruido.

O céo fere com gritos n'isto a gente,
Com subito temor, e desaccordo;
Que, no romper da vela, a nau pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo:
«Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte accordo,
Vão outros dar á bomba não cessando:
A bomba, que nos imos alagando.»

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram á nau, n'um bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros, e forçosos
A manear o leme não bastaram,
Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens força, e arte.

Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:

Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'um batel
Mostra a possante nau, que move a espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto.

A nau grande, em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle, quo a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nau de Coelho com roceio;
Com quanto teve o mestre tanto tento
Que primou amainou, quo désso o vento.

Agora sobro as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a vêr, parece, que desciam
A's intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquillo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra, e feia se allumia
Co'os raios, em quc o polo todo ardia.

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram:
Os dolphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixam star seguros.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:

Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No grão diluvio, d'onde sós viveram
Os dois, que em gente as pedras converteram.

Quantos montes então que derribaram
As ondas, que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidaram,
Que nunca para o céu fossem viradas,
Nem as fundas areias, que podessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

LUIZ DE CAMÕES.

Mez de Janeiro

Tyranno mez, não te bastavam frios,
Nem vis catharros, de que vens armado?
Queres tambem que marchem a teu lado
Co'os mandados nas mãos os senhorios?

Em pobre throno de caixões vasios,
Na praço do Deposito assentado,
Gostas de ouvir porteiro enganiçado
Mettendo a trote os alugueis tardios?

Embora seja assim; malsins ingratos
Comboiem pela suja Gotovia
Os penhorados domingueiros fatos;

Mas não juntes o escarneo á tyrannia;
Não mandes que entre tantos desacatos
Te chamemos o Mez da Cortezia.

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA.

Um condemnado á morte

Ao crébro som do lugubre instrumento
Com tardo pé caminha o delinquente;
Um Deus consolador, um Deus clemente,
Lhe inspira lhe minora o soffrimento.

Duro nó pelas mãos do algoz cruento
Estreitar-se no collo o réo já sente;
Multiplicada a morte, ancêa a mente,
Bate horror sobre horror no pensamento.

Olhos e ais dirigindo á Divindade,
Sóbe, envolto nas sombras da tristeza,
Ao termo expiador da iniquidade.

Das leis se cumpre a salutar dureza;
Sáe a alma d'entre o véo da humanidade;
Folga a justiça, e geme a natureza.

MANUEL M. B. DU BOCAGE.

Um monstro de fealdade

Tem negra côr, cabello retorcido,
Fundidos olhos, testa abreviada,
E no beiço o bigode sae comprido,
No largo queixo a barba tosquiada,
Grosso e rombo o nariz, e denegrido,
De sulcos profundissimos lavrada
A triste face, e de verrugas cheia,
Que a menor fealdade era ser feia.

Já deita sangue mais que de uma fonte;
Já a mão não rege a espada, e sempre esteve
Sem perder a braveza, que defronte
Com quantos se lho oppõem bravo se atreve;
Contra todos levanta a altiva fronte,
Faz tudo quanto o valeroso deve,
E quando vê do todo que desmaia,
Escolhe um, a que mate, e com que caia.

Cae sem alento, e tendo vomitado
A alma, e sangue, n'ollo o corpo vira,
Dando o peito ferido um apressado
Anhelar congoxoso, com que expira:
Ainda o escudo assim tinha embraçado,
E a espada no pulso, o quem o vira,
Cuidara, que era vivo, e está de modo
Que era uma só ferida o corpo todo.

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO. (1)

Retrato do proprio auctor

Magro, de olhos azues, earão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno:

(1) GABRIEL PEREIRA DE CASTRO, cavalleiro da Ordem de Christo, doutor, desembargador da Relação do Porto e da casa da supplicação de Lisboa, nasceu em Braga a 7 de fevereiro de 1571, e falleceu em Lisboa a 18 de outubro de 1632. Jaz no extincto mosteiro de S. Vicente de Fóra. Escreveu em latim, hespanhol e portuguez. A sua obra principal é o poema heroico *Ulyssea ou Lisboa edificada*. Tem magnificos versos, porém superabundam n'elles descripções, por vezes tão viçosas de imagens e subejidões de estylo (defeito predominante da época) que faz que a sua leitura fatigue e canse.

Incapaz de assistir n'um só terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura;
Bebendo em niveas mãos por taça escura
De zelos infernaes lethal veneno:

Devoto insensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) n'um só momento,
E sómente no altar amando os frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento,
Saíram d'elle mesmo estas verdades
N'um dia em que se achou mais pachorrento.

M. M. B. DU BOCAGE.

Um logar nos arrabaldes de Lisboa

Junto d'onde compete caudaloso
O Tejo co'a soberba do Oceano,
Pedindo cada qual tributo undoso,
Em aguas um, em glorias outro ufano;
Jaz de Chellin o valle, que furioso
Neptuno um tempo dominou tyranno;
E, dando-lhe hoje Flora leis melhores,
Chellas se chama, sendo mar de flôres.

Alli sitio agradavel se estendia
Que terra, e mar benignos ajuntava,
Porque as aguas Vertumno enverdecia,
Quando as hervas Neptuno prateava.
Remando o pescador pomos colhia,
Segando o lavrador coraes cortava,
Servindo-lhes diadema em largo giro
Céo de esmeralda em campo de safiro.

Este logar a fama inda venera
De Chiron academia peregrina,
Onde a astronomia Alcides aprendera
E o famoso Esculapio a medicina.
Thetis o amado filho alli trouxera,
Porque Chiron lhe désse alta doutrina
Alli Chiron a lyra exercitava,
E d'ella o sitio Chelis se chamava.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO. (1)

O gigante Adamastor (2)

Porém já cinco soes eram passados,
Que d'ali nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando uma noite estando descuidados
Na cortadora prôa vigiando,

(1) ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO, fidalgo da casa real, doutor em direito, desembargador da casa da Supplicação, embaixador dos estados da Hollanda, secretario de estado d'el-rei D. Affonso VI, nasceu na cidade do Porto a 15 de dezembro de 1606, e falleceu em Lisboa no 1.º de novembro de 1682. Escreveu grande numero de obras em differentes idiomas e em diversos generos. A sua principal composição è o poema heroico *Ulyssipo*, dividido em treze cantos, em oitava rima. Superabunda este poema em descripções, que era o gosto da época. Todo o pretexto se aproveitava para se fazer uma estirada descripção, embora o assumpto a não requeresse. Este auctor não está isento de sobejidões de estylo, e os mais defeitos da época. As obras d'este escriptor, em prosa, são em geral sobre assumptos politicos e historicos.

(2) Camões na sua feliz creação do *Gigante Adamastor*, accendeu n'outros talentos a idéa de assimilhar os rochedos á fórma humana. São muito notaveis as duas composições poeticas que existem. O rochedo denominado o *Pão de Assucar*, situado á entrada da cidade do Rio de Janeiro. Damol-as em seguida á de Luiz de Camões para d'ellas o professor tirar lição muito proveitosa, demonstrando como sobre um assumpto similhante se podem formar composições diversas, tendo todas o cunho da originalidade.

Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos corações um grande medo:
Bramindo o longo mar do longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
«O' Potostade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou quo segredo
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece, que tormenta?»

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha o má, e a côr terrena o pallida,
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes ostranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
C'um tom de voz nos falla horrendo o grosso
Que pareceu sair do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi, o a todos, só de ouvil-o e vêl-o.

LUIZ DE CAMÕES.

O gigante de pedra

A cidade que alli vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genios, que assi o quiz a sorte.

Terá pelo seu porto desmarcado,
A feira do ouro, o emporio frequentado,
Aptissimo ao commercio; pois profundo
Póde as frotas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso germe airoso
Lá de Lysia o logar mais venturoso;
Pois dos Lusos-Brasilicos um dia
O centro deve ser da monarchia
Vêdes na foz aquelle que, apparece,
Ponti-agudo e escarpado? Pois parece
Que deu-lhe a providente natureza,
Além das obras d'arte, por defeza.
Na derrocada penha transformado
Nubigena membrudo, sempre armado.
De face negra e torva; e mais se.o c'rôa
Neve, e trovões, e raios, com que atrôa:
Que co'a fronte no céo, no mar os rastros
Atrevido ameaça o pégo e os astros;
Se os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem, dir-se-ia
Que era um d'esses Alcides gigante,
Que inventou escalar o céo brilhante;
Que das deusas do Olympo enamorado,
Foi ao mar por audaz precipitado:
E as Deusas por acinte lá de cima
Lhe enxovalham de neve a catadura.
Do seio pois das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar té o horisonte,
Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto avisa, e previne-se o perigo.

FREI FRANCISCO DE S: CARLOS. (1)

(1) FREI FRANCISCO DE S. CARLOS, franciscano, prégador regio, professor de rhetorica e poetica, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 13 de agosto de 1763, e morreu a 6 de maio de 1829. Ha d'elle impresso um bello sermão prégado nas exequias de D. Maria I, e um poema em oito cantos, composto em honra da Santissima Virgem, de que o trecho citado é extraído.

Outra descripção do mesmo gigante

Gigante orgulhoso, de fero semblante
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios sómente poderam fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devera cuidoso, sanhudo levar;
O raio passando o deixou fulminado,
E á aurora, que surge, não ha de acordar!

Co'os braços no peito cruzados, nervosos,
Mais altos que as nuvens, os ceus a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevam do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultam immensos: só Deus poderá
Rebeldè lançal-o dos montes erguidos,
Curvados ao peso, que sobre lh'está.

E o céo e as estrellas e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudario são nevoas algentes,
E o crepe, que o cobre, são negros bulcões.

Da noite que surge no manto fagueiro
Quiz Deus que se erguesse, de junto a seus pés,
A cruz sempre viva do sul no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumam-n'o odores que as flôres exhalam,
Befejam-n'o carmes de um hymno de amor
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalam,
Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha deitado, dormido
Campeia o gigante, — nem póde acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!

Banha o sol os horisontes,
Trepa os castellos dos ceus,
Aclara serras e fontes,
Vigia os dominios seus:
Já descae p'ra o occidente,
E em globo de fogo ardente
Vai-se no mar esconder;
E lá campeia o gigante,
Sem destorcer o semblante,
Immovel, mudo a jazer!

Vem a noite após o dia,
Vem o silencio, o frescor,
E a brisa leve e macia,
Que lhe suspira ao redor;
E da noite entre os negrores,
Das estrellas os folgores
Brilham na face do mar:
Brilha a lua scintillante,
E sempre mudo o gigante,
Immovel, sem acordar!

Depois outro sol desponta,
E outra noite tambem,
Outra lua que aos céos monta,
Outro sol que após lhe vem:

Após um dia outro dia,
Noite após noite sombria,
Após a luz o bulcão,
E sempre o duro gigante,
Immovel, mudo, constante
Na calma e na cerração!

Corre o tempo fugidio,
Vem das aguas a estação,
Após ella o quente estio;
E na calma do verão
Crescem folhas, vingam flôres,
Entre galas e verdores
Sazonam-se fructos mil.
Cobrem-se os prados de relva,
Murmura o vento na selva,
Azulam-se os céos de anil!

Tornam prados a despir-se,
Tornam flôres a murchar,
Tornam de novo a vestir-se,
Tornam depois a seccar;
E como a gota filtrada
De uma abobada escavada
Sempre, incessante a cair,
Tombam as horas e os dias,
Como phantasmas sombrias;
Nos abysmos do porvir!

E no feretro de montes
Inconcusso, immovel, fito,
Escurece os horisontes
O gigante de granito:
Com soberba indifferença
Sente extincta a antiga crença
Dos Tamoios, dos Pagés;

Nem vê que duras desgraças,
Que luctas de novas raças
Se lhe atropellam aos pés!

E lá na montanha deitado dormido
Campeia o gigante, — nem póde acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar!...

ANTONIO GONÇALVES DIAS. (1)

Terna despedida (2)

Partimo-nos assim do santo templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
D'onde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó rei, que se contemplo
Como fui d'estas praias apartado,
Cheio dentro de duvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

(1) ANTONIO GONÇALVES DIAS, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, cavalleiro da ordem da Rosa, professor da historia e latinidade no imperial collegio de Pedro II do Rio de Janeiro e encarregado de diversas commissões litterarias no estrangeiro, nasceu em 11 de agosto de 1823 e falleceu a 3 de novembro de 1864. Cultivou a poesia com geral applauso. As suas obras acham-se colleccionadas. D'este inspirado e harmonioso poeta exprime-se da seguinte maneira o eminente critico, seu compatriota, o sr. Francisco Sotero dos Reis: «Era o maior poeta lyrico dos nossos dias nos dois paizes da lingua portugueza; e com effeito, nenhum dos poetas lyricos, seus contemporaneos, quer no Brazil, quer em Portugal, levantou a voz tão alto, tomou tons tão variados e apresentou ainda tanta poesia de estylo, como elle o fez nos seus admiraveis quadros dos Primeiros, Segundos e Ultimos Cantos.»

(2) O poeta n'estes sentidos versos descreve as lagrimas e choros que houve em Belem, no dia da partida de Vasco de Gama e mais argonautas, ao descobrimento do caminho maritimo para a India.

A gente da cidade aquelle dia
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por vêr sómente) concorria,
Saudosos na vista, e descontentes;
E nós co'a virtuosa companhia
De mil roligiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deus orando,
Para os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho, e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'um choro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam:
Mães, esposas, irmãs, (que o temeroso
Amor mais desconfia) accrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a vêr tão cedo.

Qual vai dizendo: O' filho, a quom eu tinha
Só para refrigerio o doce amparo
D'esta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso, e amaro:
Porque me deixas misera, e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho caro,
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?»

Qual em cabello: «O' doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor, que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha, e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis, que com as vélas levo o vento?»

N'estas e outras palavras, que diziam,
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a edade,
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi ouvidos de alta piedade:
A branca areia as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se egualavam.

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, n'este estado;
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determinei de assi nos embarearmos
Sem o despedimento costumado,
Que, postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

LUIZ DE CAMÕES.

Deus!

Eu me lembro! eu me lembro! Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E, erguendo o dorso altivo sacudia
A branca espuma para o céo sereno.

E eu disse a minha mãe n'esse momento:
— «Que dura orchestra! que furor insano!
Que póde haver maior que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?»

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céus
E respondeu: — «Um ser que nós não vemos

E' maior do que o mar, que nós tememos,
Mais forte do que o tufão! Meu filho, é Deus!»

CASIMIRO D'ABREU (1).

Torneio dos doze de Inglaterra (2)

Já n'um sublime, e publico theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte:
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço, e d'animo mais forte
Outros doze sair, como os Inglezes,
No campo contra os onze Portuguezes.

(1) CASIMIRO JOSÉ MARQUES DE ABREU, grande poeta brazileiro, que a morte arrebatou na flôr da edade. Nasceu a 4 de janeiro de 1831 na barra de S. João. Seu pae era negociante, e destinou-o á sua profissão. O genio, porém, de Casimiro de Abreu, havia nascido com azas para remontar ás grandes alturas, e por isso mal se accommodava no encerro dos escriptorios de commercio. Tendo vindo a Lisboa em 1851, aqui publicou nas folhas periodicas algumas das suas poesias, sendo logo reputado como um d'aquelles que faziam renascer com novo brilho a poesia brazileira. Voltando á patria, que elle cantara longe d'ella em maviosas e melancolicas strophes, dentro em pouco se sentiu accommettido de uma tysica pulmonar que lhe minou a existencia. Falleceu no dia 18 de outubro de 1860. Publicou um livro de sentidas e suaves poesias, que intitulou as *Primaveras* — de que se imprimiu em Lisboa uma nova ed ção do anno de 1883.

(2) E' tradição historica que no reinado de D. João I doze cavalleiros da alta aristocracia ingleza chamaram feias ás damas do palacio na côrte de Inglaterra. Não tendo aquellas illustres damas encontrado, entre os seus compatriotas, quem as quizesse deaffrontar de tamanha injuria, rogaram ao duque de Lencastre o laval-as de tão grande desacato. Acceitou o duque tão nobre missão e logo convidou para tal fim doze cavalleiros da alta aristocracia portugueza. A descripção d'este glorioso repto é o objecto d'este elegante episodio do nosso epico, sempre admiravel.

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz semblante:
Estava o sol nas armas rutilando,
Como em crystal, ou rigido diamante:
Mas enxerga-se n'um e n'outro bando
Partido desegual, e dissonanto
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Viram todos o rosto, aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra um cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei, e ás damas falla, e logo se ia
Para os onze; quo este era o grã Magriço;
Abraça os companheiros, como amigos,
A quem não falta certos nos perigos,

A dama, como ouviu, que esto era aquelle,
Que vinha defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste ali do animal do Holle,
Quo a gente bruta, mais que virtude, ama.
Já dão signal, e o som da turba impello
Os bellicosos animos, que inflamma,
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrepito parece,
Que faz, que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremeco,
De quem os olha, se alvoroça, e teme:
Qual do cavallo vôa; que não dece:
Qual, co'o cavallo em terra dando, gome:
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas,

Algum d'ali tomou perpetuo somno,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vae sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cae a soberba ingleza do seu throno;
Que dois, ou tres, já fóra vão do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já, que arnez, escudo, e malha.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
E' d'esses gastadores, que sabemos,
Maus do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos,
Que com finezas altas e afamadas
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LUIZ DE CAMÕES.

Recordação saudosa

Quando o sol encoberto vae mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa,
Ao longo de uma praia deleitosa.
Vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi os cabellos concertando;
Ali co'a mão na face, tão formosa:
Aqui fallando alegre, ali cuidosa;
Agora estando queda, agora andando.

Aqui esteve sentada, ali me viu,
Erguendo aquelles olhos, tão isentos;
Commovida aqui um pouco, ali segura.

Aqui se entristeceu, ali se riu;
E, emfim, n'estes cansados pensamentos
Passo esta vida vã, que sempre dura.

LUIZ DE CAMÕES.

15

LYRICA

A cruz mutilada

Amo-te, oh cruz, no vertice firmada
De esplendidas egrejas;
Amo-te quando á noite, sobre a campa,
Juncto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te quando em prestito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no ataúde,
Guias ao cemiterio;
Amo-te, oh cruz, até, quando no valle
Negrejas triste e só,
Nuncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó:

Porém quando mais te amo,
Oh cruz do meu Senhor,
É, se te encontro á tarde,
Antes de o sol se pôr,
Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando á luz fenece
Se estira á tua sombra,

E o dia, ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura.

A. Herculano. (1)

A um rico que passava

Senhor, em nome do céu
Um triste pae vos implora:
Por Deus, por Nossa Senhora,
Ouví-me, olhai-me: sou eu.

Uma filhinha, uma aurora
— Que doce olhar era o seu!
N'estes meus braços morreu
Morreu-me, senhor, agora.

Vós, cujos filhos ridentes,
Dormem fartos e contentes
— Loiros thesouros de amor

Entre nuvens de escumilha —
Para enterrar minha filha
Dae-me uma esmola, senhor.

Luiz de Magalhães.

---

(1) Vid. a nota biographica, a pag. 94 da 1.ª parte d'esta *Selecta*, (7.ª edição).

O mendigo

O sol passa nos céos: — sob o carvalho,
Por cujos troncos se pendura a vide,
Cego ancião,
Mirrada dextra supplice estendendo,
Ao passageiro que o despresa, implora
Do opprobio o pão.

Ninguem o escuta, o dia fogo, e a noite
Involve a luz n'um manto impenetravel:
E ello chorou:
E em seus andrajos, para choça alpestre,
Sem se queixar de Deus, tardios passos
Encaminhou:

Mas antes que chegasse ao pobre albergue,
Do presbyterio o sino harmonioso
Soar ouvia,
Que, despedindo em roda os sons pausados,
Convidava os fieis a erguer as preces
Da Ave Maria.

A' cruz do adro relvoso as mãos mirradas
O velho ergueu, e ao céo inuteis olhos
E uma oração,
A oração do infeliz, que Deus só ouve
Quando o desdenha o mundo, e ludibria
Sua afflicção.

Para o velho a existencia é solitaria,
Bem como a fonte que esgotou o estio,
Onde os pastores
Vinham a saciar o manso gado;
Onde contavam penas e prazeres
Dos seus amores.

A alampada na egreja triste e muda
Bruxuleava seu clarão, pendendo
Ante o altar-mór:
Como o templo, o porvir era do velho
Cheio de sustos: muda como o templo
Era a sua dôr.

Resou, resou, e os olhos se enxugaram:
O orar fervente as lagrimas enxuga,
Qual prado o léste.
Deus o inspirou; 'sperança é filha sua,
Doce esperança, que os mortaes só deixa
Sob o cypreste.

Voltou á choça, o a macilenta fome
Sem gemer, supportou sobre o seu leito,
Que é quasi a terra;
E, confiado em Deus, entre as angustias
Do mal, menos crueis que as do remorso,
Os olhos cerra.

.....

E' meia noite: — os gallos pela aldêa
Dizem que um dia mais desceu ao nada
E que outro vem,
Para dar luz a dôres e alegrias
E depois nos abysmos do passado
Cahir tambem.

E o mendigo da aldêa, o velho cego,
Sobre o duro grabato, em choça humilde,
Achou a paz.
Em sonhos via um filho: a longes terras
A miseria o levou: mudada sorte
Feliz o traz.

Quantas vezes presága a mente do homem
Véla como um propheta; em quanto o somno
Seus membros prende;
E como, em trevas de amargosos dias,
No porvir uma luz, prevista em sonhos,
Grata se accende!

Nos gonzos ferrugentos range a porta
Do tugurio do pobre adormecido,
E descuidado;
Que do mendigo o umbral patente é sempre,
Nem carece de estar, como o do rico,
Aferrolhado.

O bom do velho ao sobresalto acorda,
E as lagrimas de alguem banham-lhe a face,
E o pranto é mudo;
Mas breve um grito e o soluçar e os beijos
E o sonho que passou e a voz do sangue
Lhe dizem tudo.

Não mais sob o carvalho ao velho honrado
Esmoladora mão o peregrino
Estenderá:
Meigos lhe sorrirão extremos dias,
E as suas cinsa filial gemido
Consolará.

ALEXANDRE HERCULANO.

Cintra

Oh Cintra! oh saudosissimo retiro,
Onde se esquecem máguas, onde folga
De se olvidar no seio á natureza
Pensamento que embala adormecido

O sussurro das folhas, co'o murmurio
Das desponhadas lymphas misturado;
Quem descansado á fresca sombra tua
Sonhou senão ventura? Quem sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céos, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha ahi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, lavor da vida? — Oh grutas frias,
Oh gomedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delicias d'alma?
Troncos, onde eu cortei queridos nomes
D'amisade, e d'amor, não hei de um dia
Perguntar-vos por elles? Soletrando
Não irei pelas arvores crescidas
Os caracteres, que em tenrinhas plantas
Pelas verdes cortiças lh'entalhara?

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Soneto

Em vão luctamos! Como nevoa baça,
A incerteza das coisas nos envolvo:
Nossa alma, om quanto cria, em quanto volve
Nas suas proprias redes so embaraça.

O pensamento, que mil planos traça,
E' vapor que se esvae, e se dissolve,
E a vontade ambiciosa, que resolve,
Como onda entre rochedos se espedaça.

Filhos do amor, nossa alma é como um hymno
A' luz, á liberdade, ao bem fecundo,
Prece e clamor d'um presentir divino...

Mas n'um deserto só, arido e fundo,
Echoam nossas vozes, que o Destino
Paira mudo e impassivel sobre o mundo!

ANTHERO DO QUENTAL. (1)

Cantico de David

Quanto ao longo em toda a terra,
O' meu Deus e meu Senhor,
Resplandece de teu nome
O magnifico esplendor!

Sobre os ceus sobe e se eleva
Tua ineffavel grandeza,
E por modos mil a entoa
Toda a vasta natureza.

(1) O talento poetico de Anthero do Quental é sobejamente conhecido por quantos prézam as letras portuguezas, desde as suas primeiras publicações quando cursava a Universidade de Coimbra. Genio meditativo, concentrado e excentrico, custou-lhe sempre sujeitar-se a regras, aborrecendo as imitações, e procurando em todos os casos ser original. Nascido na ilha de S. Miguel em 1840, parece que aquelle abençoado e uberrimo clima operou notavel influição no temperamento do poeta, tornando-o capaz de maiores e mais assignaladas producções. Infelizmente uma doença pertinaz teve-o afastado por annos do commercio com as muzas. Desde 1865, em que publicou as *Odes Modernas* e as *Primaveras Romanticas*, em 1872, sómente n'este anno de 1886, deu á luz o seu livro dos *Sonetos completos*, prefaciado pelo grande escriptor Oliveira Martins, e no qual é facil demonstrar quanto completou a sua poetica relativamente ás *Odes*, onde não são raras as imperfeições da fórma. Anthero do Quental é um profundo pensador. Os seus versos correctos e elegantes, apoiam-se constantemente na idéa. Não são banalidades metricas como as de muitos outros.

Os meninos, que de leite
Molham os beiços recentes,
Desatam para louvar-te,
Suas linguas innocentes.

Assim os impios confundes,
De temor sobresaltados;
Teus inimigos se abatem
De teu ser maravilhados.

Olho e vejo o sol brilhando,
Lavor de tuas mãos bellas
Da lua o luzente globo,
E as rutilantes estrellas.

O que é, meu Deus, o homem?
Para d'elle te lembrares,
E com dons de tanto preço
Tão pequeno ser ornares!

Quasi egual aos mesmos anjos
O fizeste, e meigamente,
Gloriosa, honrada c'rôa
Lhe cingistes sobre a frente.

De todo o extenso universo
Soberano o declaraste;
Os bois e as tenras ovelhas
Sob os seus pés collocaste.

Quantas aves ao ceu voam,
Quantos peixes que a milhares,
Volvem corpos escamosos
Pelos vastos, fundos mares.

Tudo, ó Deus, tudo lhe déste!
Como é certo, ó meu Senhor,
Que transluz por toda a terra
De teu nome o resplendor!

PADRA ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS. (1)

Salvè Rainha glosada

Salvè celeste pombinha;
Salvè Divina Belleza;
Salvè dos Anjos princeza,
E dos ceus *Salvè Rainha.*

Sois graça, luz e concordia
Entre os maiores horrores;
Sois guia de peccadores
Madre de Misericordia.

Sois divina formosura;
Sois entre as sombras da morte
O mais favoravel Norto;
E sois da *vida doçura.*

(1) PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, nasceu no Rio de Janeiro a 24 de novembro de 1762, e morreu a 2 de março de 1814. Ouçamos o seu illustre compatriota o sr. J. M. Pereira da Silva, no seu grande livro. *Os Varões Illustres do Brazil:*

«Escreveu Antonio Pereira de Sousa Caldas sobre quasi todos os ramos da litteratura, compoz tragedias, hymnos, cantatas, sermões e obras de critica, de philosophia e de religião. Nunca apresentou a poesia portugueza vôos tão atrevidos e arrojados como nas odes de A. P. de Sousa Caldas.»

Do muito que escreveu este grande poeta, só existem impressas poesias sagradas, a traducção dos Psalmos e um pequeno numero de composições profanas.

Porto, em que mais se resalve
Nossa fé que sois se alcança:
Sois, por ditosa esperança,
Esperança nossa: salvè.

Vosso favor invocamos
Como remedio o mais raro:
Não nos falte o vosso amparo
E vêde que *a vós bradamos.*

Os da patria desterrados,
Viver na patria desejam;
Quereis vós quo d'ella sejam
D'este mundo *Os degredados?*

Se Deus tanto agrado leva
De com os homens viver,
Como póde ausentes vêr
Os mesmos *filhos de Eva?*

Humildes vos invocamos
Com rogos enternecidos;
E a esse amparo rendidos,
Senhora *a vós suspiramos.*

Se Deus nos perdôa quando
A nossa culpa é chorada;
Todos, por ser perdoada,
Estão *gemendo e chorando.*

Mas nós, por quem menos valo
Lyrio do valle, chorais?
E o vosso pranto val mais
N'este de lagrimas valle.

Já que tão piedosa sois
Senhora, com o vosso rogo
Alcançai-nos perdão logo;
Apressai-vos: *eia pois.*

Porque desde agora possa
Triumphar qualquer de nós
De inimigo tão atroz,
Pedi, *advogada nossa.*

E em quanto n'estes abrolhos
Do mundo, postos estamos;
De nós que o caminho erramos
Não tireis os *vossos olhos.*

Sejam sempre piedosos
Para nos favorecer;
E para nos defender
Sejam *misericordiosos.*

Pois remediar nos quereis
De vossos olhos co'a guia,
Gloriosa Virgem Maria
Sempre elles *a nós volvei.*

Livrai-nos de todo o erro,
Para que assim consigamos
Graça, em quanto aqui andamos
E depois d'este desterro.

E pois vosso filho é a luz,
E alumiar-nos quereis;
Para que esta luz mostreis,
Nos amostrae a Jesus.

E se como raio bruto
O fructo vemos vedado;
N'outro paraiso dado,
Veremos *o bento fructo.*

Em nossos corações entre
Seu amor; pois é rasão,
Seja meu do coração
O que foi *do vosso ventre.*

De Jericó melhor rosa,
Puro e candido jasmim,
Quereis vós que seja assim,
Oh! clemente! Oh! piedosa!

Tenhamos nossa alegria
Esta doçura tenhamos;
Pois que tanta em vós achamos
Oh! doce Virgem Maria!

Se quem mais póde sois vós
Chegando a Deus a pedir;
Para melhor nos ouvir,
Pedi, *e rogai por nós.*

Que então os favores seus
Muito melhor seguramos;
Pois que n'elles empenhamos
A Santa Madre de Deus.

Dai-nos fortaleza e tinos,
D'este mundo contra os sustos;
Porque os bens sigamos justos,
Para que sejamos dignos.

E se nos concedeis isto
Que vos pede o nosso rogo,
Mui dignos nos fazeis logo
Ser *das promessas de Christo.*

Seja pois, divina luz;
Melhor estrella assim seja,
Para que por nós se veja
Vosso amparo, *Amen Jesus.*

GREGORIO DE MATTOS GUERRA. (1)

Psalmo de David

Os ceus resoam do Senhor a gloria,
E o firmamento luminoso ostenta,
Por toda a parte, do Supremo Artifice
As mãos divinas.

O dia e a noite revesados contam
Sua grandeza, que o visinho dia
E a imminente tenebrosa noite
De novo entoam.

(1) GREGORIO DE MATTOS GUERRA, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, exerceu differentes cargos ecclesiasticos, e na magistratura; nasceu na Bahia a 20 de dezembro de 1633, e falleceu em 1696. E' o maior poeta satyrico que tem tido o Brazil. Tão violento era na sua satyra, que era denominado o *bocca do inferno,* cognome pelo qual é mais conhecido que pelo proprio.

Quasi todas as composições d'este poeta existem em manuscripto, poucas ha impressas. N'uma collecção que existe das obras d'este auctor na Bibliotheca de Lisboa, não se encontra a poesia que transcrevemos; fazemos esta declaração, para reforçar a opinião de alguns criticos, que attribuem esta composição poetica a Eusebio de Mattos, irmão de Gregorio, que tambem cultivou as musas com geral applauso.

Os povos todos, inda o mais selvatico,
Ouvem, percebem esta voz sonora;
E o tom sublime, desde o Tejo ao Indo
Sôa e retumba.

Poz o seu throno sobre o sol ardente
Que as nuvens rompe e qual gentil esposo
Ergue do leito nupcial a frente
Pomposa e leda.

Com desmedido, gigantado passo,
D'um polo a outro se abalança e gira;
Deserto monte, solitario valle
Não se lhe escondem.

E como a lei immaculada e pura
De Deus splende! testemunho certo
De altas promessas, o perdido esp'rito
Toca e converte.

De almo prazer os corações embebe,
Illustra os olhos deslumbrados, enche
Singelos peitos de saber profundo:
E' santa e eterna.

Em si descobre da verdade o lume
Que a justifica; na doçura excede
Sab'roso favo, mais que o ouro e pedras
Preciosas brilha.

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS.

Anthologia Grega

PRIMAVERA

Foi-se a quadra fria!
Os bons dias tornam!
Olha como adornam
graças os rosaes!

Olha o mar! que espelho!
Como nadam, mansos,
mergulhando, os gansos
pelos seus crystaes!

Como os grous viajam!
Que aureo sol tão limpo!
Claro o azul do Olympo
nuvem já não tem.

Em seus chãos lavrados
o cultor exulta!
A semente occulta
Já viçando vem!

O olival rebenta
pompas, oiro e prata!
pampanos desata
bacchico vinhal!

D'entre as folhas novas
ri na flor a fructa!
Vê! respira! escuta!
Festa universal!

THOMAZ RIBEIRO

Ao crepusculo

No canto costumado da janella
quando fugia a luz do sol poonte,
a recatada e timida donzella
fechou o livro lido attentamente.

Era um doce retalho de novella
que o primo lhe levara de presente;
uma historia simplissima, singela,
que a tem feito sonhar constantemente.

E como quem, feliz e sem cuidados,
no seu viver alegre e appetecido,
desejos satisfeitos antevê;

Os bellos olhos para o chão voltados,
um sorriso nos labios esbatido,
ella pensava... Sabe Deus em quê!

J. de Lemos.

A cigarra

Feliz cigarra, invejo-te!
Pousada lá nos pincaros
d'estas folhudas arvores,
que bem que to has de estar!

Gôta de orvalho minima
te sobra de Castalia;
que do Parnaso aos canticos
desbanca o teu cantar.

Quanto nos dias placidos
os campos têm de flórido,
de ameno, de fructifero,
dominas! tudo é teu!

A amiga és tu do agricola;
para ninguem malefica;
por seu arauto musico
o estio te elegeu.

Estimam-te as Piérides;
Ama-te o nume delphico;
D'elle te veiu dadiva
esse primor de voz.

Da terra ó filha ingenua!
A todos tão sympathica!
Exempta dos descommodos
que pesam sobre nós!

Todo fervor poetico!
Em hymnos sempre extaticos
soltando de continuo
delicias musicaes!

Leve, subtil corpusculo!
Quasi incorporeo espirito!...
Dás-me ares, minha aligera,
dos entes immortaes.

THOMAZ RIBEIRO.

Psalmos de David

Um DEUS immenso
Os ceus resoam,
E a gloria entoam
Do Creador:
No firmamento,
Astros brilhantes
Cantam, constantes,
O seu SENHOR.

O claro dia,
Que foge, o conta
A que desponta
Seguinte luz:
Por entre as trevas
Da noite escura,
A face pura
De DEUS transluz.

Ouvem da Terra
Os povos todos,
Em varios modos,
Tão alta voz:
Do Tejo ao Ganges,
Jaz descoberto
Este concerto
Que elle compoz.

No sol se estriba
O sublimado
Throno sagrado
Do grande DEUS:
E como bello
Rompe do dia
O astro, e alumia
A Terra e os Ceus!

Vêde como ergue,
Na madurugada,
A face ornada
D'almo esplendor!
Qual sae do leito
Nupcial o esposo
Ledo e mimoso
De um puro amor.

Apenas surge
No firmamento,
Eis, n'um momento,
Gigante audaz
Exalta, vendo
Que a largo passo,
De immenso espaço
O giro faz.

Ao summo vertice
Dos ceus se lança,
E não descansa
Té os girar:
Nada a seus raios
Se esconde, e rapido
Aquece, impavido,
A Terra e o Mar.

Se me namora
Tanta belleza
Que á natureza
DEUS emprestou;
Mais me transporta
A lei benina
Que a mão divina
Nos outorgou.

E' justa e santa,
Converte o esp'rito,
E o peito afflicto
Banha em prazer;
Seu testemunho
Fiel, constante,
Faz o ignorante
Rico em saber.

Os seus preceitos
Resplandecentes
Ás cegas gentes
Cercam de luz:
De DEUS é santo
O temor terno,
Corôa eterno
A quem conduz.

É a verdade
Quem vivifica,
E justifica
De DEUS a lei;
Á vista d'ella
O ouro brilhante
E o diamante
Desprezarei.

De mel excede
Favo dourado
Seu delicado
Doce sabor;
Eu o conheço,
Pois fiel servo
A lei observo
Do meu SENHOR.

Que copia ingente
De bens espera
A quem se esmera
Em a guardar!
Mas seus peccados
Quem ha que entenda,
E a sua venda
Possa rasgar?

O DEUS perdôa,
Os que eu não vejo,
E que forcejo
Por vêr, em vão:
Se dei motivo
A alheia culpa,
Ó DEUS desculpa
Meu coração.

Se não me acurva
Tão grande peso,
Contente e illeso
Puro serei:
E o meu horrendo
Fatal peccado,
Purificado
Em fim verei.

As minhas vozes
Meus pensamentos,
A Ti attentos,
Te agradarão;
Que és meu escudo
E me resgatas
Das mãos ingratas
Do atroz Dragão.

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

Ode sacra

O' Sinai! ó montanha assignalada
Dos pés do Omnipotente!
Eu sinto inda soar a voz sagrada,
Que entre raios promulga a lei gravada,
No espirito innocente
Do homem justo. O' livro grande e santo!
Tu me enches de assombro, horror e espanto!

Um povo antigo attesta a integridade
De tudo que em ti leio;
Com vivo fogo, augusta magestade:
Me retratas do Eterno a potestade:
Do mundo firme esteio,
Unico, providente e bom o acclamas,
E em fervoroso amor minha alma inflammas.

Quem do commum naufragio,
Que o orbe inteiro em erros submergia,
Este povo salvou, o do cantagio
Da cega idolatria?
Quem no meio de inhospito deserto
Do Immenso a mão lhe fez notar de perto?

E ainda temes, ó prezada lyra,
Levantar ás estrellas
O sublime mortal que Deus inspira,
Que de celeste força revestira,
E mil virtudes bellas?
O' Moysés! tua voz não me hallucina:
A voz que soltas, é a voz divina.

Fervendo em santa ira abrazadora
Os crimes reprehende

Do Hebreo ingrato, cuja fé traidora
A luz quebranta, que tua alma adora:
Seguro a vara estende;
Eis vejo a natureza espavorida
A teus pés humilhar a frente erguida.

O povo, de que és guia,
Mil vezes entre as brenhas estremece:
Ao ver que a terra, o mar, a noite, e o dia,
Que tudo te obedece;
Mensageiro fiel da Divindade
Te reconhece, e affirma em toda a edade.

Serás tu, porventura, o promettido
Medianeiro amavel?...
Ah! tu vens predizel-o, e em tom sabido
Entoas de Jacob o recebido
Oraculo adoravel.
Quem é pois esse augusto mensageiro
Que o pranto ha de enxugar ao mundo inteiro?

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS.

A existencia de Deus

A luz se faça: e subito creada
A luz, resplandecendo,
A voz ouvia, que aviventa o nada:
D'entre as trevas se foi desenvolvendo
O cháos, que estendendo
A horrenda face, tudo confundia,
A terra, e o mar, e os ceus, e a noite, e o dia.

.....

Inda o sceptro chimerico ompunhava
O Nada avassallando
Informe reino, e vão, que dominava
A seu lado o silencio venerando;
E tudo repousando
No seio incerto o immenso do possivel,
D'existir era apenas susceptivel.

Sómente a Eternidade
Concentrada em si mesma, em si contida,
Em si gosando interminavel vida,
Perenne mocidade,
Com infinitas perfeições brilhando,
Sotopunha os futuros a seu mando.

Ao som da sua voz omnipotente
O possivel se aterra;
O Nada se fecunda; e de repente
Attonitos produzem ceus e terra,
E o espaço que os encerra:
Começa então o tempo pressuroso
A curva fouce a manejar iroso.

As agitadas ondas se separam
Da terra, que cobriam,
E no vasto oceano se abrigaram:
As fructiferas arvores nasciam:
De pennas se vestiam
As animadas aves, e de vida
Animaes de grandeza desmedida.

O homem apparece,
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado
Da mulher o semblante lindo e amado,
Por quem morrer parece:

De raios e de luz se rodeava
O sol, que almo calor a tudo dava.

.....

O verme, que no campo resvalando,
Ergue a movel cabeça;
A aguia sobre as nuvens remontando,
E do ar retalhando a massa espessa;
A garganta travêssa
De leve rouxinol; e o peito forte
De leão, que esbraveja e insulta a morte;

O mar embravecido;
A terra de mil fructos, que a guarnecem,
Toldada, com que as forças reverdecem
Do homem atrevido;
Tudo aponta a Suprema Intelligencia,
Adoravel auctora da existencia.

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS.

Do poeta hungaro

SÁNDOR PETOFI

O que é a Dôr? Um mar. E a alegria?
Perola occulta n'esse mar fremente.
Quantas vezes a perola encantada,
Entre as rochas profundas sepultada,
Se dissolve esquecida, lentamente,
E nunca chega a vêr a luz do dia!

ANTHERO DO QUENTAL.

O Firmamento

Gloria a Deus! eis aberto o livro immenso,
O livro do infinito,
Ondo em mil lettras de fulgor intenso
Seu nome adoro escripto.
Eis do seu tabernaculo corrida
Uma ponta do veu mysterioso:
Desprende as azas remontando á vida,
Alma que anceias pelo eterno goso!

Estrellas que brilhaes n'essas moradas,
Quaes são vossos destinos?
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
De seus umbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas de seu carro ardente
Ao rolar através da immensidade...

E cada qual de vós um astro encerra,
Um sol que apenas vejo,
Monarcha d'outros mundos, como a Terra,
Que formam seu cortejo.
Ninguem póde contar-vos: quem pudera
Esses mundos contar a que daes vida,
Escuros para nós qual nossa esphera
Vos é nas trevas da amplidão sumida?

Mas vós perto brilhaes, no fundo accesas
Do throno soberano:
Quem vos ha de seguir nas profundezas
D'esse infinito oceano?
E quem ha de contar-vos n'essas plagas
Que os ceus ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sustém as vagas
Dos soes que um dia romperão na altura?

E tudo outr'ora na mudez jazia,
Nos véos do frio nada:
Reinava a noite escura; a luz do dia
Era em Deus concentrada.
Elle falou! e ás sombras n'um momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Elle falou! e o vasto firmamento
Seu véo de mundos desfraldou ovante!

E tudo despertou, e tudo gira
Immerso em seus fulgores;
E cada mundo é sonorosa lyra
Cantando os seus louvores.
Cantai, ó mundos, que seu braço impelle,
Harpas da creação, fachos do dia,
Cantai louvor universal Áquelle,
Que vos sustenta, e nos espaços guia!

Terra, globo que geras nas entranhas
Meu ser, o ser humano,
Que és tu com teus vulcões, tuas montanhas,
E com teu vasto oceano?
Tu és um grão d'areia arrebatado
Por esse immenso turbilhão dos mundos
Em volta de seu throno levantado
Do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho
Que soberbo te elevas,
Buscando sem cessar abrir caminho
Por tuas densas trevas?
Que és tu com teus imperios e collossos?
Um átomo subtil, um frouxo alento:
Tu vives um instante, e de teus ossos
Só restam cinzas, que sacode o vento.

Mas, ah! tu pensas, e o girar dos orbes
Á rasão encadeias;
Tu pensas, e inspirado em Deus te absorves
Na chamma das ideias:
Alegra-te, immortal, que esse alto lume,
Não morre em trevas d'um jazigo escasso!
Gloria a Deus, que n'um átomo resume
O pensamento que transcende o espaço!

Caminha, ó rei da terra! se inda és pobre,
Conquista aureo destino,
E de seculo em seculo mais nobre
Eleva a Deus teu hymno!
E tu, ó terra, nos floridos mantos
Abriga os filhos que em teu seio geras,
E teu canto d'amor reune aos cantos
Que a Deus se elevam de milhões d'espheras!

Dizem que já sem forças, moribunda,
Tu vergas decadente:
Oh! não, de tanto sol que te circumda
Teu sol inda é fulgente.
Tu és joven ainda: a cada passo
Tu assistes d'um mundo ás agonias,
E rolas entretanto n'esse espaço
Coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai! tu findarás! além scintilla
Hoje um astro brilhante;
Ámanhã eil-o treme, eil-o vacilla,
E fenece arquejante:
Que foi? quem o apagou? foi seu alento
Que extinguiu essa luz já fatigada;
Foram seculos mil, foi um momento
Que a eternidade fez volver ao nada.

Um dia, quem o sabe? um dia, ao peso
Dos annos e ruinas,
Tu cairás n'esse vulcão acceso
Que teu sol denominas;
E teus irmãos tambem, esses planetas
Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,
Attrahidos emfim quaes borboletas,
Cairão como tu na mesma chamma.

Então, ó sol, então n'esse aureo throno
Que farás tu ainda,
Monarcha solitario, e em abandono,
Com tua gloria finda?
Tu findarás tambem, a fria morte
Alcançará teu carro chammejante;
Ella te segue, e prophetisa a sorte
N'essas manchas que toldam teu semblante.

Que são ellas; talvez os restos frios
D'algum antigo mundo,
Que inda referve em borbotões sombrios
No teu seio profundo.
Talvez, envolta pouco a pouco a frente.
Nas cinzas sepulchraes de cada filho,
Debaixo d'elles todos de repente
Apagarás teu vacillante brilho.

E as sombras pousarão no vasto imperio
Que teu facho alumia;
Mas que vale de menos um psalterio
Dos orbes na harmonia;
Outro sol como tu, outras espheras
Virão no espaço descantar seu hymno,
Renovando nos sitios onde imperas
Do sol dos soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! um dia meditando
Outro céo mais perfeito,
O céo d'agora a seu altivo mando
Talvez caia desfeito.
Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,
Qual bando d'aguias na amplidão disperso,
Chocando-se em destroços fumegantes,
Desabarão no fundo do universo.

Então a vida, refluindo ao seio
Do foco soberano,
Parará, concentrando-se no meio
D'esse infinito oceano:
E, acabado por fim quanto fulgura,
Apenas restarão na immensidade —
O silencio aguardando a voz futura,
O throno de Jehovah, e a eternidade!

A. A. Soares de Passos.

Nuvens

Oh nuvens, sonhos ligeiros,
illusões brancas, e puras,
que passaes pelos outeiros
a fugir pelas alturas!

Sois o perfeito retrato
d'uma longinqua esperança,
que eu occulto com recato
e onde a minh'alma descança.

Coitadas! ao entreverdes
no sol uns brilhos traidores,
fazeis-vos pallidas, verdes,
de variadissimas côres.

Tambem, a *doida*, que mora
dentro de mim, coitadita,
como vós córa e descóra,
quando *Ella* ás vezes me fita.

QUEIROZ RIBEIRO.

Ideia de Deus

A voz de Jehovah infindos mundos
Se formaram do nada;
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,
E a noite foi creada.

Luziu no espaço a lua! sobre a terra
Rouqueja o mar raivoso,
E as espheras nos céos ergueram hymnos
Ao Deus prodigioso.

Hymno de amor á creação que sôa
Eternal, incessante,
Da noite no remanso, no ruido
Do dia scintillante!

A morte, as afflicções, o espaço, o tempo,
O que é para o senhor?
Eterno, immenso, que lh'importa a sanha
Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,
E tudo nota e vê—
O argueiro, os mundos, o universo, o justo;
E o homem que não crê.

E elle que póde aniquilar os mundos,
Tão forte como elle é,
E vê e passa, e não castiga o crime,
Nem o impio sem fé!

Porém quando corrupto um povo inteiro
O Nome seu maldiz,
Quando só vive de vingança e roubos,
Julgando-se feliz;

Quando o impio commanda, quando o justo
Soffre as pennas do mal,
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra,
E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldita,
Cheia de ingratidão,
Que ha de ella mesma sujeitar seu collo
A' justa punição.

Ou já terrivel peste expande as azas,
Bem lenta a esvoaçar;
Vae de uns a outros, dos festins conviva,
Hospede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra accesa
Espalha a confusão;
E a esposa, e a filha, de terror oppressa
Não sente o coração.

E o pae, e o esposo, no morrer cruento,
Vomita o fel raivoso;
— Milhões de insectos vis que um pé gigante
Enterra em chão lodoso

E do povo corrupto um povo nasce
Esperançoso e crente,
Como do podre e carunchoso tronco
Hastea forte e virente.

Oh! como é grande o Senhor Deus, que os mundos
Equilibra nos ares;
Que vae do abysmo aos ceus, que susta as iras
Do pelago fremente,
A cujo sopro a machina estrellada
Vacilla nos seus eixos,
A cujo aceno os cherubins se movem
Humildes, respeitosos.
Cujo poder, que é sem egual, excede
A hyperbole arrojada!
Oh! como é grande o Senhor Deus dos mundos,
O Senhor dos prodigios!

Elle mandou que o sol fosse principio
E rasão de existencia,
Que fosse a luz dos homens — olho eterno
Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,
Refizesse o vigor
Da terra hiante, do animal cançado
Em praino abrazador.

Mandou que a brisa sussurrasse amiga,
Roubando aroma á flôr;
Que os rochedos tivessem longa vida,
E os homens grato amor!

Oh! como é grando e bom o Deus que manda
Um sonho ao desgraçado,
Que vivo agro viver entre miserias,
De ferros rodeado.

O Deus que manda ao infeliz que espere
Na sua providencia;
Que o justo durma, descançado e forte
Na sua consciencia.

Que o assassino de continuo vele.
Que trema de morrer;
Em quanto lá nos ceus, o que foi morto
Desfructa outro viver.

Oh! como é grande o Senhor Deus, que rege
A machina estrellada,
Que ao triste dá prazer; descanço e vida
A' mente attribulada!

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

Ignoto Deo

Creio em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
És: — o que és não sei. Deriva
Meu ser do teu: luz... e treva:
Em que — indistinctas! — se envolve
Este espirito agitado,
De ti vem, a ti devolve.
O Nada, a que foi roubado
Pelo sopro creador
Tudo o mais o ha de tragar.

Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veiu.
Belleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio
Senão em ti: o olho nú
Do homem não vê na terra
Mais que a duvida, a incerteza,
A fórma quo ongana e orra.
Essencia! a real belleza,
O puro amor — o prazer
Que não fatiga e não gasta...
Só por ti os póde vêr
O que inspirado so affasta,
Ignoto Deus, das ronceiras,
Vulgares turbas: despidos
Das cousas vans o grosseiras
Sua alma, razão, sentidos,
A ti se dão, em ti vida,
E por ti vida têm. Eu, consagrado
A teu altar, me prostro e a combatida
Existencia aqui ponho, aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Da alma que a ti voou e em ti só spera.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Ave, Maria

Maria, doce mão dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, Senhora, os meus gemidos.
A ti o hymno sagrado
Do coração de um pae vôa, ó Maria,
Pela filha innocente.

Com sua debil voz que balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pao dos céos
O pão do cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus quo é teu filho e tens nos braços,
Se tu, mãe de piedade,
Me não tomas por tou? Oh! rompe os laços
Da volha humanidade;
Despe de mim todo outro pensamento
E van tenção da terra,
Outra gloria, outro amor, outro contento
De minha alma desterra.
Mãe, oh! mãe, salva o filho quo te implora
Pela filha querida.
Demais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
D'esta vida, tão mal gasta e prezada
Porque minha só era ..
Salva-a, que a um santo amor está votada,
N'elle so rogenera.

Visconde d'Almeida Garrett.

Vilancete

Adorai, montanhas,
O Deus das alturas,
Tambem as verduras,
Adorai, desertos
E serras floridas,
O Deus dos secretos,
O Senhor das vidas.

Ribeiras crescidas,
Louvai nas alturas
Deus das creaturas.
Louvai, arvoredos
Do fructo presado,
Digam os penedos,
Deus seja louvado.
E louve meu gado
N'estas verduras
O Deus das alturas.

GIL VICENTE.

Mater admirabilis

N'esse anno o inverno foi muitissimo aturado.
O ciclone, os trovões, a neve, os aguaceiros,
nas azas do tufão sempre desencadeado,
fizeram trasbordar as aguas dos ribeiros.

Grandes inundações; campinas ensopadas;
a miseria com todo o seu cortejo e horror;
familias sem abrigo; arvores arrancadas;
e no alto um ceu pezado e sempre ameaçador.

Um dia amanheceu alegremente. Andava
disperso pelo ar não sei que estranho effluvio...
Do azul claro e lavado o sol irradiava,
como o olhar de Elohim nas aguas do diluvio.

Foi n'esse dia, ao pôr do sol, n'aquella hora
tristissima da tarde, em que a alma se comprime,
que eu vi, passeando o olhar pelas campinas fóra,
Esta scena immortal, pathetica e sublime:

Vinham pelo caminho uma vaquita mansa
e atraz, tangendo a cria, um rapazito loiro:
passaram... e era triste a voz d'essa creança
n'aquelle poente ideal, feito de cinzas d'oiro.

Foram levar a cria ao matadouro; e quando
voltaram, junto á ponte, em quo o regato é fundo,
a noite lentamente ia desenrolando
o seu crepe estrollado; o azul muito profundo...

A vacca então sentiu que lhe faltava o filho,
começando a correr como que desvairada,
mas debalde buscava o rasto do novilho,
debalde percorria a solitaria estrada!

Voltou de novo á ponte; os olhos coruscantes
revelavam não sei que portentosas magoas...
e escutando o fragor do rio alguns instantes,
mugiu sinistramente, e arremessou-se ás aguas.

Procurava-o debalde entre os cachões violentos
e a luctar com a força herculea da corrente,
afogou-se ao clarão dos astros macilentos...
Vinha a lua a surgir no azul funebremente.

ANTONIO FEIJÓ.

Cantico da manhan

Que alvor?! que amor?! que musica,
Nos céos, em mim, no ar,
Á festa da existencia
Me vem resuscitar?!
Nasço a cantar com os passaros!
Surjo a brilhar co'a luz!
Envolto em rosas candidas,
Ledo retomo a cruz!

Fonte do Ser! Espirito!
Mysterio! Creador!
Eis-me! sahi d'um tumulo,
Como da terra a flôr.
Eis-me! eu te escuto! emprega-me!
Senhor, que vou fazer?!
«Ama» bradou voz intima,
Amar cifra o dever »

A. F. de Castilho.

A cruz do deserto

Salvè, ó Lenho sagrado,
Ó cruz do meu Redemptor,
Arvore santa e frondosa,
Fonte de vida e de amor!

Fólgo de vêr-te no altar,
E sobre a terra hasteada
E adereçada de flôres,
Erguida á beira da estrada.

E no domestico lar,
E na ermidinha do monte,
E á sombra do annoso freixo,
Collocada ao pé da ponte.

Mas que estremecer de fé,
Que mystica sensação,
Quando deparo comtigo
No meio da solidão!...

Salvè, ó Lenho sagrado,
Ó cruz do meu Redemptor,
Arvore santa e frondosa,
Fonte de vida e de amor.

No retiro, és como a estrella
De brilhante formosura,
Que scintilla graciosa
Entr'os véos da noite escura.

És um pregão oloquente,
Um livro patente e aberto,
És a linguagem do céo,
A voz de Deus no deserto.

Se raras vezes o crente
Te adora n'esta aspereza,
Tens, na falta do seu culto,
O culto da natureza.

Louva-te a aurora nascente,
O sol, o ar espaçoso,
A clara radiante estrella,
Da noite o astro formoso.

E a nuvem que cruza os ares,
Pelos ventos impellida,
E das aves solitarias
A voz magoada e sentida.

E o tenro musgo que veste
O teu pedestal no outeiro
E a bella rosa serrana,
E o verdejante pinheiro.

Retirada do tumulto,
E das pompas da cidade,
Esperas alguem que passe,
Para inspirar-lhe piedade.

Este te adoro recolhido!...
No mundo da solidão,
O homem é mais de Deus,
Mais de Deus seu coração.

O meu fugiu para o céo,
N'esta serra mal te vi;
Não sonha cousas do tempo,
Parece outro ao pé de ti.

Longe d'aqui os vãos risos,
Longe as alegrias vans;
De meus olhos se deslisam
Duas lagrimas christans.

Mas o sol retira; o rosto
Já esconde atraz do monte,
E, quasi mortos, tremulam
Os seus raios no horisonte.

Fica-te em paz, Lenho santo,
Com saudade vou deixar-te;
Com saudade muitas vezes
Virei aqui visitar-te.

PADRE FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO. (1)

(1) PADRE FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO, filho do poeta Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, nasceu em 12 de março de 1794, e falleceu em 10 de novembro de 1860. Ha d'este auctor publicados differentes sermões e muitas producções poeticas, dispersas por differentes jornaes, e que foram colleccionadas em 1877, em um volume, sob o titulo de *Lyra Christã*.

Hymno do trabalho

VOZ

No regaço do luxo, a opulencia
Os cansaços do ocio maldiz:
Entre as lidas, sorri a indigencia:
Co'o pão negro se julga feliz.

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

VOZ

Deus, impondo ao peccado a fadiga
Té na pena sorriu paternal;
O que vence a preguiça inimiga,
Reconquista o Edén terreal.

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; etc.

VOZ

Quem dá graças aos céos ao sol posto?
Quem lh'as dá vendo a aurora raiar?
É o obreiro: o suor lhe enche o rosto;
Mas seus dias não turva o pesar.

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; etc.

VOZ

O que vive na inercia aborrida,
Não sómente é d'irmãos roubador;
É suicida; é mais vil que o suicida;
É suicida a quem falta o valor.

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; etc.

VOZ

Caia opprobrio no vil ocioso,
Que desherda o presente, e o porvir
Só á noite compete o repouso;
Só aos mortos o eterno dormir.

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; etc.

VOZ

Mar e Terra, Ar e Céo, tudo lida;
Deus a todos pôz luz e deu mãos;
Lei suprema, o trabalho é a vida;
Trabalhar! trabalhar, meus irmãos!

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Cantico da noite

Sumiu-se o sol esplendido
Nas vagas rumorosas!
Em trevas o crepusculo
Foi desfolhando as rosas!
Pela ampla terra alarga-se
Calada solidão!
Parece o mundo um tumulo
Sob estrellado manto!
Alabastrina lampada,
Lá sóbe a lua! Emtanto
Gemidos d'aves lugubres
Soando a espaços vão!

Hora dos melancolicos
Saudosos devaneios
Hora que nos gostos intimos
Abres os castos seios!
Infunde em nossos animos
Inspirações da fé!
De noite, se um revérbero
De Deus nos alumia,
Distilla-se de lagrimas
A prece, a prophecia!
Alma enlevada em extasis
Terrena já não é!

Antes que o somno tacito
Olhos nos cerre, e os sonhos
Nos tomem no seu vortice,
Já rindo, o já medonhos,
Hora dos céos, conversa-me
No extincto e no porvir.
Onde os que amei? sumiram-se.
Onde o que eu fui? deixou-me.

D'elles, só vans memorias;
De mim, só resta um nome:
No abysmo do preterito
Desfez-se choro e rir.

Desfez-se! e quantas lagrimas
Brotaram d'alegrias!
Desfez-se! e quantos jubilos
Nasceram de agonias!
Teu curso, ó Providencia,
Quem n'o previu jámais?
Que horas d'est'hora tacita
Me irão desabrochando?
Quantos nos fez cadaveres
N'um leito o somno brando!
Vir-me-hão co'a aurora proxima...
As saudações? os ais?
Se o penso, tremo, aterro-me.
Porém, se ao Pae Supremo
Remonto o meu espirito,
Exulto, já não tremo,
A alma lhe dou; reclino-me
No somno sem pavor.
Chama me? ascendo á patria;
Poupa me? aspiro a ella.
Servir-te! ou vêr te, e amarmo-nos!
Que sorte, ó Deus, tão bella!
Vem! cerra as minhas palpebras,
Virgem do casto amor!

A. F. de Castilho

Horaciana

(A Arthur Magalhães)

Solvitur acris hiems grata vice veri et Favoni.
Horacio, ode IV.

A primavera enamorada volta,
desfez-se o frio inverno,
Já barcos vogam com a véla solta
ao sopro do galerno.
Fundida está da neve a branca esteira,
que revestia o prado.
Já não se aquece ao fogo da lareira
o lavrador cançado.
D'uma vacca ao nostalgico mugir
saudosa a ovelha bale.
O gado inquieto todo quer sair
de dentro do curral.
Já as Graças e as Nymphas vêm cantando
com Venus toda nua,
de mãos dadas assim andam bailando
de noite á luz da lua.
Vamos colher, pois, rosas e violetas
á luz das madrugadas,
para toucar as longas tranças pretas
das nossas namoradas,
Cedo talvez da eterna escura noite
nos cobrirá o manto,
e não teremos mais quem nos acoite
e nos suavise o pranto...
a não ser triste lagea tumular
a sombra do cypreste,
onde alta noite o môxo vem poisar
e geme o vento agreste...

Mas onde foste dar, allucinada,
oh! phantasia solta,
que nem te lembra já que enamorada
a Primavera volta!

1886 LUIZ CALLADO NUNES.

Hymno a Nossa Senhora da Conceição

Oh virgem formosa,
Que domas o inferno.
Creou-te *ab eterno*,
Quem tudo creou.

Illesa notaste
Do mundo o naufragio,
Da culpa o contagio
Por ti não lavrou.

Nas tuas virgineas
Entranhas sagradas,
Do céu fecundadas,
O Verbo encarnou.

A grande victoria
Do genero humano
Contra este tyranno
De ti começou.

Depois de lograres
Triumpho completo,
Comprido o projecto
Que o céo meditou.

Cresceram nos astros
Os vivas, os cantos,
E as furias, os prantos
O abysmo dobrou.

Oh virgem formosa,
Que domas o inferno,
Creou-te *ab eterno*,
Quem tudo creou.

M. M. BARBOSA DU BOCAGE.

Cantata de Dido

Já no roxo Oriente branqueando
As prenhes velas da troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.

A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ullulando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta.
Com medonho fragor na praia nua
Fremem de noite as solitarias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cúpulas soberbas
Piam nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulchro
Attonita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defuncto Sichêo com debeis vozes,
Suspirando chamar: Elysa, Elysa.
D'Oreo aos tremendos Numes
Sacrificios prepara;
Mas viu esmorecida
Em torno dos thuriereemos altares
Negra escuma ferver nas ricas tsças:
E o derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pállido o rosto lindo,
A madeixa gentil desentrançada;
Já eom o trémulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouviu enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostraram
As Illiacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descobriam
O lustroso pavez, a teucra espada.
Com a eonvulsa mão subita arranca
A lamina fulgente da bainha,

E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro o crystallino peito:
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De rôxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao Céo levanta
Os macerados olhos.
Depois, attenta na lustrosa malha
Do profugo Dardanio,
Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tompo depois gemer se ouviram:

«Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Em quanto os fados,
Em quanto Deus
O consentiam,
Da triste Dido
A alma acceitai,
D'estes cuidados
Me libertai.
Dido infelice
Assás viveu;
D'alta Carthago
O muro ergueu:
Agora nua,
Já de Charonte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Phlegetonte,
A negra veia
Surcando vae.»

PEDRO ANTONIO CORREIA GARÇÃO. (1)

(1) PEDRO ANTONIO CORREIA GARÇÃO, fidalgo da casa real, cavalleiro professor da ordem de Christo, nasceu em Lisboa a 29 de abril de 1724, cursou a Universidade de Coimbra. Foi o fundador da Arcadia, sociedade que teve por intuito restaurar a poesia portugueza, tomando por modelo as fórmas classicas latinas. Falleceu a 10 de novembro de 1772. As obras que existem impressas d'este poeta, e de que ha differentes edições, são sonetos, odes, satyras, epistolas,

Canção do rei de Thule

Reinava em Thule, algum dia,
Um bom rei, tão fino amante,
Que até morrer foi constante
Á dama com quem vivia.

Á hora do passamento
Deixou-lhe ella um vaso d'ouro,
Que foi do real thesouro
O mais falado ornamento.

Punham-lh'o sempre na meza:
Só por aquelle bebia;
E o choro que então vertia
Causava a todos tristeza.

Vendo o seu termo chegado,
Repartiu pelos herdeiros
Os bens, té aos derradeiros,
Excepto o vaso adorado.

Foi isto em jantar de maguas
Que el-rei deu á fidalguia,
Em torre herdade que havia
Ao rés das marinhas aguas.

Como el-rei houve bebido
O seu ultimo conforto,
Co'o braço já quasi morto
Levanta o vaso querido.

dramas, e discursos sobre diversos assumptos litterarios. Pato Moniz, falando de Garção, diz: «Este nosso tão desventurado quão judicioso e erudito poeta, foi quem verdadeiramente restaurou entre nós o bom gosto em poesia.»

E por não deixal-o ao mundo,
Da janella ao mar o atira.
Ondeia o vaso, revira,
Enche-se, e desce ao profundo.

No mesmo triste momento
Em que o vaso se abysmava,
O rei seus olhos cerrava,
Soltando o ultimo alento.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO — *(Fausto)*.

Seus olhos

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrellas incertas, que as aguas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Tem meiga expressão,
Mais doce que a briza, — mais doce que o nauta
De noite cantando — mais doce que a frauta
Quebrando a soidão.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados,
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travêssos; — causando tormento,
Com beijos nos pagam a dôr d'um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são;
Ás vezes luzindo, serenos, tranquillos,
Ás vezes vulcão!

Ás vezes, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes fallece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, scismando mil coisas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
Ás vezes do céu
Cáe doce harmonia d'uma harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
De patria melhor;
Eu amo seus olhos que choram sem causa
Um pranto sem dôr.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De viva fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam d'amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Antonio Gonçalves Dias.

Cantigas populares

Sentei-me á beira do rio
Para as aguas vêr correr,
Vi correr a dos meus olhos
Para mais penas eu ter.

De encarnado veste a rosa,
De verde o mangericão,
De branco veste a açucena,
De luto o meu coração.

Papagaio, penna verde,
Empresta-me o teu vestido,
O teu vestido são pennas,
Em pennas ando mettido,

Estrellas do ceu baixai,
Fique o ceu sem esplendor,
Fiquem os campos sem luz,
Já que eu fiquei sem amor.

Não sei que quer a desgraça
Que atraz de mim corre tanto:
Hei de parar e mostrar-lhe
Que de vêl-a não me espanto.

Se eu soubera que voando
Alcançava o meu desejo
Mandaria fazer azas
Que as *pennas* são de sobejo.

O coração e os olhos
São dois amantes leaes,
Quando o coração tem pena,
Logo os olhos dão signaes.

Rosa branca toma côr
Não sejas tão desmaiada,
Que dizem as outras rosas
Rosa branca não és nada.

Estes primeiros amores
Que no mundo toma a gente,
Não sei quo doçura tem
Que duram eternamente.

Quando o rouxinol padece,
Uma ave tão pequena,
Que fará meu coração,
Coberto de tanta pena?

Já nenhuma graça têm,
Os meus olhos de chorar
Já os tenho reprehendido
Que não chorem por ninguem.

És vermelha como a rosa
E branca como a geada,
Linda como a estrella d'alva,
Que nasce de madrugada.

Ninguem descubra seu peito
Por maior que seja a pena;

Quem o seu peito descobre
A si mesmo se condemna.

Olhos pretos roubadores
Porque vos não confessaes
Dos delictos que fazeis,
Dos corações que roubaes?

O que o vento é para o fogo
E' a ausencia para o amor,
Se é pequeno apaga-o logo,
Se é grande fal-o maior.

Eu não sei que sympathia
Minh'alma comtigo tem,
Que ausente da tua vista
Nada me parece bem.

Quem tem filhinhos no berço
Por força lhe ha de cantar;
Quantas vezes canto eu
Com vontade de chorar.

Costumei tanto os meus olhos
A olharem para os teus
Que, de tanto confundil-os,
Nem já sei quaes são os meus.

Triste sou, triste me vejo
Sem a tua companhia,
Tão triste que nem me lembro
Se alegre fui algum dia.

Soneto

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente;
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no Assento Ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma coisa a dôr, que me ficou
Da mágoa sem remedio de perder-te;

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

LUIZ DE CAMÕES.

Soneto

Sete annos de Pastor Jacob servia
Labão, pae de Rachel, Serrana bella,
Mas não servia ao pai, servia a ella,
Que a ella só por premio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vêl-a:
Porém o pae usando de cautela,
Em logar de Rachel lhe dava Lia.

Vendo o triste Pastor que com enganos
Assim lhe era negada a sua Pastora,
Como se a não tivera merecida:

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: — Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

LUIZ DE CAMÕES.

Una fra tante

Partira do pombal o alegre bando
A colher na seara o pão do dia,
E por lá satisfeito ia arrulhando
De seu peito a ternissima alegria!

Subito, uma das pombas, soluçando,
Caira sobre a terra e na agonia
Que prestes a matara, olhou chorando
O tenro par que junto a si gemia.

E o pombo, louco, arado pela dôr,
Ao vêr ali sem vida o seu amor,
O seu primeiro amor, morto, gelado,

Subiu, subiu, subiu, e comprimindo
A aza ao peito, que a dôr ia partindo,
Tombou por sobre a terra, inanimado!

ANTONIO MOLLARINHO.

?

Se a vida é isto que o olhar prescruta,
Isto apenas; se a vida se limita
A este inglorio trilho e amarga lucta,
Que emfim nos prostra e nos consome e agita,

Se os prantos que choramos na desdita
E os ais que d'alma sahem — ninguem 'scuta;
Se o eterno fim d'esta existencia afflicta,
E' ser lançado em pasto á larva bruta;

Se a aza da nossa alma irrequieta
Em vão se libra demandando o erario
De luz e amor, se os sonhos do poeta,

Que tanto e tanto o minam e o consomem,
São apenas ficções d'um visionario!...
Então que és tu, ó desgraçado homem?!

ANTONIO MOLLARINHO.

Visão eterna

Ao longo d'um caminho indefinido,
cujo principio e fim não distinguia,
qual somnambulo, meio adormecido,
meus passos indecisos dirigia...

Era um paiz de muitos habitantes,
e de cidades grandes e famosas.
Seguiam-me incontaveis viajantes
em vagabundas turbas clamarosas.

Ora parava um pouco; ora marchava.
Fugia agora á multidão fremente,
e logo no seu curso deslisava,
como um tronco levado na torrente.

«Onde vou? onde vou? bradava afflicto.
Ha tanto tempo já que eu ando, e ando,
e sempre, ao longe, a curva do infinito
os meus cançados olhos enganando!

Por que motivo occulto, sem cessar,
prosigo este caminho mysterioso!
Que força é que me impelle, ou faz parar
como um braço fatal e caprichoso?»

Então á minha frente um vulto aereo,
um vulto de mulher graciosa e bella,
surgiu, cercado d'um fulgor ethereo,
como os raios dourados d'uma estrella.

Cobria-a uma tunica de linho,
uma comprida veste angelical,
alva, mais alva que o macio arminho,
e que a ligeira nevoa matinal.

Na sua bocca limpida, innocente,
despontava um idyllico sorriso,
puro como a alvorada transparente
da primeira manhã do Paraizo.

Mal poisava no chão os niveos pés,
no seu marchar de sylphide graciosa:
corriam como a espuma das marés
voando em flocos sobre a praia aquosa.

E o seu braço mimoso, alabastrino,
qual bussola tremente, me apontava
essa estrada que, assim como o destino,
em frente a mim se abria e prolongava.

E disse-me: «Caminha, viandante,
ergue essa fronte annuviada e mesta...
agora é cada vez menos distante
o éden promettido, sempre em festa!

Ahi descançarás da marcha ardente,
n'essas maravilhosas regiões.
onde a alma remoça eternamente
n'um florescer constante d'illusões;

onde jámais se extingue a primavera,
e o sonho os corações nos arrebata
ao mundo luminoso da chimera,
nas suas azas mysticas de prata...

Oh! vem commigo! a minha mão de fada
ampara o andar incerto dos mortaes...
ainda uns passos n'essa immensa estrada!
E' perto já meu reino... Uns passos mais!»

Mas, quando eu fascinado ia a seguil-a,
senti tocar meu hombro estranha mão:
voltei o rosto, e vi, doce e tranquilla,
atraz de mim, parada, outra visão.

Esta era melancholica e dolente,
e a sua vaporosa fluidez
lembrava a triste meia-luz do poente,
n'uma vaga, indecisa pallidez.

Ligeiras vestes d'uma côr sombria
envolviam-lhe o corpo fugitivo...
Não sei que amarga compunc̃ção havia
no seu languido olhar contemplativo,

no seu languido olhar que, máguado,
ia fitando a linha indefinida
do espaço, que eu havia caminhado
por essa estrada incognita da Vida.

«Pára um momento, — disse-me por fim. —
Onde é que vaes em busca da ventura?...
D'essa jornada o inevitavel fim
é o abysmo fatal da sepultura...

Contempla o teu passado um só instante..
Atraz, atraz de ti é que ficou
esse paiz do sonho, deslumbrante,
— na tua mocidade que passou.

E agora o que te resta é contemplar
de longe esse perdido paraiso,
que, sob um raio ethereo de luar,
Se entrevê ainda álem, vago e indeciso.»

Calou-se. E então á apparição fagueira
eu bradei: «Quem sois vós, por piedade?!»
— «Sou a Esperança» — disse-me a primeira.
E a outra respondeu: — «Sou a Saudade!...»

Luiz de Magalhães.

Voz do mar

Quando as vagas sonoras arremesso,
O' terra, minha irmã, não me lamento.
Se o meu bramido te levar o vento,
Não supponhas que estou gemendo oppresso.

Se não descanço nunca, se não cesso
De agitar-me em constante movimento,
E' porque trago fito o pensamento
Na lua e sol, os astros que estremeço.

Quando a noite me envolve em seus negrumes,
Estas vozes profundas que levanto
Meus gemidos não são, não são queixumes.

Fala-me o céo, attrae-me aquelle encanto;
Não lhe pago o tributo de perfumes,
Presto-lhe adoração, entôo um canto.

A. d'Azevedo Castello Branco.

O' terra, ó minha irmã, quando imaginas
Que estás em base solida e segura,
E destinada á perennal ventura
Que é dada só ás condições divinas:

Não vês que tantos montes e collinas
Já têm perdido a pristina estatura
E transformado a luminosa altura
Em escombros e acervos de ruinas?

Não tenhas loucos sonhos; vae girando
No turbilhão dos mundos infinitos...
Até que um dia horrenda tempestade

Das entranhas de fogo rebentando,
Te converta em milhões de aerolithos
Que dispersos serão na immensidade.

A. d'Azevedo Castello Branco.

A uma creança

Quando morreu

Morreu, voou ás regiões formosas,
Olhando a immensa abobada sombria,
E os anjos em celesle melodia,
Foram cerrar-lhe as palpebras mimosas.

Quando expirou, as juritys graciosas
De plumagem subtil, branda e macia
Entoaram tristemente uma harmonia,
Expressa em longas notas dolorosas...

Ouviu-se ao longe o soluçar cadente
Das ondas tristes e do mar fremente,
Cantando um threno virginal, aereo...

Quando essa flôr desabrochada apenas
Murchou, partiu para as regiões serenas,
Tinha nos labios um sorriso ethereo...

A' beira do caixão

Levaram-na depois n'um caixãozinho
De finos arabescos rendilhados:
Os olhos para sempre iam cerrados,
Tinha a face mais alva que o arminho.

Os lirios brancos iam espalhados
Por sobre aquelle ameno e doce ninho;
E os cabellos, dourados como o linho,
Na face lhe cahiam, annelados.

Iam murchas as rosas d'essa face
E parecia que um clarão fugace
Lhe illuminava a fronte radiosa...

Tinha o frescor das languidas verbenas,
As brancas mãos da côr das assucenas
E a pallidez da Virgem lagrymosa...

OLIVEIRA MACEDO.

Meteoro

Como pomba que passa na amplidão,
N'um vôo lesto, rapido, fugace,
Vi-te passar e, apóz a tua face,
O meu olhar se foi e o coração!

Foi-se-me o coração e a alegria...
E até mesmo não sei se a propria vida
Comtigo me voou... tão succumbida
Vae minha alma chorosa dia a dia!...

Talvez que nunca mais te volte a olhar!
E entretanto, creança, no meu peito
A tua imagem mora, e só desfeito
Deixará o coração de te adorar.

Abre-o quando eu morrer — meu coração!
E lá verás brilhar, enthesoirado,
Irradiando um fulgido clarão,
O teu suave olhar, crystalisado!

ANTONIO MOLLARINHO.

V

Tinha o olhar sympathico e bondoso
E um bello typo de aldeã sadia,
E o rosto sempre alegre e radioso,
Que a todos encantava e a todos ria!

Notou-se-lhe, porém, um certo dia,
Um grande desconforto e o olhar choroso...
E a viveza d'outr'ora e a alegria
Fugira de seu peito venturoso...

Fugira-lhe a alegria e a saudade;
E, assim, tormentosa, a juventude,
Celere e triste se lhe foi passando...

Prestes, morrera, e aquelles que a levavam
A' gelida morada, murmuravam
«Morreu d'amores...» e iam soluçando!

ANTONIO MOLLARINHO.

O natal do pobresinho

Oh que asperrimo dezembro!
Treme o frio em cada membro
Se cogito, se me lembro
Do que lá por fóra vae;
Pelos gelos da vidraça
Olho a rua; ninguem passa,
Mais que o vento, que esvoaça
Sobre a neve; e neve cáe.

Mas á nossa residencia
(Graças mil, ó Providencia)

Traz de dezembro a inclemencia
Delicias a plenas mãos.
Viva o Natal, santo dia!
Bom fogo aquece e alumia
A domestica alegria
De meninos e anciãos.

Vêde este bando innocente
Como folga e ri contente,
Dansando em torno á luzente
Arvor' do Santo Natal.
Mas em rica sala accesa
Que admira, se em tósca mesa
Nem aos filhos da pobreza
Falta a usança festival?...

N'este dia, n'esta hora,
Em que infante um Deus se adora,
Não ha penas; ninguem chora;
Toda a terra está feliz.
Toda?! Ás portas d'esse nobre
Não vejo eu bater um pobre,
Quo o vento cruel descobre
Das rotas vestes subtis?

E não é elle um menino?
Não vaga sem luz, sem tino
Ludibrio de atroz destino
Por entre tanto folgar!?
Vem-lhe o cheiro dos manjares,
Vem-lhe o estrondo dos folgares.
E entre tantos ricos lares...
Não encontra aberto um lar.

Frio e fome! (coitadinho)!
Como ave implume e sem ninho,

Vae, sem lhe importar caminho,
Vae, sem saber onde irá.
Ninguem sabe, nem presume,
Quantas penas em cardume
Aquella avesinha implume
Curtindo em silencio está.

Ir ávante... não se atreve.
Ajoelha sobre a neve;
E desata n'esta breve
Prece, humilde a voz e os ais;
Humilde prece, que o vento
Abafa e troca violento,
Para a ir pôr no ethereo assento,
Longe de ouvidos mortaes.

— «Meu Deus, morrer só comsigo!
«Deus meu, não ter um amigo!
«Não ter, ó meu Deus, abrigo
«De pae, de mãe, nem de irmão!
«Não posso mais; não resisto;
«Tenho fome e frio, oh Christo!
«Pequenino sou...» E n'isto,
Soluça do coração.

— «Todos, todos d'esta edade,
«Na tua festividade,
«Bom Jesus, tem claridade,
«Prazer, fartura e calor;
«D'entre as tuas creaturas
«Só eu te adoro ás escuras;
«Só contra mim te conjuras,
«Menino que és todo amor.

«Paciencia!... Pouca importa!
«Dá tudo aos mais e os conforta,

«Mas a mim a tua porta
«Depressa me faze abrir.
«N'este mundo frio, escasso,
«Não posso dar mais um passo;
«De tua mãe no regaço
«Quero ir pousar e dormir.» —

Diz, e assenta-se carpindo:
Eis que outro infante mais lindo
Lhe apparece refulgindo
Qual uma estrella sem véu!
Tem de néve e d'oiro a véste,
Azas de azul, voz celeste:
— «Sempre comtigo me houveste»
Lhe diz, apontando ao céu.

«Olha a estrellada abobada,
«Irmão querido,
«Terrestre anjinho candido
«A quem presido;
«De luzes toda esplendida
«Rica, immortal,
«Aquella, aquella é a arvore
«Do teu Natal.

«D'alvas estrellas tremulas
«Enflora os ramos;
«Nós, nós o bando aligero,
«N'elles cantâmos.
«Já nosso pae (consola-te)
«Lá te anda a pôr
«As inneffaveis dadivas
«Do teu amor.

«Soa a tua hora; alegra-te;
«Surge immortal:
«Aquella, aquella é a arvore
«Do teu Natal.» —

Tudo o que assim lhe dizia
O risonho ethereo guia,
Tudo cheio de alegria
'stava o pobresinho a vèr.
Pouco a pouco os olhos cerra;
Quando outro vez os descerra,
Em vez do exilio da terra
Acha a patria do prazer!

Já tem azas, gira, vôa;
Já co'os anjos gloria entôa,
Já sua arvore o corôa
De estrellinhas em botão;
Já sente affago materno;
Já desfructa amor paterno;
Das virgens o côro terno
O sauda por irmão;

Ah! como este innocentinho,
Sem plumas, sem mãe, sem ninho,
Não tem o mundo mesquinho
Tanta creança? e não tem
Outras mil de peior sorte,
Com quem é madrasta a morte,
E a quem bradará mais forte
A penuria do que o bem?

Quão formosa a caridade
Que imitando a divindade
Folga se acha um d'esta edade,
Como se achára um sequim,
E o beija, enthesoura e zela!
Oh não, que a não ha mais bella!
— «Os pequeninos» — diz ella, —
«Deixae-os vir para mim.» —

Vós á terra e ao céo propicios
Que daes com mil beneficios
Contra a fome e contra os vicios
Asylo ao bando infantil,
Redobrae com mãos piedosas
Esmolas, que milagrosas
Recobrareis feitas rosas
Nos campos de eterno abril.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Canção do exilio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorgeiam,
Não gorgeiam como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nassas varzeas têm mais flôres.
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida, mais amores,

Em scismar sósinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar — sósinho, á noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que eu desfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem que inda aviste as palmeiras
Onde canta o Sabiá.

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

Entre sombras

Vem ás vezes scntar-se ao pé de mim
— A noitc desce, desfolhando as rosas —
Vem ter comigo ás horas duvidosas
Uma visão, com azas de setim...

Pousa de leve a delicada mão
— Rescende aroma a noite socegada —
Pousa a mão compassiva e perfumada
Sobre o meu dolorido coração...

E diz-me essa visão compadecida
— Haja suspiros no espaço vaporoso —
«Diz-me: Porque é que choras silencioso?
Porque é tão erma c triste a tua vida?

Vem comigo! Embalado nos meus braços
— Na noite funda ha um silencio santo —
N'um sonho feito só de luz e encanto
Transporás a dormir esses espaços...

Porque eu habito a região distante
— A noite exhala uma doçura infinda—
Onde ainda se crê e se ama ainda,
Onde uma aurora egual brilha constante...

Habito ali, e tu virás comigo
— Palpita a noite n'um clarão que offusca —
Porque eu venho de longe em tua busca
Trazer-te paz e allivio, pobre amigo...»

Assim me falla essa visão nocturna
— No vago espaço ha vozes dolorosas —
São as suas palavras carinhosas
Agua correndo em crystallina urna

Mas eu escuto-a immovel, somnolento
— A noite verte um desconsolo immenso —
Sinto nos membros como um chumbo denso,
E mudo e tenebroso o pensamento...

Fito-a, n'um pasmo doloroso absorto,
— A noite é erma como campa enorme —
Fito-a com olhos turvos de quem dorme,
E respondo: «Bem sabes que estou morto!»

ANTHERO DE QUENTAL.

Anjinho

Não chorem! que não morreu!
Era um anjinho do céo,
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Pobre creança! dormia!
A belleza reluzia

No carmim da face d'ella!
Tinha uns olhos que choravam,
E nos risos que encantavam,
Ai! meu Deus! era tão bella!

Um anjo d'azas azues,
Todo vestido de luz,
Murmurou-lhe n'um segredo
Os mysterios d'outra vida!
E a creança adormecida
Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo, que ainda o mundo
O labio visguento, immundo,
Lhe não passara na roupa!
Que só o vento do céo
Batia do barco seu
As velas d'ouro da pôpa!

Tão cedo, que o vestuario
Levou do anjo solitario
Que velava seu dormir!...
Que lhe beijava risonho
E essa florsinha no sonho
Toda orvalhada no abrir!

Não chóres! lembro-me ainda
Como a creança era linda
No frio da facezinha!
Com seus labios azulados,
Com os seus olhos vidrados,
Como da morta andorinha!

Pobresinho! o que soffreu!...
Como convulso tremeu
Na febre d'essa agonia!

Nem gemia o anjo lindo!...
Só os olhos expandindo,
Olhar alguem parecia!

Era um canto de esperança,
Que emballava essa creança?
Alguma estrella perdida,
Do céo c'roada donzella,
Toda a chorar-se por ella,
Que a chamava d'outra vida?

Não chorem! que não morreu!
Era um anjinho do céo,
Que um outro anjinho chamou.
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO. (1)

Hymno secular dos romanos

(VERSÃO LIVRE)

O' Phebo, ó Diana das selvas rainha,
Brilhante ornamento dos ceus estrellados,
O' numes, que sois e sereis adorados,
Dos sacros festejos a hora chegou.

(1) MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, bacharel em lettras pelo Imperial Collegio de Pedro II, nasceu na cidade de S. Paulo a 12 de setembro de 1831, e falleceu a 25 de abril de 1852. As obras d'este grande poeta foram mandadas imprimir pelo pae d'este infeliz rapaz. São poesias sobre varios assumptos lyricos e algumas paginas em elegante prosa.

Ouvi nossas preces; das virgens, dos moços,
Sem macula, as vozes ouvi argentinas,
Que aos deuses, que amam das sete collinas
A terra, a sybilla cantar ordenou.

Sol que no carro fulgido,
O mesmo sempre e novo,
Já mostras, já escondes
A um, a outro povo.

Do dia o resplendor,
Que nunca outra cidade
Tu vejas no teu curso
A Roma sup'rior!

O' bondosa Ilithya,
O' genital deidade,
O' candida Lucina,
(Que tantos nomes tens)
Tu que ao nascer da vida
Presides, guarda, ampara,
Protege as ternas mães.

A próle, ó deusa, angmenta-lhes:
Dos padres o decreto,
Que as nupcias favorece,
Ajuda a prosperar,
E a lei que novos filhos
Promette á patria dar;
Para que, após um seculo, (1)
Volte de novo a época

(1) Ha edições que tem: *Certus ut denos* e outras: *Certos undenos*. Adoptamos o primeiro modo. Se estas grandes festas de Roma se celebravam de cem em cem annos ou de cento e dez em cento e dez é ainda duvidoso entre os que estudaram tal materia.

Das festas, do prazer,
Que por tres dias claros
E tres gostosas noites
Costuma-se estender.

O' Parcas, da bocca vos pende a verdade;
Os vossos decretos o fado respeita:
Aos bens já logrados
De novos, mais bellos juntae a colheita.

Que a terra abundante de messes, de gados
A Ceres off'reça corôas de espigas;
Que nutram o germen no seio fecundo
As lymphas salubres, as auras amigas.

Depõe tuas frechas, Apollo, e bondoso
Dos jovens romanos os rogos attende.
As virgens romanas teus olhos estende,
O' lua, ó rainha do céo luminoso.

Se Roma é vossa obra, se aportaram
Os troianos por vós á terra etruria,
Illion abandonando incendiada
E o lar entregue do inimigo á furia;

Se Eneas, sobrevivo a tanto estrago,
Livre do ferro e fogo, para o exilio
Os levou pelo mar tempestuoso
A outra plaga melhor, por vosso auxilio;

Nossa prece attendei: dae o descanso
De Roma aos anciãos; á mocidade
São costumes; á patria largo imperio,
Longa prole e a maior felicidade;

E ao de Anchises e Venus claro sangue,
Ao que hoje vos immola puros touros
Concedei que governe pio e forte
E cinja sempre da victoria os louros.

Já no mar, já na terra o medo treme
Das segures de Roma e do seu braço;
Já o scytha soberbo lhe obedece,
E o indio até da aurora no regaço.

Já a fé, a paz, a honra, o pejo antigo
Ousam volver á terrenal estancia,
E a virtude dos homens desprezada
E a leda cornucopia da abundancia.

O augur sagrado,
O' Phebo, ó deidade
Do arco fulgente,
O' deus que presides
Das nove Camenas
Ao côro cadente,
E aos corpos que soffrem
Mitigas a dôr,
Mais annos, melhores
Ainda do que estes
Nos dá, se piedosos
Teus olhos celestes
O gran Palatino,
De Romulo o imperio,
E o Lacio ditoso
Acaso contemplam,
O' deus protector
O' deusa adorada.

No algido monte,
No monte Aventino,
Os rogos escuta
Dos que hoje prefazem
Teu culto divino,
E ao côro dos moços
Ouvidos attentos
Te digna volver.
E nós que entoámos
Os altos louvores
De Phebo e Diana,
Ao lar nos tornamos,
Co'a firme esperança
Que Jove e os mais deuses
Tambem protectores
De gente romana,
Do imperio hão de ser.

J. Ramos Coelho. (1)

(1) José Ramos Coelho. — Official da secção de manuscriptos da Bibliotheca Publica de Lisboa, membro da Academia Real das Sciencias e de outras sociedades litterarias, cavalleiro da ordem italiana de S. Mauricio e S. Lazaro, nasceu em Lisboa. Ha d'este auctor as

Saudades

Leva este ramo, Pepita,
De saudades portuguezas;
E' flôr nossa e tão bonita
Não n'a ha n'outras devezas.

Seu perfume não seduz,
Não tem variado matiz,
Vive á sombra, foge á luz,
As glorias d'amor não diz.

Mas na modesta belleza
De sua melancholia
E' tão suave a tristeza,
Inspira tal sympathia!...

seguintes obras: Traducção da *Jerusalem Libertada*, poema épico de Torquato Tasso, trabalho de tão subido merecimento pela fidelidade e elegancia com que está vertido em oitava rima portugueza, que a Academia Real das Sciencias, espontaneamente, quando ella saiu á luz, laureou Ramos Coelho com o titulo de Academico. E' das quatro traducções que existem em portuguez, sem contestação, a superior. Ha tambem d'este auctor publicados dois volumes de poesias intitulados: *Preludios Poeticos* e *Novas Poesias*, nos quaes ha composições de verdadeiro merecimento. O poemeto *A' sombra de Carlos Alberto* é uma composição inspirada que revela a alma de um grande poeta. A traducção da memoravel ode de Manzoni, que se encontra entre as suas poesias, nada perdeu da magestade original. Outras composições existem dispersas por differentes jornaes. Consta-nos que o illustre academico possue alguns poemcto sineditos, que não tem querido dar á publicidade.

A muita modestia, a vida concentrada e a tristeza que sempre o domina, faz que viva retirado da pleiade gloriosa dos cultores contemporaneos das musas, de que é um dos mais distinctos

O poemeto que n'este logar damos vertido á luz, a pedido nosso, é admiravel pela fidelidade e elevação de phrase, e mais um glorioso padrão com que elle acaba de honrar as lettras patrias. Nenhuma das traducções d'este hymno, que figuram na grande edição polyglota de Horacio, eguala esta na fidelidade e sabor poetico horaciano, com que tanto se deliciavam os ouvidos dos cidadãos de Roma.

E tem um dote esta flôr
Que de outra egual se não diz:
Não perde viço ou frescor
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce
Com tudo o que as outras mata
Até ás vezes mais cresce
Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão,
Que te não devo esconder:
Plantada no coração,
Toda outra flôr faz morrer.

E, se o quebra e despedaça
Com as raizes mofinas,
Mais ella tem brilho e graça,
E' como a flôr das ruinas.

Não, Pepita, não t'a dou...
Fiz mal em dar-te essa flôr,
Que eu sei o que me custou
Tratal-a com tanto amor.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Soneto

Desponta a estrella d'alva, a noite morre,
Pulam no matto aligeros cantores;
E doce a brisa no arraial das flôres
Languidas queixas murmurando, corre.

Voluvel tribu a solidão percorre
Das borboletas de brilhantes côres;
Soluça o arroio; diz a rôla amores
Nas verdes balsas d'onde o orvalho escorre.

Tudo é luz e esplendor; tudo se esfuma
Ás caricias d'aurora, ao céo risonho,
Ao floreo bafo que o sertão perfuma!

Porém minh'alma triste e sem um sonho
Repete olhando o prado, o rio, a espuma:
—Oh! mundo encantador, tu és medonho!

F. Varella. (1)

Adeus, mãe!

—Adeus, mãe! adeus, querida,
Que eu já não posso co'a vida,
E os anjo chamam por mim.
Adeus, mãe! adeus!... Assim,
Junta os teus labios aos meus,
E recebe o ultimo adeus.

(1) Fagundes Varella é, na opinião dos criticos brazileiros, um dos maiores poetas da terra de Santa Cruz. No concurso de poesia moderna foi julgado o terceiro na ordem do merecimento. Nascen na villa de S. João de Rio Claro aos 17 de agosto de 1841, falleceu no dia 18 de fevereiro de 1875. Na sua curta carreira da vida, a desgraça não deixou nunca de pesar sobre elle com despiedosa furia, a ponto de por vezes lhe fazer vacillar a rasão. Casando muito moço com uma senhora que enthusiasticamente adorava, e de quem houve um filho que estremecia, pouco tempo gosou d'essa rara ventura, e mãe e filho viu em breves annos serem-lhe extemporaneamente arrebatados pela morte. Desde então nunca mais a sua pobre alma, creada para os altos vôos, poude arrastar-se senão em volta dos dois tumulos queridos, que encerravam quanto no mundo amava. As suas poesias a cada passo danunciam o estado melancholico e cahido do seu espirito. A esta lamentosa circumstancia são certamente devidas as muitas incorrecções que os criticos, sens conterraneos, accusam nas varias composições que publicon.

N'este suspiro... não chores,
Não chores: aquellas dôres
Já sinto acalmar em mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim,
Junta os teus labios aos meus...
Um beijo — um ultimo... Adeus!

E o corpo desanimado
No collo da mãe cahia;
E ella o corpo... só pesado,
Só mais pesado o sentia!
Não se lamenta, não chora,
E quasi a sorrir, dizia;
— Que tem este filho agora,
Que tante pesa? Não posso...
E uma a uma, osso por osso,
Com a mão tremula tenta
As mãosinhas descarnadas,
As faces cavas, myrradas,
A testa inda morna e lenta.
— Que febre, que febre! diz:
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo que ha mau lhe occorreu.
Tudo — menos que morreu.

Como nos gelos do norte
O somno traidor da morte
Engana o desfallecido
Que imagina adormecer,
Assim cançado, esvahido
De tão longo padecer,
Já não ha no coração
Da mãe força de sentir;
Não tem já lume a razão
Senão só para a illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada
Que é tempo de despertar!
Anda ver a eça armada,
As luzes que ardem no altar.

Ouves? E' a rouca toada
Dos padres a psalmear!...
Vamos, qce a hora é chegada,
E' tempo de o amortalhar.

E os anjos cantavam:
Alleluia!
E os santos clamavam:
Hossana!

Ao triste cantar da terra
Responde o cantar do ceu;
Todos lhe bradam: — «morreu!»
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,
E os padres a rezar.
E ella ainda a acalentar
Nos braços o filho morto,
Que já não tem mais conforto
Mais socego n'este mundo,
Que o jazigo humido e fundo
Onde ha de ir a sepultar.

Levai, ó anjos de Deus,
Levai essa dor aos ceus,
Com a alma do innocente
Aos pés do Juiz Clemente

Ahi fique a santa dor
Rogando á Eterna Bondado
Quo extenda a immensa piedade
A quantos peccam d'amor.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Canção á morte de D. Ignez de Castro

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flôres;
Morrei, amores,
Que Ignez morreu.

Misero esposo,
Desata o pranto
Que o teu encanto
Já não é teu.

Sua alma pura
Nos céos se encerra:
Triste da terra,
Porque a perdeu.

Contra a cruenta
Raiva ferina,
Face divina
Não lhe valeu.

Tem roto o seio
Thesouro occulto,
Barbaro insulto
Se lho atreveu.

De dôr e espanto,
No carro de ouro
O numen louro
Desfalleceu.

Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram
O chão tremeu.

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flôres;
Morrei, amores,
Que Ignez morreu.

M. M. BARBOSA DU BOCAGE.

Infancia e velhice

O lyrio é menos candido, a neve é menos pura
Que uma criança loura no berço adormecida;
Seus labios entre-abertos parece que respiram
Os languidos aromas e as auras de outra vida.

O anjo tutelar que o somno lhe protege
Não vê um ponto negro n'aquella alma divina;
Nunca sacode as azas para voltar ao céo,
E nem afasta ao vêl-a a face peregrina.

No seio da criança não ha serpes occultas,
Nem perfido veneno, nem ferventes lumes;
Tudo é candura; oh! Deus! su'alma inda innocente
E' como um vaso de ouro replecto de perfumes.

Cedo ella cresce e então os vicios a acompanham,
Seu anjo tutelar pranteia ou volta ao céo;
O calice dourado transborda de absintho,
E a vida corre envolta em lutulento véo.

Depois ella envelhece, as illusões se esvaem,
A calma vem, e a chamma do seu viver se escôa;
A fronte pende em terra coberta de geada,
E a mão rugosa e tremula levanta-se e abençôa.

O infante e o ancião são dous sagrados sêres;
Um deixa ha pouco o céo, e o outro ao céo se volta;
Um cerra as azas debeis e a Divindade adora,
O outro adora a Deus e as azas niveas solta.

Do louro cherubim na face rosea e bella
Ainda existe o traço do beijo dos anjinhos;
Na fronte alta e severa do ancião, scintilla
A chamma que do Empyreo aponta-lhe os caminhos.

Nos tempos de desgraça, quando o existir é trevas,
E a duvida se eleva do funebre ataúde,
Nos olhos da criança creiamos na innocencia,
E nos cabellos brancos saudemos a virtude!

F. VARELLA.

Na estrada

SCENA CONTEMPORANEA

Eu vi o pobre velho esfarrapado
— Cabeça branca — sentado pensativo
D'um carvalho ao pé!
Esmolava na pedra d'um caminho,
Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,
E rico só de fé!

Era de tarde; ao toque do mosteiro
Seu labio a murmurar resava baixo,
— Ao lado o seu bordão;
E o sol, no raio extremo, lhe dourava
Sobre a fronte senil a dupla c'rôa
De pobre e de ancião!

E o *homem de metal* vinha sorrindo,
Contando ao companheiro os gordos lucros
Na usura dos judeus;
O mendigo estendeu a mão mirrada,
E pediu-lhe na voz entrecortada:
Uma esmola, por Deus!

O *homem de metal*, embevecido
Em sonhos de milhões, por junto á pedra,
Sem responder, passou!

O pobre recolheu a mão vasia...
O anjo tutelar velou seu rosto,
Mas — Satanaz folgou!

CASIMIRO DE ABREU.

Rosa e lyrio

A rosa
E' formosa;
Bem sei.
Porque lhe chamam — flôr
D'amor,
Não sei.

A flôr,
Bem de amor
E' o lyrio;
Tem mel no aroma, — dôr
Na côr
O lyrio.

Se o cheiro
E' fagueiro
Na rosa,
Se é de belleza — mor
Primor
A rosa,

No lyrio
O martyrio
Que é meu
Pintado vejo: — côr
E ardor
E' o meu.

A rosa
E' formosa,
Bem sei...
E será de outros flôr
D'amor...
Não sei.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Saudades

Nas horas mortaes da noite
Como é doce o meditar,
Quando as estrellas scintillam
Nas ondas quietas do mar;

Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa
Como donzella vaidosa,
Nas aguas se vae mirar!

N'essas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de magoa e de dor,
O sino do campanario,
Que falla tão solitario
Com esse som mortuario
Que nos enche de pavor.

Então — proscripto e sósinho —
Eu solto aos eccos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dôres:
Saudades — dos meus amores,
Saudades — da minha terra!

CASIMIRO DE ABREU.

Hymno republicano dos gregos (1)

Com ramo de myrto
Coberta, enleiada,
Trarei minha espada,
Por nobre brazão,
Seguindo com justo
Aos despotas odio,
O exemplo de Harmodio
E Aristogitão,

(1) Este hymno foi composto em louvor de Harmodio e de Aristogitão, que libertaram Athenas do jugo dos tyrannos Hipparcho e Hippias, filhos do Pisistrato, e que restituiram á patria a sua constituição democratica. no anno 509 antes da era christan. Esta poesia é attribuida a Callistrato.

Publicamol-o como um simples monumento litterario, sem que de nenhum modo se entenda que o paraphrasta ou o auctor d'este livro, approvam o assassinio perpetrado por qualquer causa ou pretexto que seja.

Quando elles tiraram
A vida ao tyranno,
E Athenas livraram
Da séva oppressão.

Ah! tu não morreste,
Harmodio querido:
Bem que succumbido
Na heroica facção.

Das ilhas felizes
No fulgido goso,
Te diz venturoso
Da fama o pregão.

Achilles, Diomedes,
Os fortes guerreiros
Te são companheiros
Na amena mansão.

Com ramo de myrto
Çoberta, enleiada,
Trarei minha espada,
Por nobre brazão,

Seguindo, com justo
Aos despotas odio,
O exemplo de Harmodio
E Aristogitão,

Por quem, no festejo
A Pallas sagrado,
Hipparcho immolado,
Desceu a Plutão.

Tereis gloria infinda,
O' par bem amado,
Harmodio esforçado,
E Aristogitão.

Pois ambos matastes
Hipparcho, o tyranno,
E Athenas livrastes
Da séva oppressão:

A antiga lhe déstes
Gentil liberdade,
As leis, a egualdade
Que dita lhe são.

V. L.

Folha negra

Sinhá, um outro mancebo
Alegre, poeta, e crente,
Soltara um canto fervente
De amor talvez! — de alegria.
E aqui nas folhas do livro
Deixara — amor e poesia.

Mas eu que não tenho risos
Nem alegrias tão pouco,
Nem sinto esse fogo louco
Que a mocidade consome,
Nas brancas folhas do livro
Só posso deixar meu nome!

E' triste como um gemido,
E' vago como um lamento;
— Queixume que solta o vento
Nas pedras d'uma ruina,
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lyrio s'inclina!...

Grito de angustia do pobre
Que sobre as aguas se afoga,
Cadaver que boia e voga
Longe da patria querida,
Grito de quem n'agonia
— Já morto — se apega á vida!

Vozes de flauta longinqua
Que as nossas magoas aviva,
Soluço da patativa,
Queixume do mar que róla,
Cantiga em noite de lua
Cantada ao som da viola!...

Saudades do pegureiro
Que chora o seu lar amado,
— Calado e só — recostado
Na pedra d'algum caminho...
Canção de santa doçura
Da mãe que embala o filhinho!...

Meu nome! E' simples e pobre
Mas é sombrio e traz dôres,
— Grinalda de murchas flôres
Que o sol queima e não consome...
— Sinhá!... das folhas do livro
E' bom tirar o meu nome!...

CASIMIRO D'ABREU

O Incenso do Altar

I

Os sons do facil orgam:
A voz dos corypheus:
As orações dos crentes:
O susto dos atheus:
Tudo apregôa e prova:
— Aqui domina Deus!

Silencioso esteve
Ha pouco — o sanctuario:
Qual a mudez, que guarda
Jazigo mortuario:
Qual o terror do nauta
Em mar tumultuario.

As almas dos finados
Erguiam-se do pó:
Chocando-se torvadas,
Cruzando as naves só
Contando columnatas
As ancias de seu dó.

Fugiram já, — fugiram
Dos sacros penatraes:
Qual foge de repente,
Da mente dos mortaes,
Do mal a triste idéa
Com a dos bens reaes.

Purificou-se o ether:
Espectros mais não ha.
Sôbr'elles cae a campa,
E um ôco baque dá.
Sumiram-se no abysmo:
Deus não n'os ouve já.

II

Agora intôa o coro
Hymnos de compunecção.
Levanta a voz dos crentes
Altivola oração.
Atheu! — medida: é tempo
De ainda haver perdão.

Não te commovem alma
Os cantos dos christãos?
As notas que produzem
Do organista as mãos?
As notas, que percorrem
Do templo pelos vãos?

Nem das nuvens de incenso
O quente rescender?
Que vão nas mãos das auras,
No tecto esvaecer?
— Impio! tu não tens alma,
Ou não n'a queres ter?

Vê como sobe o incenso,
Quaes globos de um bulcão.
Vê como cresce a reza,
Quaes lavas de um vulcão.
Vê como encanta a orchestra,
Qual voz de um furacão.

Vê tanto enthusiasmo
Na face d'esses crentes.
Vê tanta confiança
Em almas tão tementes.
Vê tanta fé em Deus,
— No Deus que não consentes!

Se não te mente, oh impio,
Esse systema teu:
Se não é como o riso
De ambiguo phariseu:
Como o falar do hypocrita,
Que tambem é atheu:

Que inferno de torturas
A mente não te côa!
Ao doce som do orgão,
Que pelos vãos rebôa!
Aos canticos sagrados,
Que o povo e o coro entôa!

Ás preces do ministro,
Que ao Christo, por ti, ora!
Á face d'esse templo,
Que os labios te descóra!
Qu'ao Deus, — que negas impio, —
E louva e reza e adora!

Compunge-te — e conhece
De Deus a justa mão.
Vem commungar do calix
Dos gosos do christão;
Que sentirás arrobos,
Que terás alma então!

Vê como sobe o incenso,
Quaes globos de um bulcão!
E pelo tecto rompe,
Quaes lavas de um vulcão!
E aos ceus leva a fragrancia
— Veloz, qual um pegão!

Vê como sobe o incenso,
Que aromatiza o altar:
Suave,—qual a briza
Entre o fervor do mar:
Suave,—qual dos anjos
O doce respirar.

III

Ai!—praza a Deus que breve,
Tão breve como a flor,
Ardendo o incenso,—ardendo,
Qual virginal rubor,
Transponha aos ceus a alma
Do triste trovador!

JUNQUEIRA FREIRE.. (1)

(1) As poesias de JOSÉ JOAQUIM JUNQUEIRA FREIRE foram publicadas com o titulo de *Inspirações no Claustro*. Porquê? Elle proprio o declara no prologo que as precede. *Pela mão invisivel da Providencia fui arrojado ha tres annos para o coração do claustro.* As rasões que o levaram involuntariamente ao encerro não as explica elle. Talvez quem souber ler nas entrelinhas dos seus versos descortine a rasão

Hymno dos bravos

Brazileiros ás armas corramos
Que hoje a Patria affrontada nos chama;
Não ouvis esses echos terriveis?
E' a voz do canhão que rebrama!
Impia gente, de sangue sedenta,
Contra nós arrogante se ostenta!

Eia, ás armas, e á Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Defendendo este solo sagrado,
Aggredido por hordas de escravos,
Corajosos á lucta corramos,
Que homens somos, e livres, e bravos.
Tremam elles ao ver-nos unidos,
A vencer ou morrer decididos.

Eia, ás armas, e á Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

de similhante procedimento. Pouco tempo se demorou n'esta conventual solidão. Tres annos; um seculo para o seu espirito, que aspirava ao movimento, ao tumulo, á vida da sociedade. Foram, porém, esses tres annos sufficientes para imprimirem ás suas *Inspirações* a soturna sombra das estreitas e escuras cellas que habitou, e a tristeza lugubre das meditações em que levava os dias. Junqueira Freire não ambicionava as glorias dos que sabem aos pincaros do Parnazo; achava a ascensão penosa e enfadonha, e por isso se limitava a cantar terra a terra, para os que o soubessem entender. *Pelo lado da arte*, diz elle, *meus versos, segundo me parece, aspiram a casar-se com a prosa medida dos antigos*. N'isto se póde cifrar a critica das suas poesias.

Nascido aos 23 de dezembro de 1832 — entrou para o convento na edade de 19 annos, conseguindo secularisar-se em 1854. — Pouco tempo depois falleceu.

Nossos paes, nossas mães, nossa Patria
'Stão vingança, vingança bradando;
Que salvemos a honra ultrajada,
Do inimigo a insolencia domando.
Pois que o louco chamou-nos á guerra,
Com seu sangue lavemos a terra.

Eia, ás armas, e a Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Um só grito, que atrôa espantoso,
Pelo immenso Brazil se dilata;
E da terra se elevam guerreiros,
Do longinquo Amazonas ao Prata.

Todos querem, correndo á victoria,
Colher louros no campo da gloria.

Eia, ás armas, e á Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

GONÇALVES DE MAGALHÃES.

O Misantropo

I

Debalde procuro
O campo, as florestas:
Imagens funestas
Me se seguem té lá.
Nas lapas, nas rochas,
Debaixo da terra,
Um busto me aterra,
Um homem está.

Co'os olhos brilhantes,
Co'as faces formosas,
Co'os labios de rosas,
Sorri-se p'ra mim.
Debalde lhe mostro
Medonho o semblante:
Co'um gesto galante
Responde que—sim.

Na areia da fonte,
Nas urnas do rio,
Meu rosto sombrio
Se encontra c'o seu.
Ajunta seus labios,
Bebendo commigo,
— Fatal inimigo,
Que o fado me deu.

Correndo assombrado
Do vulto gravoso,
Veloz, pressuroso
Demando a soidão.
Mas inda correndo,
Se volto co'os olhos,
Encontro os sobrolhos
Da eterna visão.

E sempre a sorrir-se,
Qual moça innocente,
Co'um modo contente
Dizendo-me adeus.
Renego-te, oh anjo
Fatal, sempiterno,
Ou venhas do inferno,
Ou venhas de Deus!

II

Nos raios da aurora,
Nos trinos das aves,
Nas brizas suaves,
Na voz da manhã,
Em pé, sobre os montes,
Co'um brado que aterra,
Maldigo essa terra,
Tam ampla, tão van.

Os homens odeio,
Com odio profundo,
Com odio que o mundo
Não póde intender.
Então, quanto quero,
Derramo do peito
O fel, que desfeito,
Não posso conter.

E clamo em discursos,
Em odes atrozes,
E os brutos ferozes
Me temem de ouvir,
Dos raios que atiro,
Feridas as selvas,
De folhas, de relvas
Se fazem despir.

Maldigo as estrellas,
As nuvens, a aurora,
A queixa sonora
Das aves do ceu.
Maldigo esse encanto
Que abysmos encobre,
— Mulher que se cobre
Co'as dobras de um veu.

Maldigo a sciencia
Que os homens tortura,
— Formosa loucura
De face louçã;
Procella da insania,
Pegão de sophismas,
Montanha de prismas,
Figura de Pan.

Maldigo a virtude
Instavel cad'hora,
Democrito agora,
Agora Catão:
Phantasma versatil,
Extranho, não visto,
Que ri-se no Christo,
Que chora em João.

Sedento de raiva
Que nunca me finda,
Mais válido ainda,
Maldigo meus paes.
Depois, elevando
A vista ao superno,
Maldigo do Eterno,
Por ser dos mortaes.

III

E sempre esse busto
De homem que odeio,
Me vem, sem receio,
Constante, escutar.
E a cada discurso,
Que franco improvizo,
Responde co'um riso,
E põe-se a calar.

No seio das rochas
Debalde me amparo,
Que sempre o deparo
Co'um riso dos seus;
Castigo infinito,
Tantalico, eterno,
Que veiu do inferno
Por ordem de Deus!

Em cima da rocha
Me assento ferino
Com gesto assassino
Buindo um punhal.
Mas elle desata,
Deixando-me em pasmo,
Com rude sarcasmo,
Risada brutal.

E corro demente
Por invias devezes,
Co'as faces accezas,
Co'o ferro na mão.
E o busto sinistro
Recúa voando,
De frente me olhando
Co'um riso brincão,

E sempre a sorrir-se.
Qual moça innocente,
Co'um modo contente
Dizendo-me adeus!
Castigo infinito,
Tantalico, eterno,
Que veio do inferno
Por ordem de Deus!

JUNQUEIRA FREIRE.

Á morte da Princeza D. Amelia de Bragança

Troa a bradar por ella, heroica artilharia!
Volteae no alarido, ó sinos da oração!
Chora-te, ulula, infancia! Harpas da poesia,
Dae aos echos sem medo a lugubre canção!

Como a estatua da dor ao tumulo abraçada,
A pobre mãe não sente o que em redor lhe vae;
Essa urna é seu mundo; o universo lhe é nada;
Harpas, infancia, bronze, afoutos pranteae.

Quanta dor exprimis, não se compara ao luto,
Que os dias ennoitece á misera Rachel,
Arvore sem raiz, e cujo extremo fructo
Caiu, jaz a seus pés, immaturo, já fel.

Qual outr'ora... e qual hoje! achou-se a mulher forte!
Vede-a viva e de pé nos abysmos da dor!
Quantas vezes no peito a fulminou a morte!
E respira, apegada á cruz do Salvador!

Orphã... e de que Paes! Viuva!... e de que Esposo!
Vira tudo que amou sumir-se-lhe no pó!
Só lhe restava um anjo em seu ermo espinhoso;
A luz que lhe ella dera, elle lh'a dava só.

Outro anjo, o da morte, o do ineffavel premio,
Lh'o andava a namorar d'entre as palmas dos ceus;
Entendiam-se os dois: a mãe no avaro gremio
Sumia o seu, convulsa, olhando os mausoléus.

— «Foge, ó mãe, — lhe murmura a vencida sciencia —
«Nos ermos do Oceano um Eden (1) te sorri;
«Co'a arvore da vida a mão da Providencia
«Lá, onde ha salvo a mil, a salvará por ti» —

Creu, voa, chega, implora; ás auras da saude,
No semblante sem côr vê rosas reflorir!
O' no mar verde ninho! ó ceu d'alma virtude!
Graças, graças a vós! clareia-se o porvir!

Já bençãos mescla o povo ás orações e aos votos;
Filha e mãe, sem terror já ousam de se olhar;
Da infancia e da indigencia aos tugurios devotos
Por suas proprias mãos já vão seus dons levar.

Mas o celeste amante!... é firme em seus amores:
Espera, e não desiste. A fronte virginal
Reflorida se creou... e eram do Empyreo as flores!
Desce o pallido véu da boda perennal!

A hora bate! os céus de par em par se abriram!
Entre igneos cherubins alma esplendente vae!
A terra, ao firmamento, os seus olhares giram!
Sae d'um seio de mãe, voa aos braços d'um pae!

Joven alma feliz! nos jubilos eternos,
Das virgens no alvo côro, entre o cantar sem fim,
D'uma santa no luto escuta os ais maternos,
Tudo foi; baixa a vel-a, ingenuo seraphim.

(1) A Ilha da Madeira.

Na ante-manhã, lá quando o somno os olhos lassos
Lhe houver alfim cerrado, exhaustos de chorar,
Risonha lhe apparece; amima-a nos teus braços;
Embala-a como outr'ora usava a te embalar.

Foi-te mãe; sê-lh'o agora. Envolve-a de caricias.
Cantava-te ella amor? Canta-lhe amor tambem;
D'ambas lhe canta a gloria. Envolve-a nas delicias
Do que é teu, do que a espera, incomparavel bem.

Dize-lhe: — «Aqui na terra, é tudo fugitivo:
«Remorsos o passado, o futuro fallaz;
«O presente afflicção. Quem morre, nasce. Eu vivo;
«Vivo; impero; sou tua; e tu me chorarás?!

«Ora; espera; descansa. O anjo da guarda tua
«Serei eu d'ora ávante; eu quem te inflore a cruz;
«Eu o teu Cyrenéu pela amargosa rua;
«Eu, quem te eleve a fronte; eu, que te esperte a luz!

«Eu, que os maguados pés te afaste dos abrolhos;
«E onde um tumulo vês, te descubra um altar.
«Se uma lagrima ainda, ó mãe, turbar teus olhos,
«Dize: o meu anjo bom não me quer ver chorar. —»

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

O vagalume

(CANTIGA)

Quem és tu pobre vivente
Que vagas triste e sósinho,
Que tens os raios da estrella,
E as azas do passarinho?

A noite é negra; raivosos
Os ventos correm do sul;
Não temes que elles te apaguem
A tua lanterna azul?

Quando tu passas o lago
De estranhos fogos esplende,
Dobra-se a clicia amorosa,
E a fronte mimosa pende.

As folhas brilham, lustrosas
Como espelhos de esmeralda;
Fulge o iris nas torrentes
Da serrania na fralda.

O grillo salta das sarças;
Piam aves nos palmares;
Começa o baile dos sylphos
No seio dos nenuphares.

A tribu das mariposas,
Das mariposas azues.
Segue teus giros no espaço,
Mimosa gota de luz!

São ellas flôres sem hastea;
Tu és estrella sem céo;
Procuram ellas as chammas;
Tu amas da sombra o véo!

Quem és tu, pobre vivente
Que vagueias tão sósinho,
Que tens os raios da estrella,
E as azas do passarinho?

F. Varella.

Tristeza

Minh'alma é como o deserto
De dubia arêa coberto,
Batido pelo tufão,
E' como a rocha isolada
Pelas espumas banhada,
—Dos mares na solidão.—

Nem uma luz de esperança,
Nem um sopro de bonança
Na fronte sinto passar!
Os invernos me despiram
E as illusões que fugiram
Nunca mais hão-de voltar!

Róem-se atrozes ideias
A febre me queima as veias,
A vertigem me tortura!...
Oh! por Deus! quero dormir.
Deixem-me os braços abrir
Ao somno da sepultura!

Despem-se as mattas frondosas,
Cahem as flôres mimosas
Da morte na pallidez:
Tudo, tudo vai passando,
Mas eu pergunto chorando
Quando virá minha vez?

Vem, ó virgem descorada,
Co'a fronte pallida ornada
De cypreste funerario,
Vem! oh! quero nos meus braços
Cerrar-te em meigos abraços
Sobre o leito mortuario!

Vem, ó morte! a turba immunda
Em sua miseria funda
Te odeia, te calumnia,
— Pobre noiva tão formosa
Que nos espera amorosa
No termo da romaria.

Quero morrer, que este mundo
Com seu sarcasmo profundo
Manchou-me de lôdo e fel;
Porque meu seio gastou-se,
Meu talento evaporou-se
Dos martyrios ao tropel!

Quero morrer: não é crime
O fardo que me comprime
Dos hombros lançar ao chão,
Do pó desprender-se rindo
E as azas brancas abrindo
Lançar-me pela amplidão!

Oh! quantas louras crenças
Coroadas de esperanças
Descem da campa á friez!...
Os vivos vão repousando
Mas eu pergunto chorando:
— Quando virá minha vez? —

Minh'alma é triste, pendida,
Como a palmeira batida
Pela furia do tufão;
E' como a praia que alveja,
Como a planta que viceja
Nos muros de uma prisão!

F. Varella.

Canto patriotico

Deus, que ouviste o juramento
Do teu povo lusitano,
Oh rei dos reis soberano,
Ouve-o, que a ti vem bradar!
Nós jurámos, sancta jura
Que ninguem fará quebrar,

Nossas armas humilhadas
Que abandonou a victoria,
Estes pendões já sem gloria
Depômos no teu altar.
Mas juramento que démos
Ninguem nos fará quebrar

Já tua mão omnipotente
Sobre nós luz co'a esperança,
Já vem o Iris da bonança
No horisonte a raiar.
Juramento que lhe démos
Ninguem nos fará quebrar.

Do nosso libertador,
De dois mundos maravilha,
Eis do grande Pedro a filha
Que sobre nós vem reinar.
Juramento que lhe démos
Ninguem nos fará quebrar.

Nas tenras, ungidas mãos,
A paterna magestade
Pôz a nossa liberdade
Co'o proprio septro a guardar.
Juramento que lhe démos
Ninguem nos fará quebrar.

Nós, invocando o seu nome,
E o teu nome, ó Deus de Ourique,
Do filho do grande Henrique
O pendão vamos hastear;
Jurámos, e o juramento
Ninguem nos fará quebrar.

São tambem teus inimigos
Os crus inimigos seus,
Que renegaram de Deus
Antes de a patria negar.
Nós, a jura que fazemos,
Ninguem nos fará quebrar.

Vamos, a esses traidores
Que a tua lei despresaram,
Que a lei do povo calcaram,
Vamos, Senhor, castigar.
Este santo juramento
Não nol-o deixes quebrar.

Confunda-os, Senhor, tua ira,
Desarme-os teu braço eterno:
Manda a confusão do inferno
Suas hostes baralhar:
Que nós jurámos e a jura
Ninguem nos fará quebrar.

Jurámos livrar a patria,
A patria libertaremos;
E, no throno que lhe erguemos,
A rainha ha de reinar.
Jurámos, sim; e esta jura
Ninguem nos fará quebrar.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Avè, Cœsar

(Á MORTE DE CARLOS ALBERTO, REI DO PIEMONTE)

I

Eil-o, o teu defensor, ó liberdade;
Eil-o no extremo leito! A' humanidade
O tributo pagou!
Da nobre espada á lamina abraçado,
Viveu soldado-rei, e, rei-soldado,
Sobre a espada expirou!

Rasgou-lhe ovante as margens do destino
Foi-lhe, rota, bordão de peregrino
Essa espada leal.
Hoje é cruz! De aço puro a cruz só resta.
Sentinella da campa, ao mundo attesta
Que o heroe era mortal!

Os Œdipos de um drama incerto e vario
Talharam-te na purpura o sudario,
Deixaram te ermo e só!
Salvè, ó réi! Rei no solio e no abandono;
Mais rei no exilio, do que os reis no throno:
Rei até sobre o pó!

II

Salvè, ó martyr, coroado
Dos espinhos da paixão;
N'uma nova cruz pregado
D'uma nova redempção!
O teu Gólgotha foi este.
Aqui te cobre um cypreste

Muita gloria e muita dôr;
Aqui teu marco plantaste;
Vencido, aqui triumphaste
De ti mesmo vencedor!

O calix já trasbordava:
Bebeste-o. Foi Deus que o quiz!...
Deu a vida á Italia escrava,
E a sua alma ao seu paiz.
Não dobra a fronte suprema:
Impondo o pé no diadema,
Dos estranhos foge á lei:
E, holocausto derradeiro,
Expira a dôr do guerreiro
Na sepultura do rei!

Foi longa aquella agonia!
Foi curta aquella afflicção!
Desceu rapida n'um dia
Da cabeça ao coração:
Entre as balas despedidas,
Entre as phalanges caídas,
Ficou, tranquillo e de pé,
Como o cedro da montanha,
Que da tormenta na sanha,
As selvas prostradas vê!

Pela Italia, Hespanha e França,
Depois, calado, galgou;
E por momentos descança
Onde o mundo lhe faltou!
Chega, observa, scisma e pára.
O soldado de Novara
Quer ter por leito final,
Quer por leito das batalhas
Este berço de muralhas
Que fez livre Portugal.

Onde a nossa liberdade
Martyr, heroica nasceu,
Pela sua a magestade
Heroica e martyr morreu.
Das glorias tuas, ó Douro,
Accrescentaste o thesouro.
O que é ligando ao que foi;
Cingiu teu braço robusto
D'um heroe ao rosto augusto
A memoria d'outro heroe!

Ambos firmes combateram
Para a patria libertar;
Ambos do throno desceram
Para a vida á patria dar;
Ambos reis, ambos soldados,
Ambos fieis a seus fados,
Mostraram que no porvir
Podem ambos muitas vezes,
No triumpho ou nos revezes,
Eguaes da historia surgir.

III

Ferve o sangue, troveja a batalha,
Tine o ferro, rebomba o canhão!
Pavorosa sibila a metralha,
Varre as filas, dispersa-as no chão.

Lá galopam, se imbebem, se enlaçam
Uns nos outros, rivaes esquadrões;
Corpo a corpo ferventes se abraçam
Em sanguentos, crueis turbilhões.

No lampejo do gladio vermelho
Fulge o raio que a morte vibrou!...
Sem seu filho a gemer deixa um velho,
Seu esposo uma esposa deixou!

D'essa immensa procella de guerra,
D'esse ardente, confuso stridor
Que ficou? Uma c'roa por terra,
Uma bella captiva, um senhor!

Pobre Italia, tão bella e tão triste
No teu vasto e florido jardim!
Foi-te ingrata a fortuna, caiste;
Mas queda d'um povo tem fim!

Infelizes! Da turba guerreira
Fica um resto, que prompto a morrer,
Cobre a face co'a rota bandeira,
Para ao menos a affronta não ver!

Mudos prantos os rostos consomem
Dos valentes do Goito... Que adeus!...
Era a sombra d'um rei e d'um homem,
Que passava em silencio entre os seus!

E passava. Expirar não lograra
Sob o golpe que em vão procurou;
Mas a vida que o ceu lhe deixara
Entre os braços da patria a deixou.

IV

Salvè, salvè, ó magestade
Moribunda a succumbir!
Com o espinho da saudade
Te havia fundo pungir!
Como o homem soffreria
Do monarcha na agonia!

Longe do que era tão seu,
Da esposa e filhos briosos,
E dos campos seus formosos,
E do seu formoso ceu!

— «Patria, adeus! Italia minha,
«Oh! terra que tanto amei!
«Se não te fiz ser rainha,
«Não quiz mais tambem ser rei!
«Adeus, margens do Tessino,
«Sentença do meu destino!
«Adeus, povo que escolhi;
«Sê tu justo, e livre e forte,
«Possa dar-te a minha morte
«O que em vida não venci!

Assim diria; e, lançando
Os olhos em de-redor,
E vendo afflicto e chorando
Outro povo aquella dôr,
Resoluto accrescentara:
— «O soldado de Novara
«Morre contento afinal,
«Morre ao écco das batalhas,
«N'este berço de muralhas
«Que fez livre Portugal!»

José da Silva Mendes Leal.

No Calvario

Virgens de Nazareth, ó desbotadas rosas,
Chorando junto ao Christo, o doce agonisante,
— Foi grande a vossa dôr, ó pombas lacrimosas,
Voando a enchugar-lhe as chagas melindrosas,
Do livido semblante.

N'aquelle palpitar dos corações doridos,
N'aquelle doido anceiar que faz partir os peitos,
Soltando a voz plangente em languidos gemidos,
Fazieis estalar os montes, commovidos,
Em lagrimas desfeitos.

Ó typos ideaes dos longos soffrimentos,
Ó tristes corações, abysmos d'amargura,
Crestados pelo sol, batidos pelos ventos,
—Choram de immensa dôr os astros macilentos
Na vossa noite escura.

Soluça pelo ar uma agonia enorme,
Sacodem os chorões os humidos cabellos,
O céo é mysterioso, o mar immenso dorme,
E a floresta parece uma legião disforme
De afflictos pesadelos!

É negra e longa e triste a noite do Calvario,
Ha uns clarões no céo, vermelhos e sangrentos,
No lenho o Christo envolto em livido sudario;
E entôa um responsorio, um canto funerario
O perpassar dos ventos.

Seu corpo no estertor se arqueia contrafeito,
Tem pisado o semblante, e inunda-o extranha luz,
Inda lhe escorre o sangue em lagrimas no peito...
Ouve-se um soluçar, recondito e desfeito:
És tu, pallida Mãe, chorando aos pés da cruz.

VISCONDE DE MONSARÁS. (1)

(1) O Visconde de Monsarás é um dos poetas da nova geração, mais preparado pelos seus estudos universitarios para as luctas da imaginação e da rima. Os seus primeiros versos são de uma harmonia encantadora. Muito moço, tem deante de si um largo futuro para se engrandecer nas lettras e para illustrar a patria.

Napoleão em Waterloo

Eis-aqui o logar onde eclipsou-se
O Meteóro fatal ás regias frontes!
E n'essa hora em que a gloria se obumbrava,
Além o sol em trevas se envolvia!
Rubro estava o horisonte, e a terra rubra!
Dois astros ao accaso caminhavam;
Tocado ao seu zenith haviam ambos;
Ambos eguaes no brilho; ambos na quéda
Tão grandes como em horas de triumpho!

Waterloo!... Waterloo! Lição sublime
Este nome revela á Humanidade!
Um oceano de pó, de fogo, e fumo
Aqui varreu o exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Vesuvio
Até seus tectos inundou Pompeia.
O pastor que apascenta o seu rebanho;
O corvo que sanguineo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando;
O echo da floresta, e o peregrino
Que indagador visita estes logares:
Waterloo!... Waterloo!... dizendo, passam.

Aqui morreram de Marengo os bravos!
Entretanto esse heróe de mil batalhas,
Que o destino dos reis nas mãos continha;
Esse heróe, que co'a ponta do seu gladio
No mappa das nações traçava as raias,
Entre seus marechaes ordens dictava.
O halito inflammado de seu peito
Suffocava as phalanges inimigas,
E a coragem nas suas accendia.

Sim, aqui, stava o Genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos de aguia!
O infernal retimtim do embate de armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibilo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! — Abóbadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,
Quaes submissos leões, e, nem ousando
Tocal-o, ao seu ginete aos pés lambiam.

Oh! porque não venceu! — Facil lhe fôra!
Foi destino, ou traição? — A aguia sublime
Que devassava o céo com vôo altivo
Desde as margens do Sena até ao Nilo,
Assombrando as nações co'as largas azas,
Porque se nivelou aqui co'os homens?
Oh! porque não venceu? — O anjo da gloria
O hymno da victoria ouviu tres vezes;
E tres vezes bradou: — E' cedo ainda!
A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginete,
Que sofia escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas.
Na pugna os esquadrões se encarniçavam;
Roncavam pelos ares os pelouros;
Mil vermelhos fuzis se emmaranhavam;
Encruzadas espadas — e as baionetas,
E as lanças faiscavam retinindo.
Elle só, impassivel como a rocha,
Ou de ferro fundido estatua equestre,
Que invisivel poder magico anima,
Via seus batalhões cairem feridos,
Como muros de bronze, por cem raios,
E no céo seu destino decifrava.

Pela ultima vez co'a espada em punho,
Rutilante na pugna se arremessa;
Seu braço é tempestade, a espada é raio!...
Mas invencivel mão lhe toca o peito!
E' a mão do Senhor! barreira ingente;
Basta, guerreiro! Tua gloria é minha;
Tua força em mim está! Tens completado
Tua augusta missão. — E's homem; — pára.

Eram poucos, é certo; mas que importa!
Que importa que Grouchy, surdo ás trombetas,
Surdo aos trovões da guerra que bradavam:
Grouchy, Grouchy, a nós, eia, ligeiro;
O teu imperador aqui te aguarda.
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente luctar, que mal vencida
Uma após outra em turbilhões se eleva,
Como vagas do oceano encapellado,
Que furibundas se alçam, luctam, batem
Contra o penedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam.

Eram poucos, é certo; e contra poucos
Armadas as nações aqui pugnavam!
Mas esses poucos vencedores foram
Em Iena, em Montmirail, em Austerlitz.
Ante elles o Thabor, e os Alpes curvos
Viram passar as aguias vencedoras!
E o Rheno, e o Manzanar, e o Adige, e o Euphrates
Embalde á sua marcha se oppozeram.

Eram os poucos que jámais vencidos
Os dias seus contavam por batalhas,
E de cans se cobriram nos combates;
O sol do Egypto ardente assoberbaram,
A peste em Jaffa a sêde nos desertos,

A fome, e os gelos dos Moscovios campos;
Poucos que se não rendem; mas que morrem!

Oh! que para vencerem bastantes eram!
A terra em vão contra elles pleiteára,
Se Deus, que os via, não dissesse: Basta.

Dia fatal? de opprobrio aos vencedores!
Vergonha eterna á geração que insulta
O leão que magnanimo se entrega.

Eil-o sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmuram seu cantico de morte:

Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho regeitaram,
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo,
Que grande idéa occupa, e turbilhona
N'aquella alma tão grande como o mundo!

Elle vê esses reis, que levantára
Da linha de seus bravos, o trahirem.
Ao longe mil pygmeus rivaes divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca;
Como do Macedonio outr'ora o imperio
Entre si repartiram vi escravos.
Então um riso de ira, e de despeito
Lhe salpica o semblante da piedade.

O grito ainda innocente de seu filho
Sôa em seu coração, e de seus olhos
A lagrima primeira se desliza.
E de tantas corôas que juntara
Para dotar seu filho, só lhe resta

Esse nome, que o mundo inteiro sabe!
Ah! tudo elle perdeu! a esposa e o filho,
A patria, o mundo, e seus fieis soldados! —
Mas firme era a sua alma como o mármor'
Onde o raio batia e recuava!

Jámais, jámais mortal subiu tão alto!
Elle foi o primeiro sobre a terra,
Só, ello brilha sobranceiro a tudo.
Como sobre a columna de Vendome
Sua estatua de bronze ao céu se eleva,
A cima d'elle Deus, — Deus tão sómente!

Da liberdade foi o mensageiro,
Sua espada, cometa dos tyrannos,
Foi o sol que guiou a humanidade.
Nós um bem lhe devemos, que gozamos;
E a geração futura agradecida,
Napoleão, dirá, cheia de assombro.

D. J. Gonçalves de Magalhães.

Deante d'um retrato

Correm-me as horas tão mansas
Ante essa photographia,
Que sinto a casta alegria
Das descuidadas crianças.

Ha n'aquellas longas tranças
A dulcissima poesia
Das verdes, trémulas franças,
Em que o luar se extasia.

A's vezes, louco, dou vida
A essa imagem querida;
E, como a lubrica abelha.

Julgo os meus labios poisar
Nos fluidos d'aquelle olhar,
N'aquella bôcca vermelha.

VISCONDE DE MONSERÁS.

Canto do Piaga

Oh guerreiros da tuba sagrada,
Oh guerreiros da tribu Tupi,
Falam deuses nos cantos do Piaga;
Oh guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta,
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrivel caverna que habito
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitús, que prodigios que vi!
Arde o páo de resina famosa,
Não fui eu, não fui eu que accendi!

Eis rebenta a meus pés um phantasma,
Um phantasma d'immensa extensão;
Liso craneo repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias
Todo inteiro — ossos, carnes, — tremi,
Frio horror me coou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era fado medonho, tremendo,
Oh guerreiros, o espectro que eu vi!
Falam deuses nos cantos do Piaga;
Oh guerreiros, meus cantos ouví!

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

---

10 - **A tentação**

Satan levou Jesus ao cimo da montanha
«E' meu tudo o que vês» disse, mostrando o mundo;
Tinha na voz sinistra uma alegria estranha
E uns brilhos infernaes no escuro olhar profundo.

«Pois bem, partilharás do meu poder immenso,
Mas segue-me.. » e Jesus, o ideal do soffrimento,
Ergueu o triste olhar á luz do firmamento
E como que ficou n'um extasis suspenso.

«Mas segue-me» bradava o tentador eterno
Com o encanto fatal das seducções do inferno;
Jesus voltou a face e respondeu-lhe «Não».

Ao escutar-lhe a voz, aquella voz divina,
Rolou pela montanha a serpe viperina
E a terra estremeceu febril como um trovão.

VISCONDE DE MONSARÁS.

A mãe e o filho morto

A pobre da mãe cuidava
Que o filhinho inda vivia,
E nos braços o apertava!
O coração que batia
Era o d'ella, e não do filho
Que já do somno da morte
Havia instantes dormia.

Olhei, e fiquei absorto
Na dôr d'aquella mulher
Que tinha, sem o saber,
Nos braços o filho morto!

Resava, e do fundo d'alma!
Em quanto a infeliz resava
O pobre infante esfriava!

Quando gelado o sentira,
O grito que ella soltou,
Meu Deus — que dôr expressou!

Pensei então: — A mulher,
Para alcançar o perdão
De quantos crimes tiver,
Na fervorosa oração
Basta que possa dizer:
«Tive um filhinho, Senhor,
E o filho do meu amor
Nos braços o vi morrer!»

Bulhão Pato. (1)

(1) Raymundo Antonio de Bulhão Pato foi o discipulo amado dos tres grandes restauradores da litteratura portugueza. Em commercio intimo de Garrett e Castilho, passou annos com Alexandre Herculano, com quem aprendeu a lingua e a correcção das suas produc-

Manhã d'Abril

(No album da Baroneza de T...)

Ha fremitos d'amor entre a verdura:
Vai passando a Senhora Baroneza,
Que é um mimo de graça e de belleza
E uma branca e finissima esculptura.

Tem a doce expressão, tem a frescura
E o rytho ideal d'uma canção gauleza...
Ha fremitos d'amor entre a verdura:
Vai passando a Senhora Baroneza!

Um rouxinol nos laranjaes murmura
Um canto de alegria e de surpreza;
Soluça uma suavissima tristeza
Nos tanques e cascatas d'agua pura;
Ha fremitos d'amor entre a verdura:
Vai passando a Senhora Baroneza!

Poetas que cantaes a natureza,
Artistas que admiraes a formosura,
Vêde essa casta e harmonica figura
Que eu arranquei d'uma aguarella ingleza!
Ha fremitos d'amor entre a verdura:
Vai passando a Senhora Baroneza!

Visconde de Monsarás.

ções, merito raro n'estes tempos de decadencia. Todas as suas poesias respiram uma tal espontaneidade, e tão notavel harmonia, que as fazem distinguir logo á primeira leitura. Toda a phrase n'elle ha de saber a musica; a sua prosa é um canto e um encanto na prodigiosa simplicidade que reveste. Podia ser um grande orador, tanto lhe é facil a palavra, e lhe acode a eloquencia — mas limita-se a ser um grande e inimitavel poeta. Já não é pouco para a sua gloria. Recebido na Academia das Sciencias ainda moço, confion-lhe esta sabia Corporação nm trabalho de que se tem desempenhado com talento. Dizem tambem qne é um famoso discipulo de S. Humberto. Caça tão superiormente as codornizes, como as rimas.

O rei e o sapateiro

Eu para pobre o creei,
Tu rico fazel-o queres,
Agora ahi o tens morto:
Dá-lhe a vida, se poderes.

CANÇÃO POPULAR.

Era uma vez... quando foi
Eu bem ao certo não sei;
Porém sei que era uma vez
Um sapateiro e um rei.

Olha, Helena, o sapateiro
Era um pobre remendão,
Casado e com quatro filhos,
Que via quasi sem pão.

No recanto de uma escada
Noite e dia trabalhava,
E por allivios de magoas
Esta cantiga cantava:

«Ribeiros correm aos rios,
Os rios correm ao mar:
São tudo leis d'este mundo,
Que ninguem póde atalhar.
Quem nasce para ser pobre
Não lhe vale o trabalhar!»

O rei tinha montes d'oiro,
E joias em profusão,
E tinha mais que oiro e joias,
Pois tinha um bom coração!

Em vendo um pobre acudia-lhe,
Sem que o soubesse ninguem —
Que assim quer Deus que se faça,
E assim o faz tua mãe.

Por muitas vezes saía
Sem criados de libré,
E sósinho, e disfarçado
Corria a cidade a pé.

Na rua do sapateiro
Passa o rei e ouve cantar:
«Quem nasce para ser pobre
Não lhe vale o trabalhar.»

Isto uma vez e mais d'uma,
Com voz que o pranto cortava,
E o rei condoeu-se d'alma
Do velho que assim cantava.

Chegando ao palacio ordena
Que lhe arranje o seu copeiro
Um bolo, do melhorio,
E que o mande ao sapateiro.

No melhorio do bolo
É que estava o delicado,
Pois era de peças d'oiro
Todo, todo recheado.

Os pequenos quando o viram,
Helena, imagina então,
Os olhos que lhe deitaram,
Elles que não tinham pão!

Mas o pae a um seu compadre,
Que ás vezes o soccorria,
Foi dar de presente o bolo,
Sem vêr o que n'elle havia!

No dia seguinte o rei
Torna de novo a passar,
E com grande espanto seu
Ouve inda o velho cantar:

«Ribeiros correm aos rios,
Os rios correm ao mar.
Quem nasce para ser pobre
Não lhe vale o trabalhar.»

Manda-o chamar ao palacio,
E agastado então o rei
Lhe diz: Que é das peças d'oiro
Que no bolo te mandei?

O pobre do sapateiro
Temendo conta a verdade:
Abalou-se novamente
O rei na sua piedade.

— Toma essa saca, lhe diz,
Ao erario vae d'aqui
Enchel-a de peças d'oiro,
Que as peças são para ti.

Ó Helena, suppõe tu
Qual foi a sua alegria,
Vendo que um thesouro aos filhos
N'aquella saca traria!

Encheu-a a mais não poder,
Pôl-a ás costas e partiu;
Deu quatro passos... nem tantos,
E n'isto morto cahiu!

Na mão direita lhe acharam
Um papel onde se lia
Esta sentença, que o povo
Ser sobrehumana dizia:

«Eu para pobre o criei,
Tu rico fazel-o queres:
Agora alli o tens morto,
Dá-lhe a vida se poderes.»

BULHÃO PATO.

Feliz de quem sempre espera

Deus cria as almas aos pares;
Cada um dos seus olhares
E' um casal que voou.
Ás vezes cruzam nos arcs
Essas pombinhas o vôo...
Mas Deus criou-as aos pares!

Partindo juntas d'um ponto,
Cuidam tambem que de prompto
Se tornam a encontrar;
Mas andam almas sem conto
No mundo á busca de par...
Partindo juntas d'um ponto!

A minha irmã não sei d'ella!
Ao avistar d'uma estrella,
Um filho ao collo da mãi...
Uma graça como aquella,
Só contemplando-se bem...
E a minha irmã não sei d'ella!

Levado d'aquelle encanto,
Pelo affecto mais santo
E mais profundo que ha,
Não me lembrei se entretanto
Minha irmã ficava lá...
Levado d'aquelle encanto!

Pobre d'uma alma perdida
Da sua irmã n'esta vida,
Que é um continuo gemer!
E' uma noite comprida
Sem nunca lhe amanhecer...
Pobre d'uma alma perdida!

Ainda quem sempre espera
Achar a alma sincera
Que Deus lhe deu por irmã,
Talvez ache a companheira
Por quem suspira ámanhã!
Feliz de quem sempre espera!

JOÃO DE DEUS. (1)

(1) JOÃO DE DEUS nasceu em S. Bartholomeu de Messines, no Algarve, em 8 de março de 1831. E' considerado pelos criticos como um dos poetas contemporaneos mais amorosamente bafejado pelas Musas. Muitos o collocam a par dos mestres da lyrica moderna. As suas composições, com effeito, se nem sempre se distinguem pela originalidade da idéa, attinjem quasi á perfeição na fórma, e são sobre maneira notaveis pela espontaneidade que revelam, pela harmonia, e pelo sentimento.

E' formado em direito pela Universidade de Coimbra; mas nem

A avó e a neta

Escondeis n'um denso veu,
O mães, vosso amor profundo!
Amor que é tudo no mundo,
Vida e morte, inferno e ceu!

Ha dias que eu vi alguem
Em transes d'angustia infinda:
Era mãe... — ou mais ainda —
Era duas vezes mãe!

No rosto a neta gentil
Tinha as rosas florescentes,
E nos olhos innocentes
Os esplendores d'abril.

Soltava — e com que alegria! —
Os seus modilhos suaves.
Canta a infancia como as aves,
E bate as azas um dia!

Em se acabando os cantos
Da creança — o lar paterno
E' como o bosque no inverno:
Não tem verdura nem cantos.

advoga, nem seguiu a carreira juridica. Ultimamente emprehendeu uma cruzada contra a ignorancia com a sua CARTILHA MATERNAL, *ou arte de leitura*, inaugurando um methodo, que se não é inteiramente novo, ao seu grande talento deve a perfeição a que o levou. As creanças abençoam-n'o, como os homens de letras o applaudem e admiram.

— Este sublime poeta falleceu ha dez annos; o seu cadaver está no Pantheon de Belem.

(Nota da rev.)

Uma tarde — era sol posto —
Queixou-se a graciosa infante.
Tinha a pupilla brilhante,
E mais viva a côr do rosto.

A febre cresceu co'a aurora,
E já, n'um tremor convulso,
A avó, tentando-lhe o pulso,
Resava a Nossa Senhora!

Co'a febre veiu o delirio:
As contracções, de repente —
E aquelle botão nascente
Fez-se roxo como um lyrio.

As creancinhas de Deus,
Estas rosas sem espinho,
Vão-se como um passarinho;
N'um ai nos dizem adeus!

Em dôr sobre-humana absorta
A avó dizia, coitada:
— «Meu Deus não ha de ser nada!»
E a netinha estava morta!
....

As mães que pensem n'est'hora,
— Porque a palavra o não diz, —
Na angustia que essa infeliz
Estará sentindo agora!
.....

Deus conserve a flôr ao prado, —
Enthusiasmo á juventude, —
Ao coração a virtude, —
Á mãe o filho adorado!

BULHÃO PATO.

As machinas

O' machinas febris! eu sinto a cada passo
Nos silvos que soltaes, aquelle canto immenso,
Que a nova geração nos labios traz suspenso
Como a estancia viril de uma epopea d'aço?

Emquanto o velho mundo arfando de cansaço
Prostrado cae na lucta, em fumo negro e denso
Levanta-se a espiral d'esse moderno incenso
Que offusca os deuses vãos, annuviando o espaço!

Vós sois as creações fulgentes, fabulosas,
Que, vibrantes, crueis, de lavas sequiosas,
Mordeis o pedestal da velha Magestade!

E as grandes combustões que sempre vos consomem
Começam, n'um cadinho, a refundir o homem
Fazendo resurgir mais larga a Humanidade!

GUILHERME DE AZEVEDO. (1)

A Helena

Um anno mais vem á terra...
Helena, em sendo crescida,
Verás um anno da vida
Quantos mysterios encerra!

(1) O poeta da *Alma Nova*, Guilherme de Azevedo, começou o seu tracto com as musas, quando a poesia romantica principiava a declinar. Dotado de vivo engenho, seguiu os passos de Anthero do Quental, e algumas das suas producções são notaveis pela elevação do pensamento, correcção e harmonia da fórma. Era um triste, e quasi um desilludido. Estando em Paris, encarregado de uma missão litteraria, foi acommettido de uma doença grave que o arremessou na grande valla.—Jaz n'um dos cemiterios d'aquella cidade.

Mas teu olhar infantil
Só póde entrever agora,
No ceu — os clarões d'aurora —
Na terra — as flôres d'abril! —

Todas as nuvens, bem sei,
São de rosa em tua idade...
E roxas como a saudade,
Nos annos a que eu cheguei!

O' pomba, que o lar paterno
Convertes em paraiso,
Dissipa com teu sorriso
As sombras do nosso inverno!

Roga a Deus que a humanidade
Possa aspirar, no futuro,
As auras de um ceu mais puro
Apoz tanta tempestade!

Pedido dos labios teus
Póde muito!... Os pequeninos
Sabem segredos divinos...
Conversam muito com Deus!

E eu, não tendo para dar
Nada aos pobres n'este dia,
Um dom de grande valia
Por ti lhes posso offertar.

Dom, nem de prata nem d'oiro;
Mas que por sua innocencia
Tem mais valores na essencia
De que o mais rico thesoiro:

A tua prece d'amor
Darei a quantos padecem:
Os homens pouco a conhecem:
Mas Deus sabe-lhe o valor!

BULHÃO PATO.

O coveiro

Boas noites, coveiro: a tua enchada
Não cessa ha tanto tempo de cavar?!
Cavalleiro da morte, a desolada
Tremula mão não sentes já cançada
De tanto trabalhar?

Tu esperas hoje as legiões sombrias
De mortos, que eu supponho ao longe ver?
Os felizes cahidos nas orgias,
E os tristes que além todos os dias
O gelo vem colher?!

Que immensa valla aberta! são medonhos
Os risos d'essa boca infame, alvar!...
Descança dos teus dias enfadonhos!
— Eu cavo a sepultura dos teus olhos
Não posso descançar!

GUILHERME DE AZEVEDO.

Trabalho e caridade

Caminhemos com fé em prol da humanidade,
A bandeira da paz ao vento desfraldada,
Na fraternal bandeira a legenda sagrada,
A historia do porvir: — Trabalho e caridade!

Deixa um rasto de sangue a conquista da guerra:
A conquista da paz deixa um rasto de luz!
Lidar — que a santa lida, ao cabo, nos conduz
A quanto ha justo e bom e grande sobre a terra!

Depois de labutar no campo e officina,
A consciencia tranquilla, alegre o coração,
Aqui neste recinto encontrareis então
Uma escóla tambem que as almas illumina!

O genio creador eleva-se da terra —
Mede espaços sem fim num relance do olhar!
Sobrehumano poder que parece rasgar
O véo que nos esconde o que o futuro encerra:

Avante, ávante pois em prol da humanidade:
A bandeira da paz ao vento desfraldada,
Na fraternal bandeira a legenda sagrada,
A historia do porvir — Trabalho e Caridade!

Bulhão Pato.

O tear da Rainha

Se eu encontrasse, querida,
mulher como esta mulher,
dava-lhe para tecer
os fios da minha vida.

I

Referem lendas que eu sei,
lendas que inda hoje amo tanto,
que havia na Grecia um rei
e uma rainha... um encanto!

Elle era a fera altanada,
ella era a flor d'um jasmim;
elle tinha lança e espada,
ella, um tear de marfim.

Um, a coragem que impelle,
outra, o candor d'uma estrella!
e ella era doida por elle,
e elle era doido por ella!

Lembrou-se um dia um pastor...
E ri d'isto a gente nescia!
inda hoje faz d'isto o amor,
aqui, na India e na Grecia;

lembrou-se, oh! sancta simpleza!
n'uns sonhos que lá sonhou,
de roubar uma princeza!...
e o certo é que a roubou.

O que não refere a lenda,
nem eu indago tão pouco,
é, n'esta doida contenda,
qual d'elles foi o mais louco.

Pois nunca mais houve paz
nos confins da Grecia amena!
Isto é que hoje se não faz
e rouba-se muita Helena.

— Troia — era o grito de guerra,
— Guerra — era o hymno da grey,
e os moços d'aquella terra,
lá vão, e as frotas e o rei.

Já mar em fóra vogava,
a regia armada arrogante,
inda a rainha chorava
no seu erguido mirante.

Que amor, não dirieis vós,
em meio de tanta magoa,
labios, tremulos sem voz?
olhos desfeitos em agoa?!

II

No eirado a encontrava o dia
e o pôr do sol a encontrava;
nunca um raio d'alegria
aquelle rosto ameigava!

Os seus olhos eram sondas,
e em horas de tempestades
ficava-se á olhar as ondas,
e a conversar co'as saudades.

Dava os cabellos aos ventos,
o coração á procella,
os ouvidos aos lamentos
que vinham fallar com ella!

E debruçada, anhelante,
do peitoril de granito
sondava o meio arquejante
das solidões do infinito.

Se véla rota em pedaços
affrontava o cataclysmo,
tentava, agitando os braços,
voar atravez do abysmo.

Era incessante fadiga
d'uma esperança d'amores!
um quadro da Grecia antiga
pintando entre mar e flores.

III

Após annos, que nem sei,
chegaram áquella terra
muitas noticias da guerra,
porém, nenhumas do rei.

Só que, mais que cem batalhas,
a sua astucia fatal
vibrára o golpe mortal
de Troia ás nobres muralhas.

E isto com brio sincero,
da Grecia aos povos dispersos,
cantava em épicos versos
um cego chamado Homero.

E a rainha a perguntar
se o viram livre ou captivo,
se era morto, se era vivo,
se andava em terra ou no mar?

E uns diziam que vivia,
outros, que o viram morrer!
E a triste a crer e a descrer
cada noite e cada dia!

Fosse verdade ou chymera
do seu coração absorto,
o povo dizia: — E' morto; —
e o mar dizia-lhe: — Espera. —

Por isso ella olhava o mar
ao seu mirante encostada,
e ouvia a onda e a rajada
com tentações de voar.

IV

Passaram annos, mais annos,
e o interesse da grey
exigia da rainha
que o reino tivesse um rei.

E instavam-na os pretendentes,
ciosos, loucos d'amor;
e ella calada, em sorrisos
disfarçava a sua dôr.

Oh! infeliz da obscura amante
que não escuta ninguem!
mas a triste era rainha
e ser rainha é ser mãe.

Foi-se uma noite ao mirante
as ondas a olhar, a olhar...
Ninguem sabe o que lhe disse
n'aquella noite o seu mar;

mas no outro dia depunha
os seus luctuosos sendaes,
e havia sarau de festa
nos velhos paços reaes.

V

A côrte exultou de jubilo,
o povo ergueu-se em cantares,
E houve tremulos dialogos
entre os rosaes e os palmaes.

Nos jardins ao luar fulgido,
dir-se-iam vivas as bellas
estatuas, nimphas de marmore
junto a cascatas d'estrellas;

escutando, ao longe, musicas
e envoltas na fina trama
de fios de ouro tenuissimos
que o ether a flux derrama!

O' noites de calma e fremitos,
d'um anhelar sem fadiga!
vós fostes os seios úberos
das artes da Grecia antiga!

Mostrava, a rainha esplendida,
uns risos feitos de beijos,
uns labios de rubras petalas
e umas palavras d'harpejos.

Ao vêr a rainha d'Ithaca
envolta em taes esplendores,
crereis que do assento olympico
baixára a mãe dos amores.

Quando o matinal crepusculo
entra nos salões dourados,
chamou junto a si Penelope,
os seus reaes namorados.

Ao ouvir-lhe o appello magico,
incertos, impacientes,
pela primeira vez tremulos,
sentiram medo, os valentes!

VI

— Escutae-me; eu sou rainha,
que é ser escrava; hoje sei
que a minha mão não é minha,
é d'um reino e é d'um rei.

Já lá vão annos, e tantos!
da minha esteril viuvez,
que o povo não quer mais prantos...
e elle tem razão, talvez.

Hoje o meu rosto anda enxuto
e ha risos na minha voz;
despojei-me do meu luto
e hei de escolher d'entre vós.

Mas antes... Se é louca a ideia...
ride-vos d'ella e de mim!
quero tecer uma teia
no meu tear de marfim.

que tem d'ouro a lançadeira,
de prata os finos pedaes.
Vinde vêr a tecedeira,
ó meus amantes leaes!

Mal que o voto fôr cumprido,
a minha palavra é lei!
a mulher terá marido
e o reino ha de ter um rei.—

Correu d'alli ao mirante
com seu casto seio a arfar,
e creu vêr, muito distante,
um riso, no argenteo mar.

VII

Urdiu de sedas arabigas
e de linhos do Pireu,
os ramos longos, alvissimos,
com listas da côr do céu.

A trama era caprichosa:
ora de seda escarlata,
ora verde ou côr de rosa,
ora d'ouro, ora de prata.

Vêde agora a regia artifice
gastar canilhas sem fim,
agitando attenta e celere
o seu tear de marfim!

Com que alegre diligencia
a lançadeira se alaga
do ordume na transparencia,
com a dourada na vaga!

e roça as eburneas laminas,
e o deslumbrante matiz
do pente, engastado em ebano,
marchetado de rubis.

Passa e volta e não se cança;
e o pente bate e rebate.
Oh! nunca se perde a esp'rança
quem pensa no seu resgate!

Viam-na os zelosos principes
todo o dia ao seu tear;
não tinha descanço a misera,
e a teia sem se acabar.

— Sabeis, rainha querida,
já dizem por estas ilhas,
que hemos de gastar a vida
a fornecer-vos canilhas!

Porque vossa teia é symbolo,
d'esses castigos crueis,
das Danaides e de Tantalo,
Senhora, e vós que dizeis?

Dez annos d'anciosa espera,
contados a hora e hora,
e o vosso tear-chymera
a devorar-nos, senhora!

— E eu vinte!... que triste computo
ai! para quem sabe amar,
vinte annos são quasi um seculo!...
Muito velha devo estar!

— Se o fosseis, finda era a traça
da vossa teia homicida,
que assim nos enreda e enlaça
os fios da nossa vida!

Mas vós sois a aurora rútila
agitando, sem cessar,
com beijos quentes e humidos...
até as ondas do mar!—

Ella ri, mas chega a noite
e o que tecêra destrama.
Ha nada que tanto afoite,
como a esperança, quem ama?!

VIII

—Que alarme vae nas ameiras?
que vozear no palacio?
—Galeras que vem de Lacio
arfando co'as vélas cheias!!

Dez, vinte, quarenta, cem!
do mar no immenso estendal!
e içado o pendão real
no mastro grande, lá vem!!—

O povo corre em delirio
e em grita as soidões acorda,
como um prazer que trasborda
apoz um longo martyrio!

Que alegria e que chorar!
que bater de corações!
hymno em côro, as saudações
sobre a terra e sobre o mar.

Pouco depois, ao seu lado,
a rainha, accesa em gloria,
tinha, em tropheu de victoria,
o seu rei, no seu eirado.

Ouviu-a, abraçou-a, e emfim,
entre os applausos da grey,
foram beijar, ella e o rei,
o seu tear de marfim.

THOMAZ RIBEIRO. (1)

Olhar...

Não é mais candido o olhar da ave!
Oh se tu bem soubesses como foi
Para a minha alma um balsamo suave
Aquelle teu olhar... Deus te abençôe!

Suavissimo, puro, intimo, terno
Como o ultimo olhar da mãi... que embora
Dure um momento, é um momento eterno...
Já me não passa aquelle olhar agora!

Nunca em peito ancioso cahiu baga
Tão suave de balsamo celeste!
E' uma luz que já se não apaga,
A luz d'aquelle olhar que me volveste!

(1) THOMAZ ANTONIO RIBEIRO FERREIRA. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, nasceu a 1 de Julho de 1831, na aldeia de Parada de Gonta, que tornou celebre pela fama de seu nome. Tem sido depntado por varias vezes — como tem sido ministro de diversas pastas, como egualmente foi governador geral da India. Orador fluente e sympathico, são sempre admirados os seus discursos qner na tribnna parlamentar, qner no fôro. Antes de tudo e acima de tudo é nm poeta. Castilho, o grande Mestre, assim o proclamou no prologo do *D. Jayme*, o primeiro poema publicado pelo inspirado vate de Parada de Gonta. Foi esta proclamação do decano das Mnsas portuguezas, que maior reputação grangeon ao poeta pela celenma litteraria que levantou. Dnrante mezes, depois do apparecimento do poema, era raro o dia em qne não surdisse na imprensa contestação ou louvor ao prologo de Castilho. Afinal as vagas amansaram, e o poeta tem sabido manter na sua integridade a prophecia do vidente Mestre.
— Falleceu no anno de 1904. *(Nota da rev.)*

Podesse-te eu mostrar, rapido, breve
E momentaneo até, como elle foi,
Os ineffaveis jubilos que teve
Meu coração, mulher! Deus te abençôe!

JOÃO DE DEUS.

O outomno

Melancolias do outomno! Eu quando além descubro,
Nas tristezas do campo, as filas mugidoras
Dos vagarosos bois que voltam das lavouras,
Compungem-me as crueis desolações d'outubro!.

Das orlas do poente, afogueado, rubro,
O' moribundo sol! com que poesias douras,
As formas triviaes das cabecitas louras,
Que, ás portas dos casaes, de bençãos tambem cubro!...

Solta o canto final a orchrestra da folhagem:
São horas de partir; apresta-se a viagem;
E as noites dos saraus hão de voltar mais bellas!

Mas as vistas lançando ás regiões saudosas,
Nos esforços crueis das tosses dolorosas,
Em bandos vão partindo as tisicas donzellas.

GUILHERME DE AZEVEDO.

Astro da rua

Fazia hontem já tarde um nevoeiro espesso,
— Que insomnia em mim produz este humido vapor!—
Eu vinha enfastiado, ou turvo, emfim confesso,
Dos fumos do café, da luz e do rumor.

Um fastastico véo cobria as longas praças;
E o gaz ria atravez da grande cerração
Que em lagrimas descia ao longo das vidraças,
E em flocos d'alva neve humedecia o chão.

Eu mesmo achava em tudo um tom maravilhoso,
Dispuz-me a crer no ceu, a amar este ideal:
De subito eis que passa um astro radioso
Luzindo-me atravez do magico cendal!

Que vaga exhalação, ó cousas vis que adoro!
Que bello olhar de Deus, deixae-me assim dizer
Pelo sulco de luz julguei um meteóro,
Pelo aroma subtil sonhei uma mulher!

Passou, porém, fugiu: no fim eis em resumo
A sua breve historia! o sonho é sempre asim!
Ha cousas que ao passar ainda deixam fumo:
Aquella só deixava um vacuo dentro em mim.

Archanjos caminhae, que eu espero o grande dia
Da nossa atroz vingança, ó despotas do ceu!
Nossa alma anda algemada á vossa tyrannia
Mas ha de erguer-se a escrava... — Assim dizia eu!

E a mesma apparição de novo a deslumbrar-me!
De novo a mesma aurora o espaço a illuminar!
Agora pude vel-a e posso recordar me
Dos abysmos de luz que havia em seu olhar.

O astro vinha envolto em nuvens d'escumilha:
De resto era uma fada, eu mais não sei dizer.
Deixava atraz de si um aroma de baunilha
D'um louco se abysmar, d'um pobre enlouquecer!

Mas agora reparo, attento em sua chamma,
Que olhar tão insolente! o ceu não luz assim!
Na gaze que ella arrasta ha um debrum de lama,
Na face macerada uns traços de carmim!

Oh! astro! emfim conheço a orbita que traça
O teu curso veloz! bem sei onde tu vaes!
Prosegue no teu giro em volta d'essa praça
E Deus te dê mais luz e menos lamaçaes.

GUILHERME DE AZEVEDO.

Lua nova

Mãe dos fructos, Jacy, no alto espaço
Eil-a assoma serena e indecisa:
Sopro é d'ella esta languida brisa
Que sussurra na terra e no mar.
Não se mira nas aguas do rio,
Nem as hervas do campo branqueia;
Vaga e incerta ella vem, como a ideia
Que inda apenas começa a espontar.

E iam todos: guerreiros, donzellas,
Velhos, moços, as redes deixavam;
Rudes gritos na aldêa soavam,
Vivos olhos fugiam p'ra o ceu;
Iam vêl-a, Jacy, mãe dos fructos,
Que, entre um grupo de brancas estrellas,
Mal scintilla: nem póde vencel-as,
Que inda o rosto lhe cobre amplo veu.

E um guerreiro: «Jacy, doce amada,
Retempera-me as forças; não veja
Olho adverso, na dura peleja
Este braço já frouxo cahir.

Vibre a setta, que ao longe derruba
Tajassú, que roncando caminha:
Nem lhe escape serpente damninha
Nem lhe fuja pesado tapir.»

E uma virgem: «Jacy, doce amada,
Dobra os galhos, carrega esses ramos
Do arvoredo co'os fructos que damos
Aos valentes guerreiros, que eu vou
A buscal-os na matta sombria
Por trazel-os ao moço prudente,
Que venceu tanta guerra valente,
E estes olhos comsigo levou.

E um ancião, que saudara já muito,
Muitos dias: «Jacy, doce amada,
Dá que seja mais longa a jornada,
Dá que eu possa saudar-te o nascer.
Quando o filho do filho, que hei visto
Triumphar de inimigo execrando,
Possa as pontas de um arco dobrando
Contra os arcos contrarios vencer.»

E elles riam, os fortes guerreiros,
E as donzellas e esposas cantavam,
E eram risos que d'alma brotavam,
E eram cantos de paz e de amor.
Rude peito criado nas brenhas,
— Rude embora, — o terreno é propicio;
Que onde o germen lançou beneficio
Brota, enfolha, verdeja, abre em flor.

MACHADO DE ASSIS.'(1)

(1) Na brilhante constellação do cruzeiro dos poetas brazileiros contemporaneos, o nome de Machado de Assis representa um dos astros mais scintillantns, de maior fulgor e luz. Apenas publicou as

Entre dois infinitos

— O que ha antes da vida? o que ha além da morte?
Que te importa saber?
Olha o abysmo a teus pés, e espera a tua sorte,
cumprindo o teu dever.

De que serve sondar o obscuro, o incognoscivel,
ó sonhador eterno?.
se tens junto de ti bem claro e bem visivel
teu ceu, e o teu inferno?

Se nem o teu olhar, nem o teu pensamento
conseguem perscrutar
o atomo d'onde sae o astro do firmamento,
e a perola do mar;

Se inda ninguem marcou da terra ás coisas mudas
o seu principio e fim,
nem consegue evitar que a Christo venda Judas,
e Abel mate Caim;

se entre o desconhecido e isso que tu conheces
ha um abysmo — o infinito,
e o homem atravez das luctas e das preces
é o eterno prescito;

Crysalidas, todos logo o proclamaram rival dos que antes d'elle haviam attingido aos cumes do Parnaso. Raro será encontrar em qualquer poeta versos mais melodiosos. A par do sentimento, que exprimem as suas poesias, são notaveis pela extrema correcção, e sem nenhum d'aquelles sotaques, que muitas vezes deturpam as producções dos melhores engenhos brazileiros. A publicação das *Americanas* veio confirmar todas as esperanças que fizeram nascer os primeiros ensáios do poeta.
— Falleceu no anno de 1908 *(Nota da rev.)*

para que povoar o pensamento obscuro
de phantasmas crueis?
para que delinear nas sombras do futuro
phantasticos laureis?

Julgas que basta erguer da Fé nos campos vastos
rendilhados castellos,
para explicar do amor os devaneios castos,
da gloria os sonhos bellos?

Que é bastante affirmar ser Jehovah — um mytho!
quem tudo cria e gera:
ou negar tudo, achando um vacuo infinito,
e o mundo uma chimera?

Julgas que teu poder, por mais tenaz e ousado,
consegue remover,
o obstaculo que traz teu genio acorrentado
á argila do teu ser?

Para erguer inda além do firmamento ethereo
um mundo, em que te fundas!
quem te diz o que vae d'assombro e de mysterio
n'essas regiões profundas?

Que olhar inda contou os grãos d'areia d'ouro
que o firmamento encerra?
que mão ainda mediu o insondavel thesouro
que ha nos ventres da terra?

Quem ousou regressar das regiões obscuras
onde a morte o lançara?
e quem inda encontrou no pó das sepulturas
a alma que idolatrara?

Para que interrogar na penumbra do berço
os enigmas da vida?
quem sabe o que é a flor na forja do Universo,
antes d'ella nascida?

De que vale arguir no mysterio das tumbas
da morte a sombra eterna?
é como que explorar as negras catacumbas,
tendo o sol por lanterna.

Não queiras ir além do lucido horisonte
da tua intelligencia;
e bem feliz de ti sempre que alli desponte
um astro, — a Consciencia!

CHRISTOVAM AYRES. (1)

O seu nome

.....

Como a agua d'um lago — toda um nivel,
Vai de circulo em circulo ondeando,
Se a andorinha a roça ao ir voando
Atraz d'algum insecto imperceptivel;

(1) Quando Thomaz Ribeiro esteve governador da India, conheceu um mancebinho, cujo talento notavel lhe causou profunda impressão. Voltando a Portugal trouxe-o comsigo, e apontou-lhe o caminho das lettras que elle desejava percorrer. Esse moço é auctor das *Indianas e Portuguezas*, seu primeiro livro de poesias, e dos *Novos Horisontes*, onde o seu genio poetico se librou a maiores alturas. Casado com a irman da grande poetisa Maria Amalia Vaz de Carvalho, depois de haver completado o seu curso de arte militar, fez-se escriptor publico, e é um dos publicistas mais bem conceituados na imprensa. Sente-se nas poesias do discipulo de Thomaz Ribeiro a sua descendencia oriental — os fogos do sol nascente, e as refracções dos rubis e das esmeraldas.

E quebrado esse espelho em mil pedaços
(Que a imagem do céo desapparece)
Em circulos concentricos parece
Tornarem-se a formar novos espaços...

Ou como d'entre as notas ineffaveis
Dos canticos do céo — todo harmonia —
Mal sôa o dôce nome de MARIA,
Passam as multidões innumeraveis;

E de onda em onda cada vez mais larga,
De lyra em lyra cada vez mais pura,
O nome d'essa excelsa creatura
Por todo aquelle immenso mar se alarga.

E tudo quanto cerca o throno eterno
Áquella dôce voz desprende o canto,
Formando um côro universal, em quanto
Reina silencio no profundo inferno...

Assim, n'esta paixão que me devora,
Se aos labios essas syllabas me assomam,
As negras sombras da minha alma tomam
Gradualmente o esplendor da aurora!

Toda a idéa má recúa um passo,
Aplanam-se os dominios do futuro
E do crystal mais transparente e puro
Se me arqueia a abobada do espaço!

Desdobra-se o passado á luz do dia,
Em valle ameno, aos olhos da memoria;
E eu acho não ser perfida, illusoria,
A fé que eu punha em certa luz que eu via...

Vejo que aquelle informe e negro monte,
Que me tapava a mim o fim da vida,
Não era mais que a natural subida
Para se dominar vasto horisonte!...

Esse horisonte és tu, pombinha brava!...
Tu, cujo peito, que aliás encerra
O que ha de bello e grande em céo e terra,
Só com duas conchinhas se tapava...

Mas, em quanto não chego áquella altura
D'onde se avisia a terra promettida,
Irei cantando, distrahindo a vida
Com essa invocação suave e pura...

Invocação de nome tão suave
Como esse olhar!... que eu, só de vêr, suspiro!
Mas... que invoco em silencio... como admiro
A luz da luz, e o olhar da ave!...

JOÃO DE DEUS.

Destino

Deus, creando o universo, disse aos mares:
«Cantae os meus louvoures!»
Disse aos astros: «Brilhae no azul dos ares
Como abrazadas flôres!»

E ao sol, quo em luz o cahos convertia,
A vida annunciando,
«Refulge, disse, ó rei! Evoca ao dia
Dos planetas o bando.

Aves, cantae! Florestas verdejantes,
Agitae-vos formosas!
Espalhae, disse ás viraçôes errantes,
Os perfumes e as rosas!»

Depois, lançando a vista á raça humana,
Disse: «Caminha ávante!
Soem tuas canções no eterno hossana
D'esta esphera radiante!

E tu, alma de luz, anjo exilado,
Qne divagando obscuro,
Dos sonhos teus ao cahos abrazado
Preparas o futuro!

Tu que tens de tu'alma no infinito
Um ceu cheio de estrellas,
A oscillação do mar, o immenso grito
De todas as procellas:

Tu que, em ti só, resumes o segredo
Da natureza inteira,
Rei, archanjo, poeta, ergue sem mêdo
A fronte sobranceira!

Vês? Pela escuridão de noite immensa
Caminha a humanidade!
Vae! Leva-lhe comtigo a luz intensa
Do amor e da verdade!»

GUILHERME BRAGA. (1)

(1) Nasceu no Porto a 22 de março de 1843 Guilherme Braga, cujo talento, manifestado em varias composições, promettia dar á patria um poeta de primeira classe. Infelizmente viveu pouco para realisar todas as esperanças dos seus admiradores. Das suas publicações a mais notavel é aquella que intitulou *Heras e Violetas*, collecção de poesias, d'onde extrahimos as que vão n'esta Selecta, e mostram sufficientemente de quanto era capaz o seu engenho.

Padre Nosso

Pai Nosso, de todos nós,
Que todos somos irmãos;
A Ti erguemos as mãos
E levantamos a voz:

A Ti *que estás lá no céo*,
E nos lanças com clemencia,
Do vasto estrellado véo
Os olhos da Providencia!

Bemdito, *santificado*
Seja o teu nome. Senhor!
Inviolavel, sagrado
Na boca do peccador!

E *venha a nós o teu reino!*
Acabe o da vil cubiça!
Reine o amor á justiça
Que prégava o Nazareno;

De modo que *seja feita*
A tua santa *vontade*,
Sempre a expressão perfeita
Da justiça e da verdade!

Seja feita, *assim na terra*
Como no céo, onde habita
Esse, cuja mão encerra
A creação infinita!

O pão nosso, n'esta lida
De cada dia, nos dá
Hoje, e... basta: a luz da vida
Quem sabe o que durará!

E *perdôa-nos, Senhor,*
As nossas dividas; sim!
Grandes são, mas é maior
Essa bondade sem fim!

Assim como nós (se é dado
Julgar-nos tambem crédores),
Perdoamos de bom grado
Cá *aos nossos devedores.*

E não nos deixes, bom Pai,
Cahir nunca *em tentação;*
Que o homem, por condição,
Sem o teu auxilio cahe!

Mas, tu, que não tens segundo
E muito menos igual,
Dá-nos a mão n'este mundo,
Senhor! *livrae-nos do mal!*

JOÃO DE DEUS.

Pinteus

Não sei que amor me prende a esta ruina immensa!
Raro a imaginação me paira assim suspensa
da ideia do passado. Era eu bem novo então,
uma creança audaz, um doido coração,
uma alma de crystal ingenua e transparente.
Cantavam-me cá dentro as musicas do Oriente;
tangiam harpas d'oiro intimas melodias,
como um gargantear de alegres cotovias.
Povoavam-me o azul dos meus desenove annos,
como flocos de luz, os luminosos planos,
e as doidas illusões: um mar immenso, um mundo,
onde o espirito andava errante e vagabundo.

Esta enorme ruina, onde o roaz damninho
e a viajeira andorinha armar vem hoje o ninho,
tinha então alegria, e vida, e actividade,
era em plena aldeola um salão da cidade;
um pequenino mundo alegre e feiticeiro,
posto entre um morro altivo e um placido ribeiro.
Ouvia-se lá dentro a faina dos creados;
e a luz quente do sol, e o perfume dos prados
entravam, a sorrir, pela amplas janellas.
O moinho defronte, abrindo as fartas velas,
trabalhador activo, álerta noite e dia,
quebrava a sequidão da abrupta serrania,
parecendo escutar, por sobre as ribanceiras,
soalheiros aldeões, cantos das lavadeiras.

Habitavam aqui tres seres feminis,
em corpos de mulher tres corações viris,
formando uma risonha e adoravel trindade:
a virtude, o talento e a doce caridade.
A mãe era uma santa, a quem a aspera sorte
abrira, mesmo em vida, os carceres da morte;
uma alma mutilada, um coração aberto,
como um templo de luz no meio d'um deserto.
Por isso aquella caza era como azilo,
um azilo de paz, conchegado e tranquillo,
onde o perenne bem chegava a tudo e a todos: —
tinha o rico a affeição, os pobres tinham bôdos,
a porta aberta sempre, e sempre franca a meza.
Prodigo coração, tão forte na franqueza!

Tinha então a seu lado as suas duas filhas
talentos d'eleição, que estranhas maravilhas
faziam borbotar da aridez d'esses montes.
No casto azul dos ceus, na limpidez das fontes
tinham purificado os corações, robustos,
povoando de visões a alma sonhadora,
salamandra creada entre os vulcões da aurora.

Uma d'ellas, a fada, a muza d'estes ermos,
nem para apreciar, nem para conhecermos
bastante é ouvil-a ou lêl-a; astro de luz e sombra,
ha n'ella não sei quê de singular que assombra.
Debil como um jasmim, tenaz como a vingança,
é uma alma d'heroe n'um corpo de creança.
Facil ao desalento, e prompta ao heroismo,
é o prodigioso enigma em que por vezes scismo
sem lhe attingir comtudo as luminosas metas!
A verdadeira esphinge é a alma dos poetas.

A outra irmã mais nova, a indomita serrana
de olhar bondoso e fino, e alma simples e lhana,
era n'aquelle tempo a santa providencia
do humilde lugarejo. A tristeza, a indigencia:
a desgraça! encontrou sempre em seu peito amigo
um consolo, uma esmola, um carinho e um abrigo;
na ampla satisfação d'inspirações tão nobres,
tirava tudo a si para acudir aos pobres,
ás vezes, arriscando a sua propria vida.
Alegre como o sol, e como se naseida
no meio dos trigaes, por sobre obscura leiva,
palpitava em toda ella exuberante seiva
que é a riqueza e o condão da ardente mocidade.
Do rosto intelligente a casta suavidade
tinha ás vezes uns tons sombrios de tristeza
e um mixto de meiguice e instinctiva braveza,
de quem tudo deveu á natureza mãe:
— rudezas da verdade, e os impulsos do bem;
fraquezas naturaes e naturaes pujanças.

Essa creança é hoje a mãe d'estas creanças:
coração varonil, a alma forte que tinha
um singular condão para entender a minha.

Chrystovam Ayres

Mãi do céo

Torre de marfim
Torre de David!

Virgem, mãi do mesmo Deus!
Virgem, filha de teu Filho!
Não ha estrella de mais brilho
N'esses céos!

D'olhar fito n'esse olhar,
D'olhos fitos n'esses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
N'este mar!

Vem a onda, sobrevem
Nova onda, o nada teme
Quem te vê guiando o leme,
Virgem Mãi!

Tu guardaste em gôso o dôr
Sempre n'alma a paz d'um templo
Foste em vida o nosso exemplo,
Mãi d'amor!

Navegando, mas de pé,
N'este mar, cavado embora,
Vou na barca salvadora
Que é a Fé.

Não me assusta a multidão
De inimigos que me aggride;
Contra a *Torre de Davide*
Tudo é vão!

Por feroz que esteja o mar,
N'um momento fórma um lago;
Basta um só reflexo vago
D'esse olhar!

Esse olhar é quem a mim
Me encaminha e me soccorre!
O meu norte é só a *Torre*
De marfim!

Meu pharol! refugio meu!
Sol, que dia e noite brilha!
Mãi de Deus e de Deus filha!
Mãi do céo!

JOÃO DE DEUS.

Mater dolorosa

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrymosa estatua da amargura.

Dos céos a curva era tranquilla e pura;
Das gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulos, voando
Dos mares sobre a cérula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedêra, astro mavioso,
De alvôr banhando os alcantis das fragas.

E aquella pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrêra, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas.

GONÇALVES CRESPO. (1)

Diante d'um crucifixo

Christo pallido e morto, os Lazaros esperam!
Abre de novo ao sol os olhos já sem luz...
Sólda as f'ridas sem fim que as lanças te fizeram,
Desprende as hirtas mãos dos braços d'essa cruz.

Que fazes tu dormindo, ó redemptor sombrio,
Mas envolvido, assim, nas pregas d'um lençol?
Estás sempre tão baço! Estás sempre tão frio!
De que te servem, pois, tantos raios do sol?

Acorda, ó Christo, acorda! A humanidade immensa
Na sombra andou perdida em procura de ti,
Até que aos ramos nús das arvores da crença
Veio a folhagem nova, onde a esperança ri.

Quando tu, ermo e só, pelo mundo passaste,
A semente do bem cahiu da tua mão;
Cahiu, e a nossos pés, do arbusto que plantaste,
O vento espalha agora os fructos pelo chão:

(1) Era Gonçalves Crespo um dos mais levantados engenhos poeticos dos nossos dias. Casado com a primeira e unica Musa contemporanea, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, teve apenas tempo para lhe deixar um nome glorioso, e duas formosas creanças, abençoadas pelo seu excepcionalissimo talento. Cada uma das suas poesias, nas *Miniaturas* e *Nocturnos*, que publicou, é uma joia de inapreciaveis gemmas. Ninguem antes nem depois d'elle, burilou uma estrophe com mais mestria. A morte implacavel arrebatou-o no verdor dos annos. Este é porém d'aquelles que não morrem nas letras, nem no coração dos que o amaram em vida.

E tudo vae seguindo o mysterioso rumo,
Á formidavel luz de mil innovações,
Ao ruido dos comboyos, que entre nuvens de fumo
Conduzem o progresso atravez das nações.

Refulge a ideia em tudo! Os templos do trabalho
Enchem-se de clarões, de vozes, de rumor,
E da quente bigorna, onde resoa o malho,
Sahem constellações de vivido fulgor!

O patibulo cahe! Levanta-se a justiça;
E, atravez do sendal, percebe a nova luz;
O pobre é já melhor: não o morde a cubiça,
Veste-lhe o seio a fé, inda tem os pés nús.

As creanças sem pae... Santa o bemdita esmola!
Esses orphãos do mundo, esses anjos de Deus,
Acham emfim aberto o sacrario da eschola,
O ninho onde o futuro ensaia os vôos seus!

E a fronte magestosa, a fronte que os espinhos
Toda occultam em si como a tua, Senhor,
Como um ramo que verga ao pêso dos seus ninhos,
Das ideias ao pêso inclina o scismador.

Mas ainda assim, acorda! Ha muito quem duvide,
Quem julgue ter o fim onde o principio tem,
Quem veja á sua porta emurchecer a vide,
Quem diga, vendo o pó: «Eis o que eu sou tambem!»

São esses, pois, ó Christo, os Lazaros que esperam,
Esses em cujos céos a aurora não sorri,
E a quem tu, devassando a noite a que desceram,
Tens de bradar bem alto: «O' Lazaros, surgi!»

Vem dar-lhes uma esp'rança. O abysmo é tenebroso,
E a sombra envolve todo aquelle que desceu...
Só tu pódes erguer o véo mysterioso:
Vem, pois, erguel-o, ó Christo, e mostra-lhes o céo!

GUILHERME BRAGA.

Ha dez annos

—Do passado co'as lembranças
Inda est'alma se commove:—
Tinhas seis annos: eu nove...
Eramos duas creanças.

Eramos duas creanças,
Louras, risonhas, inquietas;
Tu atraz das borboletas,
E eu atraz das esperanças...

Nas velhas ruas da quinta
Que brincar fazia assombro
Eu com a mão sobre o teu hombro,
Tu co'a mão na minha cinta.

Corriamos o arvoredo,
D'onde as aves espantadas
Ao som das nossas risadas
Fugiam cheias de mêdo.

Um pintor faria um quadro
D'immensa melancolia,
Se nos visse, em fins do dia,
Sentados na cruz do adro.

Hoje, essa historia define-a
Um cypreste... por memoria!
Nós tivemos uma historia
Como a de Paulo e Virginia.

GUILHERME BRAGA.

Carta a sua magestade a imperatriz do Brazil

Era um velho, Senhora!: obscuro, pobre, honrado;
estrangeiro e bemquisto; humilde e venerado.
Após o dia, exhausto em grangear o pão,
entre os filhos e a esposa, as graças, a oração,
por sua voz serena (austero patriarcha!)
subiam cada noite aos pés do grão Monarcha,
e dos Céus cada dia, a paz, o esforço, o amar,
como bençãos caindo, arraiavam seu lar:
tepido ninho á sombra!, alegre de caricias!
d'entre tanta pobreza a respirar delicias!
Tudo alli era franco: a entrada, o rosto, as mãos;
como amigos aos bons, aos pobres como irmãos.
Aquillo, e um Céu por cima, era todo o seu mundo
que lhe importava o mais?
..... Um dia
uma esposa infeliz (Senhora! o mundo as tem!)
chorosa, desgrenhada, envolta em sangue, vêm...
do consorte fugida á bruta feridade,
do tecto bemfeitor invocar a piedade!
podiam recusar-lh'a? O primeiro seu ai
segurou-lhe um abrigo, e mãe e irmãos e pae!
respira! emfim respira! a benção d'estes ares
a deve proteger contra quaesquer azares!
é parte da familia! a mesa, o somno, o orar,
tem já communs com ella; o sancto limiar
onde o Senhor a trouxe, ha de lhe ser berreira
que lhe suspenda no ingresso a féra carniceira...

Enganou-se: a mansão que inviolavel suppoz
não tarda em vêr entrar o furioso algoz,
ebrio!, os olhos de fogo!, o semblante convulso!,
ameaçadora a voz... e pavoroso o pulso!
treme a victima imbelle! em joelhos está!
invoca... não o amor! (o amor extincto é já)
mas compaixão sequer... do pranto e das feridas,
compaixão da innocencia! eleva as mãos unidas,
contra o furor crescente a supplicar mercê
ao pae que tem nos Ceus!... e ao pae que ante si vê.
Leis da hospitalidade, ao solo brazileiro
sacras sois, quaes na tenda ao arabe guerreiro;
ou como outr'ora a Loth, ao patriarcha hebreu;
cumpriu vos o ancião; solemne o braço ergueu
entre o falcão e a pomba! sublime,
guarda-a, repelle o, folga, está frustrado o crime!
Na casinha de bem, de tanto amor capaz,
co'a enviada por Deus reamanhece a paz.
Mas o cruento drama era em meio.
Outro dia
que o velho solitario, ao seu lavor pedia
o sustento do corpo, e co'a enxada na mão
regava de suor o parco seu torrão,
encanecido, curvo, e sob e Sol gemendo...
rompe de uma embuscada, insano, armado, horrendo,
o feroz! o traidor!
O' Brazil, o teu Sol
não creára esse tigre: o monstro era hespanhol!
Do Cid, o campeador, dos heroes das Castellas,
vingadores leaes dos fracos e das bellas...
fallar ousava a lingua altiva e marcial,
namorada e viçosa, o perfido, o brutal,
que depois de ferir, de afuguentar a esposa,
ao velho, que lh'a ha salvo, assassinal o ousa.
Sim! ousa assassinal-o! o vil punhal reluz
perto já!; o indefeso... o avista!, os braços nús
ergue súpplice; em vão, que o morte não recúa!

treme não já por si, pela familia sua!
vê os filhos... em luto! a consorto... em viuvez!
a protegida... entregue! a taes visões (talvez)!
mais quo á ideia da morte, assombrado!, em delirio!,
já que emfim lhe é mister luctar contra o martyrio...
lucta. O punhal... lhe acorda as forças juvenis;
a vista do seu sangue... o activa; as mãos senis
alçam, por cego instincto, a enxada!, a boa enxada!,
a sua arma innocente!, a socia sua amada!
contra o ferro inimigo a brande, por broquel,
mas que para offensora!; as iras do cruol
redobram!; cresco o perigo, irrita-se a pendencia;
é já mortal batalha.
Árbitra a Providencia
a decide.
N'um mar jazem de sangue os dois;
o velho a agonisar; morto o forte.
Depois...
á justiça dos Ceus! insondavol! terrivel!
seguiu logo a da torra; a da terra: a fallivel;
a que esgrime sem ver; a que pregou na cruz
ao bom e ao mau ladrão, e entre ambos a Jesus,
a que de povo a povo, a quo de edade a edade,
faz o crimo, virtude; a honra, iniquidade;
a que usa, n'um só dia, e no mesmo logar,
de si para si mesma appellar, aggravar,
desdizer-se; o nem sempre, onde se crê mais firme,
de justiça (talvez!) seu nome um Deus confirme.
A justiça mortal viu sangue, e um vivo: — E' reu. —
Fita os olhos earnaes; aos d'alma aperta o veu.
Não pergunta, ao passado, a conscieneia do homem;
ao presente, se horror, se remorso o consomem;
ao porvir que será da familia infeliz,
da familia innocente, em perdendo a raiz;
vê sangue!; a côr do sangue, o reflexo do sangue
a faseina! entre as mãos só acha o velho exangue;
não pune, se o não pune; e é preciso punir;

que lhe importa o passado? o presente? o porvir?
condemna. Condemnou.
Senhora! acreditae-o.
E a que pena? a morrer?! a morte é como o raio:
troa, fere, passou. Ante o castigo seu
(miserrimo ancião!) ditoso o que morreu.

Doze annos! preso!; mudo!; oppresso!; onvilecido;
descoroado das eãs!, infame no vestido!;
um numero por nome!; o trabalho sem fim!;
e impossivel a esp'rança!! (olhos de seraphim,
perdoae se vos baixa a este horror profundo!).
Doze annos n'um jazigo, extincto e moribundo!
viuvo da mulher que traz por elle o dó!
pae dos filhos sem pae! com familia, e tão só!
(olhos de seraphim! banhae-me em vosso pranto!)
Doze annos? e a velhice acaso espera tanto?
Doze annos?! mas ignora a justiça mortal
que um só dia em tal dôr... por mil seculos val?
Doze annos?!! vezes doze os longos sóes do estio,
sem elle entrar co'os seus no seu pomar sombrio!
Vezes doze do outono a abundancia, o prazer,
das arvores que poz, sem elle um fructo ver!
Vezes doze do inverno as noites espaçosas,
tão sociaes 'té'agora... agora tão saudosas!
Doze vezes emfim, primavera a sorrir
a toda a natureza... e sem deixar cair...
a descuido sequer!, na sua sepultura
uma florinha; um sol; um pio; uma verdura!
Doze annos?!!! mas sabeis o que doze annos são,
no fundo de um abysmo, onde até a oração
se enregela talvez?!:
.....
A lei é cega e surda; afortunado o rei
que suppre, ouvindo e vendo, o incompleto da lei!
e a quem do Estado o jus, da humanidade amigo,
deixa dizer: — Perdão! — quando a lei diz: — Castigo.

Prerogativa excelsa! o raio, attesta um Deus;
mas a clemencia o mostra, e nos torna mais seus.
Filha da bella Italia; Egeria em mundo novo!;
unida a Joven N'uma!, e estreita a joven povo!
Senhora!; Imperatriz!; Deidade tutelar!;
é grande este infortunio!; é tremendo!! é sem par!!!;
Merece-vos! Luctar co'a fortuna traidora,
desarmal-a, vencel-a... é nobre e vós, Senhora,
vós, que o podeis e usaes, vós Senhora, o fareis.

Quando, além de ámanhã, prostrado ao Rei dos reis,
ante as aras em luto, o chefe aos pobres lave,
enxugue, beije os pés, e em sua mente grave
mais vivo resplandeça o preceito do amor;...
(é dia de indulgencia; hora do Salvador!)
presentae, co'o sorrir da terna caridade,
o infeliz, ao Consorte; o oppresso, á Magestade:
«— Hontem foi, — lhe dizei — o quarto sol de abril;
«sacro na Lusitania, e sacro no Brazil;
«o sol, a que ha brotado a irmã, que lá no Empyreo
«gosa, em siderio throno, as palmas do martyrio,
«a que houve o berço, aqui; lá, o sepulchro seu;
«essa, cuja Odyssêa o largo mundo encheu,
«e por quem todos nós assim vertemos pranto;
«oh! em memoria d'ella! e por seu nome santo!
«e por suffragio terno!, e derradeiro bom!;
«vós, que imperaes tambem, vós que tambem sois bom,
«resgatae, resgatae-lhe este homem, que era d'ella;
«por minha voz o implora essa alma augusta e bella!
«Este homem, já punido, e morto já talvez,
«quiz entre nós viver... mas nasceu portuguez;
«dae-lhe o seu portuguez com um dom natalicio!» —

Do nome de Maria ao influxo propicio,
sem custo lhe obtereis, pelo vosso condão;
innocente, a justiça; ou culpado, o perdão.
Do vosso Imperador um aceno é divino;

o que n'elle podeis, póde elle no destino:
manda e fez-se: a prisão se descerra por si;
inda ehora o casal, mas é ehôro que ri;
a choça, outra vez fuma; ovante a vizinhança.
eantando o vosso nome, em torno aes lares dansa;
e os filhinhos... que ha pouco iriam... mundo além...
párias... orphãos de pae... orphãos talvez de mãe...
co'o brio murcho em flor... a fé e a esp'rança morta...
arranear á piedade o pão de porta em porta...
em seu campinho agora, alegres colibris,
volverão a entoar, por vós, que os redimis,
graças, benções, na aurora!. ao meio dia! á tarde!;
«A nossa mãe, foi ella; a Mãe celesta a guarde;—
—dirão (e a voz da infancia eehos no Empyreo dá;)—
«como ella nos ampara, o eéu a amparará:
«o que aos filhos do pobre emprestou de elemencia,
«nos proprios filhos seus lh'o pague a Providencia.

Sim, Augusta! ella só, que por um mede mil,
cingirá digna c'rôa ao feito senhoril;
não já essa de roble, outr'ora imposta á coma
do cidadão salvando um cidadão de Roma,
mas de amores na terra, e na patria, de sóes;
duplex e'rôa, invejando aos maximos heroes.

E depois... (bem sabeis) por mui ehristã que seja,
nunea de todo esqueee um'alma bemfazeja
venturas que espalhou, benções que mereceu;
do fundo coração, mago thesouro seu,
lagrimas que hão furtado as suas mãos amantes,
a estrellejam de luz, mudadas em diamantes!
E que póde a humildade aos sonhos prohibir?
nas horas, em que os maus o inferno ouvem rugir...
a eonsciencia, ao bom, eanta, como a sereia,
que enleva a praia muda, arrôba a lua eheia:
sabem só elle e o eéu mysterios que ella diz!
Feliz o velho! e vós... mil vezes mais feliz!

Pedi-vos um perdão, Senhora; outro podia
não menos supplicar da insolita ousadia.
Em vós, deslumbram: prole! esposo! irmãos! avós! ...
mas de tanto esplendor desassombraes-me vós:
dentro na Magestade, a mulher-mãe contemplo!
trouxe ao Paço a oração, como a levára ao templo.

VISCONDE DE CASTILHO.

Morte de A. Gonçalves Dias

«Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da matta, suspirae commigo!

«A grande agua o levou como invejosa.
Nenhum pé trilhará seu derradeiro
Funebre leito; elle repousa eterno
Em sitio onde nem olhos de valentes,
Nem mãos de virgens poderão tocar-lhe
Os frios restos. Sabiá da patria
De longe o chamará saudoso e meigo,
Sem que elle venha repetir-lhe o canto.
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da matta, suspirae commigo!

Elle houvera do Ybake o dom supremo
De modular nas vozes a ternura,
A colera, o valor, tristeza e magua,
E repetir aos namorados echos
Quanto vive e reluz no pensamento.
Sobre a margem das aguas escondidas,
Virgem nenhuma suspirou mais terna,
Nem mais válida a voz ergueu na taba,
Suas nobres acções cantando aos ventos,
O guerreiro tamoyo. Doce e forte,

Brotava-lhe do peito a alma divina.
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da matta, suspirae commigo!

«Coema, a doce amada de Itajuba,
Coema não morreu; a folha agreste
Póde em ramas ornar-lhe a sepultura,
E triste o vento suspirar-lhe em torno;
Ella perdura a virgem dos Tymbiras,
Ella vive entre nós. Airosa e linda,
Sua nobre figura adorna as festas
E enflora os sonhos dos valentes Elle,
O famoso cantor quebrou da morte
O eterno jugo; e a filha da floresta
Ha de a historia guardar das velhas tabas
Inda depois das ultimas ruinas.
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da matta, suspirae commigo!

«O piaga, que foge a estranhos olhos,
E vive e morre na floresta escura,
Repita o nome de cantor; nas aguas
Que o rio leva ao mar, mande-lhe ao menos
Uma sentida lagrima, arrancada
Do coração que elle tocára outr'ora,
Quando o ouviu palpitar sereno e puro,
E na voz celebrou de eternos carmes
Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da matta, suspirae commigo!»

MACHADO D'ASSIS.

A morte de D. Quichote

Rôto o escudo, sem lança a cóta escalavrada,
Sósinho, abandonado e á tôa como um cego,
Do crepusculo á luz dolente e immaculada
Entra na sua aldeia o altivo heroe Manchego.

O tenue fumo sáe do colmo das herdades,
Riem ao pé da fonte as frescas raparigas,
E á clara vibração sonora das trindades
Junctam-se brandamente as vozes e as cantigas.

E o audaz Campeador, o Justiceiro, o Forte,
Que andara pelo mundo a combater os maus,
Defendendo a mulher, desafiando a Morte,
Do paterno casal sentou-se nos degraus.

Nos joelhos fincando o cotovêlo agudo
E no punho cerrado a fronte reclinando,
Quedou-se largo espaço, illacrymavel, mudo,
Para o inutil passado os olhos alongando...

E ali, na dôce paz da sua alegre aldêa,
Sentiu que o avassalava umo tristeza infinda,
Quando esta voz se ouviu: «morreu-te a Dulcinêa,
«Missionario do Bem, tua missão é finda!»

E elle a ouvir e a scismar! A trafega sobrinha
Beija-o, falla-lhe, ri, abraça-o, mas o Heróe
D'est'arte lhe volveu: «A morte se avisinha,
«Levae-me para o leito!» E ouvil-o pena e dóe.

Do leito á cabeceira o Bacharel e o Cura
Tentam resuscitar-lhe os sonhos e as chimeras;
Pintam-lhe o negro Mal triumphante, ó amargura!
O fraco aos pés do forte, o bom lançado ás feras...

Contam-lhe o frio horror dos carceres sem luz,
Que nas torres feudaes pompeava o velho Crime,
Que os crescentes do Islam tinham vencido a Cruz,
Que a Injustiça era a Lei... Então feroz, sublime,

Inquieto, semi-nú, sinistro, o cavalleiro
Bradou como um trovão: «Enverguem-me a loriga!
«Sellem-me o Rocinante, ó Sancho, ó escudeiro,
«Traze-me a lança, présto! e a minha espada amiga!»

Tinha em braza o olhar, e truculento o aspeito,
E vibrava em redor a imaginaria laça...
Logo depois cahiu do respaldar do leito.
Morto: tendo no labio um riso de creança!

GONÇALVES CRESPO.

Adeus

Uma vez, n'uma camara elegante,
De um contador no marmore de rosa,
Entre os mil nadas feminis que exhalam
Uns aromas subtis que nos embalam,
Vi uma concha pallida e graciosa.

Sentira eu n'ella um som confuso e triste,
Como o dos sinos em remota aldeia;
Pobre concha! morria de saudade
D'aquella vaga e triste immensidade
Do mar que chora na deserta arcia.

Olha, querida, como n'essa concha,
Anda chorando em mim continuamente
Essa timida voz que tu soltaste,
Essa palavra ADEUS que murmuraste
Aos meus ouvidos languida e tremente!

GONÇALVES CRESPO

Na Mão de Deus

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descançou a final meu coração.
Do palacio encantado da Illusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flôres mortaes, com que se enfeita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depuz do Ideal e da Paixão
A fórma transitoria e imperfeita.

Como criança em lobrega jornada,
Que a mãe leva no collo agasalhada,
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto,
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

ANTHERO DE QUENTAL.

THEATRO

O duque de Vizeu

DRAMA

ACTO II — SCENA VI

A INFANTA *entrando pela E*, A RAINHA, D. MANUEL

RAINHA, *correndo para a Infanta*

Minha mãe!

D. MANUEL

Senhora...

INFANTA, *detendo a Rainha que vae tomar-lhe a mão*

Perdoae!... Envolta em tristes vestes,
Anciando pela paz á sombra dos cyprestes,
Alheia ao mundo vil, amando a solidão,
Banhando na saudade intensa o coração,
Vendo apenas luzir relampago fugitivo
No sorriso de um filho idolatrado, eu vivo
Melancolica e só. Que vindes trazer vós
Ao meu eremiterio? acaso a minha voz
Póde achar echos onde um throno augusto brilha?
Vindes como Rainha... ou vindes como filha?

RAINHA

Ah! minha mãe! sois vós a unica sob'rana
Aqui! perante o vosso olhar, nada me ufana,
Que não seja trocar os brilhos deslumbrantes
Por um só beijo vosso, ó minha mãe!

INFANTA, *com amargura*

Sim! d'antes
Bastava um beijo meu na vossa tenra face
Para que na vossa alma a dor se aniquilasse!
Hoje receio até que um beijo maternal
Perturbe a doce paz do thalamo real.

RAINHA

Oh! minha mãe! por Deus, calae-vos!

INFANTA

Sois rainha
Para mim! o passado, esse jaz só na minha
Tão saudosa memoria. Ah! quando Sua Alteza,
O meu genro, poz mãos sangrentas na nobreza
D'estes reinos, então as nuvens d'esse crime
Toldaram na minh'alma a ternura... Esqueci-me
De que era minha filha a esposa do tyranno,

Voltando-se para D. Manuel,

E de que um filho meu erguia o braço insano
Para o throno real... como a pedir-lhe abrigo.

D. MANUEL

Senhora, sois cruel!

RAINHA

Injusta sois commigo,
Minha mãe! minha mão! Não vêdes como eu choro?

Pois não sabeis que sobre o meu luzido thoro,
Tem cahido o meu pranto acerbo de agonia?
Não sabeis que a minh'alma, ah! sangra dia a dia,
Rasgada dos florões do meu diadema regio?
Das villãs o destino invejo, sim! Protege-o
A sombra amiga, o lar silencioso e pobre;
E quando a magua vem, embora! inda se encobre
Sob os cendaes do amor. Mas eu, meu Deus! mas eu
Não tenho um peito amigo; a propria luz do ceu
Como que para mim se annuvia. Dizei
Que sou rainha, sim! esposa, não! d'el-rei.
Meu pobre coração cobriu-se já de lucto
Por seu amor.

INFANTA

Bem sei! Traidor e dissoluto!

RAINHA

Ah! vós sabeis, sabeis! as serpes do ciume
Tem roido a minh'alma... O incauto nem presume
Que eu tudo sei!... sim! quer ao filho do meu seio
Juntar o intruzo vil que do adulterio veio!
Mas não! não póde ser! que o meu amor materno
Ha de furtar mais esta angustia ao meu inferno!
E ainda me dizeis... Ah! sois descaroavel,
Minha mãe! E nem disse a dor mais implacavel
Que me devora o peito: a tremenda ameaça
Que pelo regio olhar, como um lampejo, passa,
Quando acaso recorda aggravos do passado
Do duque meu irmão...

INFANTA

De vosso irmão? Cuidado!
Faz-vos injusta o sceptro, invilecido agora,
O sceptro que brilhou, altivo, puro, outr'ora,

Entre as heroicas mãos dos vossos avoengos.
Como se illudem, como, os olhos realengos!
Pois eu vos digo, eu mesmo, a vós rainha! aggravos,
Commette-os el-rei só, querendo fazer escravos
Os fidalgos do reino, escravos do seu throno,
Servos do seu poder, cedendo ao abandono
Dos seus fóros e jus, dos nobres privilegios,
Que encheram já de lustre os nomes seus egregios.

RAINHA

Deixae!... pobre mulher maguada, nem eu sei
Se é culpada a nobreza ou criminoso o rei!
Apenas vejo, ó ceus! o gladio atroz suspenso
Sobre o collo fraterno. E tremo quando penso
N'esta visão medonha! Assusta-me o futuro!
Só quizera salvar meu pobre irmão... Ah! juro
Que a isso vim!

INFANTA

Agora!

RAINHA

Agora sim, meu Deus!
El-rei suspeita... Oh! mãe, salvae os dias seus!

INFANTA

Mas porque?

RAINHA

Nem eu sei, nem sei. Anjos celestes!
Adivinho, receio...

INFANTA, *serena, voltando-se para D. Manuel*

E vós a que viestes?

D. MANUEL, *irresoluto*

Minha senhora e mãe, eu vim apenas... vim...
Para... para dizer...

INFANTA

Nem vós sabeis! Assim
Vos treme a voz! Terror, por certo, agora invade
A voss'alma! Terror da regia magestade!
Terror negro e febril do iroso despotismo!
Terror que assalta os vis...

D. MANUEL

Ah! senhora!

INFANTA

Sim! diz-m'o
A pallidez que invade agora a vossa face,
Como se o nobre sangue assim se envergonhasse,
Depois de palpitar em nobres corações,
De vibrar do terror nas crebras pulsações.

D. MANUEL

Julgo que me offendeis...

RAINHA

Silencio, irmão!

D. MANUEL

Deixae-me

RAINHA

Silencio, vol-o ordeno!

Á infanta

Ah! senhora! escutae-me
Inda uma vez! Não quer vosso materno affecto
Roubar ao cadafalso o filho predilecto!...

INFANTA

Ao cadafalso?...

RAINHA

Sim! Em mais estreito espaço
Enfraquece a real clemencia do que o braço
Do verdugo! Inda esp'raes?... Não! o perdão não volta...
Oh! muito mais qae el rei, eu tremo da revolta!
Dizei a meu irmão, dizei-lhe por piedade,
Que se curve perante a sacra magestade
Do seu rei...

INFANTA

Nnnca! nunca! Ah! bem percebo agora!...
E ousaes inda chorar! Tremeis, tremeis, senhora,
De cahir tambem sob a colera suprema,
E que vos não defenda o brilho do diadema!

RAINHA

Minha mãe!

INFANTA

Sim! Tremeis sómente pela vossa
Deslumbrante existencia... Embora ella só possa
Semeiar-se de horror, de luto e de remorso:
Porque nunca tereis o valoroso esforço
De affrontar nobremente o tenebroso jugo!
Ides, vós ambos, ide! O despota verdugo
Póde saber talvez que falastes commigo...
Tomae cuidado, sim! Correis o grave p'rigo

De causar desprezar a vosso amo e senhor!
Regressae a palacio! Acalmae o terror!
O filho que me resta é nobre em demasia
Para vos arriscar perante a tyrannia!
Assim, podeis dormir tranquillos!

RAINHA

Minhã mãe
Não peço a Deus castigue o sceptico desdem
Que não mer'ci de vós. Não peço! a punição
Viria lacerar meu pobre coração.
De quanto eu soffro, Deus, só Deus é testemunha.
Crêdes bem! Vindo aqui, senhora, acaso expunha
A corôa, a ventura, a paz, o amor de esposo...
Talvez a vida, sim!... Fallaes do meu repouso!
Repouso, quando o sceptro, que eu partilho,
Ameaça na sombra o vosso nobre filho,
Meu adorado irmão!... No instante em que vos deixo,
Do amargo desamor, senhora, não me queixo!
Esqueço o meu pezar. Que o vosso amor materno,
Que se esquiva de mim, refulja inda mais terno
Sobre meu pobre irmão! Bemdita sejaes vós,
E as lagrimas que choro ha tanto se o algoz...
Ah! mata-me esta ideia, assombra-me... Salvae-o,
O' minha mãe! Adeus!

INFANTA, *commovida*

Leonor!

RAINHA

Senhora, saio,
Porque pronunciaes um nome que olvidou
O vosso coração!... Eu sou a rainha!...

Suffocada em pranto

... Sou...

Mas rainha que chora... Adeus!

Sae pelo F. com D. Manuel.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA. (1)

A herança do chanceller

ACTO I—SCENA VI

LOPO E COSMO *(Absolutamente transformado)*

COSMO

Reconheces-me?

LOPO

Confesso
Que, mesmo estando aqui sós,
Se não fôra pela voz
Diria: «Não vos conheço.»

COSMO

D'este modo sem clamores,
Posso afouto, passear:
Não hei já que receiar,
Morri: não tenho credores. —

(1) Henrique Lopes de Mendonça é sobrinho do elegante e desgraçado escriptor Lopes de Mendonça roubado ás letras na flor dos annos. O moço dramaturgo herdou-lhe o talento, que desviou para a poesia. Depois d'algumas producções que os jornaes publicaram, e que começaram a dar-lhe nome, abalançou-se a pôr em scena uma comedia cujos versos mimosos foram applaudidos pelo publico. O que, porém, o coroou poeta, e auctor dramatico, foi a tragedia. *O Duque de Vizeu*, representada pela primeira vez em 19 de março de 1886 Henrique Lopes de Mendonça é official da armada portugueza, e foi ultimamente nomeado pelo governo para uma commissão litteraria.

Escuta o fim do mysterio.
Alvorece. Sem tardança,
Por causa da visinhança,
Conduz-me ao cemiterio.

LOPO

A vós?

COSMO

A Cosmo, o defuncto,
Como cumpre á caridade;
Sem cirios nem irmandade,
Nem tropel de povo junto. —
Eu sou outro, se te apraz. —
Vem a tumba, e, bem talhado,
Do cabeçal, transformado,
Faz-se um cadaver capaz.
Depois — toma bem sentido! —
O nome á terra desceu:
Cosmo em Ruy se converteu. —
Ruy serei. — Tens percebido?

LOPO *(Distrahido e absorto).*

Senhor Cosmo, percobi.

COSMO *(Desesperado).*

Como? — Ruy! — Se te esquecesses
Se, esquecendo-o, me perdesses
Mais te perdias a ti.

LOPO

Desculpae-me, Rui.

COSMO *(Sorrindo).*

Bem vejo.
Desvairas de quando em quando:
Anda-te a mente pairando

Sobre as azas do desejo.
Assim fui já! — Como insistes
N'esse pensar eu pensei;
(Apaixonado)
E vida e alma entreguei...
(Subitamente)
Arredemos cousas tristes.
Credula e vã mocidade!
Aposto que amores são!
Faz inveja á perfeição
A tua rara beldade?

LOPO

Se a visseis! — Gracioso mixto
De recato e de candura
Não ha flôr de mais frescura...

COSMO

Um anjo em tudo: está visto

LOPO

Os seus olhos são dois astros,
Que dão amor e desmaios,
Vertendo languidos raios
D'entre os curvos alabastros.
Rubros labios de carmim,
Louras tranças sem segundas,
Duas rosas pudibundas
Sobre faces...

COSMO

De setim. —
O retrato está completo:
Vamos, é todo o composto...
Que um aborto faz de um rosto. —

(Comsigo)
Como pecca o mais discreto!
(Proseguindo a Lopo)
Talhe esbelto, cinta airosa,
Toda em donaires creada,
Eis aqui a tua fada
Mais do que as fadas formosa.

LOPO

Já sabeis?

COSMO

É sempre assim
O sonho de uma paixão.

LOPO

Não é sonho: o coração
Diz-me que o sinto.

COSMO

Pois sim.

LOPO

Encontrei-a ajoelhada,
Como se pende uma rosa,
Na igreja da milagrosa
Nossa Senhora da escada.
O seu rosto contemplava,
Atravez dos raros véus:
N'elle os olhos, a alma em Deus,
Confusas preces orava.
Cria, n'este inlevo terno,
Que as orações, misturadas,
Nossas almas, abraçadas,

Aos pés levavam do Eterno.
Se era d'ella, ou da Senhora,
O templo, nem eu sabia ..
Que tudo ao céo rescendia.

COSMO

Eu te conto o resto agora.
Junto á pia d'agua benta,
Inclinando-se galante,
Um moço e guapo estudante
D'agua um pouco lhe apresenta.
Ella, timida e indecisa,
Molha os dedos faz a cruz,
E deixa rastos de luz
N'um olhar que lhe desliza.
O tremor da mão nevada
O mancebo fez tremer...
Se era de dor ou prazer
Não n'o soube a alma turbada.

LOPO *(Espantado)*

Adivinhaes, senhor Ruy!

COSMO

Em sortilegios é lido
Quem tres vezes tem morrido. —
(Melancolico)
Tambem assim, tambem fui!
(Para Lopo)
Sabes quem seja?

LOPO

Á memoria
Me chamaes o padecer! —
É filha do chanceller

Que Deus haja em santa gloria.
Chama-se Branca, — e, em vergeis,
Mais alvo lyrio não brilha,

COSMO

Póde um lyrio ser a filha;
Mas o pae... foi mestre em leis!

LOPO

Por seu alto nascimento
E seus grossos cabedaes

COSMO

Receias. — Não digas mais. —
O que tens então no intento?
(Mostra-lhe a espada pendida á cabeceira)

LOPO

Obscuro e pobre, cogito
No seu estado e riqueza;
E mais me doe a incerteza
Quanto mais em tal medito.
O esforço, ás vezes, descae;
Outras vezes, só de vêl-a,
Quero, para merecel-a,
Ser grande como seu pae.
Horas e horas, no estudo,
Sobre os livros, passo absorto,
E digo ao meu desconforto:
«Força e vontade são tudo!»

COSMO

Sim; a padre ou magistrado
Podeis ir. — *(Sorrindo).*

Padre, não queres,
(Intimativo)
Á garnacha, — se a tiveres,
Chegarás... d'annos curvado.
E quando os teus dons primeiros
Levares na mão mirrada...
Irás a achal-a casada
E com filhos cavalleiros.

LOPO

Isso não!

COSMO *(Colerico)*

Cantando amores
O meu Lopo, o meu poeta,
Vestir a negra roupeta
De inda mais negros doutores!...
Não; bem dizes. N'essa espada,
Crava os olhos, ergue a fronte:
Não fitas outro horisonte?
O sangue não te diz nada?

LOPO *(Inflammado)*

Diz. — Se diz! — *(Tristemente)*
Mas que ha de ser?
Quem me fará cavalleiro?
Se ao menos fôra escudeiro!...
(Abatido)
O meu remedio é morrer.

COSMO

Alto lá. — Por esses modos,
Vaes-me o exemplo copiar.
O recurso tem logar.
Mas nem sempre, nem com todos. —

E se houveras um grão nome
Que inda occultar nos convém?

LOPO

Um nome! Como, e de quem,
Se a miseria nos consome? —
A vossa mão desvellada
Foi buscar-me, cautellosa,
D'uma pobre desditosa
A nua e fria morada.
Ella e vós, eis os parentes
Do orphão triste e abandonado:
Sempre m'o tendes contado.

COSMO

Eram precauções prudentes.
Um rico e illustre senhor
Adorava uma donzella;
Elle mais nobre do que ella,
Mas ambos iguaes no amor.
Em mal d'esse amor profundo,
Separou-os o destino
Quando um fructo clandestino
De tal paixão veiu ao mundo.
O reino em guerras ardia
Dos bandos a pelejar:
Elle as armas foi tomar;
Ella o velho pae seguia.
Com ella o ancião foragido
Em Castella se abrigára;
Elle a bandeira jurára
Do de Aviz ao throno erguido.
Soube ao cabo que a donzella
Era ali: — Sem mais cuidado,
Esquecido o peito dado,

Partiu-se para Castella:
Que mais no mundo lhe importa?
Um dever tem rigoroso;
Vae levar-lhe a mão de esposo...
Quando chegou.. era morta!

LOPO *(Commovido)*

Morta!

COSMO

O triste, em tal desterro,
Da lei quebrára os artigos;
E, na côrte, os inimigos
Aggravaram mais seu erro.
Turvo de ira, el-rei então
Os bens todos lhe tirou,
E, severo, o condemnou
Mais á sua geração.
Brada a voz da natureza;
Mas o pae, que só tem dôr,
O tenro filho do amor
Deixa filho da pobreza.
Sem bens, esposa, nem filho,
Sem patria, sem quanto amára
Quem, resistindo, pisára
De tantas maguas o trilho?
Cedeu quem nunca cedêra,
Legando o adeus derradeiro
A um pobre e errante bésteiro,
Que em seu pendão combatêra.
Em voz, já soturna e cava
Que hei-de ouvir eternamente!
Por aquelle filho ausente
Estas fallas murmurava:
«Approxima-se a agonia;
«Antes que a morte me tome,
«Quero deixar-lhe o meu nome;

«Talvez lhe sirva algum dia.
«Busca-o, véla-o. Eis um acto
«Que por filho o reconhece.»
Dá-me o escripto..« *(Suffocado)*
E desfallece...
(Limpando a furto uma lagrima)
Tal é do successo o extracto!

LOPO *(Que, escutára compungido, caindo com um joelho em terra e os olhos no céu)*

Oh! meu pae!

COSMO *(Com alma)*

Teu pae, de certo,
Que teve fé no soldado,
E comigo te ha guardado...
Elle do céu, eu de perto.
Jurei logo executar
Essa vontade sagrada;
E tomando a sua espada,
De Castella dei a andar.
Volvi á patria esquecida,
Onde esquecido já era,
E por signaes, que me dera,
Busquei a tua guarida.
Sabes o mais.

LOPO

Sei que tudo,
Tudo, Ruy, vos deverei,
Quanto sou e quanto sei,
Vida, esp'rança, o nome, estudo.

COSMO

Estudos! — Ginete e lança

Melhor que os livros te vae:
Eil-a a espada de teu pae...
(Indica-a)
Toma-a, Lopo: é tua herança!

LOPO *(Tomando-a)*

Esta! — *(Beijando-lhe a cruz com fervor)*
Mostra-me o infinito!
Enthusiasta)
Serei grande em Portugal!...
(Reflectindo desanimado)
Mas o nome, Ruy, que val,
Se esse nome está proscripto?

COSMO

Surge a dita da afflicção.
Viste em dôr o povo absorto?
E os sinos dizendo: é morto,
É morto el-rei D. João?
Sobe hoje ao throno um rei novo.
Amado como seu pae,
Que sarar as chagas vae,
Das discordias, no seu povo.
Se, alguma vez, o rigor
Necessario foi outr'ora,
Elle, sabio e justo, agora
Põe-lhe o balsamo do amor.
É do reino, em toda a parte,
Com seus irmãos a esperança:
Ninguem de louvar se cansa
O coração de D. Duarte —
Já vês que pódes esp'rar.

LOPO *(Ancioso)*

E o nome de meu pae?

COSMO

Soares
O primeiro entre os seus pares.

LOPO *(Depois de ouvir jubiloso)*

Céus!

COSMO *(Rapidamente, impondo-lhe silencio)*

Importa inda calar! —
Parte, acolhe-te aos Geraes.
De Cosmo carpindo a morte;
E, depois de tomar norte,
Irá Ruy dizer-te o mais.

LOPO

Mas que fareis sem ninguem?

COSMO

Talvez faça mais crédores.
Achei-me em lances peores
E saí-me sempre bem.
O remedio, como vês,
Não é difficil, e é certo.
Se me achar n'algum aperto...
(Apertando-lhe a mão)
Diz-me adeus... morro outra vez.
Mostra que a dôr em ti lavra,
Triste volve ao teu estudo;
Gesto funebre, ar sisudo,

E não boquejes palavra.
Anda! Feliz has-de ser
E em mim deves confiar:
Eu vou no entanto indagar
Da filha do chanceller.

LOPO

Obedeço. N'este assumpto
Me entrego cegamente.
(Partindo)
Por mim tenho o affecto ardente!

COSMO *(Impellindo-o)*

E a protecção de um defuncto.
(Lopo sae)

J. DA S. MENDES LEAL.

D. Ignez de Castro

TRAGEDIA

ACTO I. — SCENA I

CASTRO

Colhei, colhei alegres,
Donzellas minhas, mil cheirosas flores.
Tecei frescas capellas
De lyrios, e de rosas; coroai todas
As douradas cabeças.
Espirem suaves cheiros,
De que s'encha este ar todo.

Soem doces tangeres, doces cantos.
Honrai o claro dia,
Meu dia tão ditoso, a minha gloria,
Com brandas lyras, com suaves vozes.

AMA

Que novas festas, novos cantos pedes?

CASTRO

Ama, na criação ama, no amor mãe,
Ajuda-m'ao prazer.

AMA

Novos extremos vejo.
Nas palavras prazer, agua nos olhos.
Quem te faz juntamente leda e triste?

CASTRO

Triste não pode estar, quem vês alegre.

AMA

Mistura ás vezes a fortuna tudo.

CASTRO

Riso, prazer, brandura n'alma tenho.

AMA

Lagrimas signaes são de má fortuna.

CASTRO

Tambem da boa fortuna companheiras.

ACTO III

CASTRO

Meu senhor,
Esta é a mãe de teus netos. Estes são
Filhos d'áquelle filho, que tanto amas.
Esta é aquella coitada mulher fraca.
Contra quem vens armado de crueza.
Aqui me tens. Bastava teu mandado
Para eu segura, e livre t'esperar.
Em ti, e em minh'innocencia confiada,
Escusaras, Senhor, todo este estrondo
D'armas, e Cavalleiros; que não foge,
Nem se teme a innocencia da justiça.
E quando meus peccados me accusaram,
A ti fôra buscar: a ti tomára
Por vida em minha morte: agora vejo
Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos
Reaes tão piedosas: pois quizeste
Por ti vir-te informar de minhas culpas
Conhece-m'as, Senhor, como bom Rei,
Como clemente, e justo, e como Pae
De teus vassalos todos, a quem nunca
Negaste piedade com justiça.
Que vês em mim, Senhor? que vês em quem
Em tuas mãos se mette tão segura?
Que furia, que ira esta é, com que me buscas?
Mais contra imigos vens, que cruelmente
T'andassem tuas terras destruindo
A ferro, e fogo. Eu tremo, Senhor, tremo
De me ver ante ti, como me vejo.
Mulher moça, innocente, serva tua,
Tão só, sem por mim ter quem me defenda.
Que a lingua não s'atreve, o esp'rito treme
Ante tua presença; porém possam

Estes moços, teus netos, defender-me.
Elles fallem por mim, elles sós ouve:
Mas não te fallarão, Senhor, com lingua,
Que inda não podem: fallam-te co'as almas;
Com suas idades tenras, com seu sangue,
Que é teu, te fallarão: seu desamparo
T'está pedindo vida: não lh'a negues.
Teus netos são, que nunca, té'qui viste:
E vê-los em tal tempo, que lhe tolhes
A gloria, e o prazer, qu'em seus spritos
Lhe está Deus revelando de te verem.

REI

Tristes foram teus fados, Dona Ignez,
Triste ventura a tua.

CASTRO

Antes ditosa
Senhor, pois que me vejo ante teus olhos
Em tempo tão estreito: põe-n'os ora,
Como nos outros soes, n'esta coitada.
Enche-os de piedade com justiça.
Vens-me, senhor, matar? porque me matas?

REI

Teus peccados te matam: cuida n'elles.

CASTRO

Peccados meus! ao menos contra ti
Nenhum, meu Rei, me accusa. Contra Deus
Me podem accusar muitos: mas elle ouve
As vozes d'alma triste, em que lhe pede
Piedade. O Deus justo, Deus benigno,
Que não mata, podendo com justiça,

Mas dá tempo de vida, e espera tempo
Só para perdoar: assim o fazes,
Assim sempre o fizeste: pois não mudes
Agora contra mim teu bom costume.

REI

Tua morte m'estão outras muitas vidas
Pedindo com clamores.

CASTRO

Ouve-me, Rei senhor: ouve primeiro
A derradeira voz d'est'alma triste.
C'o estes teus pés me abraço, que não fujo.
Aqui me tens segura.

REI

Que me queres?

CASTRO

Que te posso querer, que tu não vejas?
Pergunta-te a ti mesmo o que me fazes,
A causa, que te move a tal rigor.
Dou tua consciencia em minha prova,
S'os olhos de teu filho s'enganaram
Com o que viram em mim, que culpa tenho?
Paguei-lhe aquelle amor com outro amor,
Fraqueza costumada em todo estado
Se contra Deus pequei, contra ti não.
Não soube defender-me, dei-me toda,
Não a imigos teus, não a traidores,
A que alguns teus segredos descobrisse
Confiados a mim, mas a teu filho
Principe d'este Reino. Vê que forças
Podia eu ter contra tamanhas forças.
Não cuidava, senhor, que t'offendia.

Defenderas-m'o tu, e obedecêra.
Inda que o grand'amor nunca se força:
Igualmente trocámos nossas almas.
Esta que te ora falla, é de teu filho
Em mim matas a elle: elle pede
Vida par'estes filhos concebidos
Em tanto amor. Não vês como parecem
Aquelle filho teu? Senhor meu, matas
Todos, a mim matando: todos morrem.
Não sinto já, nem choro minha sorte,
Inda que injustamente assim me busca,
Inda que estes meus dias assim corta
Na sua flor indigna de tal golpe:
Mas sinto aquella morte triste, e dura
Para ti, e para o Reino, que tão certa
Vejo n'aquelle amor, que esta me causa.
Não viverá teu filho, dá-lhe vida,
Senhor, dando-m'a a mim: que eu me irei logo
Onde nunca appareça; mas levando
Estes penhores seus.....
Ai, meus filhos,
Chorae, pedi justiça aos altos Ceos.
Pedi misericordia a vosso avô
Contra vós tão cruel, meus innocentes.
Ficareis cá sem mim, sem vosso pae,
Que não poderá ver-vos, sem me ver.
Abraçae-me, meus filhos, abraçae-me.
Despedi-vos dos peitos, que mamastes.
Estes sós foram sempre: já vos deixam.
Ah já vos desampara esta mãe vossa.
Que achará vosso pae, quando vier?
Achar-vos-ha tão sós, sem vossa mãe:
Não verá quem buscava: verá cheias
As casas, e paredes de meu sangue;
Ah vejo-te morrer, senhor, por mim.
Meu senhor, já que eu morro, vive tu
Isto te peço, e rogo: vive, vive.

Ampara estes teus filhos, que tant'amas.
E pague minha morte seus desastres,
Se alguns o esperavam. Rei senhor,
Pois podes soccorrer a tantos males,
Soccorre-me, perdoa-me. Não posso
Fallar mais. Não me mates, não me mates.
Senhor, não t'o mereço.

REI

O' mulher forte!
Venceste-me, abrandaste-me. Eu te deixo.
Vive emquanto Deus quer.

CASTRO

Rei piedoso,
Vive tu, pois perdoas: morra aquelle,
Que sua dura tenção leva adiante.

ANTONIO FERREIRA. (1)

Catão

ACTO V

PERSONAGENS: CATÃO, MARCO-BRUTO E JUBA

CATÃO

Meu filho! Ha poucas horas inda eu tinha
Outro filho... Levou-m'o a patria. Embora!

(1) Antonio Ferreira—Doutor em direito e lente da Universidade de Coimbra, desembargador da casa da Supplicação, fidalgo da casa real, nasceu em 1528 e morreu em 1569. As suas obras foram publicadas sob o seguinte titulo: *Poemas Lusitanos*. Compõem-se de sonetos, cartas, eglogas, uma tragedia intitulada *Ignez de Castro*, e duas comedias em prosa.

Cahiu n'esta hecatombe derradeira...
Fiquei eu só das victimas marcadas!
— Mas tu, tu és tambem meu filho... filho
Da minha escolha, mais querido ainda,
Que orphão te pôz o crime em meu regaço.

MARCO-BRUTO

E eu hei de abandonar-te nas mãos d'elle!

JUBA

Abandonál-o! Aqui morrêmos ambos
Comtigo: e mais gloriosa morte...

CATÃO

Juba,
Tuas obrigações são mais restrictas
Que as d'elle ainda. Onde o podêr supremo
Se tolera n'um só, — todo lhe incumbe,
E' responsavel pelo encargo inteiro
Da republica. Deves-te a ella, principe;
Não és teu já.

MARCO-BRUTO

Meu pae, os teus preceitos
Foram, como os decretos soberanos
Dos deus, para mim sempre. Mas hoje,
Não te obedeço. Eu d'aqui não saio.

JUBA

Nem eu. *(Silencio consideravel: Catão medita algum tempo)*

CATÃO

Ficae embora: mas jurae-mo
Que salvareis a vida.

JUBA

Juro.

MARCO-BRUTO

Juro.
Se... — Jurarei — se... Ah! Mas tu...

CATÃO

(tomando-o pela mão)

Meu filho.
Marco-Bruto, meu filho... Oh, que este nome
E' de todos os nomes o mais doce!
Pela vez derradeira um pae te falla,
E tu não hás de ouvir as vozes d'elle!
Minha extrema vontade, ha de o meu filho
Desprezar de seu pae! O ultimo rogo
Já feito sobre a margem do sepulchro,
Has de esquecel-o tu? Catão supplica,
Pede Catão, e Bruto não o attende!
Meu filho, vem, recebe no teu peito
O longo, o saudoso adeus da campa,
Que só vai terminar na eternidade.
(abraçando-o)
— Este abraço de morte inda é romano,
Estas mãos que te apertam não tem ferros!
Meu filho, adeus! Sê virtuoso sempre.
Não pódes ser Romano, — mas sê homem.
Roma acabou-se — resta-me a virtude,
Já não tens patria, — mas tens honra ainda.
Vai — apenas o estado mais tranquillo
Das coisas o permitta, — repousar-te
Nas avitas Sabinas: deixa o mundo
A Cezar, e tu vive socegado
Cultivando o teu campo. Glorioso
E' aquelle torrão que tantas vezes

O gran'Censor co'as proprias mãos lavrava.
Dou-t'o em dote da filha a quem mais quero,
A minha Porcia: pela antiga usança
Da boa e velha Roma foi creada;
Ama-a, que o vale. Eu t'a colloco e entrego
Digna esposa de Bruto. — E adeus, meus filhos.

(abraçam-se todos tres)

Recordae-vos de um pae que vos amava,
Para chorál-o, não, que morreu livre;
Mas para vos lembrar de seus conselhos,
Para seguil-os sempre. Adeus.

(vae a tomar a espada de sobre o abaco, e não a acha)

Traidores!
Que fizestes! Quereis ir entregar-me
Escravo, servo com as mãos atadas,
Aos algozes de Cesar, ou á infamia
Peior, maior, de seu perdão? Ingratos,
Vós meus filhos não sois: eu vos abjuro,
Vos renego.

SCENA X

CATAO, MARCO-BRUTO, JUBA, MANLIO

MANLIO

(trazendo a espada embrulhada na toga)

Fui eu, fui eu: perdoa-me:
Não pude resistir... Cuidei... — Occulto

(apontando para uma porta interior)

Vigiava d'ali... Mas já é tarde.
Meu amigo, estão já n'esse atrio... Foge,
Foge, ou...

CATÃO

Fugir eu! Dá-me essa espada.

(Manlio recua: Catão alça a voz tremendamente)

Dá-m'a!

(Manlio entrega a espada)

Oh Roma, oh Roma! Oh minha patria,

(fere-se)

Já não ha mais que a vida — eil-a: recebe-a:
Vamos, ao menos, junctos ao sepulchro...

(cae: — tomam-o nos braços)

MARCO-BRUTO

Meu pae!...

JUBA

Venceste, Cesar, o universo:
Não venceste Catão. Dae-lhe esta gloria,
Iniquos deuses!

MANLIO

Expiraste, ó Roma!

CATÃO

Amigos, estes ultimos instantes,
Não m'os façais amargos. Por piedade...
Essa dôr — a meus olhos — occultae-a...
Não me deis — morte... morte de — covarde...

(desfallece)

MARCO-BRUTO

Oh meu pae!

(procura estancar-lhe o sangue)

MANLIO

Meu amigo! Que velhice,
Que extremos dias me guardava o fado!

(ouve-se alarido de soldados que se approximam: tiram todos as espadas)

JUBA

Morramos defendendo este cadaver.

CATÃO *(tornando a si)*

Impios! — o juramento...

SCENA XI

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, DECIO,

com legionarios de Cesar

DECIO

Paz! clemencia!
Paz em nome de Cesar! Honra e gloria
Ao seu nobre inimigo, ao homem grande
Que o dictador magnanimo respeita,
(dá com os olhos em Catão)
Ama, e... — Oh! que vejo! tu...

CATÃO *(esforçando-se para fallar)*

Já — na... da
Tenho... que receiar... de... suas... iras...
Nem... de... seus beneficios... — Mas, amigos,
Vós trahis-me! Porque... vedar-me o sangue?
Deixae-me — eu sei morrer.
mette as mãos ambas na ferida, e, rasgando-a com o ultimo esforço exclama:
Oh... Ro... ma! *(expira)*

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Os infantes de Ceuta

OPERA

SCENA I

Sala d'armas do alcacer de Ceuta. Côros de cavalleiros portuguezes. D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique entram na scena agitados: D. Duarte pára, cruza os braços e contempla por um instante os cavalleiros que ficam immoveis; os infantes affastam-se para um lado fallando a sós, e volvendo de quando em quando os olhos para o principe.

D. DUARTE

Eia pois, cavalleiros! Breve os mares
Cruzaremos de novo além do Estreito!
Os inimigos timidos refogem
Da conquistada Ceuta.
Pelas campinas pallidas, ao longe,
Das altas torres espraiando os olhos,
Não se vê alvejar lá no horisonte
Um albornoz mourisco.
Folgue o que volta á patria enriquecido
Pela ganhada gloria: folgue aquelle
A quem coube o desterro entre estes muros,
Por conservar erguida
Sobre a mesquita a cruz, sobre as ameias
O estandarte real: morrendo, é martyr:
Seu nome eterno viverá na historia.
Folgae, meus cavalleiros!

CORO DE CAVALLEIROS VELHOS

Oh, bem vinda, bem vinda essa nova,
Para o velho homem d'armas d'el-rei,
Que ha trinta annos nos diz: — «combatei!»
Sem jámais a armadura largar!

Sob o ferro do elmo pulido
Nossa fronte, senhor, se enrugou,
E estes peitos robustos quebrou
Dos arnezes continuo pezar!

Bem vinda a hora
Em que voltemos,
E emfim saudemos
O nosso lar;
Em que possamos
No patrio rio
O sol de estio
Vêr scintillar:
E, dos sinceiros
Entre a espessura,
Da guerra dura
Ir repousar!

CORO DE CAVALLEIROS MANCEBOS

Parti vós, cavalleiros:
A Portugal tornae;
E o nosso nome ás bellas
Donzellas
Lembrae!
Dizei-lhes que, se ás lides
Votámos peito e braços,
Por ellas suspiramos,
E amamos
Seus laços;
E que d'estes labios
Palavra amorosa
Por moura formosa
Jámais sairá.
Opprobrio e vergonha
Ao que as esquecer!
Infamia ao que arder
Por filha d'Allah!

(D. Pedro e D. Henrique dirigem-se com colera mal reprimida ao meio dos cavalleiros)

D. PEDRO E D. HENRIQUE

Infamia, dizeis vós?

D. DUARTE

(Approximando-se vivamente d'elles, e guiando-os pela mão para a frente da scena)

Por Deus, calae-vos!
Ignoram vosso amor esses guerreiros.
Da patria elles fallavam:

Não a trahir juravam.
E vós? Vós que sois filhos
D'el-rei de Portugal; vós, cavalleiros,
Que d'Aviz e Lencastre a gloria herdastes,
Vosso nome manchastes
Com um affecto ignobil...

D. PEDRO E D. HENRIQUE

Que ousaes dizer, senhor!

D. DUARTE

Sim, ignobil affecto! Amor gerado
Entre rios de sangue, ao lampejarem
Cruzados ferros, no aduar mourisco
Á viva força entrando.
Conduziu-vos, dissestes-mo, o combate
A soberbo palacio. Alto repouso
Era de morte ahi: seus defensores
Tinha-os o ferro portuguez ceifado.
Duas mouras formosas,
Vencidas do terror, na fuga anciosas,
Cahindo a vossos pés pediram vida,
Liberdade, honra, e vós...

D. DUARTE

Assegurámos-lhes
Liberdade, honra e vida. Somos filhos
D'el-rei de Portugal, e cavalleiros:
Era o nosso dever.

D. DUARTE

E era-o cederdes
A um amor insensato; e prometterdes
Pelas nocturnas trevas conduzil-as
As naus que vão partir?

D. HENRIQUE

Será roubál-as
Á falsa crença do koran...

D. DUARTE *(com vehemencia)*

Lhes gravareis depois nas frontes puras?
Isso é torpe! Isso é vil!

D. PEDRO E D. HENRIQUE

Senhor infante!

D. DUARTE *(com ardor)*

Oh, que não ha-de ser! No quarto d'alva
A armada partirá.

D. PEDRO E D. HENRIQUE *(com inquietação)*

Zombaes?

D. DUARTE

Ouvi-me!
É o mandado d'el-rei...
(dirigindo-se aos cavalleiros)
Meus velhos guerreiros,
As armas tomae,
E á praia fremente
Os passos guiae;
Que as naus já fluctuam:
Não tarda o partir.
Nos mares a aurora
Veremos surgir.

CORO DE CAVALLEIROS VELHOS

(ajoelhando e estendendo os braços para o céu)

Virgem! Esperança!
Estrella do mar,
Ouvi nosso orar;
Mandae-nos bonança!
Salvae-nos, salvae-nos!
E á patria levae-nos!

(Erguem-se e vão saindo. Ouve-se-lhe ainda ao longe:

Á patria levae-nos!...

D. DUARTE

Guerreiros novéis,
As armas vestí,
E os muros de Ceuta
De lanças cobrí.
Bandeira da serpe,
Bandeira d'el-rei,
No alcaçar, nas torres
Guardae, ou morrei!

CORO DE CAVALLEIROS MANCEBOS

(tirando as espadas e cruzando-as umas sobre as outras)

Contentes saudamos
Os dias de guerra:
Ser dignos da terra
Da infancia juramos.
O braço não treme!
O peito não teme!...

(Vão saindo e ouve-se-lhes ainda fóra)

O peito não treme!...

A. Herculano.

O medico á força

COMEDIA

ACTO I — SCENA V

MARTINHA, NORBERTO, BRAZ E LUCAS

LUCAS

Tendo tal medico á mão,
Não é coisa de cuidado.

BRAZ

O nome d'elle?

MARTINHA

É Simão
mas chamam-lhe o Sganarello:
era alcunha, mas pegou:
até elle a assigna...

BRAZ

Bello!
E onde mora?

MARTINHA

Onde? não vou
ensinar-lhe pessoalmente
o sitio onde sei que está,
porque não posso ao presente
deixar a casa.

BRAZ

Será
longe d'aqui?

MARTINHA

Muito perto.

LUCAS

E nós somos caminheiros.

MARTINHA

Pois lá
(apontando para o pinhal)
o encontram de certo,
que elle anda a cortar pinheiros.

BRAZ *(rindo)*

Cortar pinheiros!

MARTINHA

Não ria;

BRAZ

fallo serio.
Elle! um doutor!
a fazer lenha!

LUCAS

Que tia
tão farcista!

MARTINHA

Não senhor,
não é risota; verão.

LUCAS

Eu pasmo; e tu não te espantas?

BRAZ

Já dei eo'a adivinhação,
anda á procura de plantas,
de bichos, e de resinas
que se criam nos pinheiros.
Atinei?

MARTINHA

Quaes medicinas!
Trabalha como os matteiros.
Cada mão d'elle é um callo;
e tem força!!!

(apalpando o lombo)

NORBERTO

(ainda á janella e fallando comsigo)

Olé se tem!

BRAZ

É celebre!

MARTINHA

O seu regalo
é que o julguem jã-ninguem.
Vão-lhe lá chamar doutor;
nem pestaneja.

LUCAS

Ouves, Braz?

BRAZ

E medico?

MARTINHA

Tambem faz
orelhas de mercador.

LUCAS

Que sabio tão exquisito!

MARTINHA

Ah! nem lh'o eu posso contar.

BRAZ

E os signaes? feio, ou bonito?
baixo, ou alto? e o seu trajar?

MARTINHA

Não é bonito, nem feio;
alto, nem baixo; é tal qual.
No fato pouquinho aceio;
parece um sarrafaçal.
Collete rouxo e amarello,
jaqueta de verde-gaio.

LUCAS

Temos doutor papagaio.

BRAZ

Basta; o retrato está bello.

MARTINHA

Até se finge ignorante,
e apoucado de juizo!

BRAZ

Que homem tão extravagante!

MARTINHA

Chega até a ser preciso
para ir vêr algum doente,
e confessar que é doutor,
dar-lhe paulada á mão tente.

LUCAS

Senão não vai?

MARTINHA

Não senhor:
não tenha medo. Nós cá
usamos d'esta receita.

LUCAS

Pois o homem quererá?...
valha-o a elle a maleita!

MARTINHA

Não sei; o que sei e digo,
é que sem tunda não vai.

BRAZ

Tozar-se-ha o nosso amigo.

MARTINHA

Deixal-o gritar ai! ai!
dêm sem dó nem consciencia
só lá na cabeça não,
que isso estragava a sciencia.
Aqui, onde eu ponho a mão,
é que é ferrar-lh'as á teza.
indica nas costas o logar dorido)

BRAZ

Bom: não ponha mais na carta.

MARTINHA

E a menina com certeza
ha-de fallar. Dêm-lhe á farta.

LUCAS

Eu coisa d'este feitio
nunca ouvi!

MARTINHA

Não, não.

BRAZ

Nem eu.

LUCAS

Segundo eu cá desconfio,
o sabio é grande sandeu.

BRAZ

Parece-o.

MARTINHA

E parece. Eu digo
que os milagres que elle faz
vêm de Deus ou do inimigo,
que elle não era capaz.
Olhem esta: N'outro dia,
(isto até parece galga)
morreu d'uma puplecia
uma senhora fidalga.
Chamou-se toda a mestrança;
Estava morta, e bem morta,

fria, verde, e com uma pança...
olho em alvo, a bocca torta
emfim, defuncta, defuncta.
Mais de seis horas passadas,
estando a familia juncta,
chega o doutor das pauladas,
saca do bolço um vidrinho,
chega-lh'o ás ventas: de sorte
que deu logo um espirrinho
com que espirrou fóra a morte.
Salta-me abaixo da cama,
e, como se nada fosse,
ahi me tem vocês a dama
no quarto a passear.

LUCAS

Salvou-se?!
E vive?!

MARTINHA

Está viva e fera.

BRAZ

O vidrinho era de gaz,
talvez.

MARTINHA

Não sei cá de que era.
Ha dois mezes, um rapaz
sobe-se á torre da egreja,
ao cheiro das andorinhas.
Escorrega (salvo seja)
faltam-lhe ambas as mãosinhas,
descamba d'aquella altura,
bate em baixo no lagedo,

e ali fica a creatura
n'um bolo, que punha medo!
Partiu as pernas e um braço,
tres costellas e a cabeça,
e estoirou-lhe dentro o baço.
Quer Deus que alli appareça
por acaso o meu doutor;
convidam-n'o co'uma sova
a ir logo logo, pôr
no morto uma vida nova.
Esfrega-lhe o corpo todo
co'uns unguentos que elle faz,
a modo de côr de lodo:
ergue-se em pé o rapaz...

LUCAS

Conhece-o?

MARTINHA

Perfeitamente.
Se era o José da Francisca!
Logo alli (viu toda a gente)
poz-se a jogar a petisca.

LUCAS

Aquillo o homem tem parte!
ou sabe a magica branca.

BRAZ

Ou aprenderia a arte
nas covas de Salamanca.

MARTINHA

Lá onde a aprendeu não sei;

sei que faz d'isto. Vão, vão;
não percam mais tempo.

BRAZ

Irei.

MARTINHA

Não se esqueçam...

LUCAS

Do bordão?
Cá vai; não tenha cuidado.

MARTINHA

E é rijo?

LUCAS

Já deu marmello.

BRAZ *(para Martinha)*

No pinhal?

MARTINHA

D'aquelle lado.

LUCAS

E chama-se?...

MARTINHA

O Sganarello.

Vou para a minha casinha
erguer os pequenos.

BRAZ

Vá.

LUCAS

Pois adeus, tia Martinha.

BRAZ

Fique-se com Deus por cá.

LUCAS

E obrigado!

BRAZ

E agradecido.

MARTINHA

Ora essa! não tem de quê.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

A mantilha de renda

SCENA IV

HELENA, RAPHAEL E ELINA

RAPHAEL *(em frente da mona)*

E tem razão! Vejam isto!
Que tolice!... ao que as mulheres
nos obrigam!! Ah! desisto!
d'esse ideal, que me abandona;
Ouve mona?

Mas, illude, é certo, illude!
Como eu pude
fazer isto assim á pressa!...
A cabeça!! ..
Como está bem! Mesmo a altura
da estatura,
como eu prefiro, um pouco alta!
Nada falta!...
Parece pender-lhe um braço
no regaço
e o outro aqui sobre o peito!
E' perfeito!
E o joelho então? que belleza!...
Com certeza
parece de carne e osso.

ELINA *(á parte)*

Já não posso.

RAPHAEL *(vae correndo á janella)*

Sim: o Luiz não vem por ora;
vou agora
deitar alli a cabeça

ELINA

Ora essa!

RAPHAEL *(descendo)*

No collo do travesseiro...
Mas... primeiro...

(Pára, pensa um momento e vae ao sofá buscar a almofada que colloca ao lado do fauteuil, ajoelhando sobre ella, ou melhor sentando-se)

Ah! sim, sobre esta almofada
bem lembrada,
Hade ser bom na verdedade,
lá isso hade,
ter-se ao lado a todo o instante
uma amante,
uma esposa encantadora,
que se adora...
e poder assim a gente...
docemente
descançar-lhe a cada passo

(vae deitando a cabeça de lado sobre o braço E. do fauteuil, de modo que o rosto lhe fica voltado para o espectador)

no regaço
a fronte exhausta!... Que goso
delicioso!

(Elina fascinada tira debaixo do chale a mão e quasi cede á tentação de lh'a pousar na cabeça)

E sentir-lhe a mão de neve
ao de leve

(cerrando os olhos)

nos cabellos distrahida...
ah! que vida!...

(Elina continúa mostrando em crescente commoção a intima lucta entre a sua paixão e o seu pudor)

Palavra de honra... é sublime
Convenci-me!
Que força de phantasia!...
Já sentia
a tal mãosinha pequena!
Tenho pena
de não phantasiar, que vinhas,
nas pontinhas
dos teus dedos côr de rosa,
doce esposa,

(Elina estende a mão como a repelli-l'o, voltando a cara para o ou-

tro lado vexadissimo, quando elle, d'olhos cerrados, com a sua mão encontra a d'ella beijando-a).

colher-me ai! quanto desejo
n'este beijo!!

ELINA *(assustada e envergonhadissima erguendo-se)*

Ah!

RAPHAEL *(erguendo-se a meio)*

Que é isto?!

ELINA *(tapando a cara um momento)*

Meu Deus!

RAPHAEL *(recuando espantado)*

Será loucura?...
Mas não! É com effeito uma mulher!...
e, Deus! como é gentil! que formosura!...
Comtudo... quem...

ELINA *(como que desprezando-se)*

Diz bem. Quem posso eu ser?

RAPHAEL *(enleiado)*

Mas...

ELINA

Senhor Raphael, escute-me antes
de condemnar-me, sim?

RAPHAEL *(deslumbrado, louco)*

Mas, ao contrario,
eu, que a conheço apenas de uns instantes,
por mais que lhe pareça extraordinario,

ELINA *(sorrindo incredula)*

Adora-me!!

RAPHAEL

Duvida?

ELINA *(sorrindo)*

Se duvido!

RAPHAEL *(arrebatado)*

Porém... se eu lhe jurar, que um sentimento
se apoderou de mim n'este momento,
impetuoso, fatal, desconhecido
Tambem o raio tem um só clarão
e mostra-nos á vista deslumbrada
o mesmo, que a deslumbra na alvorada.

ELINA

E apaga-se e redobra na escuridão.

RAPHAEL

Mas deixou vêr a quem não vira ainda;
abriu uns olhos, q'ensinou a olhar.

ELINA

A luz, que apenas brilha e logo finda,
os olhos, que ella abrir, póde os cegar...
Por isso é que, se eu fosse a luz do raio,
a luz que morre, apenas relampeja,
supplicava-lhe...

RAPHAEL

O quê?

ELINA

Que me não veja,
(quer sair)
que tape os olhos muito em quanto eu saio.

RAPHAEL *(detendo-a)*

Oh! não me deixe, não; por Deus lh'o juro,
vou dar-lhe um coração, que nunca amou.
Não é pois simplesmente o meu futuro,
é toda a minha vida, que lhe dou.
Vejo-a a primeira vez; conheço-a agora;
não sei quem é nem como a encontro aqui...

ELINA

Vou dizer-lh'o.

RAPHAEL

Perdão, minha senhora,
não quero saber nada, porque a vi
e logo o coração, bastou-me vel-a,
lhe soube vêr no brilho peregrino,
que havia n'esse olhar a luz da estrella,
mas que essa estrella era a do meu destino.
Que mais quero eu saber? E' pura, é nobre,
intelligente e bella... Ah! sem senão...

ELINA *(impressionada)*

Quem lh'o assevera?

RAPHAEL

Um grande coração,
se outro lhe bate ao pé, logo o descobre.
Portanto escute-me agora,

escute e pense e decida,
mas pense bem, que uma hora
decide ás vezes da vida.
Diga: quer, minha senhora,
ser minha esposa?

ELINA *(coqueteando e com muita intenção)*

De dia?

FERNANDO CALDEIRA. (1)

(1) A MANTILHA DE RENDA é uma comedia em verso, representada com notavel successo pela primeira vez no theatro de D. Maria II, por occasião do beneficio do actor Augusto Rosa, em 14 de abril de 1880. Fernando Caldeira, já conhecido por algumas delicadissimas e elegantes poesias, desejou tentar as agruras do palco e celebrou a sua iniciação com a adoravel peça que intitulou a MANTILHA DE RENDA. N'ella o tecido é nada, o verso tudo. Espirito, graça imaginação, sentimento, as qualidades mais distinctas de um poeta aristocratico, e de alta educação, se encontram na comedia, que o publico applaudiu e a critica admirou. Fernando Caldeira é bacharel formado na universidade de Coimbra, e redactor na Camara dos Dignos Pares. — Já fallecido. *(Nota do rev.)*

SATYRAS

A Funcção

Musa, basta de rimar;
Já fazes esforços vãos,
Vai a Lyra pendurar;
Não sabem tremulas mãos
Com as cordas acertar.

.....

Depois que vistosa quinta
Te deu brilhante funcção,
Tu de discordias faminta,
Vens com damnada tenção
Pôr-me ao pé papel e tinta.

Bem me lembra o sitio ameno
Quanto vi tenho presente;
Mas a ti é que eu condemno,
Que na acção mais innocente
Vens sempre deitar veneno.

Com felpudos chapellinhos,
Que estofada pluma ornava,
Por apraziveis caminhos,
Formoso esquadrão montava
Ajaezados burrinhos:

Marcha a tropa; amor a guia;
Tu que a mesma estrada trilhas,
Mostra-me em todo esse dia
Coisas, que não fossem filhas
Da innocencia e da alegria?

Dizes que pobres donzellas
Vão os olhos enganando
Com postiças tranças bellas
E chitas de contrabando,
Que ainda são das adellas;

E que em quanto em taes desmanchos
A irman com titulos falsos,
Faz a gloria d'estes ranchos,
Corre o irmão co'os pés descalços
Vendendo em Lisboa ganchos.

. . . . . .

Dizes que um, o qual eu callo,
Assentando que as senhoras
Querem todas namoral-o,
Cravando a furto as esporas
Mettia em obra o cavallo;

Que outro, falto d'expressão,
Traficar de longe quiz;
E com o lenço na mão,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração.

Mas quanto até'qui exprimes,
Por mais que as côres lhe mudes,
Por mais q'a teu geito o rimes,
Creio que não são virtudes,
Porém tambem não são crimes.

No largo pateo apeados,
Que alva cal em torno pinta,
Dizes que de braços dados
Fomos passear na quinta,
Uns dos outros separados.

Faiscando os olhos lumes,
Perdido o sizo, e o conselho,
Gritas em vivos queixumes:
Onde estão, Portugal velho,
— Onde estão os teus costumes?

Onde os bons tempos estão
Da simples Lisboa antiga?
Quando era grande funcção
Ir a amiga vêr a amiga,
E merendarem no chão?

Quando a filha sem labéo
Ia cantar com trabalho,
E co'a innocencia do céo:
Senhor Francisco Bandatho
Fita verde no chapéo?

Oh malditos os primeiros,
Qu'a edade d'ouro inventaram!
Que baniram pegureiros:
E nos campos misturaram
Os lobos com os cordeiros!

Qual, apertando alvos dedos,
Vae dizendo: *Ingrata, aprende*
D'estes passarinhos ledos;
Amor sua voz entende,
São de amor os seus segredos;

Qual co'a navalha afiada
Desigual cortiça aplana
D'antiga arvore copada,
E entalha em lettra romana,
O nome de sua amada.

Beija então as lettras bellas,
E de versos curioso,
Pondo brandos olhos n'ellas,
Pede ao tronco venturoso,
Que as vá erguendo ás estrellas.

Dizes que, por mais q'eu pregue,
São baldados meus officios;
Que ninguem jámais consegue
Marchar sobre precipicios,
Sem qu'algum pé lh'escorregue.

Sentam-se entretanto os paes:
Vem Gazeta, e rei da Prussia,
Vem os Estados Geraes;
Marcham co'as tropas da Russia
As tropas imperiaes:

Um conta da Porta o estado;
Diz que das pazes o artigo
Vae mui pouco acautellado;
E tendo a filha em perigo,
Rio do turco descuidado.

Co'a pintada sobrancelha
Vae sósinha passeando
Boa mãe sincera velha;
Dos esgalhos reguardando
Ora a pellicia, ora a telha;

Pondo contra a luz a mão,
E crendo que n'esta rua
Está S. Sebastião,
De Venus á estatua nua
Faz mesura e oração...
.....

Basta, musa, pare ahi
Esse montão inimigo
De mentiras, que te ouvi;
Tu sempre andaste commigo,
Mas eu nada d'isso vi.

Foi por meu braço levada
Uma das ditas donzellas;
Feia, mas a estudos dada;
E sobre doutas novellas
De tenros annos creada.

Levantou sabias questões,
Que ella mesmo resolveu;
Fez profundas reflexões:
E por fim me prometteu
Ler-me as suas traducções.

Jurou qu'aprendeu grammatica,
E que hoje os livros não fecha
Da infallivel mathematica;
E quer ver se o pae a deixa
Ir na machina aerostatica.

Só de nós pódes falar;
Dos mais, como has de saber,
Se vendo-os no bosque entrar,
Quando os tornámos a vêr
Foi ás horas de jantar?

Dizes que é falso este nome;
Que foi jantar de matula,
Onde só quem furta, come;
Juras que no altar da gula
Foste victima da fome.

Mas da tua semrazão
Eu vi prova verdadeira;
De habil velha a crespa mão
Foi atacando a algibeira
Co'os sobejos da funcção;

Se Nize, que faz estudo
De affectar moral virtude,
Com ar austero e sisudo
Faz criminosa saude
Com os olhos no seu *Tudo;*

Se chichisbeo seu visinho
Lhe vae affagando os dedos
Do tenro, surdo pésinho,
E por saber-lhe os segredos
Lhe bebe o resto do vinho;

Se mau trinchante novato,
Mostrando annel de brilhantes,
Mas errando a força e o tacto,
Com riso dos circumstantes,
Trinchou o perú, e o prato;

Se gordo, beirão morgado,
A quem seus canhões affrontam
E em par de meias bordado,
Traidores vincos nos contam
As vezes que as tem calçado;

Seguindo a Nerina o trilho,
Lhe está dizendo que a adora;
Que de fartos paes é filho,
E que venha ser senhora
De vinte moios de milho:

Se este infeliz namorado
Bordou de arroz o vestido;
Se duro garfo aguçado,
Na noviça mão mettido,
Lhe deixa um beiço espetado.

Tudo isto são méros nadas,
E toda a indulgencia pedem
Mesas em barulho armadas;
Peiores cousas succedem
Nas que julgas delicadas.

Eu já vi boçal criada,
Que o fatal segredo espalha,
De estar um moço na escada,
Que vem buscar a toalha,
Se está já desoccupada.

Deixa pois tenção ruim;
Foi um soffrivel jantar;
E depois que elle deu fim,
Foi mau vêr contradançar
Toda a tarde no jardim?

Dextros pares perfilados,
Que o brilhante enredo tecem,
Deram promptos e acertados,
Um prazer, que só conhecem
Os corações delicados:
.....

E que mal te fez então,
No furor das contradanças,
Vêr parceiro cortezão
Ir levar á dama as tranças,
Que lhe cairam no chão?

Das tres velhas que dançaram,
Se uma gritou de repente,
Foi porque os pés a entregaram
Quando desgraçadamente
Os dois callos se encontraram.

E se acaso em ti não ha
Gosto por tal passatempo,
Enfreia essa lingua má;
São modas que vem co'o tempo,
O tempo as acabará.

Não são os gostos eternos;
Teve o passapié amigos,
'Inda não ha quinze invernos,
Foi gloria dos antigos,
Hoje é mofa dos modernos.

Debalde em ralhar te canças:
Deixa ao tempo seus caminhos;
Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças;
Istericos, jozésinhos,
Feitiços, e contradanças.

Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos promptos,
Loiro peralta adamado,
Foi depois tocar por pontos
O doce *lundum chorado*.

Se Marcia se bamboleia
N'este innocente exercicio,
Se os quadris saracoteia,
Quem sabe se traz cilicio,
E por virtude os meneia?

Não sentencies de estalo;
Tem as danças fim decente;
Ama o pae, mas por deixal-o,
Dança a donzella innocente
Diante de S. Gonçalo.

Cobrando o pardo dinheiro,
De que o povo é tributario,
Velho preto prazenteiro,
Para gloria do Rozario,
Remeche o corpo, e o pandeiro.

Em solemne procissão
Une a frielleira casta
O fandango, e a devoção;
Mas em fim de exemplos basta,
E tornemos á questão.

Já d'entre as verdes murteiras,
Em suavissimos accentos,
Com segundas e primeiras,
Sóbem nas azas dos ventos
As modinhas brazileiras.

E que mal te faz a porta,
Pae, que ronda de quadrilha,
Cabelleira loira, e torta,
Dizer que peçam á filha
Um bocado de *Comporta?* (1)

(1) Cantiga Popular.

Com que graça vem trazidas,
Fingindo-se envergonhadas,
Tenras faces incendiadas,
Por dextros galgos achadas
No jogo das escondidas?

Musa, abre os olhos escassos,
Não te enganes co'a apparencia;
Se não torcesses os passos,
Acharias a innocencia
Té no jogo dos abraços:

Marilia as linhas espalha;
E a candida mão sem luva
Tão dextramente as baralha
Que sempre saiu viuva
Santa velha, que não ralha.

Tira a este brinco o veu,
Util fim verás mil vezes;
D'alli sae o chischisbeo;
D'alli se levam as rezes
Aos altares de Hymeneu.

E se co'a lingua damnada
Sem motivo envenenaste
A tarde tão bem passada,
Com menos causa gritaste
A noite na retirada.

Se a pé, dando o jozésinho,
Escoltou Alcino ledo
A Marcia, todo o caminho,
Foi porque ella tinha medo
Que lhe caisse o burrinho.

Todos contentes chegaram;
Nenhuma chegou moída;
E depois que se apearam,
Alli mesmo, á despedida,
Outra funcção ajustaram.

Vês, musa, como atropellas
A innocencia das funcções?
Confessa que em todas ellas
O mal não vem das acções,
Vem de quem julga mal d'ellas.

NICOLAU TOLENTINO

POESIAS EPICAS

Poema heroico — Os Lusiadas

(PROPOSIÇÃO DO POEMA)

As armas, e os varões assignalados
Que da occidental praia lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram inda além da Taprobana,
Em perigos, e guerras esforçados
Mais, do que promettia a força humana:
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio: e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando:
E aquelles, que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sabio grego, e do troiano,
As navegações grandes, que fizeram:
Calle-se de Alexandre e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
Que eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a musa antiga canta;
Que outro valor mais alto se alevanta.

INVOCAÇÃO ÁS NYMPHAS DO TEJO

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado,
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dae-me agora um som alto, e sublimado,
Um estylo grandiloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

Dae-me uma furia grande, e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
Dae-me egual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo:
Se tão sublime preço cabe em verso.

LUIZ DE CAMÕES.

Poema heroico — Uruguay

(ABERTURA)

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tepidos e impuros,
Em que ondeiam cadaveres despidos,
Pasto de corvos; dura ainda nos valles
O rouco som da irada artilheria.
Musa! Honremos o Heroe que o povo rude,
Subjugou no Uruguay, e no sangue
Dos decretos reaes lavou a affronta.
Ai tanto custas, ambição do imperio!
E vós, por quem o Maranhão pendura

Rotas cadêas, e grilhões pesados,
Heroe e irmão de heroes, saudosa e triste,
Se ao longe a vossa America vos lembra,
Protegei os meus versos. Possa em tanto
Acostumar ao vôo as novas azas,
Em que um dia vos leve. D'esta sorte
Medrosa deixa o ninho a vez primeira
Aguia, que depois foge á humilde terra,
E vae vêr de mais perto no ar vasio
O espaço azul onde não chega o raio.

José Basilio da Gama. (1)

Morte de Cleopatra Guarany

Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo;
E a irman por entre as sombras do arvoredo
Busca com a vista e treme d'encontral-a.
Entram emfim na mais remota e interna
Parte do antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé d'uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada como que dormia
Na branda relva e nas mimosas flores;

(1) José Basilio da Gama, cavalleiro da ordem de S. Thiago, fidalgo da casa real, official da secretaria do reino, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, nasceu na provincia de Minas Geraes, imperio do Brazil, em 1740, e falleceu em 31 de Julho de 1795. Ha d'este grande poeta diversas composições, porém a sua obra prima é o poema heroico *Uruguay*.

Tinha a face na mão, e a mão no tronco
D'um funebre cypreste, que espalhava
Melancholica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio;
Fogem de a ver assim sobresaltados
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamal-a, e temem
Que disperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porém o dextro Caitutú, que treme,
Do perigo da irman, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira e o temor. Emfim sacode
O arco e faz voar a aguda seta
Que toca no peito de Lindoya e fere
A serpente na testa, e a bocca e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo com a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos gyros
S'enrosca no cypreste, e veste envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão que ao despertal-a
Conhece (com que dôr) no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito;
Os olhos em que amor reinava um dia
Cheios de morte; e muda aquella lingua
Que ao surdo vento e aos eccos tantas vezes
Contou a larga historia dos seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mãe já tremula gravado

O alheio crime e a voluntaria morte,
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei que de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!

José Basilio da Gama.

Poema heroico — Ulyssêa ou Lisboa edificada

As armas, e o Varão, que os mal seguros
Campos cortou do Egeo, e do Oceano,
Que por perigos, e trabalhos e duros
Eternisou seu nome soberano:
A grão Lisboa, e seus primeiros muros,
(De Europa, e largo Imperio Lusitano
Alta cabeça) se eu podesse tanto,
Á Patria, ao Mundo, á Eternidade canto.

Lembra-me, Musa, as causas, e me inspira
Como por tantos mares o prudente
Grego, vencendo de Neptuno a ira,
Chegou do Tejo á tumida corrente;
Ouvirá o som da luzitana lyra
O negro Occaso, e lucido Oriente,
Se tu dás ser a meu sujeito falto,
Para que caiba em mim furor tão alto.

Vós, grão senhor, com quem o céo reparte
Dons, que o poder excedem da ventura,
Que, armado, filho pareceis de Marte,
E Adonis, desarmado, em formosura,
Em quem se uniu por natureza, e arte

Co'a mór severidade a mór brandura,
Que em vossa altiva fronte o peso grave
Amor excita com temor suave:

Vós, que nos tenros annos um gigante
Representais, e como forte godo
Novas espheras, que não soube Atlante,
Sustentais por mais alto e raro modo:
Que com hombros armados de diamante,
Sem co'o peso inclinar do mundo todo,
Dais santas leis ás terras mais extranhas
De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas.
.....

Suspendei por um pouco do aureo sceptro
A regia magestade soberana,
Ouvi cantar ao som do grego plectro,
Com grave assento a musa lusitana:
E em quanto dais a mais sonoro metro
Obras dignas de gloria mais que humana,
Dai-me vosso favor, que n'elle espero
Cantar de Ulysses, imitando a Homero.

GABRIEL PEREIRA DE CASTRO.

Poema epico — Caramurú

(ABERTURA)

De um varão em mil casos agitado,
Que as praias discorrendo do occidente,
Descobriu o Reconcavo affamado
Da capital brazilica potente;
Do *filho do trovão* denominado,
Que o peito domar soube á fera gente,

O valor calarei na adversa sorte,
Pois só conheço heroe quem n'ella é forte.

Santo esplendor, que do Grão Padre manas
Ao seio intacto de uma Virgem bella;
Se da enchente de luzes soberanas
Tudo dispensas pela Mãe Donzella;
Rompendo as sombras de illusões humanas
Tu do grão caso a pura luz revela;
Faze que em ti comece e em ti conclua
Esta grande obra, que por fim foi tua.

E vós, principe excelso, de ceu dado
Para base immortal do luso throno,
Vós que do aureo Brazil no principado,
Da real successão sois alto abono:
Em quanto o imperio tendes descansado
Sobre o seio da paz com doce somno,
Não queiraes dedignar-vos no meu metro
De pôr os olhos, e admittil-o ao sceptro.

N'elle vereis nações desconhecidas,
Que em meio dos sertões a fé não doma,
E que poderam ser-vos, convertidas,
Maior imperio que houve em Grecia ou Roma;
Gente vereis e terras escondidas,
Onde se um raio da verdade assoma,
Amansando-as, tereis na turba immensa
Outro reino maior que a Europa extensa.

Devora-se a infeliz misera gente;
E sempre reduzida a menos terra,
Virá toda a extinguir-se infelizmente,
Sendo em campo menor maior a guerra.
Olhae, senhor, com reflexão clemente
Para tantos mortaes, que a brenha encerra;

E que livrando d'esse abysmo fundo,
Vireis a ser monarcha de outro mundo.

Principe, do Brazil futuro dono,
Á mãe da patria, que administra o mando,
Ponde, excelso senhor, aos pés do throno
As desgraças do povo miserando!
Para tanta esperança é o jus o abono
Vosso titulo e nome, que invocando,
Chamará, como o outro o Egypcio povo,
D. José salvador de um mundo novo.

Nem podereis temer que ao santo intento
Não se nutram heroes no luzo povo,
Que o antigo Portugal vos apresento
No Brazil renascido, como em novo.
Vereis do domador do Indico assento
Nas guerras do Brazil alto renovo,
E que os seguem nas bellicas idéas
Os Vieiras, Barretos e os Corrêas.

Dai por tanto, senhor, potente impulso,
Com que possa entoar sonoro metro
Da brazilica gente a invicto pulso,
Que augmenta tanto imperio ao vosso sceptro:
E em quanto o povo do Brazil convulso
Em nova lyra canto, em novo plectro;
Fazei que fidelissimo se veja
O vosso throno em propagar a egreja.

A EXISTENCIA DE DEUS

Um Deus, diz um Tupá um ser possante,
Quem poderá negar que reja o mundo,
Ou veja a nuvem fulminar tonante,

Ou vendo enfurecer-se o mar profundo?
Quem enche o céo de tanta luz brilhante?
Quem borda a terra d'um matiz fecundo?
E aquella sala azul, vasta, infinita,
Se não está lá Tupá quem é que a habita?

A chuva, a neve, o vento, a tempestade,
Quem a rege? a quem segue? ou quem a move?
Quem nos derrama a bella claridade?
Quem tantas trevas sobre o mundo chove?
E este espirito amante da verdade,
Inimigo do mal, que o bem promove,
Cousa tão grande, como fôra obrada,
Sã não lhe dera o ser quem vence o nada?

Quem seja este grande Ente e qual seu nome
Feliz quem saber póde! Eu cego o ignoro;
E em que a empreza de sabel-o tome,
Sei que é quem fez tudo, e humilde adoro;
Nem duvido que os céos a terra dome,
Quando nas nuvens com terror o exploro,
Deixando o mortal peito em vil desmaio
Ameaçar no trovão, punir no raio.

Fr. José de Santa Rita Durão.

Poema narrativo — Bosquejo metrico

morte de Ignez de Castro

Do principe lograva ardente affecto
(Qual não lográra a misera Constança)
A semventura Ignez. Com torvo aspecto
Inveja a mira, e jura atroz vingança...

Castro, ouvindo o lethifero decreto,
Aos pés de Affonso, tremula se lança:
Co'os filhinhos gentis piedade implora;
Mulher, esposa e mãe, supplica e chora.

Abalado, movido. Affonso escuta
Da afflicta dama os rogos derradeiros:
A compaixão sopeia, em grave lucta,
Da ira cega os impetos primeiros.
Ignez ousa esperar... Com sanha bruta
Vem salteal-a monstros carniceiros...
Ella, sem que uma queixa então profira,
«Meu Deus! meu Pedro!» exclama, e exangue expira.
.....

Do infante Pedro esposa, em florea idade,
Constança vê sorrir-lhe amiga sorte...
Mas cedo encantos de maior beldade
O coração lhe roubam do consorte:
Suspira, geme em triste soledade,
Talvez o dissador lhe apresse a morte...
Tal, se nunca do sol influxos gosa,
Definha, murcha e morre a flor mimosa.

Outro nome aqui ler espera
Todo o luso leitor... nome dilecto...
O de Ignez, a quem Pedro solio dera,
Se ella de sanha atroz não fôra objecto!
Se menos formosura ella tivera,
Se ao principe a escondêra um pobre tecto,
Não lhe houveram (da inveja infando effeito!)
Tres buidos punhaes rasgado o peito.

Fôra adorada... amou... vira-se erguida,
Por hymeneu excelso á mór altura:
Dita fallaz, em breve convertida
Em lastimosa, extrema desventura!

Mas se n'um throno não se assenta em vida,
Abriu-se, á voz de Pedro, a sepultura,
Que seus restos mortaes cerrados tinha,
E «depois de morta foi rainha.»

ANTONIO JOSÉ VIALE. (1)

Poema heroico — Camões

MORTE DE CAMÕES

«Terra da minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmerecido, ó patria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hymnos
Não voaram por ti á eternidade?
E tu, mãe descaroavel, me ingeitaste!
Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata,
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria abre-me o scio,

«Vivi: que me ficou da vida agora
Que baixo á sepultura? não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado,
E tranquillo direi: *vivi*; — tranquillo

(1) ANTONIO JOSÉ VIALE (Veja a nota bibliographica do 1.º volume d'esta Selecta, na 7.ª edição. O poema, a que estas oitavas rimas pertencem, é um dos mais notaveis monumentos modernamente levantados á litteratura portugueza. Ha n'elle oitavas rimas que podem competir com as mais perfeitas da poesia nacional, A critica imparcial, no futuro, ha de fazer inteira justiça a este poema, que tem passado inapreciado pela maioria dos criticos contemporaneos.

Direi *morro*. Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: contínuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado impio dos maus. Eu socegado
Na terra de meus paes hei de encostar-me...

«Já me sinto ao lumiar da eternidade:
Veo, que ennubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça: rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir... Oh! qual te has feito,
Misero Portugal!... oh! qual te vejo,
Infeliz patria! Serves tu, princeza,
Tu, senhora dos mares!... Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana? A morte
A escravidão lhe traz ferros e sangue...
Para quem? Para ti, mesquinha Lysia.

«Que naus são essas, que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros
Varrem o Oceano que pasmado busca,
Em vão! nas popas descobrir as Quinas.
Em vão; da hastea da lança escalavrada
Roto o estandarte cáe dos Portuguezes.

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar
Da gloria lusitana... uma faisca,
Esquecida a tyrannos, lá scintilla:
Mas quão debil que vens, sopro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, enferma
Só te ergues d'esse leito de miseria
Para cahir, desfallecer de novo.

«Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?
Onde, a que mares? Já teu nome ignora

Neptuno, que de ouvil-o estremecia:
Soberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua gloria? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o
Generoso Amazonas o legado
De honra, de fama e brios: não se acabe
A lingua, o nome portuguez na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto
O paterno casal cahir de todo,
Ingratos filhos, a memoria antiga
Não guardareis do patrio, honrado nome?
Oh patria! oh minha patria
A voz; que affrouxa,
Interromperam sons desconhecidos
De voz de estranho que na estancia humilde
Entra do vate. — Perdoae, se ousado
Entrei, senhor, mas...»
— «Quem sois vós? Ha inda
Homem no mundo, que a poisada obscura
D'um moribundo saiba?»
— Cavalleiro,
Desde o alvor da manhã que vos procuro:
De Africa hoje cheguei
— «Ah! perdoai-me.
Sois vós, conde? Voltastes? E que novas
Me trazeis?
— «Tristes novas, cavalleiro.
Ai! tristes. D'esta carta que vos trago
Sabereis tudo.» — Ao vate a carta entrega:
Do missionario era, que dos carceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e placido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De alivio, e de esperança. — «Extincto é tudo
D'esta mansão de lagrimas e dores
(As lettras dizem) tudo; mas a patria

Da eternidade só a perde o impio.
Deus, e a virtude restam: consolae-vos...»

«Oh! consolar-me... exclama (e das mãos trémulas
A epistola fatal lhe cae:) Perdido
É tudo pois!...» No peito a voz lhe fica;
E de tamanho golpe amortecido
Inclina a frente e como se passara,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Anceado o nobre conde se approxima
Do leito... Ai, tarde, vens auxilio do homem.
Os olhos turvos para o céo levanta;
E já no arranco extremo: — «*Patria, ao menos*
Junctos morreremos...» Espirou com a patria.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Poema heroico — Affonso Africano

SUPPLICA DE ZARA A FAVOR DOS CHRISTÃOS

Abrem-se as covas horridas e feias,
Tiram-se á luz aquelles innocentes,
Que a rojo dos grilhões, e das cadeias,
Se levam como infames delinquentes:
Param na praça, e nas altas veias
Se esfria o sangue, vendo os diligentes
Ministros, e os cutellos afiados,
Fogos ardendo e vasos preparados.
.....
E como o caso compaixão lhe inspira,
Sob'outra natural, que n'ella mora,
Ao pae, e Rei, que os braços já lhe abrira,
Estas palavras diz, e entre ellas chora:
«Se mimosa de vós me não sentira,

Não ousava tentar se o sou agora,
Alcançando, senhor, por magoada,
Perdão para esta gente condemnada.»

Porque se castigar quereis seu erro,
Assás castigo tem sendo captiva,
Que vida em triste, e misero desterro,
Está tão longe de se chamar viva.
Que antes vida lhe dá o esquivo ferro,
Quando da luz vital, e alento a priva,
Além de ser tão desusado feito,
Que de nenhum no mundo seja acceito.

«Quanto mais que n'um tempo que ameaça
Pelos mesmos christãos, guerra tão crua,
É perigo, que a todos embaraça,
Terdes contra os de paz a espada nua.
Que se a fortuna prospera os abraça,
A vossa crueldade aviva a sua,
E dais a imigo vencedor motivo,
Para o ferro metter quando achar vivo.

«Por tanto se algum mimo vos mereço
Com esta petição a salvo saia,
E se ha difficuldade, que eu conheço,
A culpa sobre mim de tudo caia.»
O pae, que inda que fôra de mór preço,
(Segundo de affeição todo desmaia)
Lhe concedera a cousa que lhe pede,
Para todos perdão logo concede.

VASCO MOUSINHO DE QUEBEDO E CASTÉLLO BRANCO. (1)

(1) VASCO MOUSINHO DE QUEBEDO E CASTELLO BRANCO, natural de Setubal, formado em direito pela Universidade de Coimbra, floresceu nos fins do seculo XVI e principios do XVII. Escreveu o *poema heroico da Preza de Arzilla e Tanger;—Discurso sobre a vida e morte de Santa Izabel,* (é um poema em seis cantos), e outras *varias rimas.* Ignora-se o anno do nascimento e da morte d'este poeta.

PENSAMENTOS PHILOSOPHICOS

Resignação na morte

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava.
Ah! cego eu cria, oh! mesmo eu pensava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros soes a mente ufana
Existencia fallaz me não doirava!
Mais eis succumbe a natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma que sedenta em si não coube
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh Deus!... Quando a morte a luz me roube
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

BOCAGE.

Affonso Henriques

A teus pés, fundador da monarchia,
Vai ser a lusa gente desarmada:
Hoje rende a traição a forte espada
Que jámais se rendeu á valentia.

Oh rei! se minha dôr, minha agonia,
Penetrar podem sepulcral morada,
Arromba a campa e com a mão mirrada
Corre a vingar injurias d'este dia.

Eu fiel, qual te foi Moniz teu pagem,
Fiel sempre serei; grata esperança
Me sopra o fogo d'immortal coragem;

E as lagrimas que a dôr aos olhos lança
Recebe, grande rei, por vassallagem,
Acceita-as em protesto de vingança.

LUIZ PAULINO DE OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA.

Doçura da vida campestre

Nos campos o vilão sem sustos passa,
Inquieto na côrte o nobre mora;
O que é ser infeliz aquelle ignora,
Este encontra nas pompas a desgraça:

Aquelle canta e ri; não se embaraça
Com essas cousas vans que o mundo adora.
Este (oh cega ambição!) mil vezes chora
Porque não acha bem que o satisfaça.

Aquelle dorme em paz no chão deitado;
Este no eburneo leito precioso
Nutre, exaspera velador cuidado.

Triste, sáe do palacio magestoso;
Se has de ser cortezão, mas desgraçado,
Antes sê camponez e venturoso!

BOCAGE.

Resignação do sabio

Em sordida masmorra aferrolhado.
De cadeias asperrimas cingido,
Por ferozes contrarios perseguido,
Por linguas impostoras criminado:

Os membros quasi nús, o aspecto honrado
Por vil boca, e vil mão, roto e cuspido,
Sem ver um só mortal compadecido
Do seu funesto rigoroso estado;

O penetrante, e barbaro instrumento,
D'atroz, violenta, inevitavel morte,
Olhando já na mão do algoz cruento:

Inda assim não maldiz a iniqua sorte,
Inda assim tem prazer, socego, alento,
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

BOCAGE.

Adagios agricolas

Janeiro molhado
Senão para o pão,
É bom para o gado.

Em janeiro sóbe ao outeiro,
Chora se vires verdejar
Canta se vires terrear.

Bons dias de janeiro
Vem-se a pagar em fev'reiro.

Nem por madrugar-se mais
Amanhece mais depressa.

Quem nunca se aventurou
Nunca perdeu nem ganhou.

Cada terra com seu uso,
Cada roca com seu fuso.

Trinta dias tem novembro,
Abril, junho e setembro;
Vinte e oito só tem um,
E os mais tem trinta e um.

Dizem os nossos antigos
Gente rude, mas sincera;
Nunca passou por mau tempo
À chuva da primavera.

O abril frio e molhado
Enche a tulha e farta o gado.

Uma agua de maio
Tres aguas de abril
Valem por mil.

É chegado o mez de junho
Começa a fouce no punho.

A chuva de S. João
Tira vinho e não dá pão.

Em dia de S. Lourenço
Vae á vinha e enche o lenço.

O setembro ou secca as fontes,
Ou leva açudes e pontes.

Por S. Simão e S. Judas
Já colhidas são as uvas.

Em dia de S. Martinho
N'adega prova o teu vinho.

Dos Santos ao Natal
Inverno natural.

POESIAS DIDACTICAS

As abelhas

Direi da alada gente as animosas guias,
costumes, diligencia, emigrações, porfias.
Do assumpto a tenuidade o torna trabalhoso,
mas accrescenta a gloria a que aspirar já ouso,
se os deuses por mim tenho, e Apollo ouvir meu rogo.
Prevenir sitio asado, e estancia propria, é logo
o primeiro dever d'um criador d'enxames.
Ha de ser um abrigo immune dos vexames
que padece co'o vento a obreira carregada,
quando volve do campo anciosa da morada.
Ás flôres de arredor por onde pasce a abelha,
nem cabrito saltão, nem tenha accesso ovelha;
nem bezerrinha errante as hervas recem-nadas
calque e sacuda o rócio ás folhas aljofradas.
Tão pouco se avizinhe ao covão pingue e farto
o pintado, guloso, e esqualido lagarto;
o abelharuco, e as mais d'essa ralé damninha
como Progue, a cruel, que em fórma de andorinha
no peito as nodoas traz do sangue que espalhára.
São aves tão ruins, que nada ante ellas pára;
preiam no ar co'o bico as pobres volitantes,
e proseguindo o vôo as levam palpitantes
para doce biscato aos barbaros filhinhos,
que da colmeia á custa engordam nos seus ninhos.
Convém que haja por perto alguma fonte pura,

musgoso lago ou veio argentco entre a verdura
e á entrada um grande oleastro, ou refolhada palma
que esparza fresquidão quando arde em torno a calma.

A. F. de Castilho.

Louvores da lingua portugueza

Aonde viste lingua, ó grão Ferreira,
Com mais primores da gentil riqueza
Do que entre os Lusos? das vulgares linguas,
Dize, te mostrem outra que já tenha
Tanta copia de termos, de manoiras,
De lindas phrases, de elegancias bellas,
De adagios, e anexins de altivo preço,
De mil apodaduras tão donosas,
De todo o bom fallar prendas nativas,
Prova de lingua cultivada e rica.
Quão poucos de seus filhos a conhecem!
Matrona nobre e grave, e mui senhora,
Cheia de acatamento e magestade,
Ao mesmo tempo do formosas galas,
De encantadoras solidas bellezas,
Que brilham no seu rosto, nos seus arcs,
Nas expressões e fallas, nos costumes,
Na solta prosa, ou já no rico metro.
Não póde ir pár com ella a tão valida
Franceza lingua, que ora voga tanto,
Que em lhe tirando termos todos d'artes,
Que a sabia Grecia e Roma lhe emprestaram,
Em tudo o mais, se tu a bem comparas,
Co'a nossa natural, é frouxa e estreita:
Não tem força de termos magestosos,
Não tem vozes esdruxulas dactylicas;
Não tem ricos vocabulos compostos,
Que epica trompa bellicosa então,

Que pindarica lyra em sons valentes
Aos celestes alcaçares remonte.
Faltam-lhe garbos, nobres gentilezas
Do metrico fallar harmonioso;
Nem azas tem com que voando possa
Alçar-se aos astros, com soberbo esp'rito,
E transpor sublimada o alto Olympo:
Não é lingua dos Deuses; é só prosa,
Sem ter mais brio que a cansada rima.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

POESIAS CHINEZAS

O imperador

(Thu-Fu).

Vêde: O Filho do Ceu está sentado
n'um throno d'oiro e pedrarias bellas.
E, eomo um sol em meio das estrellas
dos seus illustres mandarins cereado.

Os mandarins discutem gravemente...
O Imperador, porém, não os ouvia,
que o pensamento inquieto lhe fugia
pela janella que ficava em frente.

No pavilhão de porcelana estava,
pelas damas da eôrte rodeada,
a Imperatriz, eomo uma flôr sagrada
que entre viçosas folhas se elevava.

Pensa no amado Esposo, e soluçando
agita o leque... a auseneia é prolongada...
N'esse momento a aragem perfumada
afaga o Imperador, que está scismando.

— «É d'ella, é de seus labios delieados
que vem este perfume!» — e n'esse instante
partiu direito ao pavilhão distante,
abandonando os mandarins pasmados.

Vi os pinheiros no alto da montanha
Ouriçados e velhos;
E ao sopé da montanha, abrindo as flores
Os calices vermelhos.

Contemplando os pinheiros da montanha,
As flores tresloucadas
Zombam d'elles enchendo o espaço em torno
De alegres gargalhadas.

Quando o outono voltou, vi na montanha
Os meus pinheiros vivos,
Brancos de neve, o monciando ao vento
Os galhos pensativos.

Volvi o olhar ao sitio onde escutára
Os risos mofadores;
Procurei-as em vão; tinham morrido
As zombeteiras flores.

Palacio no coração

(Thu-Fu).

O incendio devorou intoiramente
a casa onde eu nasci;
para esquecer o tragico incidente
embarquei e parti.

Ao som da flauta d'ébano esculpida
cantei á lua, que no azul boiava;
mas a lua velou-se entristecida
n'uma nuvem ligeira que passava.

Voltei-me então para a montanha, e nada
me inspirou a montanha, êrma e sombria...
De certo foi no incendio devorada
Da minha infancia a limpida alegria.

Tive desejos de morrer. Curvado
sobre as aguas revoltas n'esse instante,
vi passar n'um barquinho illuminado
uma mulher formosa e deslumbrante.

E ao contemplal-a extatico, embebido,
pensei. no turbilhão das minhas maguas,
que era a lua do azul indefinido
A reflectír-se no cachão das aguas.

E logo murmurei: Se ella quizesse,
dentro do seu franzino coração,
fugindo-me o pezar, talvez podesse
reconstruir a minha habitação!

O cão do vencedor

(Thu-Fu).

Na grande guerra eu tinha combatido
sob o Estandarte Negro dos antigos;
pelejei com denodo e fui ferido,
mas victimei centenas de inimigos.

Finda a batalha, em meio do destroço,
corri o campo, abandonado emfim,
seguido do meu cão, rijo molosso,
que lealmente se bateu por mim.

E mostrando-lhe o corpo inanimado
dos veneidos, bradei com alegria:
«Devora! é teu, este manjar sagrado!
Bebe!» e apontei-lhe o sangue que eorria...

Mas o nobre animal não quiz lançar-se
ás victimas erueis que eu tinha feito,
e veio como um doido arremessar-se
ás feridas abertas no meu peito.

E em mim, — ferino veneedor, saeiava
a horrivel sêde em aneias devorantes,
quando o sangue nas ehagas borbulhava
como em rubidas taças espumantes!

A flor vermelha

(Li-Tai-Pé).

Trabalhando á janella, tristemente,
piquei um dedo, e a flor que então bordava,
mais alva do que a neve, de repente
em uma flor vermelha se tornava.

Não sei eomo, pensei, que phantasia!
n'esse que foi bater os revoltados,
e que era d'elle o sangue que eorria...
Senti de pranto os olhos marejados.

Julguei ouvir o estrepito distante
d'um eavallo de guerra a gallopar;
levantei-me soberba e triumphante
— Era o meu eoração a palpitar!

Voltei de novo a trabalhar, scismando;
e as lagrimas crueis, que então chorava,
iam, a pouco e pouco, recamando
de perolas o estofo em que eu bordava.

Tristezas do lavrador

(Su-Tong-Pó).

A neve cae na terra lentamente
como nuvens de brandas borboletas;
o lavrador encosta a enxada e sente
cortar-lhe o coração maguas secretas.

Contempla a terra, triste e desolado,
porque era a sua enamorada amante,
a quem nas tardes de calor, curvado,
cheio d'esp'rança e d'estremecimentos,
confiava a semente fecundante
e consagrava os ternos pensamentos.
Depois, quando a semente germinava,
nas ardencias do estio abrasador,
com as searas floridas encontrava
os pensamentos om flor...
Porém agora a terra é silenciosa
e triste, como viuva lacrimosa
occulta no sou veu desolador.

O adeus

(Rao-Li).

Foi para a guerra o grande chefe. A esposa,
no momento solemne da partida,
deu-lhe um lenço de seda côr de rosa,
que elle beijou na extrema despedida.

— «Leva comtigo esta lembrança. N'ella
vão bordadas as letras do teu nome;
volta, que a ausencia o coração flagella,
mas volta em breve, que o soffrêr consome.

Repara; a lua ehoia a cada hora,
perde um pouco da eburnea redondeza;
assim o Tempo, á esposa que te adora,
irá roubando o encanto da belleza...

As mulheres do Mandarim

(Sao-Nau).

A ESPOSA

Tem vinho a taça, um vinho eôr de mel;
no prato ha ninhos d'andorinha... É certo,
que sempre, e em toda a parte, ao longe e ao perto,
á esposa foi o Mandarim fiel.

A CONCUBINA

Tem vinho a taça, com doirados brilhos;
no prato ha gansos preciosos... Sim:
se a legitima esposa não tem filhos,
procura a concubina o Mandarim.

A ESCRAVA

Tem vinho a taça, um vinho que flammeja;
sorri no prato esplendida iguaria...
Quem é, que importa? o Mandarim deseja
Uma mulher diversa em cada dia.

O MANDARIM

Já não tem vinho a taça, novelleiras!
e sobre a meza o prato está vasio...
Não zombeis, creaturas chocalheiras,
d'um pobre velho, anniquilado e frio.

A uma mulher formosa

(Tché-Tsi).

Nas limpidas canções que me inspirasto
ao som da flauta d ebano cantadas,
narrava as minhas maguas desoladas,
mas tu não me escutaste!

Depois rimoi poesias amorosas,
mas tu, voltando a fronte airosa o pura,
lançaste ao rio as paginas famosas
onde eu cantava a tua formosura.

Quiz ser então mais terno e mais amavol:
dei-te um presente raro e fabuloso,
uma enorme saphira incomparavol,
da côr do ceu nocturno e mysterioso.

E em paga d'essa joia scintillante,
talvez cahida das paragens cerulas,
mostraste-me, sorrindo um só instante,
de tua boeca as pequeninas perolas...

Coração triste, fallando ao sol

(Su-Tchon).

No outomno, quando as folhas vão cahir
das arvores, dispersas pelo vento,
fito-as sem dôr no meu isolamento:
só, como as vi nascer, vejo-as partir.

No coração, as lividas tristèzas,
projectam sombras, como os altos montes,
ao pôr do sol, no vastos horizontes,
ennoitecendo os valles e as devezas.

Tornam-se as aguas em crystaes luzentes
aos halitos do inverno agudo e frio,
mas um raio de sol, no ardor do estio,
muda os crystaes em limpidas correntes.

No rochedo mais ingreme e escarpado,
quando o estio voltar, hei de ir sentar-me,
para que tu, oh sol, vindo banhar-me,
possas fundir meu coração gelado!

Esposa honesta

(Tchang-Tsi).

Tenho presentes as joias que me déste.
Bem que desvie o olhar, meu coração,
não sei porquê, mas todo se reveste
da mais estranha e viva commoção.

Ponho um momento as perolas, e logo,
ás duas joias de valor subido,
dá-lhes um tom rosado e côr de fogo
o vermelho setim do meu vestido.

Ah, se eu te visse antes de ser casada!
Então seria o inexplicavel goso . .
Mas hoje a minha vida está ligada:
foge, que eu vivo á sombra d'um esposo.

Vês estas minhas lagrimas trementes
no immenso mar da angustia em que fluctuo?
São estas duas perolas fulgentes,
que tu me déste, e emfim te restituo...

AMENIDADES

Cabula

PARODIA AO CANTO V DO POEMA «CAMÕES» DE GARRETT

Correi sobre esta meza carunchosa
Lagrimas tristes minhas, borrifae-a,
Que o peso do Digesto a tem quebrado.
Cabula minha pachorrenta e gorda
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?
O viço de meus olhos se ha murchado
Nas fadigas, no ardor sevo do estudo:
Estranhos nomes, ignoradas tretas,
Barbara asneira vi, cahi com somno;
Penei apoquentado entre maçadas,
Vaguei sósinho em cólicas fervendo
Por essas aulas onde mora o susto.
Tudo soffri na esperança d'um f'riado,
Mas no instante d'havel-o, toca o sino.
Cabula minha, pachorrenta e gorda
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?

Longe, á tarde, por margens do Mondego
Na solidão melancolica do Almegre
Ouvi berrando a negregada *cabra*, (1)
E d'ouvil-a tremeu minha preguiça,

(1) E' o sino, que toca as *tristes*.

Alta noute, escutei o bater funebre
Dos tamancos ferrados das serventes
N'esta terra infernal, e ás badaladas
Do relogio ajuntei meus ais tristes.
Cabula minha pachorrenta e gorda
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?

Os ventos nas janellas assopravam;
Duas rajadas d'aquilão medonho,
Manchôas de cascalho semeavam
Pelo roto sobrado: feia a noute
Nos acenou c'o as negras vesp'ras d'aula
Malditas do socego: e eu só a via,
Eu só na cerração das tempestades
Via brilhar a luz do gazio (1) amigo,
Unico norte meu. Por sobre a meza
Os duros membros negros estendia
Esse Digeste cujo espectro horrendo
Tantas vezes eu vi: e ás leis sediças
Corri o véo das interpostas folhas.
Quiz-me punir do ousado atrevimento,
Com que as asneiras lhe vulguei nas aulas,
As iras lho arrostei, ouvi sem medo
As macilentas folhas abanando
Por entre os turbilhões d'atra poesia;
Vi barbas d'Ulpiano (2) de despeito
Eriçarem-se, e a côr terrena o pallida
Á luz do candeeiro apparecendo
Por sediços morrões quasi apagada —
Não me aterrou; que d'almejadas férias
Me alumiava o pharol do Entrudo amigo:
Tempo consolador, mimo da Cabula
Como em brove me deixas na Quaresma! —
Engano lisongeiro do estudante

(1) «Na classe pespeguei valentes gazios.» — Diniz.
(2) Jurisconsulto muito frequente no Digesto.

Que verdade cruel te ha dissipado?
Quem foi ceifar-te no melhor da festa
Cabula minha pachorrenta e gorda?»
Os échos do penedo da Saudade,
As piteiras, (1) que nascem no caminho
Já me sabem da balda; e o rouco accento
De meu triste carpir macaqueando
No sussuro das folhas ponteagudas
Os arbustos de Midas murmuravam.
Seus vasios canudos bem talhados
Por minhas mãos desentoados guinchos
Ao festejar teu nome derramavam—
O turbulento arbusto parecia
Com minha gran preguiça encanzinar-se.
Cabula minha pachorrenta e gorda
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?
O' *Palacios Confusos* tão queridos,
Onde tão doces horas de cavaco
E de troça passei: quarto benigno
Que me escutaste o fol'go ressonando,
Que ouviste meus bocejos compassados;
O' cantinho da porta d'essas aulas,
Onde m'ia esconder das sabbatinas,
Onde as colicas negras me inspiraram
Mil finas comedellas, mil patranhas,
Que hão de aos debeis servir d'exemplo e chasco,
Tu guarda os meus planos entre aranhas,
E uns segredos quo eu sei, que me escutaste;
E tu dirás aos provindouros cursos
Se trocista não fui, se amei a cabula,
So por ella, e d'amor por certa moça
Meu coração bateu, carpiu minh'alma,
Ou modelou meu verso estas parodias.
Moça, moça, rival tu foste *d'ella*.

(1) N'ellas se escrevem cada dia diversas historios escandalosas: — valem o mesmo que a estatua de Pasquino.

Tu me ficaste só, não desampares
Quem por ella e por ti quebrava esquinas,
Quem por ti só agora n'esta terra
Soffre as maçadas d'uma vida afflicta —
Cabula minha pachorrenta e gorda
Quem entre as folhas te espremeu dos livros?
Espantaram-te os lentes! — Sem conforto
Fiquei só n'este val'd'impios estudos:
Alma deidade, á sombra de teu manto
Estendida a dormir se espreguiçava
Toda esta humanidade; — amarelleço
Arripipiado por me erguer tão cedo
C'o frio da manhã. Quem te ha levado?
Quem, rainha dos bichos escholasticos
Te desthronou sem dó, que faz, que espera,
Que não leva tambem d'aqui p'ra fóra
O pobre que sem ti breve entisica?
Cabula minha pachorrenta e gorda
Oh! põe-me a trinta leguas de Cõimbra.

COUTO MONTEIRO.

Retrato do um teimoso

Em teimas ninguem me eguala;
A qualquer teimoso:
Ha de ser de páo o copo,
Em quanto Deus me der falla:
E' de páo, e me regala
Ser nas teimas infinito:
E' de páo, e tenho dito;
E' de páo que elle foi feito;
E' de páo, e sem defeito;
E' de páo, e tenho dito.

Soneto altisonante

Prestem-se as attenções, cale o zabumba,
Que eu vou cantar acções, acções d'arromba,
Acções d'aquellas de abaixar a tromba,
Acções d'aquellas que não vão á tumba.

D'esta prelada a fama aurea retumba
Desde onde nasce o sol té onde tomba;
E estoirando no ar, como uma bomba,
Faz zas tras, zas tras, tras zas, tras pa, bumba.

Sua fé e virtude não é bamba,
A sua rara gloria não tem rombo,
Nunca no mar dos vicios se descamba;

Oh! peito illustre! Oh! coração de pombo!
Se houver algum que o teu louvor não lamba,
Havemos todos nós saltar-lhe ao lombo.

MANUEL MATHIAS FIALHO DE MENDONÇA.

A F. que se apresentou com um cravo no peito

Tendes o cravo no peito,
O logar improprio é;
Pois se o tivesseis no pé,
Era o logar mais perfeito:
Não julgueis que o meu conceito
Vos faz a menor censura;
E' só doce brandura,
E sem vos fazer aggravo,
Dar-vos pancada no cravo
Sem tocar na ferradura.

ABBADE DE JAZENTE.

Decima altisonante

«Quando os povos da Dalmacia
Quizeram entrar na Grecia,
Sahiu muita gente secia
De casa do rei da Thracia:
Estes, temendo a falacia
D'alguns pimpões da Fenicia,
E receando a malicia
De gente tão pouco socia,
Se foram para a Beocia
Para se curar da ictericia.»

M. M. Barbosa du Bocage.

A F. de Paiva que poz acção contra um homem cujo nome com a albarda lhe quebrára a espada

Visto a acção de Paiva contra o réu
Monsiur Asno, que consta ser menor
E o dito Paiva ser muito maior,
Segundo do processo se entendeu.

E como a culpa o réu não commetteu!
Antes toda parece ser do auctor,
O qual foi n'este caso o aggressor,
Pois debaixo da albarda se metteu:

E visto o Asno ir manso e sereno,
E a espada na albarda ser quebrada,
O réu absolvo, e ao auctor condemno.

A causa fique assim determinada,
O asno vá-se em paz comer seu feno,
E fique a albarda ao Paiva por espada.

Jeronymo Bahia.

Soneto acrostico

D'applausos immortaes seja c'roado,
O teu imperio, Rei esperançoso,
Monarcha sapiente, inclito, famoso,
P'la Providencia aos lusos destinado,

Excelsa fama adquira o Teu reinado,
De brilho cheio e lustre grandioso,
Renome ter possa alto e grandioso,
Os seculos correndo memorado,

Que o povo que por Ti vae ser regido,
Ufano sinta palpitar o peito,
Invocando o teu nome ennobrecido,

Na doce, alegre paz o mór respeito,
Que tribute a nação, justo e devido,
O amor e a lealdade, e gráu estreito.

Mote

A mais formosa que Deus,
Com duas donzellas vim
Hontem d'uma romaria;
Uma feia pareceia,
Outra era um seraphim
E vendo-as eu assim,
Sós, sem os amantes seus,
Perguntei-lhes: «Anjos meus,
Quem vos pôz em tal estado?»
Disse a feia, que o peccado;
A mais formosa, que Deus.

Enigmas

Entre apertos mil nasci;
De bocados sou formado;
Logo nasci ensinado,
E ás pancadas aprendi.
Uns sedenhos tenho aqui
No lombo, para viver;
Tenho capa para trazer;
O que aprendi digo á gente;
O meu nome claramente
O capote ha de dizer.

A. F. de Castilho.

Amam-se tanto nas sombras
Quanto na luz se enfastiam;
Em mim acabam se muitos,
Muitos em mim principiam.

M. M. Baraosa du Bocage.

Logogriphos

Veio da Grecia a primeira
Das penas ser filha cá;
Sendo incorporea a segunda
Governa a bestinha má.
A terceira, se a duplicam
Em vez de mão o pé dá.

A primeira co'a segunda
Dá pae ao pae de alegria:
A segunda co'a primeira
Se é gallinha os ovos cria.

A segunda co'a terceira
O pescoço aos bois enfia.

A primeira com a segunda
Agasalha, cobre e tapa.
A terceira com a primeira
No Brazil se caça o papa:
O principio, o fim e o meio
São aceio em galla guapa.

O todo mui gracioso
E' de amor suave emprego;
Pelas margens do Mondego
Vae florindo ao frio, ao sol.
Tempos bons, suaves tempos
Quando eu trajava batina:
Da rede da sabbatina
Ia cahir n'este anzol.

A. F. de Castilho.

Charadas

Está na garganta — 1
Está no nariz — 2

Acaba por C
Começa por X.

Porque me déstes, Senhor
D'entre as graças a primeira? } 1
Hoje, velha, sem miolos,
Deixam quem foi prasentoira! } 2

Evito ataques bravios
De grande, pesado ferro!
Mas taes boléus me vão dando,
Que ás vezes no mar me enterro.

EPITAPHIOS

A D. Angela de Noronha

Aqui as graças, virtude e formosura,
Arte, saber, grandeza e cortezia
Angela choram que de sombra escura
Morte cobriu tanto antes de seu dia.
Ai falsas esperanças de ventura!
Quanto áquelle alto espr'ito se devia!
Mas não lhe era egual paga a baixa terra,
Que indignamente em si seu corpo encerra.

ANTONIO FERREIRA.

A D. Diniz

Quem é este de insignias differentes,
Sceptro, e picão, e livro, e espada e arado?
Este foi paz de Reis, e amor das gentes,
Grande Diniz, Rei nunca assaz louvado.
Outros foram n'uma só coisa excellente;
Este com todos nobreceu seu estado.
Regeu, edificou, lavrou, venceu,
Honrou as musas, poetou, e leu.

ANTONIO FERREIRA.

A Antonio Ferreira

Aqui Ferreira jaz; aqui Ferreira
De mil e mil amigos é chorado,
E seu nome com fama verdadeira
De mil e mil esp'ritos é cantado.
Da morte, no chegar sempre ligeira,
Da vida antes de tempo foi levado.
Seu corpo aqui; su'alma está na gloria;
Seu nome em todo o mundo, e sua memoria.

ANDRADE CAMINHA.

Gravado no tumulo de um rico benefico

Se és pobre, lê, chora e passa!
Meu coração já não bate
Ao aspecto da desgraça!

A. F. DE CASTILHO.

No tumulo de uma menina de sete annos

Candura, graça, innocencia
Refugiaram-se aqui...
Terra não pezes sobre ella,
Pois não pezou sobre ti!...

Do marquez de Maricá

(COMPOSTO POR ELLE MESMO)

Aqui jaz o corpo apenas
Do marquez de Maricá!...
Quem quizer saber-lhe da alma
Nos seus livros a achará.

EPIGRAMMAS

Epitaphio epigrammatico

Aqui jaz frei Gaspar, geral dos franciscanos.
Cremos, com pia fé, que esteja em bom logar.
Teve uma vida santa; e durando oitenta annos
Não fez mais que um peccado este bom frei Gaspar.
Tomou uma broega aos vinte annos de edade,
De que em fim se desfez no dia em que morreu.
Se acaso és taberneiro aqui d'esta cidade,
Lê, chora, resa, vae-te, e deixa o officio teu.

A. F. de Castilho.

A um avarento

Fabio ao cair da noite humida e fria,
No chupado carão perde a alegria;
Não porque chore o sol, do dia enfeite,
Mas porque accendendo a luz se gasta azeite.

A. F. de Castilho.

A um poeta

O fogo de teus versos me exageras,
E logo me asseguras,
Que leves manchas n'elles se divisam,
Mas eu tenho observado
Que os versos todos que me tens mostrado
Mancha não tem, só fogo é que precisam.

BELMIRO.

Ha pouco que fiar em medicos

Não ha medico ahi que vos não diga,
Que um bom copo de vinho generoso,
Despejado no bojo da barriga
Bordão não seja aos velhos rigoroso.
Quem bebe dois terá por conseguinte,
Dois bordões. — Eu bebi bem quinze ou vinte;
Devo seguro ter o corpo inteiro,
Como não cachorrada no estaleiro.
Ora, pelo contrario,
O passo mal sustido, o juizo vario,
Cambaleando,
Tremelicando,
Para mal ter-me a prumo, bem o vêdes
Preciso ir pondo as mãos pelas paredes.
E que se fie em medicos a gente!
Olhem em mim, como um Galeno mente.

FILINTO ELYSIO.

Conto

Entrava pela loja d'um barbeiro
Certo rapaz anciioso de ter barba.
— *Avie, senhor mestre* (lhe dizia),
E o paehorrento mestre, que não via,
No liso rosto, um só signal de barba,
Lh'o lava, e lh'o re-lava: —
Já lhe alteam na eara
Batidos, re-batidos, todo espumas
Tres altos de sabão. — Eis que ora o mestre
Toma um eachimbo, aecende-o, e vae sentar-se
A' porta, a vêr quem passa, mas serôdeo.
O rapaz, de esperar desesperado,
Lhe pergunta, que faz, que o não barbêa?
Mui logrativo o mestre lhe respondè:
— Estou esperando, que lhe aponte o pêllo.

FILINTO ELYSIO.

Muitas vezes meus versos pediste
Que te mostrasse, e nunca t'os mostrei;
Em não pedir-te os teus, se bem sentiste,
Entenderias porque t'os neguei:
Da paga me temi, se a não temêra,
Muitas vezes meus versos já te lêra.

PEDRO ANDRADE CAMINHA.

A um avarento

Exclamou certo avarento,
A um que se ia enforcar:
— Feliz homem, que tres dias
Poude comer sem gastar!

A. F. DE CASTILHO.

Escrivão honrado

A qui jaz um escrivão
De muito boa moral!...
— Então porque o não levaram
Para a historia natural?

A. F. de Castilho.

A um cannapé velho

VERSOS EM DESAFIO ENTRE BOCAGE E JOSÉ BERSANE (1)

Fugiu do incendio de Troya,
Lá d'esse incendio voraz,
Enéas c'o pae ás costas,
E o moço co'aquillo atraz.

José Bersane.

Lá que Deus formou o mundo
Em seis dias é de fé,
E ao septimo descançou
Aqui n'este cannapé.

Bocage.

Inda antes d'existir mundo
E ainda antes de haver Adões,
Já eu tinha este preguinho
Com que rompia calções.

José Bersane.

(1) A proposito d'este certame, lê-se na *Livraria classica* a seguinte nota:

«Indo um dia Bocage visitar José Bersane com os seus calções novos de seda preta, atirou-se para um cannapé que se desfazia de caruncho, e tendo além d'isso um traiçoeiro preguinho, que, logo ao primeiro movimento de alto a baixo lhe rompeu os calções. Levantou-se Bocage desesperado, e perfilando-se com o decrepito cannapé, começou a dar-lhe uma grande descompostura. Primeiramente em prosa, depois em verso, que foi secundada pelo seu espirituoso confrade das musas.»

Quando a velha Eternidade,
Por esta casa passou,
Disse a este cannapé:
— Sua benção, meu avô.
.....

BOCAGE.

Aos medicos (1)

Um chapado, um retumbante
Coriphêo da medicina
Certa menina adorava,
E adoeceu-lhe a menina.
Eis para cural-a o chamam,
Pela alta fama que tem:
Geme o doutor, e responde:
«Não vou que lhe quero bem.»

A um encadernador

Levou um livreiro a dente
D'alfaces todo um canteiro,
E comeu sendo livreiro
Desencadernadamente
Porém eu digo que mente
A quem d'isso o quer taxar;
Antes é para notar

(1) Em todas as epochas os poetas teem tomado para assumpto d'este genero de litteratura a medicina. Decerto quando lhe não doia nada, na opinião do visconde de Castilho. Convém todavia advertir que nem o auctor d'este livro, nem os poetas que escreveram estes epigrammas, deixaram nunca de considerar a medicina como verdadeira sciencia, e uma das mais nobres e uteis.

Que trabalhou como um moiro,
Pois metter folhas no coiro
Tambem é encadernar.

GREGORIO DE MATTOS.

«*In fide parochi* attesto
(Escrevia inchado cura)
Que soffreu Lopo Forçura
Da morte golpe funesto.
Tal clareza não se achou
Dos obitos no registo;
Mas attesto-o por ter visto
A receita que tomou.»

«Ante mim não vales nada:
(Disse a Morte á Medicina)
Eu de tudo quanto existe
Sou a fatal assassina.»
— «Ui! (a mãe dos aphorismos
Responde á Parca amarella)
Olha a tola! Eu sou o mesmo,
Mas com mais methodo que ella.»

Um velho caíu na cama:
Tinha um filho Esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai:
Diz-lhe o velho suspirando:
— «Repara que sou teu pae!»

A morte perdendo a fouce,
Creu sua força desfeita:
Disse-lhe um medico insigne:
— «Aqui tens esta receita!»

Aqui jaz um homem rico
N'esta rica sepultura:
Escapava da molestia
Se não morresse da cura.

«Morte! (clamava um doente)
Este misero soccorre.»
Surge a Parca de repente,
E diz de longe: — «Recorre
Ao teu medico assistente.»

Consta que um medico fôra
Inventor da guilhotina:
Deu bem rapidez á morte!
Mostrou saber medicina.

Dizem que o Caldas glotão
Em Bocage afferra o dente:
Ora é forte admiração
Vêr um cão morder na gente!

Com tão má gambia andas tanto,
Tanto d'aqui para ali!
Procurador, não me enganas:
Tu procuras para ti.

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continúa!
Que revolução é esta?
Anda pela terra a lua?

Nariz, nariz, e nariz,
Nariz que nunca se acaba,
Nariz, que se elle desaba
Fará o mundo infeliz;
Nariz, que Newton não quiz
Descrever-lhe a diagonal;
Nariz de massa infernal,
Que, se o calculo não erra,
Posto entre o sol e a terra
Faria eclipse total!

BOCAGE.

A Nicolau Tolentino

Se o Padre-santo tivera
Um pé tão largo, e tão mau,
Podia mesmo de Roma
Dar beija pé em Macau.

IDEM.

RESPOSTA

Eram tres juntas de bois
E d'aquelles mais selectos
A puxar pelos sapatos,
E os sapatos quietos.

NICOLAU TOLENTINO.

ESTYLO CONCEITISTA E CULTISTA

Soneto ao conde da Torre
que de uma cutilada descabeçou um touro

Foi para o raio de aço curta esfera
A vida de um só bruto limitada.
Queixa-se da materia a cutilada:
Mais fundo entrara, se mais fundo houvera.

Torna, se pódes, a viver, ó fera;
Vae buscar mais pescoços á manada;
Que no resto das iras d'esta espada,
Nova morte, sem nova acção, te espera.

Mas já que ao ferro do melhor Mavorte,
Depois de sorver vidas, inda dura,
Vasta e anhelante a sede do seu corte:

Que empregos achará força tão dura?
sgue o boi, e abra a terra. D'esta sorte,
as sombras da morte a sepultura.

Nova Floresta, vol. I.

Sentimentos de D. Ignez de Castro

Oh! torna atraz, arroio fugitivo,
Alma da penha, coração do monte,
Torna atraz, que o meu pranto successivo
Se fará rio, quando apenas fonte:
Oh! torna atraz velóz, detem-te esquivo,
Detem-te, espera que meus males conte;
Que vás talvez com prata tão lustrosa
Calçar as plantas de uma ingrata rosa.

Se te vaes despenhar ambicioso
Por aspirar a creditos de rio,
Leva meu triste pranto lacrimoso,
Oceano será teu senhorio.
Embarga teu querer tão cuidadoso,
Suspende teu caudal, teu desvario,
Que lá terás no mar, onde te escondas,
Quantas lagrimas levas, tantas ondas.

Fenix Renascida.

Composição de trocadilhos

Vestido saio á franceza,
Ou pelo menos mostrando
Que é roupa de Francezes,
O vestido com que saio.
Capotilho, que sem ser
Grãa o panno, de que o faço,
Me faço como uma grãa
Se encontro o dono do panno.
Tali, e luvas bordadas
De ouro, que foi tirado
Quando não pela fieira,
Ao menos pelo fiado.

O espadim me gabam todos,
Elles gabar-me-hão os cabos,
Mas o que os cabos me fez
Não me ha de gabar no cabo.
O chapéo, por ser costume,
E eu por ser costumado,
Á não pagar os chapéos,
Vai sem forro, e não vai pago.
Não tanto de toda a conta
E' o jubão de setim, quanto
O não fazer conta d'elle
Quem o não viu de contado.
Coura d'anta, que ao Flamengo,
Ha de inda ser necessario
Posto, que á prova m'a deu
Provar como m'a tem dado.
Os calções com muito estofo
E com ser o estofo tanto,
Ainda de estafados tem
Mais, do que tem de estofados.
Sapatos de salto levo
E meias de sobresalto,
Que me dão os que venderam
As meias e os sapatos.
Nos sendais de palmo a renda
E sem de renda haver palmo,
Pago na palma da mão
Ao que m'a vendeu aos palmos.
E tudo dado a pagar
Mais a prazos, que com prazos
Por m'o darem, praza a Deus
Que nos pague o que lhe damos.
Com isto os annos festejo
De quem viva tantos annos,
Quantos os que a paga esperam
E hão de estar esperando.

D. Thomaz de Noronha.

Descripção do cahos

Antes que houvesse céo, terra, agua e fogo,
Já havia fogo, terra, céo e agua,
Mas fazia a agua, o céo, a terra, e o fogo
Feyos, o fogo, o céo, a terra, e a agua:
Pois o logar da terra, agua, céo fogo,
Era logar do céo, terra, fogo, agua;
Estava a terra, o fogo e agua no céo;
E na agua, fogo, e terra, estava o céo.

PADRE FRANCISCO LEITÃO FERREIRA.

Descripção poetica dos olhos

Na parte superior do mundo breve,
Vivente discursivo, homem chamado,
Seu sitio luminoso circumscreve,
Um vivo globo, que é dos céos traslado.
Cercam-n'o esferas seis, e a todas deve
Simulacros do lúsido, e córado;
Pois sendo sutis tunicas, que o cingem,
Figurados primores, n'elle tingem.
Planetas são errantes, seus moventes
Musculos, que, occupados no exercicio,
Da acção visiva, cumprem diligentes,
Com diversa funcção, diverso officio:
São zonas as arterias differentes,
Que abraçando este espherico artificio,
Em sua mesma virtude temperadas,
Dos alentos vitaes são habitadas.

PADRE FRANCISCO LEITÃO FERREIRA.

POESIAS DO PRIMEIRO PERIODO DA LINGUA

Cancioneiro do Collegio dos Nobres (1)

My mia Sennor e meu lum e meu ben.
per boa fé uerdad uus direi. e Sen
nor nunca uus eu mentirei. ca uuy q̃ro muy
mellor doutra ren. nõ me de. deus de uói bẽ
nen desi se nunca tan fremosa dona ui.
com e uos. e confonda me poren.

(1) Os mais antigos monumentos litterarios de poesia que existem escriptos em lingua portugueza são as provas e cantigas de el-Rei D. Diniz e de el-Rei D. Affonso XI de Castella e Aragão. Nenhuma outra nação moderna se póde gloriar de ter por iniciador da sua poesia dois homens ambos coroados com a dupla corôa de reis e de poetas. Só nas lettras sagradas se encontra egual exemplo em Salomão, o rei predilecto de Deus.

Os codices em que se acham colleccionadas as canções ou trovas do primeiro periodo da lingua denominam-se *cancioneiros*. Os principaes que existem são os seguintes:

1.º *Cancioneiro da Vaticana*. Ha d'este codice tres edições. A primeira publicada em Paris pelo dr. Caetano Lopes de Moura. Este editor deu á estampa sómente as trovas que se acham n'este codice, sob o titulo de trovas de el-Rei D. Diniz.—A segunda é um pequeno volume primorosamente impresso a duas côres e em excellente papel, dado á estampa pelo sr. F. A. de Varnhagen. Esta publicação, cheia de eruditas notas, tem por principal fim demonstrar a importancia do codice da Vaticana.

A terceira é a publicada em 1875 pelo italiano Carlos Bonaci. Copia completa e textual. N'ella se lêem as poesias de el-Rei D. Diniz, algumas de D. Affonso XI e muitas de grande numero de auctores.

Uma parte dos nomes que figuram como auctores n'esta tão variada collecção, encontram-se tambem nos documentos da chancel-

E mia Señor e meu lume e meu ben
peo quemeu muitas tras andei
nunca y tan fremosa dona achei.
come uos por quem me muito mal uen.
e foz uus d's nacer por mal de mi.
Señor fremosa ca pra uos perdi.
d's. e amigos. e esforç e sen

LEITURA MODERNA

My, minha senhora, e meu lume, e meu bem,
Por boa fé, e verdade vos direi,
E, senhora, nunca eu vos mentirei,
Pois vos quero mui melhor que outra ren, *(coisa)*
Não me dê Deus de vós bem nem de si,
Se nunca tão formosa dona vi,
Como vós, e confunda-me por eu. *(por isso)*

E, minha senhora, e meu lume e meu bem,
Por quem muitas terras andei,
Nunca y *(n'ellas)* tão formosa dona achei,
Como vós por quem me muito mal vem.
E fez-vos Deus nascer por mal de mi. *(mim)*
Senhora formosa, cá *(pois)* por vós perdi
Deus, e amigos e esforço e sen. *(juizo)*

laria dos reinados de D. Diniz e de D. Affonso III, e alguns até com a denominação de trovadores, o que dá grande fé áquelle codice.

2.° *Cancioneiro do Collegio dos Nobres.* Ha d'este codice, que existe na livraria Real d'Ajuda, duas edições modernas, uma publicada por Carlos Stuart, e outra pelo sr. F. A. de Varnhagen.

3.° *Cancioneiro geral de Garcia de Rezende*, publicado pela primeira vez em 1516.

4.° *Cancioneiro de D. Affonso XI*, que acaba de se publicar em Madrid. D'este codice ha copias de algumas canções no cancioneiro da Vaticana, e na collecção intitulada *Flôres de Hespanha.*

Ca nunca eu no mũdo pud achar.
desquando me uos d's fez ueer
dona que me fezess escaecer
uos a que d's no mũdo nõ fez par.
ca uos fez de todo ben sabedor
e se nõ d's nã me de p^r voss amor
nem uosso ben que me faz deseiar.

Edição de Stuart, pag. 62.

EDIÇÃO DE MADRID

A mais fremosa de quantas vejo
En Santaren e que mays desejo,
E en que senpre cuidando sêjo, (1)
Non cha (2) direi, mais digei comigo:
Ay sentirigo! (3) ay sentirigo!
Al e Alfanx, (4) e al seserigo. (5)

(1) *Séjo*, sou.
(2) *Cha*, palavra composta da particula explitica *che*, e do pron. a.
(3) *Sentirigo*, é corrupção do termo Santarem, como Santa Iria, é corrupção de Santa Erena.
(4) *Alfanx*, arrabalde de Santarem, que ainda hoje conserva a mesma denominação. Os arabes chamavam-se *Alhanse*.
(5) *Seserigo*, arrabalde de Santarem, a que hoje se chama a Ribeira. Veja-se Hist. de Port. de A. Herculano, pag. 528, vol. 1.

A. Herculano, depois de dizer que *Seserigo* era o nome do arrabalde de Santarem, que hoje se denomina Ribeira, accrescenta: «Esta palavra é derivada de *sessiga*, que parece significar, não qualquer assento ou planicie (como interpreta Viterbo) mas especialmente o terreno á borda de um ribeiro ou rio, proprio para construir azenhas. (Doc. no Eluc. veb. *sessiga*, e no Direito Emphyteut. de Lobão, Append. pag. 80 e 90). nem sabemos em que se funda a extraordinaria significação que J. P. Ribeiro dá a este vocabulo (Dis. chronol. T. 4, P. 2, pag. 133); nós, pelo menos, nunca em tal sentido a encontramos.»

Pois nunca eu no mundo pude achar,
Desde quando Deus me fez vos ver,
Dona que me fizesse esquecer
Vós, a quem Deus no mundo não fez par.
Pois vos fez de todo bem sabedora.
E se não, Deus não me dê vosso amor,
Nem vosso bem, que me faz desejar.

Edição de Stuart, pag. 62.

Ela e outra, amigo, vi as
Se deus me valla non á (1) dous dias,
Non cha direi eu ca o dirias,
E perder-t'-ias por en (2) comigo;
Ay sentirigo! ay sentirigo! &c.

Cuidand' ela ja ey perdudo (3)
O sen, (4) amigo, e ando mudo,
E non sei ome tan entendudo
Que m'o oj' entenda o por que digo
Ay sentirigo! ay sentirigo! &c.

Pero eu vejo aqui trobadores,
Señor (5) e lume d'estes olhos meus,
Que troban d'amor por sas Señores,
Non vej eu aqui trobador par deus
Que m' oj' entenda o por que digo:
Al e Alfanx e al seserigo.

(1) *A'*, linguagem do verbo haver.
(2) *En*, isso.
(3) *Perdudo, eutendudo,* formas archaicas dos participios em ido.
(4) *Sen,* juizo, rasão.
(5) *Señor,* senhora.

Señor fremosa mais de quantas son
En Santaren, que mais desejo;
Dizer vos quero, se deus me perdon,
Non vej' ome de quantos vejo,
Que m' oj' entenda &c.

Amo vos tant' e tan de coraçon,
Que o dormir já o' ei perduado
Señor de mi, e do meu coraçon,
Non vej' eu ome tan entendudo
Que m' oj' entenda &c.

Amigos, des que me party
De mia Señor, e a non vi,
Nunca fuy ledo, nen dormy,
Nem me paguei de nulla ren.
Tod' esto mal soff' e soffri
Desde que me vin de Santaren.

Assi me ten forçad' amor,
Par deus, por ela, que sabor
Non ey de min, e se non for
Veel-a, perdud' ey o sen.
Tod' est mal soffro mayor,
Des que me vin de Santaren.

O seu fremoso parecer
Me faz en tal cuita viver
Qual non posso nen sei dizer,
E moiro querendollo ben;
Esto me faz amor soffrer,
Des que me vin de Santaren.
E ela e o seu ben
Desejando, perco meu sen.

Cancioneirinho

Oy oj eu cantar d'amor,
En hum fremoso vergen,
Hua fremosa pastor,
Que, ao parecer seu,
Ja mais nunca lh'y par vi;
E poren dixe lh'assi:
— Senhor por vosso vou eu.

Tornou sanhuda enton,
Quando m'est'oyu dizer,
E disse: «ide-vos varon:
Quen vos foi aqui trager
Para m'irdes destorvar
D'u dig'aqueste cantar,
Que fez quen sei ben querer?»

— Pois que me mandades ir,
(Dixe-lh'eu) senhor, ir-m'ei;
Mais já vos ei de servir
Sempre, por voss'andarei,
— Ca voss'amor me forçou;
— Asi que por vosso sou
— Cujo semp'eu já serei.

Diz ela: «non vos ten prol
Esso que disedes, nen
Mi praz de o oyr sol,
Ant'ei noj e pezar en;
Ca meu coraçon non é,
Nem será, por boa fé,
senon no qu'eu quero ben.»

— Nem o meu, dixe-lh'eu, ja
— Senhor, non se partirá
— De vós por cujo s'el ten.
«O meu (disse ela) será
U foi sempre, u está,
E de vós non curo ren.

EL REI D. DINIZ.

Edição de F. Adolpho Varnhagen.

FIM

NOTAS. — *Oy*, ouvi. Na edição da Vaticana lê-se *vy*.
Oj, hoje. — *Vergen*, campo, bosque, vergel. — *Pastor*, pastora. — *Poren*, por isso. — *Senhor*, senhora. — *Entor*, então. — *Est*, isto. — *D'u* d'onde. — *Mandades*, fórma archaica de mandeis. — *Sol*, só. — *Ca*, porque. — *Ant*, antes. — *En*, d'isso. — *U*, onde. — *Ren*, cóisa.

Esta publicação deve ser devolvida na última data marcada

7.5.79			

Mod. 105 - 63 - B

UNESP
BIBLIOTECA - CAMPUS DE ASSIS

Tombo 6.405
Class 869.07
A924c
Autor Aulete, F.J.C.
Titulo Selecta Nacional

Retirada	Devolução
Data	

TOMBO: 6405

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se êste livro não fôr devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - B - 20.000